

**Euclides Moreira Neto**

Prof. Ms. do Curso de Comunicação Social/UFMA

# QUANDO A PURPURINA NÃO RELUZ

São Luís-MA



EDUFMA

2017

Copyright © 2017 by EDUFMA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
Profa. Dra. Nair Portela Silva Coutinho  
Reitora  
Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva  
Vice-Reitor

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira  
Diretor

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Jardel Oliveira Santos, Profa. Dra. Michele Goulart Massuchin, Prof. Dr. Jadir Machado Lessa, Profa. Dra. Francisca das Chagas Silva Lima, Bibliotecária Tatiana Cotrim Serra Freire, Profa. Dra. Maria Mary Ferreira, Profa. Dra. Raquel Gomes Noronha, Prof. Dr. Ítalo Domingos Santirocchi, Prof. Me. Cristiano Leonardo de Alan Kardec Capovilla Luz

FICHA TÉCNICA

**Editora:**  
EDUFMA  
**Capa e Projeto Gráfico:**  
leonilton2012@gmail.com  
**Revisão de texto:**  
Sabina Dias Carneiro

**Normalização:**  
Marta Avelar e Rita Maria Oliveira  
Texeira  
**Fotos:**  
Murilo Santos  
**Impressão:**  
Gráfica Universitária

**Produção Executiva:**  
Instituto Guarnicê  
**Coolaboradores:**  
Esmeraldina Marinho, Eugênio  
Araújo, Eduardo Sereno, Joel  
Jacinto, Laura Falcão, Lauro  
Vasconcelos, Mauro Ciro Falcão e  
Thiago Gaspar

*“Todas as fotos utilizadas neste livro integram o acervo fotográfico do professor José Murilo Moraes dos Santos, incluindo as colocadas nas páginas dos anexos”.*

Moreira Neto, Euclides

Quando a Purpurina não reluz/ Euclides Moreira Neto. – São Luís: EDUFMA, 2017.

234p. il. 20,5 x 22 cm  
ISBN: 978-85-7862-623-5

1. Carnaval – São Luís – Estudo de Caso. 2. Passarela – São Luís. I. Moreira Neto, Euclides. II. Título.

CDU: 793.3

## DEDICATÓRIAS

*“Aos militantes do movimento carnavalesco de São Luís na esperança de que dias melhores virão”.*

*“A Alain Moreira Lima, André Maia, Antonio Eugênio Araújo Ferreira, Darlan Oliveira, Denny Oliveira, Dominginhos Lopes, Frank Matos, Jeisa Moraes, Joel Jacinto, Luís Carlos Pinheiro “Vovô”, Márcio França, Mestre Júlio, Monique Machado, Nilsomar Bezerra, Noelyr Moura, Pedro Padilha, Raimundo Barros, Remi Andrade, Rodrigo Sousa, Sebastião Cardoso, Wesley Péricles Costa de Almeida, Washington Oliveira, Wilson Chagas e Wilson Bozzó, pelas suas inquietudes e paixão particular pelo carnaval ludovicense”.*

*“Ao programa “Canta Maranhão”, da rádio Educadora, que, mesmo sendo fonte geradora de polêmica e contradições, é um instrumento democrático e emblemático para defesa da cultura popular maranhense”.*

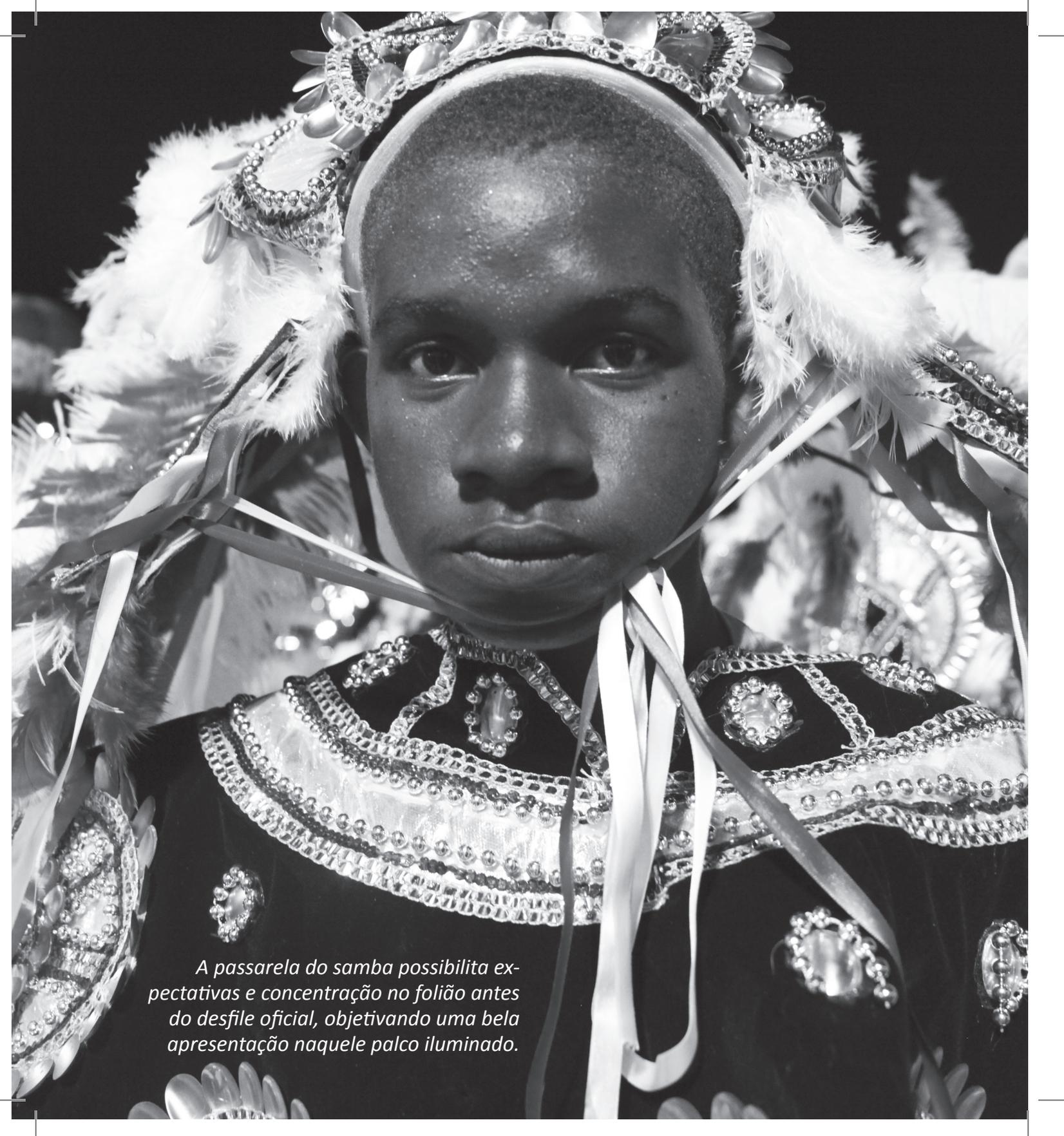
*“Aos vereadores Astro de Ogum, Francisco Carvalho, Isaías Pereirinha, Ivaldo Rodrigues, Gutemberg Fernandes Araújo, José Joaquim Ramos, Josué Pinheiro, Pavão Filho e Pedro Lucas, pelas suas posturas em defesa da Cultura Popular Ludovicense”.*

*“Ao ex-prefeito de São Luís, João Castelo Ribeiro Gonçalves, agradecido, por me ter dado oportunidade de gerenciar a área cultural da capital maranhense na sua administração, no quadriênio 2009-2012”.*

*“À UFMA por ter me acolhido há 37 anos como aluno e há 32 anos como professor concursado no curso de Comunicação Social - Habilitação Jornalismo [...]”.*

*“À memória de meus pais, Henrique e Maria de Jesus, pelos ensinamentos e por terem me mostrado, desde cedo, que falar a verdade é sempre o melhor caminho”.*

*“Aos meus verdadeiros amigos”.*



*A passarela do samba possibilita expectativas e concentração no folião antes do desfile oficial, objetivando uma bela apresentação naquele palco iluminado.*

## AGRADECIMENTOS

*Ademildes Livramento F. da Silva*      *Magno Alves*  
*Antonio Carlos Barbosa*      *Mauro Ciro Falcão*  
*Antonio do E. S. Monteiro Neto*      *Marcio Berredo*  
*Arnold Filho*      *Maria Célia Santos Ribeiro*  
*Bruno da Silva Oliveira*      *Maristela de Paula Andrade*  
*Carlos Benedito Rodrigues da Silva*      *Marta Avelar*  
*Carlos Magno Alves*      *Miguel Veiga*  
*Dona Elizabete Alcântara*      *Murilo Santos*  
*Eduardo Santana*      *Nerine Lobão*  
*Eduardo Sereno*      *Neuton Barjonas Lobão Filho*  
*Esmeraldina Marinho*      *Ozeilson Silva*  
*Eugênio Araújo*      *Paulo Gaspar*  
*Fábio Nicolas*      *Paulo Salaia*  
*Fátima Frota*      *Protásio Cezar dos Santos*  
*Felipe Pereira*      *Rogério Avelar Sousa*  
*Fernando Oliveira*      *Reges Sousa*  
*Fernando Sarney*      *Regina Celi Miranda Reis Luna*  
*Glécio Oliveira*      *Rita Maria Oliveira Texeira*  
*Gleidson Sousa Alves*      *Ribamar Mendonça*  
*Graça Souza*      *Roberto Dartanhã Leitão*  
*Joel Jacinto*      *Rosaria Carneiro*  
*José Carlos Lemos*      *Sabina Dias Carneiro*  
*Jorge Atta*      *Sebastião Sardinha*  
*José Maria Paixão*      *Ubiratan Teixeira*  
*Lauracy Falcão*      *Wellington Pereira Ferreira*  
*Lauro Vasconcelos*      *William Moraes Correa*  
*Marcos Túlio*      *Wilson Chagas*  
*Marlene Barros*      *Zefinha Bentivi*

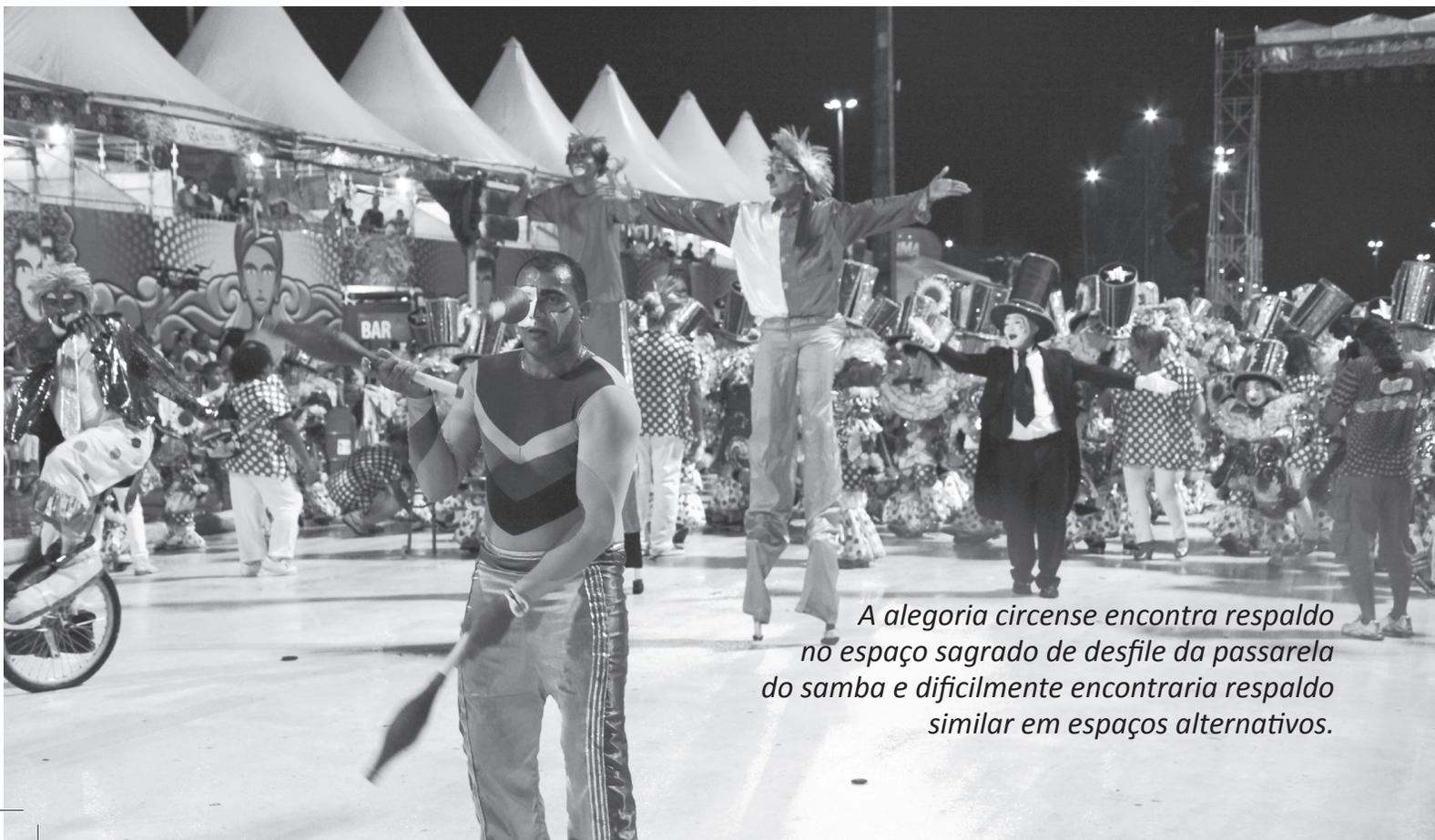


*... valorização da autoestima, reflexão, vaidade e exibição são atributos fomentados, junto aos foliões e apreciadores do carnaval, pela passarela do samba.*

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO 1</b> .....	<b>09</b>
<b>PREFÁCIO 2</b> .....	<b>11</b>
<b>PREFÁCIO 3</b> .....	<b>13</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
<b>2. CARNAVAL DE PASSARELA EM SÃO LUÍS NO ANO DE 2013</b> (Estudo de Caso) ....	<b>24</b>
2.1. NOVA GESTÃO ADMINISTRATIVA X DEMANDAS CARNAVALESCAS .....	24
2.2. FORÇANDO A BARRA DO PODER X SUBVENÇÕES .....	27
2.3. LIDERANÇAS NO MUNDO CARNAVALESCO .....	32
2.4. ANALISANDO A DECISÃO OFICIAL .....	34
2.5. CULTURA X SAÚDE NA ARENA .....	36
2.6. AFUNDANDO A CADEIA PRODUTIVA .....	38
2.7. PREJUÍZO MORAL E EMOCIONAL .....	42
2.8. PUNIÇÃO INSTITUCIONAL .....	45
2.9. DESMONTANDO O PROJETO SONHADO.....	49
2.10. PRÁTICA REPETIDA EM OUTRAS LOCALIDADES .....	54
2.11. PROCURANDO CAMINHOS .....	56
2.12. CONTROLANDO A MÍDIA .....	60
2.13. PATROCÍNIO, RECONHECIMENTO E LEGALIDADE .....	62
2.14. PAGANDO PROMESSA, LEIS DE INCENTIVO E EVENTOS PROMOCIONAIS .....	70
<b>3. DESABAFO ENGASGADO NA ALMA SAMBISTA-CARNAVALESCA</b> (Depoimento na Primeira Pessoa) .....	<b>77</b>

<b>4. RELATO DE EXPERIÊNCIA ADMINISTRATIVA NA GESTÃO CULTURAL</b>	
(Depoimento na Terceira Pessoa).....	<b>104</b>
4.1 RELATÓRIO DA ÁREA CULTURAL.....	123
4.1.1 Unidades Organizacionais.....	125
4.1.2 Projetos Permanentes .....	129
4.1.3 Projetos Especiais .....	132
4.1.4 Projetos Eventuais .....	134
4.1.5 Projetos Comunitários .....	139
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>143</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>150</b>
<b>DADOS SOBRE O AUTOR .....</b>	<b>229</b>



*A alegoria circense encontra respaldo no espaço sagrado de desfile da passarela do samba e dificilmente encontraria respaldo similar em espaços alternativos.*

## PREFÁCIO 1

Conheci Euclides Moreira Neto em 1976, quando eu e ele ingressamos no curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). De Euclides, nós, seus colegas de turma, costumávamos dizer que ele encarava os estudos como quem bate ponto na fábrica. Queria, a qualquer custo, concluir com brevidade as suas tarefas.

Sempre focado em objetivos e metas, Euclides é fascinado pelo trabalho e tudo o que faz na vida. Da nossa turma, foi o único a economizar o dinheiro do crédito educativo para comprar um Fusca, quando a maioria dos universitários usava boa parte desse crédito para gastar no “Bambu Bar”, do Sá Viana...

Por onde passou, como professor (Curso de Comunicação – Habilitação Jornalismo) e diretor do Departamento de Assuntos Culturais (DAC) da UFMA, assim como presidente da Fundação de Cultura do Município de São Luís (FUNC), deixou a marca da sua dedicação extrema. Não é exagero dizer que, como diretor do DAC, era responsável por mais da metade dos atos e fatos que geravam notícias positivas para a Universidade.

O tradicional Festival Guarnicê de Cinema e Vídeo, com 36 anos de realização e repercussão internacional, só deixou de ser realizado com entusiasmo, no Maranhão, depois que Euclides saiu do DAC para assumir a FUNC. Movia céus e terra, mas terminava levantando os recursos materiais e financeiros - junto a instituições públicas e privadas - para realização do evento.

A série de títulos, quase ininterrupta, de campeã do carnaval maranhense, conquistada pela escola Favela do Samba do Sacavém, tem muito – e ponha intensidade nisso – da participação organizada e apaixonada que Euclides Moreira Neto implantou, ao longo do tempo, àquela agremiação carnavalesca.

Portanto, é natural a inquietação, e até uma certa indignação de Euclides, com a suspensão do certame de 2013 do carnaval maranhense de passarela. O recém empossado prefeito de São Luís, Edivaldo Holanda Júnior, alegou escassez de recursos para a montagem da estrutura necessária ao espetáculo momesco, no Anel Viário. Preferiu aplicar o pouco que

tinha na área da Saúde...

Com isso, todo um ano de trabalho dedicado à Favela do Samba se perdeu. Pois na escola, dona de um sistema de organização implantado por Euclides e outros carnavalescos dedicados, quando um carnaval termina, o do ano seguinte já está começando...

Quis o autor registrar, através deste livro, esse momento político-momescos de São Luís do Maranhão, acreditando que não está só em suas teses e que delas comungam aliados do carnaval de passarela de São Luís. Da minha parte, faço como Voltaire: Posso, até, “discordar daquilo que dizes, mas defenderei até a morte o teu direito de o dizeres”.

O texto de Euclides, balizado em quem viveu essa história por dentro dos fatos, apesar de algumas doses passionais, próprio de quem ama o que faz, vale como um depoimento “considerado” para a posteridade. E, por isso, aplaudo a iniciativa. Sem purpurinas.....

\*José Machado (Jornalista, Cronista de Rádio, Editor do [www.blogdomachado.com.br](http://www.blogdomachado.com.br), Poeta e Diretor do Instituto de Pesquisas Data M). Setembro de 2013.



*Em pleno sábado de carnaval, em 2013, o vazio e a solidão foram marcas tocantes na quadra da escola Turma do Quinto, contrastando com o que ocorria nos últimos anos.*

## PREFÁCIO 2

Purpurina é o nome que identifica a substância corante de raízes de ervas da família das melastomatáceas, natural do Brasil, de flores purpúreas, em cachos, e identifica também pós metálicos, prateados, dourados ou acobreados muito utilizados artisticamente em diversas expressões, para acabamentos que requerem efeitos reluzentes.

Utilizado metaforicamente por Euclides Moreira neste estudo de caso, como ele mesmo classifica esta obra, serve de pretexto para discorrer sobre uma das expressões mais fortes da cultura popular que é o Carnaval, especificamente, mais sobre uma das vertentes desta manifestação em São Luís, a partir de um episódio acontecido em Fevereiro de 2013, ocasionado com a falta da montagem de uma passarela para desfiles de escolas de samba, blocos e outras manifestações do gênero. A abordagem feita por ele foi construída pelo viés da gestão pública, envolvendo recursos financeiros, ideologias políticas, culturais e religiosas.

Em primeiro momento, somos surpreendidos com a possibilidade de tratar-se de um desabafo passional feito por um ex-gestor do órgão municipal responsável pela cultura popular da cidade. Com o discorrer de sua abordagem evidenciando enfaticamente possíveis danos causados pela falta da montagem da passarela, chegamos a pensar sobre a real necessidade de sua existência e qual a sua contribuição para tais manifestações como elemento importante de identidade cultural.

Acreditamos que outras administrações públicas anteriores também não viram tanta relevância na citada estrutura, tanto que nunca construíram uma definitiva (que atenderia a outras manifestações, não só carnavalescas), desejo tão almejado por alguns dirigentes de entidades representativas do carnaval, jamais realizado.

Entendemos que a purpurina que não reluz, é por que ficou embaçada, envelhecida, ou talvez tenha virado cinza. Esta obra nos traz uma reflexão sobre gestão de políticas culturais, onde interesses individuais ou corporativos sobrepõem-se aos da coletividade na manutenção e conservação das identidades culturais.

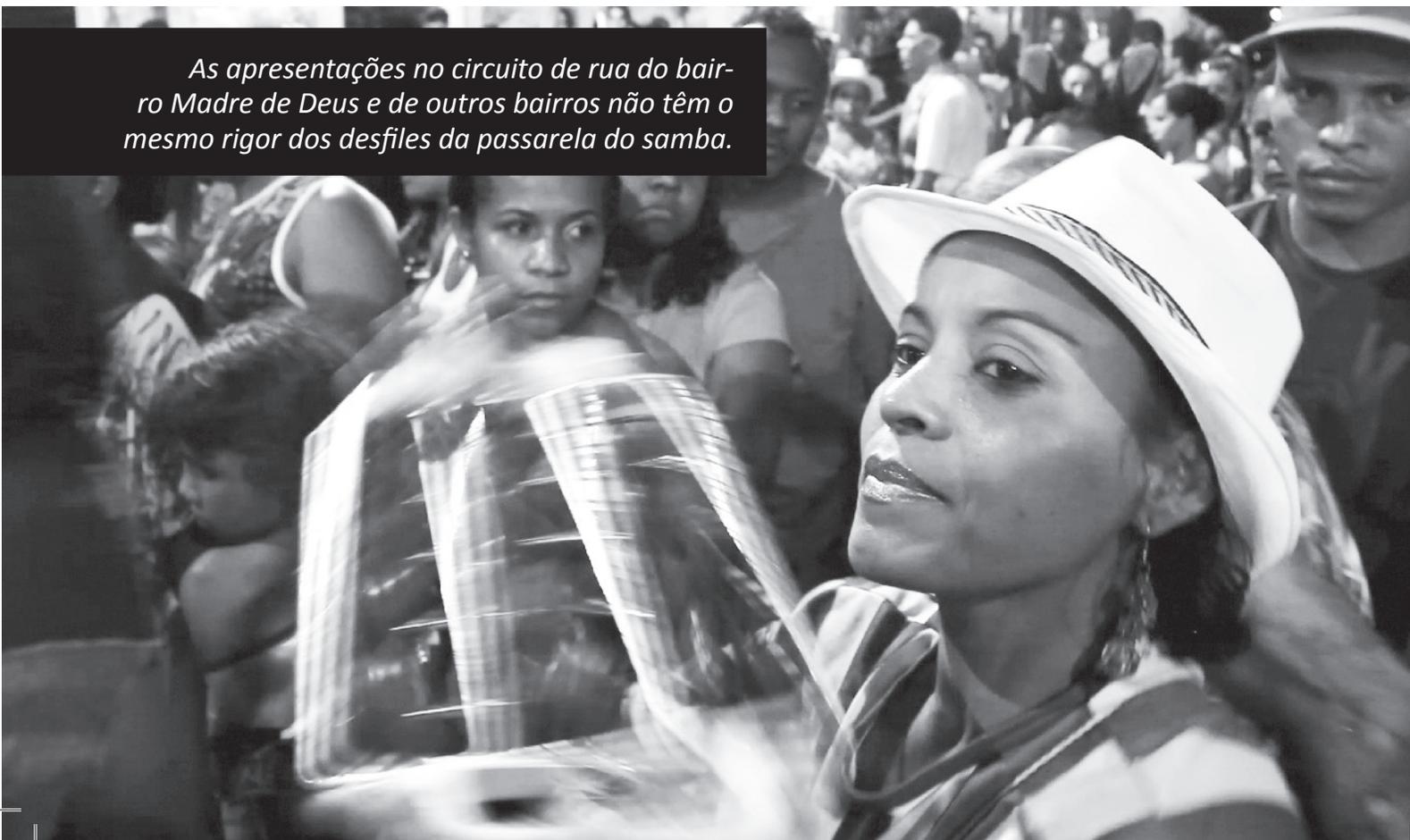
O que não reluz é a manifestação cultural quando embargada pela gestão engessada

em paradigmas que não contemplem a plenitude destas expressões. Através deste estudo de caso, pudemos concluir que o que falta não é uma passarela, mas, o comprometimento com a cultura popular onde o cidadão possa se expressar com satisfação, independentemente de passarelas montadas sobre concreto ou metal.

Como é citado no corpo da obra, São Luís oferece cenários belos e propícios para a prática cultural, faltando realização de novas políticas culturais que nos surpreendam quebrando paradigmas, oferecendo o novo, o inusitado, propostas abrangentes visando à coletividade, superando o universo egocêntrico do umbigo dos gestores.

\* Miguel Veiga (Carnavalesco, Produtor Cultural, Pesquisador e Professor Mestre do IFMA).  
Setembro de 2013.

*As apresentações no circuito de rua do bairro Madre de Deus e de outros bairros não têm o mesmo rigor dos desfiles da passarela do samba.*



### PREFÁCIO 3

Quando o Professor Euclides Moreira Neto me trouxe o texto original deste escrito, pedindo-me lhe acrescentasse algumas palavras introdutórias, eu tinha acabado de contar a alguns jovens colegas de uma faculdade local um caso ilustrativo do que seja a tolerância democrática, ou o que se poderia chamar, tão só, civilidade ou boa educação.

O fato aconteceu há quarenta anos, quando ainda eram muito ardentes os conflitos raciais no Sul dos Estados Unidos. (Em homenagem a Euclides, que é cineasta, lembro que o filme Mississippi em chamas fez chamejantes imagens daqueles tempos). Em 1973, na Universidade do Alabama, EE.UU., dois grupos de rivais rancorosos, estudantes negros e estudantes brancos, tomavam todo o espaço da avenida central – pouco mais de 1 km, dividido, metade de um lado, metade de outro lado, em igualitária e simultânea geometria – num ato público que poderia desaguar em consequências imprevisíveis: os negros iam e vinham protestando contra a discriminação branca no campus universitário; os brancos vinham e iam protestando contra a discriminação negra no campus universitário. Faixas, cartazes, bandeirolas, carros em estrépito de sons, cornetas, bumbos, gritos de ordem, “os negros unidos jamais serão vencidos”, os brancos tanto quanto, caras pintadas, panfletos a granel, a parafernália do pandemônio. Um grupo ia até o meio da avenida, olhava na cara o “inimigo”, e dava meia-volta, sem provocá-lo, sem ultrapassar, sequer, a faixa divisória dos dois “campos de batalha”. E eu, ao pé do meio-fio, testemunhava a “manifestação” sui generis (“manifestação” está na moda: ganhemos prestígio prestigiando a palavra!), que nunca se apagou “na vida de minhas retinas tão fatigadas”, tão fatigadas que eu quase esquecia de terminar o relato, informando que, dez minutos depois do evento, aquele espaço público estava como se nada tivesse acontecido ali: os negros limparam a rua, à risca, para não dar a nenhum branco o direito de dizer que eles, os negros, não prezavam a limpeza, o mesmo fazendo os brancos, para que nenhum negro, etc. – embora não seja para esse último detalhe que eu pretenda conduzir a moral da história.

Na verdade, o episódio é aqui lembrado, primeiro porque não me sai da cabeça, abrindo lugar a alguma ideia melhor, e, segundo, porque me parece vir a propósito para esquadrihar a atmosfera em que esta apologia de um administrador público chega às mãos dos leitores.

Para o caso, devemos saber que há uma pedra no meio do caminho: na velha taba de Upaon-Açu, alguns pregoeiros da tolerância praticam uma intolerância atroz contra quem quer que não subscreva, sem discutir, a tolerância de sua política. Euclides sabe disso, e teme que o apedrejem alguns que estavam a seu lado, até quase ontem, quando ele detinha uma parcela de poder.

Aqui estão, de fato, três relatórios-reportagens marcados, capa a capa, com o timbre da polêmica, conforme se detecta desde as doridas palavras de sua dedicatória. É assunto controverso, este que atravessa o texto de Euclides Moreira Neto. O autor não apenas sabe disso, como não foge ao embate. Pelo contrário, cutuca-o na face, sem consideração da vara curta de que se arma, e na qual se mostra a impressão digital de sua militância como carnavalesco, e sua experiência, até há poucos dias, como presidente da Fundação Cultural do Município de São Luís.

Sem medo de ser interpretado como ressentido pela perda do cargo ou advogar em causa própria – como não elogiar tamanho destemor? – Euclides enaltece o Carnaval e arrola argumentos arrebatados para reivindicar que os domínios do Rei Momo constituam área de preservação governamental, devendo ser amparados e protegidos, quer dizer, sustentados e financiados pelos cofres públicos.

A ele, Euclides, ocorreu-lhe trazer a questão a público no momento em que o prefeito de São Luís, em início de mandato, resolveu navegar contra a corrente, ao restringir a verba generosa com que já era tradição o Governo bancar o Carnaval na capital maranhense.

Da parte do prefeito, eu destaco a coragem da iniciativa, consciente, como ele devia estar, de que iriam interpretá-lo mal, atribuindo sua decisão ao fato de ele professar a fé protestante. A maledicência chegou ao ponto de propagarem que Sua Excelência fechara o Erário às “expressões populares de cultura”, quando o que ele fez foi diminuir, não mais, os gastos com as tais “expressões”. O povo, sem pão, ficasse tranquilo: também não lhe faltaria, de todo, o circo.

Da parte de Euclides, é louvável que, mesmo na trincheira vulnerável em que se coloca – conforme aponte –, ele não hesite na defesa de si próprio (em face aos que o acusaram

por ações, opções e decisões suas como gestor da Fundação municipal) e de seu amor pelo Carnaval.

Sobretudo, louvo a Euclides Moreira Neto pela oportunidade por ele criada para que se discuta, a sério, a questão que, por medo ou ignorância, de um lado, ou por ignorância ou autossuficiência, de outro, se cristalizou como fato consumado, entre nós e alhures: a realização de folguedos populares, eventos folclóricos, festas de rua, festejos costumeiros, festivais não costumeiros, etc., deve depender de recursos públicos para que aconteça? Ninguém desconhece que tais atividades – bonitas, importantes e respeitáveis, é certo –, envolvem, atraem, agradam e beneficiam a um segmento social – por maior que seja – mas não à cidadania toda que trabalha para botar dinheiro na mão dos governantes. Que dizer da promiscuidade que por aqui se verifica entre os interesses politíqueiros de governantes – os gastadores do dinheiro público – e as ações dos que se nomeiam “produtores culturais” (ainda mais, quando se vê que a noção de “cultura”, no Maranhão dos últimos tempos, engendra uma besta e odiosa discriminação entre a cultura dita “popular” e a “cultura” dita da “elite”)? Não é evidente o caráter prejudicial e perigoso dessa promiscuidade, por seus efeitos manipuladores e deformatórios? Onde, no Japão, na Suécia, na Finlândia, no Canadá, na Suíça, nos Estados Unidos, na Austrália, etc., etc., grupos populares iriam se rebaixar a pedir a estadistas de qualquer nível da administração pública que lhes soltem o dinheiro do povo para que se divirtam, em esbórnias de seu interesse segmentado, ainda mais sabendo-se que o dinheiro público ficaria, em boa parte, na mão de “atravessadores”? O que diriam os cidadãos daqueles países quando soubessem que, em nosso meio, é medida de “boa política pública” gastar-se, em menos de um mês, com festas que não interessam a todos, recursos aos milhões, que poderiam canalizar-se a finalidades outras, de necessidade pública inadiável, como ruas sem buracos, limpeza de ruas, esgotos sanitários, água nas torneiras, alfabetização, transporte público, policiamento, viadutos, etc., etc.? Não se ignora que, em torno da produção cultural, gira, em grosso, direta e indiretamente, perto da terça parte da economia de qualquer país. Mas não deveríamos nós meditar na corrupção óbvia que se pratica com a inversão de prioridades? É moral brigarmos por uma passarela para um carnaval de três dias (ou de uma semana, ou de um mês, como quiserem), para a vermos depois desmanchar-se no ar, sabendo-se que o custo de sua montagem, seu uso e desmonte daria para manter um posto de saúde aberto durante todo um ano?

Eu fiz questão de desdobrar alguns pontos da discussão que o escrito de Euclides Moreira Neto provoca, para deixar claro que esse foi um dos objetivos visados pelo autor com esta publicação, conforme ele mesmo me assegurou, depois de ouvir-me apresentar, com toda clareza, frontal oposição às ideias que expende, quanto a prefeituras ou governadores bancarem pagodeiros do Carnaval, do Bumba-meu-Boi, dos Tambores, de Crioula ou de Mina, da mesma forma que de igrejas, clubes ou associações fechadas.

Devo dizer que, discordando de mim no começo, como um democrata exemplar, Euclides foi aos poucos aceitando uma opinião contrária à sua, concordando que o problema suscitava, pelo menos, empreender-se rigorosa análise de custo-benefício sobre o financiamento público de festas populares. Eu fiquei encantado com a acolhida que o amigo manifestava às minhas palavras. Não era isso, decerto, o que ele esperava ouvir quando veio a meu encontro. Comoveu-me muito sua atitude de tolerância. E eu pude medir e pesar o quanto lhe doía a intolerância daqueles que se negaram a ouvi-lo em determinado instante, na marcha dos eventos de que trata este manifesto/reportagem, a ponto de ele se obrigar a trazer a público as próprias razões.

É justo, neste percurso, consignar o reconhecimento de que o Maranhão é devedor a Euclides Moreira Neto, desde quando, ainda estudante da Universidade Federal, puxava o Festival Guarnicê de Super-8, até depois, quando, por mais de uma década, dirigiu o Departamento de Assuntos Culturais da UFMA, desempenhando-se num dinamismo de causar inveja (e isso ele causou, alguém duvida?), pela riqueza e variedade de ações que empreendeu, entre as quais o já então Festival Guarnicê de Cinema, realizado, a cada ano, em âmbito nacional.

Peço, pois, uma palavra de atenção ao que diz Euclides Moreira Neto. Ele tem pleno direito de ser ouvido – e oferece excelente oportunidade para que os tolerantes da terra se desfaçam de sua carapaça de soberba onisciente e repliquem aquele gesto de tolerância e boa educação de que fui testemunha ocular, um dia, num lugar distante deste nosso pequeno mundo.

\* Sebastião Moreira Duarte (Professor Universitário e Ensaísta). Setembro de 2013.

*Êxtase, magia e fantasia no espaço sagrado da passarela do samba. Na foto, o carnavalesco Darlan Oliveira, na temporada de 2011, desfilando pelo bloco tradicional "Príncipe de Roma".*





*Com a garantia de que a passarela do samba será montada, os foliões são estimulados a se produzirem. Eles pulsam e explodem em alegria, extravasando suas fantasias e sonhos.*



## 1 INTRODUÇÃO

A manifestação cultural de origem popular normalmente é impregnada de simbolismo e paixão por grande parcela da população e principalmente por parte das pessoas envolvidas com sua execução. Desse modo, a expressão carnavalesca (que tem um grande leque de subdivisões e gêneros a serem estudados não poderia ser diferente) reúne o que há de mais significativo na região maranhense quando se pensa a alma coletiva do povo expressada por meio da cultura.

O carnaval da cidade de São Luís é também assim – uma manifestação que mexe com os sentimentos e autoestima popular, cujo período de execução é aguardado ansiosamente pela população, principalmente a camada mais carente de acesso aos bens culturais e massivos gerados pela indústria e pelas políticas culturais que atuam na sociedade, pois elas abrem espaço para dar oportunidades a diversos segmentos que apreciam a cultura popular, gerando a construção do sonho, emprego e renda.

Esse ato de espera gera, no meio social, expectativas e cuidados de produção, que são subdivididos em etapas, as quais são cumpridas ao longo dos 12 meses que antecedem o chamado período gordo do carnaval propriamente dito, como ressalta o presidente da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), Flávio Dino, quando diz que essa mola que impulsiona o carnaval “é o dinheiro que gera renda a milhares de pessoas, como artesões, comerciantes, vendedores ambulantes, costureiras e toda a ampla cadeia do turismo (hotéis, restaurantes, taxistas, etc)”<sup>1</sup>.

Assim, essa forma de tratar a manifestação ou as manifestações surgidas com as que ao longo do tempo se sedimentaram e a tornaram práticas comum, junto ao povo que aprecia o carnaval e ao povo que não aprecia, criando novas formas de expressões culturais e implantando práticas comuns que foram absorvidas pelos organizadores e produtores desse segmento de forma coletiva, como a criação de etapas distintas na sua organização, com início, meio e fim.

<sup>1</sup> DINO, Flávio. Carnaval, diversidade e turismo, **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 4, 10 fev. 2013.

Entre essas novas formas surgidas estão por exemplos: o ato de se escolher os temas dos enredos; o figurino adequado ao enredo; os concursos privados para escolha dos sambas enredos; o desenho de carros alegóricos, também adequados ao enredo escolhido; festas para lançamento de sambas enredos; gravação do samba; ensaios da bateria entre tantas outras atividades, mexendo com o imaginário popular que, a cada etapa executada, vê-se envolvido com o ato de criação, estimulando, assim, o aponderamento da manifestação.

Reforçando a importância da construção momesca, o médico Ruy Palhano ressalta que o carnaval “[...] é uma festa popular, imperando ideia de que não há limites para se brincar no espaço e no tempo. É uma festa de todos, onde todos fazem de tudo para usufruí-la, o mais intensamente possível [...]”<sup>2</sup>. Diz ainda esse médico que o carnaval, historicamente, sempre esteve ligado a comemorações, atividades culturais e religiosas e que as pessoas transformam esse período numa ocasião especial e “[...] se livram temporariamente das tensões, dos compromissos, dos preconceitos, da responsabilidade enfadonha e dos problemas do dia-a-dia [...]”.

O sociólogo Roberto DaMatta, no livro “Explorações – Ensaio de Sociologia Interpretativa”, referindo-se à organização de um desfile carnavalesco, lembra que “Não é brincadeira de criança produzir aquele espetáculo, fazendo passar dançando e cantando uma história”<sup>3</sup>. Para esse sociólogo, colocar três, quatro mil pessoas, “todas vestindo roupas especiais, cada qual absolutamente consciente do seu papel e dando tudo de si para o grupo no sentido da boa apresentação e da vitória”, vem ao encontro do pensamento de que há toda uma maquinação que favorece a construção dessa manifestação ao longo do ano.

No lado oposto aos que não apreciam a manifestação carnavalesca, pode-se citar os praticantes e participantes de religiões evangélicas, que, para não ficarem de fora desse período de grande apelo popular, vem, ao longo dos anos, implantando uma prática comemorativa, que denominam “Carnaval com Jesus”, para a qual são programados também encontros de jovens ou famílias, denominados de retiros.

Dessa forma, aos poucos, começaram a surgir os “Retiros com Cristo”, “Rebanhões

<sup>2</sup> PALHANO, Ruy. Olha o carnaval aí, gente, **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 7, 10 fev. 2013.

<sup>3</sup> DAMATTA, Roberto. **Explorações – Ensaio de Sociologia Interpretativa**, Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1986, p. 77.

Religiosos”, “Retiros Espirituais”, etc, numa forma de criar alternativas para passar o período carnavalesco e de negar a festa pagã da carne baseada na fantasia e exageros estimulados pelo ciclo carnavalesco, ciclo este de um mundo considerado pelos olhares conservadores e religiosos ortodoxos como pagão e recheado de pecados.

Ressalta-se, ainda, que, mesmo em “Retiros Religiosos”, purificados com as palavras divinas da bíblia sagrada, é registrada, também, a presença de conjuntos musicais de cantores e ritimistas, em diversos gêneros, como grupos de canto coral, bandas de MPB e/ou bandas de rock, cultuando músicas eruditas, populares, religiosas e rock pauleira com o chamado rótulo de espírito gospel, que, com certeza, para esses seguidores, são blindados pela salvação divina e/ou as “palavras da salvação”.

Mas como nosso texto tem como foco o carnaval tradicional do mundo pagão, voltamos a ele com as devidas reservas, quando, no mesmo for necessário fazer alguma observação relacionada à crença religiosa. Dessa forma, vamos direcionar nosso ensaio para “fazer uma revisão da história recente do carnaval de São Luís, realçando acertos e erros dos órgãos de governo”, lembrando, ainda, que estive à frente da direção da Fundação Municipal de Cultura, no quadriênio 2009-2012, e fazendo um recorte que inclui, também, a atuação das entidades representativas dos vários grupos carnavalescos da cidade e as decisões políticas dos poderes públicos.

Partindo dessa contextualização inicial, esta obra se propõe a fazer um levantamento e análise do fato do carnaval de São Luís Maranhão, no ano de 2013, ter tido seu principal equipamento de infraestrutura cancelado pela Prefeitura de São Luís – a passarela do samba, causando um mal estar muito grande em parte da população, de maneira voraz e catastrófica, em relação a determinados pontos de vista como demonstraremos mais a frente.

Nesse primeiro momento, não iremos partir para os pontos particulares que levaram a essa decisão, vamos nos fixar no fato em si, enquanto tomada de decisão político-administrativa precipitada e incabida para o contexto de população e da cultura local, que se viu penalizada e aviltada de forma contundente com esse cancelamento, como enfatiza o professor universitário Manoel Rubim da Silva, no artigo “Carnaval: por uma política cultural democrática”, quando diz que “[...] quase toda essa riqueza cultural do nosso car-

naval esvaiu-se pelos túneis da incompetência face ao desamor cultural e por decorrência, também, do quero, posso e mando [...]”<sup>4</sup>.

Dessa forma, este livro fará um relato descritivo a partir do nosso ponto de vista, enquanto defensor da manifestação cultural carnavalesca, tentando compreender seus diversos desdobramentos e recorrendo aos teóricos que estudaram os fenômenos de estudos sociais e culturais para explicar certas peculiaridades, assim como reuniremos parte dos textos que circularam na imprensa e redes sociais abordando essa questão, que é apaixonante e merece ser vista em seus vários aspectos para uma melhor compreensão e entendimento da sua complexidade.

O fato principal que estimulou a construção desta obra, sem dúvida, foi o cancelamento da montagem da passarela do samba, medida que provocou diversos desdobramentos junto aos moradores da capital maranhense, principalmente junto às camadas da população que tem interesse no carnaval, e as alegações do discurso oficial oriundo da Prefeitura de São Luís e dos seus organismos afins, como as medidas tomadas pela Fundação Municipal de Cultura, Secretaria Municipal de Comunicação, Secretaria Municipal de Turismo e as outras envolvidas com a festa carnavalesca.

Aproveitamos para esclarecer, nesta apresentação, que aqui nos colocamos como integrante do meio cultural local e de ex-gestor da Fundação Municipal de Cultura (FUNC), quando assumimos a função de Presidente daquela autarquia municipal, na gestão administrativa da Prefeitura de São Luís que antecedeu a atual que comanda o município de São Luís. A FUNC é o principal equipamento público que organiza e organizou o projeto carnavalesco da capital maranhense dos últimos quatro anos, que também inclui a montagem da passarela do samba, que, para nós, é o “espaço sagrado” das manifestações carnavalescas da capital maranhense.

Dessa maneira, faremos um esforço pessoal para que nossa análise seja fruto dos dados colhidos no campo de ação e das opiniões científicas de pesquisadores e teóricos que estudaram assuntos similares a este, cujo objeto é tratado agora. Nossa visão será a de

---

<sup>4</sup> SILVA, Manoel Rubim da. Carnaval: por uma política cultural democrática, *Jornal Pequeno*, São Luís, p. 7, 11 fev. 2013.

esclarecer, de forma imparcial, as medidas tomadas pelo poder público, assim como chamar atenção para as medidas não tomadas, para que, num futuro próximo (ou não), atos similares sejam melhores pensados e repensados, a fim de colaborar com o bem coletivo da cidade.

Repetimos, aqui se pronunciará o militante e ex-gestor cultural que exercerá o papel de mediador da realidade vivenciada recentemente. Aqui, não seremos o militante político pertencente a um partido político ou grupo organizado querendo se perpetuar no poder, pois não cabem nessa análise, os valores ideológicos desta ou daquela bandeira partidária, mas as consequências do ato em si e como o mesmo deixou suas marcas na cidade e nas pessoas que gostam e cultuam o carnaval, enquanto manifestação espontânea do povo e de forte apelo que marca as relações sociais.

*O folião entra em estado de êxtase, defendendo a bandeira de sua agremiação carnavalesca, fato que ocorre plenamente só na passarela do samba.*



## 2 CARNAVAL DE PASSARELA EM SÃO LUÍS NO ANO DE 2013 (Estudo de Caso)

Ao longo da história do movimento carnavalesco da capital maranhense, os organizadores das diversas manifestações existentes na cidade tem enfrentado lutas históricas no sentido de se construir um espaço definitivo de desfiles, como a passarela do samba, sem que se tenha do poder público uma resposta positiva, que não passe da simples promessa eleitoreira de que o assunto será estudado e viabilizado nos próximos anos, como promessa de campanha.

Em São Luís, essa reivindicação, que já é uma bandeira incorporada aos discursos dos organizadores dos grupos carnavalescos da cidade, tem adquirido nuances de filme de terror em alguns momentos da nossa história, quando, na última década do século passado, mais precisamente no governo da então Prefeita Conceição Andrade, os grupos tiveram que arregaçar a camisa e viabilizar a construção improvisada de uma passarela para seus desfiles, embora o concurso tenha sido mantido com o apoio institucional da Prefeitura.

O enredo vivenciado na década dos anos 90 do século passado é novamente reeditado pelo poder público municipal, a partir de uma prática que teve como coadjuvantes as entidades carnavalescas que se dizem representar os grupos da cidade, e, que encontrou, no discurso empolgado de uma administração que chegava ao poder, a ressonância equivocada para não montar a passarela do samba na cidade, que necessariamente precisava ser contratada e ter tempo para sua montagem. Tudo começou com a mudança de gestão na capital maranhense, como veremos a seguir.

### 2.1 NOVA GESTÃO ADMINISTRATIVA X DEMANDAS CARNAVALESCAS

O ano de 2013 em todos os municípios brasileiros começou com a posse dos novos prefeitos eleitos na campanha eleitoral do ano anterior. Em São Luís, tomou posse o Prefeito Edvaldo Holanda Júnior, do Partido Trabalhista Cristão (PTC), um partido considerado pequeno e que nunca havia elegido um prefeito em qualquer capital dos Estados brasileiros, por

isso mesmo apelidado de partido “nanico”, ou seja, um partido apto a compor com outros de maiores expressões com o objetivo de propiciar status e respaldo aos partidos majoritários.

Para esse partido vencer em São Luís, houve toda uma junção e adequação de configuração de esforços de vários grupos políticos, destacando-se entre eles o Partido Comunista do Brasil (PC do B), Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido Socialista Brasileiro (PSB), numa coligação que se tornou vitoriosa desde o final do primeiro turno do processo eleitoral de 2012, quando ficou em primeiro lugar com seis pontos a frente do segundo colocado, que tinha como principal concorrente o então prefeito de São Luís, João Castelo Ribeiro Gonçalves, filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Edvaldo Holanda Júnior foi eleito com um discurso de renovação e juventude, pois ele, na época de sua posse, estava com 34 anos, tendo sido eleito duas vezes vereador da capital maranhense e uma vez deputado federal, que conquistou na metade do seu segundo mandato de vereador. Vale lembrar, ainda, que a eleição à Prefeitura ocorreu também na metade do mandato de deputado federal conquistado na eleição do ano de 2010. Edvaldo Holanda Júnior é evangélico, da Igreja Batista, e sua formação acadêmica tem graduação em Direito, pela Universidade Federal do Maranhão.

Do ponto de vista do calendário cultural, os administradores dos municípios brasileiros tiveram que enfrentar, logo no início de suas administrações, a organização das atividades carnavalescas, que, em São Luís do Maranhão, tem peculiaridades bastante marcantes junto à comunidade, pois o ciclo momesco possui uma diversidade de manifestações muito significantes, que inclui, entre outras ações, a construção da passarela do samba, bailes oficiais, apoios comunitários em serviço e patrocínios a grupos e organizadores de festas.

Quando mencionado que o período momesco possui uma diversidade significativa, referimo-nos ainda à diversidade de atrações culturais existente na capital maranhense, que inclui escolas de samba, blocos tradicionais, blocos organizados, tribos de índio, blocos afros, turmas de samba, blocos de reggae, alegorias de rua, tambor de crioula, grupos independentes de música (pagode, forró, MPB, arrocha, etc.), entre outros, que comparados a grupos de outras capitais brasileiras, dão à capital maranhense, um status bem diferenciado pela qualidade e originalidade dessas manifestações culturais. Cada um desses grupos tem

interesses específicos e focos de público também diversificados.

Nesse contexto, observa-se que as escolas de samba e os blocos tradicionais são os segmentos que polarizam as atenções de dirigentes culturais dos equipamentos públicos, o que requer a construção de uma infraestrutura grandiosa para acolher o público, assim como viabilizar os desfiles carnavalescos que disputam concursos específicos e os que não concorrem entre si, mas que necessitam dessa passarela para viabilizar seus desfiles de gala, como apresentar ao público seu novo figurino, e de todas as providências que o ritual alegórico do período requer.

Essa infraestrutura é ainda apoiada por serviços essenciais para os grupos participantes e os moradores e visitantes, como uma boa sonorização, iluminação, adequações físicas, decoração, banheiros químicos, limpeza, segurança privada e pública, serviços médicos de primeiros socorros, ou serviços médicos de urgência e emergências, disciplinamento do comércio informal, campanhas educativas, montagem do calendário de grupos que vão desfilar, incluindo a ordem de entrada, horários e cumprimento de regulamentos específicos para cada manifestação, sem se referir à organização administrativa do próprio desfile, como a convocação de jurados e o atendimento desses atores no exercício de suas funções.

Sem dúvida, a organização da festa carnavalesca é um desafio para qualquer gestor que esteja a frente do comando dos destinos do município, pois esta festividade é atribuição do governo municipal, embora setores dos poderes estadual, federal e até privados possam promover ações que também contemplem organizações e promoções de atividades afins, fato que é bastante corriqueiro, podendo ser constatado facilmente, considerando que, nesse período, registra-se um aumento generoso de festas temáticas e festas comunitárias em quase todos os bairros da cidade.

No Maranhão, esse envolvimento já é verificado há muito tempo, pois o poder público estadual sob orientação do grupo político dominante há mais de quatro décadas vem implantando uma política de clientelismo e dependência financeira, que deixa a grande maioria dos grupos num estado de espera considerado nocivo para as frágeis estruturas de grupos de cultura popular, que não encontram respaldo em outras formas de sobrevivência, criando, portanto, uma cultura de mendicância dependente de subvenções de recursos públicos e favores de políticos carreiristas.

Ainda sobre esse envolvimento, queremos destacar o que afirma o *Jornal Pequeno*, em editorial, quando diz: “Nos últimos anos, o governo, tanto estadual quanto municipal, se apropriou da brincadeira e oficializaram a mesma, transformando o período momesco em moeda de troca política”, e segundo aquele órgão de imprensa, isso se dava “[...] molhando a mão dos donos de muitas brincadeiras, o troco era o voto certo em que enchesse a burra dos donos de escolas de samba, blocos, grupos de tambor de crioula criados da noite para o dia [...]”<sup>5</sup>.

Sobre esse ponto de vista, recorro ao que afirma o ex-Secretário de Estado da Cultura do Maranhão no governo Jackson Lago, o advogado e músico João Ribeiro (conhecido popularmente na região por Joaozinho Ribeiro), que, em tom crítico, tem sido uma voz que se posiciona contrário às práticas executadas pelo poder público estadual sob o comando da família Sarney. Diz ele:

[...] No geral, o que desponta como surpresa para os atuais gestores, grupos, agremiações e pessoas ligadas aos festejos carnavalescos em São Luís é a falência anunciada, já faz algum tempo, de um modelo de patrocínio e financiamento cultural baseado no repasse desenfreado e sem critérios transparentes de recursos públicos a grupos e pessoas que se tornaram verdadeiros proprietários de muitas, assim chamadas “brincadeiras”, que de há muito perderam totalmente os vínculos com suas comunidades, muitas delas com a perpetuação de dirigentes que fizeram desta condição um meio econômico de vida hoje se transformaram em verdadeiros agenciadores, despachantes e intermediários dos recursos públicos [...].<sup>6</sup>

## 2.2 FORÇANDO A BARRA DO PODER X SUBVENÇÕES

Sob essa ótica de dependência, os dirigentes das entidades que dizem representar o segmento escola de samba e bloco tradicionais dão entrada, junto a Fundação Municipal de Cultura da Prefeitura de São Luís, em documentos formais, condicionando o desfile de seus filiados na passarela do samba à concessão pelo governo municipal de ajuda financeira similar à concedida

<sup>5</sup> Carnaval da Deodoro pra malandro se dar de bem. *Jornal Pequeno*, São Luís, p. 1, 1 fev. 2013, Editorial.

<sup>6</sup> RIBEIRO, João. Quanto custa o carnaval? *Jornal Pequeno*, São Luís, p. 4, 28 jan. 2013.

na temporada carnavalesca anterior, quando nós éramos o gestor principal da Fundação Municipal de Cultura e seguimos uma prática implantada no primeiro ano de governo na gestão Castelo, que foi crescente ao longo dos anos, como será demonstrado mais adiante.

Merece ser destacado, também, que o aumento concedido aos grupos carnavalescos ludovicenses teve inspiração, ainda no fato de que, na capital maranhense, em 2012, foram comemorados os 400 anos de sua existência, e teve, do então Prefeito de São Luís, João Castelo, um tratamento diferenciado, aumentando significativamente essa ajuda financeira que vinha sendo concedida ao longo dos quatros de sua gestão e que, para nós, nada mais era que devolver a essas manifestações culturais parte dos impostos que são arrecadados pelo poder público para a administração da cidade.

Considera-se que essa devolução aos grupos culturais, do período carnavalesco (na nossa ótica), nada mais é que um investimento necessário para que esses grupos e seus organizadores se produzam com dignidade e com a qualidade necessária para manterem-se ao nível da festa, o que requer a aquisição de vários materiais e serviços especializados, envolvendo uma cadeia produtiva já segmentada na forma de fazer da cidade. Portanto, essa ajuda financeira é um investimento necessário para a boa produção da manifestação cultural.

Essa prática condicionante colocada ao governo municipal que chegava também já ocorrera em outros momentos da história da cidade, quando ex-gestores, nas respectivas épocas em que houve ameaça de conflito, com suas habilidades individuais, chegaram a um acordo, com a parte reclamante, que contemplava parte das reivindicações. Na história do continente americano, por exemplo, segundo relata o escritor Joaquim Itapary, na sua crônica semanal publicada no jornal “O Estado do Maranhão”:

[...] consta que William Jennings Bryan, secretário de estado do presidente Woodrow Wilson, dos Estados Unidos, teria sido o primeiro administrador público a demitir-se de um cargo por encontrar-se diante do célebre dilema, formulado pelos economistas, sobre prioridades para uso de recursos escassos: canhões ou manteiga?, [...] <sup>7</sup>.

Diante desse quadro em que o gestor público tem que tomar um posicionamento, é

<sup>7</sup> ITAPARY, Joaquim. Me dá um dinheiro aí. *Jornal O Estado do Maranhão*. São Luís, p. 6, 24 jan. 2013, – Caderno Alternativo.

evidente que, em sentido amplo, qualquer opção significará maior destinação de verbas a uma atividade que a outra. No caso do secretário Bryan, a escolha se dava entre gastar mais com a defesa nacional dos Estados Unidos, fabricando canhões, ou investir na fabricação e aquisição de “ativos domésticos”, aqui exemplificado pela fabricação de manteiga, o que, necessariamente, passaria por uma tomada de decisão política do gestor da época.

Essa situação ocorrida nos Estados Unidos, no governo Woodrow Wilson, pode ser comparada ao quadro vivido pela população de São Luís no início da nova gestão municipal, a qual teve, também, que tomar uma posição política, gerando consequências drásticas para os atores envolvidos com a produção carnavalesca da cidade, levando à adoção de uma medida inédita no cenário administrativo da cidade, considerada marco na história da capital maranhense.

Retornando a esse dilema, lembramos que a concessão da “ajuda financeira”<sup>8</sup> reivindicada pelos organizadores dos grupos carnavalescos de São Luís foi implantada, a nível municipal, a partir de nossa ação, na gestão do ex-Prefeito João Castelo (que foi derrotado nas últimas eleições). Reafirmamos que essa “ajuda financeira”, a cada ano, vinha obtendo um reajuste monetário significativo a nível de valor concedido, pois, até então, a administração da capital maranhense assegurava somente a montagem da infraestrutura dos desfiles oficiais.

---

<sup>8</sup> Vale lembrar que essa ajuda financeira para apoiar os grupos de cultura popular maranhense é uma prática implantada pelo governo estadual há mais de três décadas de forma regular, mas há registros de que nas décadas de 1950 e 1960 houve investimentos do poder público estadual na produção de grupos culturais, como relatos do pesquisador Eugênio Araújo, no livro “Não deixe o samba morrer”, que foi produto de sua dissertação de mestrado. À nível municipal, esta é uma ação recente, fato que provocou, junto aos defensores do poder público municipal, várias acusações, de forma genérica, aos dirigentes desses grupos, de que eles seriam aproveitadores, chantagistas e que estariam fazendo extorsão com os recursos públicos.

Por outro lado, vários integrantes da imprensa também são acusados de se utilizar dessas práticas de requerer “ajudas extras” para exercer suas funções profissionais, como se os gestores fossem obrigados a remunerá-los pela divulgação efetuada, que, na verdade, é uma obrigação do profissional. Em outras análises, pode-se chegar à conclusão de que esse tipo de atitude são práticas similares às daqueles taxados de aproveitadores. Isso ocorre, principalmente, com os apresentadores de programas que divulgam cultura popular nas rádios AM e com apresentadores, radialistas e jornalistas que tem programas nos canais de televisão na capital maranhense, mormente, aqueles, que, tem mais poder de influenciar suas opiniões junto ao público ou que tenham uma credibilidade significativa nas pesquisas de opiniões.

Resumindo, cabia, pois, à Prefeitura de São Luís, a montagem da passarela do samba, simplesmente, ficando o subsídio para produção dos grupos carnavalesco às “ajudas financeiras” concedidas pelo governo estadual, que, para não caracterizar doação de dinheiro público, implantou, ao longo dos anos, uma prática de contratar apresentações dos grupos, normalmente por preços generosos, o que aparentemente satisfazia as exigências dos organizadores das entidades carnavalescas locais, pois todos se contentavam e ficavam calados diante dessa prática.

De acordo com o “editorial” do *Jornal Pequeno*, após a implantação dessa prática de conceder ajudas para a produção dos grupos, “[...] as brincadeiras de carnaval, então, começaram a se relacionar com o turismo, no viés cultural, e os jabás começaram a correr solto [...]”<sup>9</sup>, prática essa que, no meio sociocultural da capital maranhense, foi, aos poucos, sendo adotada como prática comum, por parte não só das chamadas brincadeiras, mas também por parte de produtores culturais, profissionais de imprensa e pessoas influentes.

Vendo que a população da cidade vivia um momento nebuloso, o professor Manoel Rubim é taxativo ao dizer que “chega de autoritarismo, no campo cultural, em ausência do produto da liberdade”, e alfineta, ainda, dizendo que a cultura tem melhorado a condição de vida de muitos povos, pois “[...] Afinal cultura é um dos principais motores da economia criativa, hoje o segmento econômico que mais cresce no mundo, e gerador, pela própria natureza, de valores agregados expressivos, que melhoraram e tem melhorado, quando devidamente explorada [...]”<sup>10</sup>.

Reforçando a importância da cultura carnavalesca, recorremos outra vez ao *Jornal o Estado do Maranhão* que destaca: “O carnaval de São Luís se repete como uma festa popular incomum, como são incomuns todas as manifestações culturais saídas do caldeirão étnico e que fazem da ilha de São Luís um mundo cultural à parte em relação a todo país”<sup>11</sup>, pois, de acordo com esse órgão de imprensa, “a capital do Maranhão tem cenário urbano mágico, no qual as manifestações se destacam, ganham força”.

<sup>9</sup> Carnaval da Deodoro pra malandro se dar de bem. *Jornal Pequeno*, São Luís, p. 1, 1 fev. 2013, Editorial.

<sup>10</sup> SILVA, Manoel Rubim. Carnaval: por uma política cultural e democrática. *Jornal Pequeno*, São Luís, p. 7, 11 fev. 2013.

<sup>11</sup> Carnaval e Tradição. *Jornal O Estado do Maranhão*. São Luís, p. 4. 11 de fev. de 2013, Editorial.

Analisando essa questão, o professor universitário Fábio Henrique Monteiro Silva, doutorando do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão, ressalta que “[...] não adianta tentar associar o carnaval com a política de pão e circo [...]” e enfatiza que “[...] tal elaboração não passa de um repetitivo enredo alicerçado no racionalismo burguês que, para legitimar os desejos de uma elite perversa, continua fazendo suas análises reducionistas [...]”<sup>12</sup>, pois, para esse professor, as opiniões junto ao público ou que tenham uma credibilidade significativa nas pesquisas de opiniões tem embasamento teórico.

Segundo, ainda, Fábio Henrique, “[...]o carnaval é um dos principais canais de expressão da população e, como tal, provoca descontentamento para alguns pseudos representantes políticos do povo [...]”, pois, para esse analista, “[...] foi através das festas, e principalmente da festa carnavalesca, que o ludovicense conquistou a cidade. A história do nosso Carnaval é também uma parte da nossa história [...]”, por isso, essa nossa história reflete o homem que aqui vive.

Diz esse professor:

[...] É o homem do povo que toca o nosso contratempo. Somo índios guerreiros da tribo São Luís e não podemos deixar de consumir a festa carnavalesca ao nosso modo. Não adianta querer acabar com o concurso da passarela do samba. Já tentaram diversas vezes, não conseguiram, e jamais vão conseguir. Sabe por que? Porque o desfile de Blocos, Tribos e Escolas de Samba quem participa, assim como de diversas manifestações culturais, é quem gosta[...]<sup>13</sup>.

No ano de 2012, o gestor público municipal contemplou 11 Escolas de Samba, 48 blocos tradicionais, 12 tribos de índio, 13 blocos afros, 15 blocos organizados, 04 turmas de samba, 04 alegorias de rua, entre outros, numa prática que, nessa então gestão administrativa, foi crescente, apesar de ser considerada pouca, mas que servia e ajudava muito na produção desses grupos, que, ao longo das últimas décadas, foram acostumados a receber ajudas oficiais a título de apadrinhamentos subvencionados por políticos e/ou gestores que

<sup>12</sup> SILVA, Fábio Henrique Monteiro. O carnaval e a passarela do samba. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 4, 27 jan. 2013.

<sup>13</sup> \_\_\_\_\_. Op. cit, p. 4.

faziam essa prática como “forma de cobrar favor” ou outra barganha que deveria ser, em algum outro momento, retribuída em “forma de apoio”, preferencialmente por meio de “votos em campanhas eleitorais”.

### 2.3. LIDERANÇAS NO MUNDO CARNAVALESCO

Assim agindo, os patrocinadores implantavam uma prática considerada viciada a agentes culturais que exerciam um papel de liderança junto a outros atores em diversas atividades criativas dos grupos carnavalescos de São Luís e das principais cidades do Estado, formando uma espécie de rede produtiva, que mobilizava vários agentes numa estrutura não muito bem consolidada, mas que transformava as lideranças desses grupos em “intelectuais orgânicos”<sup>14</sup>, como preconizou Gramsci.

Essas lideranças, com a constância de suas atividades e ao longo do tempo e de suas práticas, eram reconhecidas pelos seus subordinados, sendo legitimadas pelos extratos sociais envolvidos com essa rede de produção, afinal o entendimento de intelectual, segundo os conceitos gramscinianos, refere-se a todo aquele que cumpre uma função organizadora na sociedade e é elaborada por uma classe em seu desenvolvimento histórico desde um tecnólogo ou um administrador de empresas, como é o caso dos organizadores de grupos de cultura popular, e aí se incluem até os dirigentes sindicais ou partidários. Para Gramsci, cada grupo social é fundamental, com papel decisivo na produção, engendra seus próprios intelectuais, ditos “orgânicos”, a este mesmo grupo social.

---

<sup>14</sup> Por intelectuais se deve entender não só as camadas comumente entendidas com esta denominação, mas em geral toda a massa social que exerce funções organizativas em sentido lato, seja no campo da produção, seja no campo da cultura, seja no campo administrativo-político. O autor diferencia a concepção de intelectual, intelectual orgânico e intelectual tradicional. O intelectual, no sentido gramsciano, é todo aquele que cumpre uma função organizadora na sociedade e é elaborado por uma classe em seu desenvolvimento histórico desde um tecnólogo ou um administrador de empresas até um dirigente sindical ou partidário. Os intelectuais tradicionais podem ser membros do clero ou academia, por seu turno, podem tanto se vincular às classes dominadas quanto às dominantes, adquirindo uma autonomia em relação aos interesses imediatos das classes sociais. O chamado intelectual orgânico é entendido como aquele que se mistura à massa levando a uma conscientização política, ele age em meio ao povo, nas ruas, nos partidos e sindicatos. Assim, o intelectual é tanto o acadêmico, o jornalista, o padre, o cineasta, o ator, o locutor de rádio, o escritor profissional, quanto o intelectual coletivo, em suma, todo homem é um intelectual em potencial. Fonte: <http://pt.shvoong.com/social-sciences/642429-gramsci-conceitos-intelectual-hegemonia-sociedade/#ixzz2OfBed500>

O papel dos organizadores e patrocinadores dos grupos culturais na capital maranhense, independente de reconhecimento simbólico, é também muito controverso, com opiniões diversificadas, pois nem sempre quem tem o poder na mão consegue se legitimar como tal, fazendo com que aqueles considerados “subordinados” exerçam uma função rebelde em determinados momentos-chaves na convivência grupal, como no momento de eleger candidatos a cargos públicos.

Essa prática, se de um lado implantou uma cultura de dependência, em que lideranças eram atraídas para exercer o papel também de cabos eleitorais, noutra vertente foi consumada a prática de se criar novos grupos culturais para que seus responsáveis também se credenciassem a receber essa ajuda subvencionada de políticos e empresários para a troca de favores e, em outra análise mais particular, surgem sempre denúncias de que os responsáveis por grupos culturais estão transformando suas manifestações em negócios para garantir a sua subexistência, quando aplicam uma pequena parcela dos recursos captados nos projetos culturais, deixando a maior parte para ser utilizada de acordo com o interesse particular do gestor do grupo.

Partindo desse entendimento pouco recomendado para gerenciar grupos culturais, o surgimento de novos grupos de manifestações culturais e/ou artísticas no meio cultural de São Luís pode ser visto como um fator natural de expansão dessas manifestações artísticas e culturais, ou, por outro lado, como uma prática também viciada dos gestores dos grupos existentes para ampliarem e conseguirem mais vantagens das fontes financiadoras, patrocinadoras e que subvencionam essa atividade cultural, a qual, quase sempre, é direcionada para a fatia dos recursos públicos que cabe à área cultural.

Desse modo, cria-se na capital maranhense toda uma estrutura que mais na frente colocará o poder público em cheque, tornando-se inviável a sua manutenção, além disso a falta de uma política cultural clara para o atendimento aos responsáveis por grupos culturais de estrutura frágil chega a bloquear iniciativas que visem à automanutenção desses grupos ou ações que levem a essa sustentabilidade autônoma e independente, como promoções de atividades sociais ao longo do ano.

## 2.4. ANALISANDO A DECISÃO OFICIAL

O Jornal O Estado do Maranhão, em editorial, comentando o ato administrativo do prefeito da cidade, afirma que “A decisão do prefeito foi um duro golpe na tradição momesca de São Luís. Independentemente das razões que apresentou, a não montagem da passarela entra para a crônica como um momento de desprestígio da cultura popular da capital”<sup>15</sup>, destacando ainda que:

[...]A direção municipal, a quem cabe, em primeira instância, recorrer a todos os meios para incentivar a festa e estimular a participação popular, deu as costas para essa premissa. Ignorou décadas de preservação do costume e tratou as organizações como promotoras de inutilidades. Não há como interpretar a situação por outro ângulo [...]<sup>16</sup>.

Recorrendo ainda a Joazinho Ribeiro (2013, op. cit. p. 7.), ele chama atenção para o ciclo vicioso implantado em terras maranhenses com os recursos públicos travestidos de “incentivo fiscal ou financiamento direto, dissimulado pelo clientelismo eleitoral ou pelo apadrinhamento político”<sup>17</sup>, e, para esse músico, são utilizados vários artifícios, “tais como emendas parlamentares, convênios e arremedos de editais, cuja publicidade é praticamente inexistente”. Esse mesmo músico e ex-Secretário de Estado da Cultura maranhense ressalta, ainda, que:

[...]O Governo do Estado passou a dirigir e induzir patrocínio público e privado para a “consagração dos consagrados”, leia-se: contratação de artistas de renome nacional, a peso de ouro, em megaeventos, geralmente realizados na Lagoa da Jansen, como foi o caso dos festejos dos 400 anos de São Luís e Reveillon 2012, e ao que parece se repetirá no carnaval 2013, dando conta da nossa magistral incompetência de entender e aproveitar as potencialidades e os resultados das atividades relacionadas com a Economia Criativa, que bem poderiam ser apropriados por nós maranhenses, sob a forma de trabalho, renda, tributos, direitos autorais,

<sup>15</sup> Perdas para o Carnaval de São Luís. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 4, 23 jan. 2013, Editorial.

<sup>16</sup> \_\_\_\_\_. Op. cit, p. 4, Editorial.

<sup>17</sup> RIBEIRO, João. Carnaval da mistura pobre e burra. **Jornal Pequeno**, São Luís, p, 7, 4 fev. 2013.

alegria e dignidade humana [...].

[...] Ao invés desta via de fortalecimento do turismo, da valorização dos nossos artistas e do nosso patrimônio cultural, o que vemos é uma absurda evasão de divisas, proporcionada por essa desnaturada visão política que penaliza a nossa criatividade e a tradição, sob várias formas de transferência de recursos públicos para outras unidades da Federação muito mais ricas que a nossa: 1) sob a forma da encomenda maciça de abadas da forte indústria baiana, que neste período estima a confecção e venda de um milhão de unidades, ao preço de R\$ 2 mil cada, somente para os seus próprios blocos; 2) sob a forma de cachês milionários para artistas, bandas refugadas, técnicos, trios elétricos, arquibancadas e equipamentos de outros estados; 3) e, por último, sob a forma de pagamento de direitos autorais para escritórios do ECAD localizados em outros estados, pois estes recursos são posteriormente distribuídos obedecendo a procedência dos compositores, artistas, intérpretes, titulares da obra musical executada [...]<sup>18</sup>.

A crítica de Ribeiro é baseada fundamentalmente no fato de que todas as ações são “bancadas única e exclusivamente com o dinheiro público das prefeituras e do governo estadual, sem nenhuma participação da iniciativa privada”. Nessa linha de raciocínio, pode-se constatar que a prática de produzir o carnaval e grandes eventos ainda não sensibilizou plenamente o empresariado para apoiar ou patrocinar eventos culturais em terras maranhenses, apesar dessas festividades serem oportunidades excelentes para aumentar o lucro das empresas afinadas com tais eventos comemorativos, como as cervejarias, afinal elas só se beneficiam com a venda de seus produtos e serviços nesses períodos festivos que são avidamente apreciados pela população.

O mais agravante em tudo isso é que as indústrias de bebidas e similares que atuam no Maranhão gozam de incentivos fiscais no Estado, podendo ser este o motivo do desinteresse dos empresários do ramo em não oferecer contrapartidas à comunidade local, como ocorre com as temporadas carnavalescas e juninas desenvolvidas nas cidades de Recife-PE e Salvador-BA, onde a iniciativa privada banca e patrocina a maior fatia das despesas desenvolvidas naquelas cidades, que arrastam milhares de turistas oriundos de vários destinos do Brasil e do exterior.

---

<sup>18</sup> RIBEIRO, João. Carnaval da mistura pobre e burra. **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 7, 4 fev. 2013.

Voltando ao cenário vivenciado no mês de janeiro/2013 na capital maranhense, a Prefeitura de São Luís, respaldada no documento da UESMA (União das Escolas de Samba do Maranhão) e no documento conjunto da Associação Maranhense de Blocos Carnavalescos (AMBC) e da Academia de Blocos Tradicionais do Estado Maranhão (ABTEMA), resolve cancelar a construção (ou montagem) da passarela do samba, causando um grande mal estar em parte dos organizadores, simpatizantes, amantes e/ou apreciadores do chamado carnaval de passarela de São Luís, numa atitude sem precedentes na história carnavalesca e cultural da cidade, causando, além do mal estar, outras consequências para a vida normal da cidade, atingindo diversos segmentos, como será explanado de maneira detalhada e pormenorizada mais à frente.

## 2.5. CULTURA X SAÚDE NA ARENA

A medida de suspender a construção da passarela do samba foi tomada junto com outra ação administrativa do gestor máximo do município a de destinar 50% (cinquenta por cento) do valor anteriormente anunciado de R\$ 2.000.000,00 (dois milhões de reais) para o setor de saúde, que passava por dificuldades financeiras. Esse fato foi amplamente difundido nos veículos de comunicação e redes sociais para criar uma comoção e reverter qualquer tentativa de crítica que pudesse ser gerada pela medida desse anúncio cancelamento.

Portanto, a área da saúde em São Luís, que vivia um estado de calamidade pública, segundo a nova gestão municipal, iria receber R\$ 1.000.000,00 (hum milhão de reais), ficando o restante dos recursos para fazer as festas em bairros da capital maranhense, as quais, na prática, foram executadas em cinco espaços: bairro do Anjo da Guarda, Cohab-Cohatrac, praça Maria Aragão, Desterro e praça Nauro Machado, estas duas últimas no centro histórico de São Luís, que é tombado pelo IPHAN e é também conhecido pelo nome de “Reviver”.

O cancelamento do carnaval de passarela foi recheado de uma série de questionamentos por parte de críticos e militantes da área cultural da capital maranhense, envol-

vendo atores a favor e atores contrários a essa medida, deixando uma sensação de vazio no interstício cultural da cidade, uma vez que foi uma atitude administrativa sem precedentes, tanto no meio cultural como comunitário da cidade, e que mobilizou pessoas de todas as origens, provocando um veemente debate em todos os lugares, principalmente nas áreas mais pobres da cidade.

A primeira grande crítica surgida se referia aos protagonistas dos documentos formais que foram direcionados à Fundação Municipal de Cultura (FUNC), pois os mesmos o fizeram com o objetivo de provocar choque junto à administração municipal que estava chegando e para que o mesmo abrisse um canal de diálogo e negociação, fato que não ocorreu, pois o Presidente da FUNC, Professor–Dr. Francisco Gonçalves da Conceição, integrante do Partido dos Trabalhadores (PT) e pelo PT indicado para aquele cargo, não entendeu que cabia negociação, tendo levado o assunto para decisão do Prefeito, que bateu o martelo pelo cancelamento da construção da passarela do samba, deixando a cidade órfã desse segmento na temporada carnavalesca de 2013.

Para que o Prefeito tomasse essa medida extrema, ele foi, naturalmente, aconselhado pelos seus auxiliares diretos, devendo ter estado entre esses conselheiros o Presidente da Fundação Municipal de Cultura, o Secretário Municipal de Turismo o Secretário Municipal de Comunicação e os assessores afinados com a causa cultural. Portanto, essa decisão não foi uma medida isolada do Prefeito, apesar dele ter assumido a autoria do fato. Essa medida reflete o pensamento e a orientação coletiva do grupo que assumiu a gestão da cidade, embora haja pessoas que digam que outros elementos foram decisivos para essa tomada de decisão, estando, entre eles, a vertente religiosa que o prefeito e sua família professam.

Boa parte dos críticos afirma não ter concordado com essa medida do presidente da FUNC, considerando que ele não teve habilidade de partir para a negociação, pondo em prática a medida considerada autoritária de não negociar, noutra ação que também é prática comum no exercício administrativo petista e que já é totalmente absorvida por sua militância partidária. Desconsiderando essa vertente administrativa, observamos que parte da cidade foi penalizada de forma impiedosa, representada pelos grupos carnavalescos interessados, 48 blocos tradicionais, 11 escolas de samba, 15 blocos organizados, 12 blocos

afros, 12 tribos de índios, 04 alegorias de rua, 04 turmas de samba, entre outros, sem o seu espaço sagrado de desfile.

## 2.6. AFUNDANDO A REDE PRODUTIVA

Nessa conjuntura ficaram sem espaço também outros segmentos, como os comerciantes que trabalham com o ramo carnavalesco e se prepararam com um estoque generoso de mercadorias específicas para vender nesse período, tendo quase tudo ficado encalhado nas prateleiras, pois os grupos, os brincantes e foliões se preparam para o desfile na passarela do samba e não para fazer apresentações eventuais no chamado carnaval de rua de São Luís, que, na cidade, também tem suas peculiaridades.

Independentemente do comércio formal, existe também toda uma rede criativa e produtiva de comércio informal que depende da passarela do samba para se consolidar, estando nesse cenário as costureiras, ferreiros, adrecistas, escultores, coreógrafos, dançarinos, ritmistas, mestres em percussão, cozinheiras, etc. que conseguem trabalhar somente com a garantia dos desfiles oficiais que ocorrem na passarela do samba na temporada considerada propriamente carnavalesca, segundo o calendário cultural, e que precede o período da quaresma.

Sem essa confirmação, fica também prejudicado o chamado comércio informal que vende bebidas, comidas típicas, peças artesanais, brindes, bijuterias, máscaras, peças de vestuários, CDs e DVDs, entre tantas outras, provocando o clima de frustração coletiva, pois essa frustração atinge principalmente o povo pobre e que considera fundamental a concretização de uma temporada carnavalesca recheada de atividades e atrações culturais, que requeiram a presença do público, pois, só assim, terá garantida a venda de seus produtos.

Esse quadro é confirmado pelas críticas mencionadas no editorial do Jornal O Estado do Maranhão, ao sentenciar que “[...]Quando decretou verbalmente a não realização do Carnaval de Passarela neste ano em São Luís, o prefeito Edvaldo Júnior atingiu fortemente

uma série de itens geradores de renda que fazem parte da cadeia econômica que envolve o Carnaval [...]”<sup>19</sup>, lembrando ainda que “Um dos golpeados foi o comércio de materiais e adereços de fantasias localizado no centro, com forte concentração na rua de Santana”.

Há também quem argumente que, quando a prefeitura tomou a decisão de suspender a construção da passarela do samba e de destinar 50% (cinquenta por cento) para a área da saúde, essa medida foi o tiro no pé, pois a Prefeitura causou um mal muito maior à cidade e ao vasto círculo de pessoas envolvidas com a manifestação cultural carnavalesca, sendo difícil mensurar sua eficácia. Afirmam os críticos que muito mais pessoas adoeceram, ficaram tristes ou entraram em depressão com a não montagem desse espaço de desfile.

Dessa maneira, os eventuais benefícios que aquela quantia de R\$ 1.000.000,00 (um milhão de reais) tenha trazido à área da saúde, constituem um engodo, pois a coletividade foi também alvejada, provocando sequelas. Além disso, houve ainda os prejuízos institucionais e administrativos provocados pela ação do cancelamento, prejudicando a imagem da cidade que não honra a cultura no seu período de efervescência, como o carnaval, jogando no lixo todas as ações promocionais feitas anteriormente para vender a imagem da cidade e de sua cultura, fragilizando, entre outras ações, a vertente turística, por exemplo.

Nessa discussão até o senador José Sarney (patriarca e líder político da família Sarney) resolveu opinar na sua “Coluna do Sarney”, no Jornal O Estado do Maranhão, quando afirmou que “[...] Carnaval é cultura. Carnaval é bem-estar, é amor, é liberdade pura, é saúde, é turismo, é progresso. O Maranhão tem dentro da identidade nacional, a sua identidade [...]”<sup>20</sup>, e, para ele, a nossa identidade forte “[...] é o Carnaval, o São João, os cocos africanos – tambor de crioula, tambor de mina – o cacuriá [...]”. O senador Sarney, diz ainda:

[...]Só quem não tem a sensibilidade da cultura maranhense e sua importância na identidade do seu povo pode querer acabá-lo.

<sup>19</sup> Perdas para o Carnaval de São Luís. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 4, 23 jan. 2013.

<sup>20</sup> SARNEY, José. Carnaval é Cultura. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 1, 20 jan. 2013.

O carnaval não compete com nada. Não há dilema entre Carnaval e estrada, Carnaval e educação, Carnaval e dor de dente, Carnaval e dor de barriga, ou Carnaval e saúde. Melhoremos tudo, e o Carnaval também[...]”<sup>21</sup>.

Verificou-se, também, que se implanta, com essa medida, uma era de incertezas junto aos produtores da cultura e dos outros ramos afins. Parte dos próprios seguidores dos grupos carnavalescos se desestimularam e resolveram migrar para as cidades do interior do Estado, ou cidades da região, assim como é verdadeira a afirmativa de que muitas pessoas que desejavam vir a São Luís ver e participar do nosso carnaval de passarela abortaram esse projeto, procurando outras alternativas, pois o carnaval de rua ou de circuito posto em prática em determinadas regiões e bairros da cidade nada mais é que a repetição espontânea de um carnaval popularizado na maioria das cidades do interior regional com a participação dos grupos carnavalescos da cidade e dos grupos contratados de outras localidades, sem o “*glamour*” próprio dos grupos que concorrem nos desfiles oficiais que normalmente acontecem na passarela do samba.

Quem concorda que o prejuízo é grande com essa quebra de paradigma no carnaval de São Luís, é o pesquisador e Professor-Dr. da Universidade Federal do Maranhão, Eugênio Araújo, que estuda o movimento carnavalesco da região. Esse pesquisador ressalta que “a capital maranhense”, até então, “[...] vinha realizando e desenvolvendo os melhores projetos carnavalescos da região meio-norte do país, comparando-se as práticas das cidades de Belém-PA, Teresina-PI e Fortaleza-CE [...]”<sup>22</sup>.

Em artigo enviado e distribuído para todas as editorias de jornais ludovicenses e que nenhuma se prontificou a publicar, o que ocorreu somente nas redes sociais e em alguns blogs considerados independentes, Araújo (2013) afirma:

[...] Pela primeira vez, a questão assume um viés religioso preponderante e mesmo que queira

<sup>21</sup> SARNEY, José. Carnaval é Cultura. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 1, 20 jan. 2013.

<sup>22</sup> FERREIRA, Antônio Eugênio Araújo. Mais uma crise no carnaval: filme repetido com heróis e vilões de sempre, mas com cores novas. **Blog de Joel Jacintho**, São Luís, disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br>

negar e fugir disso, o prefeito Edvaldo Holanda, dificilmente escapará dessa armadilha ideológica, pois como todos sabem, o atual mandatário do executivo municipal professa a religião evangélica, cujos preceitos renegam a festa carnavalesca e recomendam a abstenção e o retiro espiritual.

O carnaval como “festa da carne” e “festa mundana” nunca será prioridade para um governo protestante e se calhar a desculpas admissíveis para contorná-lo, tanto melhor. Agora são os rombos econômicos deixados pelo governo passado que servem de pá cal para o carnaval. No deturpado modelo de democracia brasileira, rombos econômicos recebidos de uma gestão de governo para outras são comuns.

Quando o novo governante é de mesmo partido, tais rombos são disfarçados e remendados, sem escândalos. Mas quando o novo governante é da oposição, assiste-se ao que se vê agora em São Luís, essa enchente de denúncias, descobertas e desmandos, enfim anuncia-se o caos, mas sem lembrar a população de que ele (o novo governante) lutou e brigou para assumir este posto caótico, prometendo consertar tudo.

Edvaldo Holanda tem uma desculpa palpável para inoperância de pelo menos dois anos de governo. “Estamos pagando as dívidas do governo anterior!” – ele dirá. É um filme já visto. Mas o carnaval não tem nada a ver com isso. Aliás, o carnaval é festa das dívidas. Junto com o Natal ele leva o cidadão a gastar o que tem e o que não tem. Neste ponto, religião e mundanidade se irmanam: o cidadão precisa de dinheiro pra brincar o Natal e o Carnaval.

E se não tem, abrem-se os créditos, compra-se fiado. Entre dezembro e fevereiro todo mundo se endivida. Pois se o cidadão consegue fazer isso, como o município, enquanto poder constituído, não consegue? Não há dinheiro, pede-se emprestado, endivida-se.

Depois pense em como pagar [...] <sup>23</sup>.

Na capital do Estado do Ceará, por exemplo, a nova gestão que assumiu a Prefeitura de Fortaleza era da oposição ao grupo derrotado – pelo menos naquele pleito eleitoral municipal, pois o embate maior em terras cearenses foi entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Social Brasileiro (PSB), que a nível nacional tem a coligação sacramentada. Pois bem, apesar do novo gestor do município de Fortaleza ser da oposição, nem por isso a prefeitura deixou de realizar o projeto carnavalesco daquela cidade alegando dificuldades financeiras.

Assim, na capital cearense, ao contrário da capital maranhense, houve investimentos e os grupos carnavalescos cearenses ficaram satisfeitos, principalmente os grupos de mara-

---

<sup>23</sup> FERREIRA, Antônio Eugênio Araújo. Mais uma crise no carnaval: filme repetido com heróis e vilões de sempre, mas com cores novas. **Blog de Joel Jacintho**, São Luís, disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br>

catu, que talvez representem a melhor identidade original do carnaval daquele estado, evitando os prejuízos ocorridos em terras timbiras. Em Fortaleza também existem escolas de samba, todavia elas são montadas com uma estrutura muito inferior que as maiores escolas de samba de São Luís, porém garantindo ao grupo todos os itens que compõem a formação tradicional de uma escola de samba, só que em proporção bem menor.

## 2.7. PREJUÍZO MORAL E EMOCIONAL

Se o prejuízo material foi grande para os grupos carnavalescos e produtores de ações afins ao ciclo carnavalescos ludovicense, registra-se que em muitos extratos sociais o prejuízo maior foi emocional, uma vez que as pessoas se prepararam para esse ciclo de forma muito particular, criando uma atmosfera simbólica que é construída ao longo dos 12 meses que antecedem o período carnavalesco propriamente dito. Esse prejuízo emocional não tem preço, mas ficam registrados nele as frustrações da não concretização dos sonhos, como o de desfilar numa ala ou carro alegórico de uma escola de samba, ou o de desfilar num bloco tradicional com uma fantasia luxuosa ou original que pudesse desafiar os grupos concorrentes, como normalmente acontece na capital maranhense.

Quando falamos em prejuízo emocional para toda uma camada populacional que gosta de carnaval, referimo-nos, portanto, à saúde mental e espiritual do povo sambista e carnavalesco e é fato que não se justifica deixar de realizar a festa por conta da incapacidade gerencial dos governantes ou deficiências de outras pastas da estrutura municipal, pois a cultura carnavalesca não tem culpa desse cenário, aliás ele até será objeto inspirador para ser utilizado como fantasia num quadro de exageros que a prática carnavalesca requer: assim enfermeiros, médicos, pacientes, cadeirantes, delinquentes, super heróis, favelados, monstros, insetos, objetos inanimados, entre tantos outros personagens, serão inspiradores para o ato criativo da fantasia momesca, dando a essa manifestação um outro olhar que conduz à crítica reflexiva.

O antropólogo DaMatta (1986. p. 78), refletindo sobre os desfiles carnavalescos, é

enfático quando afirma que *“as escolas desfilam para convencer”*<sup>24</sup>, comparando essa disputa aos próprios partidos políticos e seus candidatos, que, quando disputam um processo eletivo, entram na disputa para ganhar. Talvez seja por isso que o carnaval desperte tanta paixão. Para esse antropólogo, essa paixão conduz a uma cumplicidade entre quem “brinca” e quem “assiste” o desfile momesco, pois todos os atores envolvidos estão de acordo com as regras do jogo, que são do conhecimento de todos, o que raramente é verificado com as eleições partidárias, “[...] onde há um sistema de normas feitas em linguagem complexa (ou jurídica), praticamente intraduzíveis para o leigo que escondem tudo o que se quer fazer [...]”<sup>25</sup>.

Nesse quadro de constatação do envolvimento emocional do carnaval, DaMata destaca algumas peculiaridades, que relacionamos a seguir:

“[...] No carnaval brasileiro, cria-se uma situação onde tudo é altamente compensado, sobretudo a possibilidade que se vê no desfile: a possibilidade de trocar de lugar, mesmo quando ela pode conduzir a uma eventual inversão da própria ordem moral [...]”<sup>26</sup>.

“[...] Essa sociedade, cujo poder é totalmente masculinizado, veste-se e comporta-se como uma mulher. As fantasias dificilmente permitem separa os sexos, do mesmo modo que há uma notável ausência de tudo o que é fálico (lanças, espadas, etc) [...]”<sup>27</sup>.

“[...] Nesse sentido, uma de suas experiências coletivas mais formidáveis seria a possibilidade de finalmente “ver” e, talvez mais importante que isso, de “sentir” o Brasil. No carnaval, o Brasil das bandeiras, das constituições e perturbações, o Brasil dos golpes e contrabandos, dos escândalos e dos verões, dos infernos e dos fantasmas, das batalhas e farras, dos preconceitos e dos feudalismos, dos escravos e dos louros holandeses, das casas pintadas de branco e dos amazonas encantados, da história que ninguém leva a sério e do futuro esperançoso, das fábricas e dos bancos, dos metais e dos lençóis, das comidas e dos frescos, da música e dos discursos... de tudo isso que constitui a sua realidade esgarçada, diluída de mil e uma imagens e sentimentos, torna-se alguma coisa limitada e concreta [...]”<sup>28</sup>.

Vale ressaltar que esse conceito de inversão foi muito difundido nos anos 70 do sécu-

<sup>24</sup> DAMATTA, Roberto. **Explorações – Ensaios de Sociologia Interpretativa**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1986, p. 79.

<sup>25</sup> \_\_\_\_\_. Op. cit. p. 79.

<sup>26</sup> \_\_\_\_\_. Op. cit. p. 79.

<sup>27</sup> \_\_\_\_\_. Op. cit. p. 79.

<sup>28</sup> \_\_\_\_\_. Op. cit. p. 84.

lo passado, estando hoje ultrapassado, no entanto, concordamos com DaMatta quando ele considera que a inversão de papéis ocorrida no carnaval só foi possível porque essa manifestação propiciava o exercício democrático, por isso ele sugere que “é precisamente porque há um notável acordo da sociedade sobre o sentido profundo do que seja “vida”, “alegria”, “pobreza”, “sexualidade”, “beleza”, etc”., e conclui com uma pergunta que sugere ser esse o segredo do carnaval, que para nós é um excelente medicamento para manter o bom humor e a saúde mental e espiritual da sociedade em estado inspirador.

Para o pesquisador Eugênio Araújo, o conceito de saúde ampliou-se muito nos últimos anos, fazendo com que hoje as pessoas falem não só em “saúde física e individual, mas em saúde coletiva espiritual, em saúde preventiva, em saúde cultural”. Ressalta este pesquisador que o carnaval é uma festa que ajuda a afirmar a saúde psíquica do nosso povo, por isso brincar o carnaval melhora o astral, sem se preocupar com outros pontos administrativos que atuam no gerenciamento da cidade.

Vale lembrar que os recursos destinados à área cultural são quase sempre os menores de qualquer bolo orçamentário de uma cidade, ou estado e mesmo do governo federal, ficando normalmente inferior mais de vinte ou vinte e cinco vezes que o da saúde e educação, por exemplo. Assim, além de tolher o povo nesse direito de se expressar fomenta-se outras formas de reações ligadas a insatisfação, o que fatalmente leva à impopularidade seus autores e que mais cedo ou mais tarde vão gerar consequências.

Portanto, aqui não cabem argumentos ligados à incapacidade administrativa de outras pastas da estrutura governamental ou à corrupção alegada pela má aplicação dos recursos e desvios do próprio governo ou das escolas de samba e demais grupos carnavalescos. Essa tarefa é dos governantes e de seus equipamentos responsáveis pela fiscalização. Dessa forma, se o governo quer saber como se aplica o dinheiro que é concedido por meio de apoios ou subvenções que fiscalize de forma eficiente. Cortar a subvenção pura e simplesmente do carnaval não vai resolver o problema, mas vai gerar, sim, alto grau de insatisfação com o novo governo municipal.

Quem dá uma alfinetada na forma de conduzir a política cultural de nossa terra, é o ex-Governador do Estado, José Reinaldo Tavares, destacando que “[...] enquanto o governo

federal mostra preocupação com a balança comercial, já que estamos importando mais do que exportamos, o governo do Maranhão faz questão de criar uma balança deficitária para a nossa cultura [...]”<sup>29</sup>, pois, segundo o ex-governador, o atual governo maranhense “[...] contrata a peso de ouro grupos de outros estados, que levam os nossos parcos recursos e deixam nossos artistas à mingua [...]”<sup>30</sup>.

O historiador, jornalista, carnavalesco e ex-dirigente da União das Escolas de Samba do Maranhão, Herbert de Jesus Santos, em um dos poucos artigos publicados na imprensa de São Luís, reforça os argumentos dos descontentes afirmando que “[...] sabemos que saúde, educação, habitação, passadio são prioridades, mas que cultura (a alma do povo), também, é essência [...]”<sup>31</sup>. A cultura (...), segundo Herbert Santos, “[...] é o maior baluarte de um povo, enquanto cria massa conscienciosa para discernimento e preferência coletiva de identidade [...]”<sup>32</sup>.

## 2.8. PUNIÇÃO INSTITUCIONAL

Nesse mesmo artigo, Herbert Santos sugere que está havendo um controle estranho da imprensa, quando escreve: “será que todos pegaram uma “boquinha”, sob nova direção, como degladiaram na carnificina moral estabelecida na campanha a Prefeitura de São Luís/2012?” e continua reafirmando sua suspeita, ao dizer:

[...] é o que esta parecendo, quando observamos a instalação de uma crise intestina no lugar aonde deveria ser erguida a passarela do samba, no Anel Viário, para o tradicional desfile de blocos e escolas de samba, sem uma voz, que não tenha nenhuma mácula ou suspeição de algum deslize, em defesa das manifestações emblemáticas da cultura popular maranhense [...]”<sup>33</sup>.

<sup>29</sup> TAVARES, José Reinaldo. Carnaval de quem? **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 7, 12 fev. 2013.

<sup>30</sup> \_\_\_\_\_. Op. cit. p. 7.

<sup>31</sup> SANTOS, Herbert de Jesus. Direito de resposta aos covardes e inimigos dos blocos e escolas de samba. **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 7, 21 jan. 2013.

<sup>32</sup> \_\_\_\_\_. Op. cit. p. 7.

<sup>33</sup> \_\_\_\_\_. Op. cit. p. 7.

Outro fator intrigante nessa crise que se anunciava é que dirigentes da União das Escolas de Samba do Maranhão chegaram ao cúmulo de anunciar que se alguma escola de samba filiada aos seus quadros desfilasse no carnaval de 2013, seria punida por aquela entidade sob a alegação de desobediência. O mais intrigante nesse episódio é que essa entidade, que se diz representante das escolas de samba de São Luís, não proporciona nenhuma espécie de ajuda financeira para seus filiados, agindo, às vezes, portanto, somente como entidade de fachada, no período de carnaval, para aprovar o regulamento do concurso da passarela do samba propriamente dito, pois ela sequer tem condições de gerenciar a execução do concurso, que é totalmente bancada pela Prefeitura de São Luís.

O porta voz da decisão ameaçadora da União das Escolas de Samba do Maranhão foi o dirigente Tony Mota, secretário daquela entidade, que se pronunciou logo após uma reunião ocorrida na sede da escola Flor do Samba, realizada no dia 14 de janeiro, como foi amplamente divulgado na imprensa local. Tony Mota, para formular sua ameaça, recorreu ao estatuto da entidade, pelo qual considerou que se alguma agremiação desfilasse seria um desrespeito à diretoria da UESMA, portanto, seria punida. Ele só não disse qual seria a punição das escolas de samba rebeldes.

A punição anunciada pelo dirigente Tony Mota foi motivada pelo fato das escolas de samba Turma do Quinto e Favela do Samba terem anunciado que iriam desfilar de qualquer maneira, pois essas agremiações já estavam com sua produção para o desfile de 2013 bem adiantada, com mais de 50% (cinquenta por cento) do seu projeto pronto, fato de que os dirigentes da UESMA eram conhecedores, mas nem por isso se mostraram sensibilizados com o esforço implementado pelas diretorias dessas duas escolas, preferindo usar de uma tática chantagista, ameaçando não desfilar, e que não obteve êxito junto aos dirigentes da Fundação Municipal de Cultura.

Por outro lado, essa medida ameaçadora da diretoria daquela entidade que deveria representar os interesses das suas filiadas, representou uma postura de órgão opressor, lembrando as táticas dos tempos ditatoriais. Além disso, alegam os dirigentes das escolas de samba ameaçadas que a questionável União das Escolas de Samba do Maranhão nada faz

para angariar recursos financeiros para ajudar na produção daquelas agremiações carnavalescas.

Dessa forma, a ameaça da UESMA foi considerada injustificável, além disso essa ameaça formulada pelo secretário da União das Escolas de Samba do Maranhão foi amplamente publicizada nos órgãos da imprensa local e teve ainda grande ênfase nos releases enviados aos órgãos de imprensa de São Luís pela Secretaria Municipal de Comunicação. O irônico em tudo isso é que a reunião que decidiu essa famigerada punição ocorreu na sede de uma escola de samba co-irmã: a Flor do Samba, no bairro do Desterro.

Sobre a União das Escolas de Samba do Maranhão, a entidade não tem ação legitimada no meio social de São Luís, ficando seus sócios, que são os dirigentes das escolas de samba e algumas outras entidades de menor expressão, preocupados com seu funcionamento só dois, três ou quatro meses antes do período propriamente dito do carnaval. O restante do ano é totalmente inoperante e os dirigentes da entidade, mesmo que tentem, não conseguem se reunir ao longo do ano, a não ser quando tem alguma verba sinalizada para investimento por meio de “apoios” ou “contratações” de grupos.

Resumindo o fio da meada, a UESMA, assim como a Associação Maranhense de Blocos Carnavalescos e a Academia Maranhense de Blocos Tradicionais, são entidades “simbólicas”, quase de fachada, pois não há alternância de poder, pois as eleições são feitas com a prática de cartas marcadas e as ações praticamente inexistem ao longo do ano. Infelizmente essa constatação foi a que verificamos enquanto gestor da Fundação Municipal de Cultura.

Sobre essa manipulação das entidades representativas do segmento carnavalesco, verificamos que existem no meio sociocultural de São Luís grupos de organizadores de grupos carnavalescos preocupados com essa organização, mas que esbarram nas medidas legais adotadas pelos dirigentes dos grupos, que, nos momentos decisivos de passar o poder, se articulam de forma sutil para manipular as eleições, fazendo rodízio dos dirigentes das entidades.

Esse rodízio de dirigentes é, na prática, uma forma fraudulenta de administrar entidades culturais e de outros setores, que já chamou a atenção do Ministério Público Estadu-

al, por meio da 1ª Promotoria Especializada em Fundações e Entidades de Interesse Social, fazendo com que, no início de 2012, fosse baixada uma recomendação aos órgãos públicos e privados do Estado do Maranhão, incluindo as Prefeituras, solicitando que não celebrassem “Convênios” ou “Contratos” com empresas que não tivessem “Atestado de Existência e Regular Funcionamento”, fornecido por aquele MPE.

Dessa forma, o “Atestado de Existência e Regular Funcionamento”, fornecido pelo Ministério Público Estadual, foi uma maneira que a primeira promotoria especializada encontrou para inibir práticas fraudulentas de entidades culturais e que atuam no terceiro setor, para não se deixar ser instrumento de desvios de recursos financeiros de origem pública, tão bem utilizadas por políticos para uso de emendas parlamentares, que são normalmente carimbadas no ato de suas concessões.

Confessamos que pudemos constatar isso quando estivemos no comando da Fundação Municipal de Cultura de São Luís, ao recebermos os projetos enviados pelos membros da Câmara de Vereadores da capital maranhense, indicando as entidades do terceiro setor que deveriam ser contempladas com os recursos de suas emendas parlamentares, portanto com os recursos totalmente “carimbados” e já com destinação definida, pelo menos para assegurar a aprovação junto aos órgãos fiscalizadores, e, posteriormente, sua execução, que tinha o gerenciamento direto do vereador concedente.

Normalmente, os recursos oriundos das emendas parlamentares são liberados para os políticos de todos os partidos, sejam da situação ou da oposição, pois a negociação, quando feita com o gestor da cidade, é feita de forma laica para evitar grandes questionamentos na tribuna da Câmara de Vereadores. Evidente que sempre havia recomendações para se agilizar o atendimentos dos aliados, depois os outros. O difícil era fazer com que os vereadores providenciassem as prestações de contas de suas entidades apadrinhadas.

Por outro lado, Eugênio Araújo chama atenção para o fato de que São Luís, em se tratando de cultura carnavalesca, viveu, nos últimos quatro anos, as melhores festas do circuito de passarela, incluindo os concursos dos últimos 20 anos. Esse pesquisador destaca ainda que:

[...] Primeiro, a infraestrutura da passarela para os desfiles foi a melhor que a cidade já viu,

moderna, bem iluminada, urbanizada, um tratamento antes só dispensado às micaretas. Segundo, a Comissão de Carnaval conseguiu um feito: disciplinar os desfiles de blocos e escolas de samba, seguindo horários pré-determinados, penalizando atrasos e evitando transtornos. Sob o governo Castelo, São Luís viu alguns desfiles mais bem organizados dos últimos anos e de nível sensivelmente melhor. Terceiro: a certeza de que a cidade teria um palco de apresentações digno levou as agremiações a investirem mais em seus desfiles, pois a sua participação no evento era garantida desde novembro, isso ajuda a planejar e melhorar o resultado final. Por tudo isso e conjuntamente com os investimentos do governo do estado no carnaval de rua, ocupando o centro histórico da cidade, São Luís viveu, nos últimos 4 anos, grandes festas carnavalescas, impressionando nossos turistas mais frequentes como piauienses, paraenses, goianos e cearenses. Comparada com capitais destes estados, São Luís faz a melhor festa da região. E digo isso com conhecimento de causa, pois passei os últimos 3 carnavais entre Belém, Teresina e Fortaleza em processo de pesquisa de pós-doutorado [...]<sup>34</sup>.

## 2.9. DESMONTANDO O PROJETO SONHADO

Nesse universo de frustrações, estão também as viagens planejadas pelos amigos, parentes ou simpatizantes das manifestações culturais de São Luís que deveriam se encontrar naquele período momesco e que, com o malfadado anúncio da não montagem da passarela do samba, tiveram esse projeto abortado; registrou-se, ainda, a frustração da grande maioria dos grupos de blocos tradicionais e dos foliões simpatizantes dos desfiles oficiais, que se produzem para esse momento, pois os compromissos do chamado carnaval de rua são cumpridos quase sempre com parte das fantasias, sendo que muitos organizadores desses grupos preferem recolher as indumentárias e acessórios mais caros para serem reciclados em um futuro próximo ou no desfile da próxima temporada.

Um exemplo clássico desse recolhimento de material ou parte das indumentárias e acessórios das fantasias são “plumas classificadas de chorona”, “penas de faisão”, “penas de pavão” ou “planejamentos bordados em pedras semi preciosas”. No cenário da cidade de São Luís, o bloco tradicional “Príncipe de Roma” é um dos grupos que é reconhecido pelo rótulo de se produzir exclusivamente para o concurso da passarela do samba, sendo que, logo após o concurso, os principais elementos que compõem a fantasia daquele bloco, que

---

<sup>34</sup> FERREIRA, Antônio Eugênio Araújo. Mais uma crise no carnaval: filme repetido com heróis e vilões de sempre, mas com cores novas. **Blog de Joel Jacintho**, São Luís, disponível: <http://joeljacintho.blogspot.com.br>

tenham algum valor material significativo, são recolhidos e estocados para reaproveitamento posterior.

Dessa forma, os demais contratos para apresentações na temporada gorda de carnaval são feitos com uma fantasia adulterada em relação à apresentada na passarela do samba e, geralmente, essa adulteração acontece pela substituição de parte dos elementos que compõem o projeto original da fantasia. Essa substituição ou troca de parte do projeto original da fantasia do grupo pode ser feita com a troca do adereço de cabeça por outro (um chapéu ou boina ou boné, por exemplo); ou eliminação da ombreira ou manto costeiro nas fantasias de bloco tradicional de São Luís, pois o manto costeiro é elemento quase que obrigatório, numa menção às roupas da realeza utilizadas pelos nobres portugueses e demais povos europeus.

São ainda elementos comumente trocados nas apresentações não oficiais dos blocos tradicionais da capital maranhense a substituição das botas por sapatilhas ou tênis; troca da vestimenta de parte superior do tronco que normalmente são camisas ou roupões estilizados e bordados com elementos brilhosos por camisas plotadas com a temática do grupo e quase sempre poluídas com logomarcas de apoiadores, entre outras permutas. Essas substituições de parte das fantasias podem ser consideradas uma espécie de fraude, pois terminam burlando a boa fé do povo que não conhece a manifestação a fundo, como os pesquisadores de outras localidades, turistas e os amantes do carnaval local.

Diante desse quadro de esperteza dos organizadores dos blocos tradicionais, sugerimos, pessoalmente, que essa prática fraudulenta de substituir parte dos elementos das fantasias para cumprir contratos de apresentações em locais não oficiais, como o cuidado que eles tem quando se apresentam nos concursos que ocorrem na passarela do samba, é, atualmente, uma que já está totalmente apreendida pelos organizadores dos grupos carnavalescos, portanto, no nosso ponto de vista, já se tornou uma “prática ritual” dentro da temporada carnavalesca de São Luís, que tem levado alguns contratantes a impor regras que possam ser cobradas ou penalizadas.

Por isso mesmo, esse relacionamento ganha característica de “drama social”, como

preconizou Victor Turner<sup>35</sup> ao mencionar que as sociedades se reinterpretem periodicamente e se arranjam de forma não ordinária, produzindo um discurso para si mesma, ou seja, ela vai se adequando às regras e normas, às dificuldades e às facilidades da ordem vigente, num posicionamento similar ao formulado por Clifford Geertz<sup>36</sup> quando, referindo-se a ritual, disse que ele é “uma história que a sociedade conta para si mesma de um certo ponto de vista”<sup>37</sup>.

A nível de relacionamento institucional, os grupos carnavalescos de São Luís tem sido cobrados, nos últimos anos, pelos gestores da Secretaria de Estado da Cultura a se apresentarem com a sua fantasia completa, nos locais que são indicados para cumprimento da agenda de apresentações por meio de contratos, pois o interesse do poder público, segundo opiniões reveladas à imprensa, é vender um produto que desperte interesse e consumo, que seja bonito de ser visto e tenha qualidade enquanto produto turístico, o que se chama “cultura popular maranhense”.

Essa pressão ocorre sempre quando os grupos vão assinar contratos de apresentações para cumprir compromissos que deveriam atingir as temporadas oficiais do carnaval e do São João, durante as quais o governo estadual vem desenvolvendo temporadas regulares e que, no universo ludovicense, já se convencionou denominar pelos moradores da cidade de “carnaval de circuito de rua” ou ainda de “carnaval de circuitos dos vivos” (praças construídas ou reformadas pelo governo estadual em diversos bairros da capital).

---

<sup>35</sup> Victor Witter Turner foi um eminente antropólogo britânico, muito conhecido por seu trabalho com símbolos, rituais e ritos de passagem. Trabalhou com Clifford Geertz e Richard Schechner. No drama social de Turner, são quatro momentos: (1) ruptura, (2) crise e intensificação da crise, (3) ação reparadora e (4) desfecho (que pode levar à harmonia ou à cisão social). A crítica de Clifford Geertz (1983b, p. 28) aos usos deste modelo aponta que, nos estudos de Turner, o modelo vira “*uma fórmula para todas as estações*”.

<sup>36</sup> Clifford James Geertz foi um antropólogo estadunidense, professor emérito da Universidade de Princeton, em Nova Jérsei, nos Estados Unidos. Seu trabalho no “Institute for Advanced Study” de Princeton se destacou pela análise da prática simbólica no fato antropológico. Foi considerado, por três décadas, o antropólogo mais influente nos Estados Unidos. Com cerca de vinte livros publicados, Clifford Geertz foi um dos principais antropólogos do século XX, importante, assim como Claude Lévi-Strauss, não apenas para a própria teoria e prática antropológica, mas também fora de sua área, em disciplinas como a psicologia, a história e a teoria literária. Considerado o fundador de uma das vertentes da antropologia contemporânea - a chamada Antropologia Hermenêutica ou Simbólica ou Interpretativa, que floresceu a partir dos anos 50.

<sup>37</sup> GEERTZ, Clifford *apud* DAMATTA, Roberto. **Explorações – Ensaio de Sociologia Interpretativa**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1986, p. 84.

Dessa maneira, essa medida de cobrar apresentações com a fantasia completa por parte da Secretaria de Estado da Cultura foi considerada, por significativa parcela do meio artístico sociocultural de São Luís, como uma medida moralizadora, além de ser uma medida que precisa ser cobrada permanentemente, desestimulando a prática de vender gato por lebre, o que, em outras palavras, se constitui na institucionalização da fraude burlesca das apresentações artísticas.

Verificamos que isso ocorre porque as práticas foram estimuladas pelas próprias ações de clientelismo desenvolvidas na esfera estadual, lembrando que o poder público do governo do estado, por meio de seus aliados, sempre adianta parte dos valores referentes aos cachês dos grupos contratados aos seus coordenadores, ou seja, antecipa-se o pagamento de uma percentagem dos contratos das agremiações carnavalescas, o que serve para ajudar na produção artística dos grupos, principalmente aquisição de materiais e pagamento de serviços especializados.

Nesse cenário de produção dos grupos carnavalescos na capital maranhense, constatamos que a grande maioria dos blocos tradicionais foi a primeira a se preocupar com essa produção da agremiação enquanto entidade atuante e que se preocupa com seus integrantes, antecipando viagens para comprar os diversos materiais utilizados na confecção das fantasias (tecidos, pedras semipreciosas, galões, plumas, penas, lantejolas, chichilas, aljofres, etc.) por preços mais em conta, pois a prática dos últimos quatro anos do carnaval da capital maranhense havia resgatado a credibilidade do carnaval de passarela, estimulando e aguçando a competição entre si.

Vale lembrar que essas viagens dos dirigentes e produtores de blocos tradicionais e demais grupos carnavalescos da região metropolitana da capital maranhense geralmente são para a região sudeste (que eu prefiro chamar de “sudestina”<sup>38</sup>) do Brasil, porque os preços praticados em terras maranhenses são bastante majorados, chegando-se a atingir índices de lucro que superam os 100% (cem por cento), por isso o estímulo e prática de se viajar para

---

<sup>38</sup> Se a região nordeste pode ser apelidada e adjetivada como região nordestina, dou-me o direito de apelidar e adjetivar a região sudeste de sudestina, sem querer configurar que se trata de uma região de menor porte qualitativo, até porque não é, pois se trata da região mais desenvolvida do país.

comprar materiais por preços mais em conta, em outras praças, mormente para as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, onde a indústria carnavalesca tem maior variedade de produtos.

Dessa maneira, o anúncio da não construção da passarela, além da frustração emocional, fez com que vários organizadores de grupos carnavalescos brecassem parte do planejamento inicial do seu grupo, referente ao projeto de fantasias e adereços para uma execução sem os rigores que os concursos da passarela do samba requerem, jogando no lixo, como água ladeira abaixo, toda concepção de indumentárias, adereços e surpresas previstas para o figurino de cada grupo.

Portanto, nessa prática de desconstrução promovida pela ausência da passarela do samba, implanta-se, no meio carnavalesco da cidade, uma ação de desestímulo gradativo junto aqueles personagens que mais se dedicam e se doam entusiasticamente na produção artística, assim como naqueles que seguram a coordenação administrativa do grupo, provocando um efeito cascata, que termina contaminando o coletivo grupal, inclusive a participação popular.

Exemplo dessa adulteração do projeto de fantasia foi constatado com o bloco tradicional “Os Feras” que havia contratado o atelier do carnavalesco Pedro Padilha para confeccionar o adereço de sua cabeça, que era inspirado numa coroa em três camadas, lembrando um chapéu de arlequim, tendo nas pontas pompons de organza (ou tecido similar) na cor vermelha e ao centro plumas choronas novas, as quais foram substituídas por plumas utilizadas em carnavais passados e com uma quantidade bem inferior do que a prevista inicialmente. Desse modo, a coroa de três camadas do referido bloco passou a ter somente duas camadas, suprimindo as plumas novas e reutilizando plumas velhas, em número bem menor.

Outro exemplo de supressão de parte da fantasia registrou-se junto ao bloco tradicional “Os Brasinhas”, que deveria desfilas com uma fantasia inspirada numa ave fênix, lembrando o fogo de paixão. Pois bem, a fantasia deveria ter uma asa que comporia a rica base do vestuário nas cores amarelo e vermelho, que foi eliminada na reta final de confecção da fantasia para evitar gastos desnecessários, pois a ausência do concurso oficial tornou-se

um desestímulo.

Portanto, esse desestímulo levou os organizadores dos grupos carnavalescos a rever suas posições de competidores no carnaval local, bem como a avaliar que não era mais justificada a realização de mais gastos, por parte da coordenação do grupo - o que provocava endividamento - uma vez que não haveria mais embate competitivo entre os grupos, quando são comumente avaliados letra do samba-tema, fantasia, evolução, conjunto e melodia. Enfim, a ação abortada era, na prática, o motivo pulsivo para doação dos integrantes de cada agremiação carnavalesca, pois eles ajudavam a construir o sonho de ser o melhor, de ser campeã do carnaval, que só a passarela proporciona.

## 2.10. PRÁTICA REPETIDA EM OUTRAS LOCALIDADES

Os defensores do discurso oficial e dos dirigentes que assumiram o rótulo de “chapa branca” podem até alegar que a medida foi para enfrentar um momento de dificuldades, medida que foi repetida em outras cidades do interior brasileiro e em Florianópolis, capital de Santa Catarina, tendo essa suspensão também provocado grandes transtornos para as escolas de samba daquela cidade, pois todas elas já haviam recebido investimentos da iniciativa privada, faltando a fatia que cabia ao poder público. Resultado: todas as escolas tiveram que recolher e guardar o material produzido previamente para ser reaproveitado no ano seguinte.

Outra capital que havia cancelado os desfiles de suas escolas de samba, foi a cidade de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia, conforme informação divulgada no site G1 de 17 de janeiro de 2013, ligado a Rede Globo. Diziam as informações que o desfile das escolas de samba não seria realizado na semana gorda de carnaval em razão da falta de repasse de ajuda financeira pela Fundação de Cultura de Porto Velho às sete escolas do grupo especial, aliado, ainda, à falta de tempo para confecção de carros alegóricos e fantasias.

Por isso, o desfile das escolas de samba de Porto Velho seria transferido para os dias 1 e 2 de março, devendo ainda ter adequações no regulamento do concurso das escolas de samba, como a diminuição da quantidade de carros alegóricos que deixaria de ser de 3 car-

ros para apenas 1, assim como haveria a redução do números de alas. Essa medida acordada entre o poder público e as escolas da capital rondonense foi abortada dez dias depois do primeiro anúncio com a suspensão definitiva dos desfiles das escolas de samba em 2013, em Porto Velho.

Saindo do cenário de capital, verificamos que pelo menos dezesseis cidade do interior de estados brasileiros cancelaram os desfiles carnavalescos, estando entre ela as cidades de Ilhéus-BA, Petrópolis-RJ, Santa Rita do Sapucaí-MG, Itaquaquetuba-SP, Guaratinguetá-SP, Suzano-SP, Ferraz de Vasconcelos-SP, Marília-SP, Lorena-SP, Itapetininga-SP, Porto Feliz-SP, Assis-SP, Santana do Livramento-RS, Alegrete-RS e Esteio-RS. Quase todas com dificuldades financeiras deixadas pelo gestor anterior, pois, segundo os novos titulares municipais, os cofres da prefeitura foram encontrados vazios e sem providencias de contratação de serviços essenciais para realizar a festa momesca.

Entre as cidades interioranas uma pelo menos teve seu cancelamento justificado sem grandes contestações, não havendo também a alegação de dificuldades financeiras deixadas pelo ex-gestor. Trata-se da cidade de Esteio, localizada na região metropolitana de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul: o motivo da não realização do carnaval em Esteio teria sido a catástrofe ocorrida na “Boite Kiss”, que, na madrugada dia 27 de janeiro de 2013, na cidade de Santa Maria, matou 242 pessoas (maioria de jovens) e deixou dezenas de feridos, provocando grande comoção nacional, principalmente junto ao povo gaúcho.

Na cidade de Esteio, o carnaval de desfile de passarela foi transferido para o dia 9 de março, sábado, incorporando-se às festividades do aniversário da cidade. Portanto, neste caso, não houve cancelamento e sim adiamento. A festa da escolha da corte de Momo, que naquela cidade gaúcha é chamado “muamba”, foi realizado no dia 22 de fevereiro, seguida de apresentações de shows de cantores e bandas regionais, blocos carnavalescos e da bateria da escola de samba Salgueiro.

Pode-se considerar ousada essa medida da administração do município de Esteio. Ao efetivar a mudança de data da manifestação carnavalesca, pois o calendário cristão, seguido pelo mundo ocidental, não prevê essa festa pagã no período da quaresma, já que essa festividade após a quarta-feira de cinzas é, de certa forma, uma afronta às comemorações simbolicamente

mente cultuadas pela Igreja Católica Apostólica Romana, independentemente dos dogmas religiosos católicos ou evangélicos, que caracterizam a fé cristã.

O gestor da cidade de Esteio, ao transferir a data da temporada carnavalesca da primeira quinzena de fevereiro para o mês de março, faz uma movência que poderá gerar imbrólios favoráveis ou desfavoráveis e somente uma análise posterior, baseada principalmente em dados estatísticos, responderá parte das indagações que eventualmente venham surgir, lembrando, todavia, que o motivo da não realização das comemorações momescas naquele município foi algo inesperado e excepcional, que mexeu com a autoestima de todo um povo ao longo do país e do mundo.

Portanto, não há o que questionar nessa ação administrativa da prefeitura de Esteio, que praticamente foi alvejada com a dor de pessoas que foram abaladas por um acontecimento extraordinário, inesperado, e que residiam tão próximas geograficamente, o que fatalmente mexeu com o conjunto populacional daquela região, atingindo em especial o estado de espírito e a condição emocional individual e coletiva do povo.

De qualquer forma, no município de Esteio, a medida pode ser considerada mais amena, uma vez que a transferência de datas necessariamente não deverá ter o mesmo efeito do cancelamento ocorrido na Ilha de São Luís, onde se localiza a capital maranhense, lembrando, ainda, que, nessas duas cidades, o significado das manifestações populares do ciclo carnavalesco tem pesos bem distintos, assim como a diversidade de manifestações e ritmos e, com certeza, os significados desses festejos tocam as populações desses dois lugares, de forma também com nuances bem diferentes.

## 2.11. PROCURANDO CAMINHOS

Feitas essas alegações iniciais sobre os questionamentos da suspensão da construção da passarela do samba em São Luís, um universo de indagações surge, partindo de pontos de vista distintos, por isso nosso ensaio pretende fixar o foco nas questões que colocamos a seguir.

- A conexão religiosa teria sido fator determinante para a suspensão do carnaval de pas-

sarela em São Luís do Maranhão no ano de 2013, apesar da forte presença das manifestações de cultura popular no imaginário do povo mais carente da capital maranhense?

- A motivação política é capaz de enfraquecer grupos populares para atender dogmas da religiosidade, apesar de se saber que os praticantes dos grupos culturais são também eleitores, provocando o enfraquecimento desses grupos populares?

- Até que ponto o interesse público pode conflitar num campo de batalha simbólico com os interesses culturais oriundos das regiões periféricas e centrais de uma cidade considerada polo difusor de cultura como São Luís?

- Até que ponto os serviços públicos como saúde, educação, segurança e infraestrutura devem ser considerados prioridades máximas capazes de ignorar os valores culturais e históricos de uma coletividade?

- Há outros interesses que levaram à decisão da Prefeitura de São Luís de não construir ou montar a passarela do samba que não foram bem explicitados?

Deixamos claro que não compartilhamos com as críticas de que o carnaval de passarela de São Luís é uma imitação pobre do carnaval carioca, e que é, ainda, classificado como um carnaval de imitação estética de mau gosto. Será que tais críticas influenciaram essa decisão de suspender essa manifestação em 2013?

Quem opina de forma contundente sobre as críticas de que vivemos um mundo de imitação do carnaval carioca é o professor Fábio Henrique Monteiro Silva, que condena qualquer discurso comparando as escolas de samba de São Luís com as escolas de samba do Rio de Janeiro, pois segundo ele “tal assertiva é proporcional ao desconhecimento daqueles que dizem que o carnaval está carioquizado, termo não dicionarizado, no entanto, muito dito em São Luís do Maranhão para tentar depreciar o desfile das nossas escolas de samba”<sup>39</sup>.

Esse mesmo professor é enfático, quando afirma:

[...] As escolas de samba de São Luís e do Rio de Janeiro são fruto do mesmo gênero musical:

<sup>39</sup> SILVA, Fábio Henrique Monteiro. O carnaval e a passarela do samba. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 4, 27 jan. 2013.

o samba. Além disso, o surgimento dessas agremiações deu-se no mesmo período. No Rio de Janeiro, foi fundada a Mangueira em 1928, ano em que se deu a fundação da Turma de Mangueira, em São Luís. Ambas as escolas foram aos poucos se transformando até chegar ao atual estágio. As transformações nas escolas de Samba fazem parte da cultura do Carnaval, que está sempre em processo de construção [...] <sup>40</sup>.

Nesse jogo de interesse, política e religião podem andar juntas ou seus militantes devem ser distinguidos em campos completamente opostos. Essas hipóteses serão objeto catalisador deste ensaio que se apoiará nos teóricos que estudaram as grandes transformações socioculturais ao longo da história, principalmente as ocorridas nas duas últimas décadas do século passado, quando houve uma significativa mudança das relações, inclusive tecnológicas, ao ponto de se mudarem os conceitos hoje considerados quase romanticamente de “aldeia global” para a era digital, modificando os comportamentos do imaginário coletivo das sociedades.

Esse comportamento do imaginário coletivo adquire um conceito amplo desdobrado em várias vertentes, que passam pela ótica social, econômica, religiosa, etnográfica, iconográfica pelas quais o cidadão pode ser considerado o centro dos interesses. Mas, ao mesmo tempo, são plantadas novas leituras que vão além das simples ações administrativas de um setor público, em que um gestor municipal, com uma canetada, pode interferir na vida individual e coletiva das pessoas, deixando marcas profundas no universo em que atua.

Dentro desse entendimento, os militantes e estudiosos da cultura se transformam e também são objeto de estudo, o que pode trazer à tona questionamentos ligados a constituição de lideranças, poder simbólico e reconhecimento, quando tentamos compreender o papel dos líderes dos grupos carnavalescos de São Luís, pois o carnaval propicia isto, principalmente porque exercita o imaginário de pessoas simples e pessoas formadoras de opiniões que agregam em torno de si várias outras lideranças produtivas em diversas funções, viabilizando inclusive redes criativas de produção e gerando trabalho e renda.

Assim, como poderiam compreender o papel dos líderes e organizadores de grupos carnavalescos, que em São Luís são normalmente denominados de “brincadeiras” e cujos líderes quase sempre são pessoas simples oriundas de todas as camadas populares que vem

---

<sup>40</sup> SILVA, Fábio Henrique Monteiro. O carnaval e a passarela do samba. *Jornal O Estado do Maranhão*, São Luís, p. 4, 27 jan. 2013.

das margens e que se deslocam para os centros urbanos? Ressalte-se que essas lideranças tiveram uma expectativa cancelada durante o carnaval de 2013 na capital maranhense, por uma medida administrativa considerada precipitada.

Só para melhor compreender nosso raciocínio sobre as lideranças dos grupos carnavalescos e culturais de São Luís, sem deixar dúvidas de que são detentoras de um poder legitimado, essas personagens funcionam como uma peça de jogo de dominó, quando, após divididas suas funções, elas passam a influenciar outros personagens de poder menor, mas que terminam sendo fundamentais na rede criativa do grupo, pois suas funções também vão somar no final de tudo. Exemplo dessa prática são os organizadores de alas, que precisam dos serviços de costureiras, que, por sua vez, necessitam de auxiliares e assim por diante.

Reforçando ainda esse ponto de vista, poderíamos questionar também como ficaram os outros agentes sociais, considerados de menor importância dentro da cadeia produtiva do carnaval e da cultura popular maranhense (ferreiros, coreógrafos, aderecistas, etc.), que, da mesma forma, dependiam de atitudes otimistas, alinhadas e identificadas ao viés construtivo (e propositivo) com a ação de confirmar a realização do evento festivo, assim como garantir o rito de passagem na temporalidade da cidade.

Portanto, o ato de bloquear e desconstruir essa festividade, que se passa na passarela do samba com seus vários concursos específicos, frustrando, de maneira fulminante, todo um anseio popular que pulsa de forma contundente no imaginário do povo ludovicense e que foi construído ao longo dos últimos meses, deixa marcas em todos aqueles que apreciam essas manifestações, reprimindo, inclusive, o humor que normalmente seria demonstrado pelas pessoas.

Nesse campo de ação secundário, estão os outros elementos ou agentes sociais que desenvolviam papéis considerados de menor relevância, como os coordenadores de tarefas, mas nem por isso sem importância para a maquinação construída ao longo da história e que frutificou no meio social. Observa-se isso, principalmente nos espaços da periferia e das margens da área central da cidade, que, se ramificando em diversos extratos sociais, faz surgir uma ordem social baseada nos valores sociais e culturais herdados principalmente do povo africano e que, mais tarde, viria se adequar aos valores deixados pelo povo europeu.

## 2.12. CONTROLANDO A MÍDIA

Nesse raciocínio, queremos reforçar a ideia de que o carnaval é um misto cultural, que foi ao longo do tempo hibridizado e alimentado por várias fontes culturais, que fazem (as fontes) do povo um laboratório miscigenado de crenças oriundas da população afrodescendente, europeia e do povo indígena, que aqui já vivia desde o descobrimento do país, portanto, somos fruto de uma simbiose multicultural e aberta a negociações.

Essa ação administrativa do prefeito de São Luís não se dá por acaso, ela tem conexão também construída ao longo do tempo pela vertente religiosa ou pela corrente opositora do poder legitimado no Estado do Maranhão, que vivencia uma corrente política considerada oligárquica, sedimentada nos últimos 45 anos e que também não pode ser ignorada dentro de um contexto mais amplo de consolidação de poder. Os fatos que se sucederam logo após o anúncio do cancelamento da construção da passarela do samba em São Luís não foram reações voluntárias como os detentores do poder municipal constituído quiseram demonstrar, quando tentaram convencer a maioria da população, por meio da ação midiática.

Houve medidas administrativas dos setores públicos que influenciariam, por exemplo, o controle da imprensa escrita, falada e televisionada, no sentido de não se publicar matérias informativas e opinativas contrárias à medida oficial da prefeitura, fato que é relativamente grave, pois trata-se de controle da mídia ou censura prévia disfarçada, tendo levado o jornalista Herbert Santos, no artigo “Direito de resposta aos covardes e inimigos dos blocos e escolas de samba”, a supor que: “[...] será que todos pegaram uma “boquinha”, sob nova direção [...] sem uma voz, que não tenha nenhuma mácula ou suspeição de algum deslize, em defesa às manifestações emblemáticas da cultura popular maranhense [...]”<sup>41</sup>.

Os programas radiofônicos de variedades e opinativos foram blindados para não estimular a revolta dos produtores carnavalescos, colocando-se em pauta a ação “taxada de benéfica” pelo novo prefeito da capital maranhense, quando destinou 50% (cinquenta por cento) dos recursos financeiros para a área da saúde, jogando num campo de batalha

---

<sup>41</sup> SANTOS, Herbert de Jesus. Direito de resposta aos covardes e inimigos dos blocos e escolas de samba. **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 7, 21 jan. 2013.

as áreas da “cultura X saúde” para sensibilizar e convencer o povo, como se a área cultural fosse um segmento inferior e que poderia ter seu campo de ação cancelado para socorrer um outro mais premente e vital para a sociedade.

Se por um lado os órgãos de imprensa foram quase todos blindados para evitar a publicação das opiniões contrárias ao cancelamento da passarela do samba, por outro lado, um número significativo dos profissionais de imprensa que comandavam programas midiáticos divulgando a atividade da área cultural foram orientados para direcionar o debate dessa temática na questão saúde, evitando maiores embates na área cultural.

Dessa forma, as tentativas do público ao interagir com os programas radiofônicos que tem participação popular viam qualquer tentativa de questionamento sobre o carnaval, sufocada, pois os interlocutores dos programas midiáticos desviavam o foco, sugerindo aos ouvintes (e ao povo em geral) que opinassem se o prefeito tinha ou não razão de mandar os recursos financeiros do carnaval para a área da saúde, induzindo interpretações favoráveis.

Além disso, a militância ligada aos partidos vitoriosos do último pleito eletivo foi também acionada e colocada de plantão para estar interagindo com os programas midiáticos e veículos de comunicação, a fim de emitir opiniões favoráveis, desqualificando algum corajoso que conseguisse furar o bloqueio armado, estando, também, nessa vertente os militantes de religiões evangélicas, que não se esquivaram de participar do “front defensivo” do gesto administrativo do novo prefeito da capital maranhense, considerado pelos seus aliados de atitude como moralizadora e corajosa.

Dessa maneira, a divulgação das opiniões contrárias só encontraram espaço para publicação nos blogs considerados independentes e nas redes sociais que exerceram de maneira eficaz esse papel próprio dos órgãos de comunicação, lembrando que, muitas vezes, essas opiniões são de pessoas comuns que nem sempre tem um envolvimento profundo com a causa carnavalesca e cultural, deixando, algumas vezes, uma impressão distorcida e sem conhecimento de causa, mas que termina conseguindo adesão nos veículos de comunicação que interagem com o seu público.

Com essa conjuntura, as opiniões, às vezes, refletiam o sentimento de um momento

factual publicizado pelos órgãos da imprensa, ou blogs, ou redes sociais. Assim, foram produzidas dezenas de opiniões inspiradas no “achismo” do leitor ou ouvinte, sem que houvesse o envolvimento mais aprofundado que o caso requer, ignorando os investimentos feitos pelos grupos, pessoas individualmente e os comerciantes em geral, ou o próprio estado espiritual da população afetada.

Vale lembrar que grande parte das opiniões emitidas, era oriunda de pessoas militantes de religiões evangélicas, as quais faziam questão de parabenizar o prefeito pela medida oportuna e condenando os gastos que o poder público faz com festas, consideradas, por essas correntes de opiniões, como desnecessárias e/ou desperdícios de recursos financeiros, que poderiam ter outras aplicações mais plausíveis.

As justificativas alegadas por essas correntes flutuaram por outras vertentes como a condenação de concessão de apoios financeiros aos grupos carnavalescos, também taxados de desperdícios ou ação viciada que iria beneficiar alguns produtores e dirigentes espertalhões que vivem das subvenções concedidas pelo poder público, por meio de seus aliados ou dos equipamentos públicos ligados à estrutura de poder cultural, que possam desenvolver essas ações sem deixar brechas para futuros questionamentos por pessoas e órgãos fiscalizadores.

### 2.13. PATROCÍNIO, RECONHECIMENTO E LEGALIDADE

Essa condenação passa também pelo fato de boa parte desses grupos só começar a se movimentar para produzir seus projetos carnavalescos dois, três ou quatro meses antes do carnaval propriamente dito, ficando a maior parte do ano sem realizar uma atividade social que justificasse sua existência enquanto agente social fomentador e formador de opiniões para consolidar sua ação enquanto instrumento de formação e transformação da sociedade, a partir da ótica cultural.

Todas essas linhas de raciocínio são questionadas ao longo do tempo e sempre se põe em cheque a inoperância dos dirigentes e coordenadores dos grupos e entidades carnavales-

cas da cidade de São Luís e do Estado do Maranhão, pois faltam a esses dirigentes iniciativas de empreendedorismo para lhes dar independência administrativa e financeira, sem a necessidade de estarem permanentemente com o pires na mão ou se humilhando para os detentores do poder a fim de receber ajuda extra.

Algumas opiniões sempre vão ao encontro da vertente de que faltam políticas públicas para a área cultural; outras constatam que o que interessa aos dirigentes são apenas os subsídios concedidos pelo poder público; outras argumentam que as empresas que atuam na região não tem interesse em investir nos grupos e/ou nos projetos culturais, pois o retorno é muito pouco ou inexistente, não se levando em conta que toda empresa que se diz séria deva atuar com a prática de contrapartida no meio social em que está estabelecida.

Reforçando esse ponto de vista, recorreremos mais uma vez ao que afirma o jornalista e pesquisador Herbert Santos, quando diz, de forma contundente, que:

[...] do lado onde há mais cacique do que índios, isto é, mais diretores, ou donos (até ditos empresários na lucrativa pele de produtores e promotores culturais), do que sambistas de corpo e alma e ao pé da letra, endureceram a polêmica, querendo, além do espaço preparado para o concurso, o cachê, pela passagem, e, entre amuos e beicinhos, não saíram nem mel nem cabaça[...]<sup>42</sup>.

Por outro lado, outras opiniões sequer abrem possibilidades de diálogos com os segmentos ou grupos mais bem organizados, ou, ainda, há opiniões que radicalizam os posicionamentos, afirmando que os apoios e patrocínios estão atrelados aos detentores do poder político, vinculando-se à troca de favores que mais tarde é traduzida em reciprocidades das partes interessadas, por meio da troca que caberá às partes envolvidas, lembrando que, quem tem mais condições tem o poder de exigir mais, deixando a parte inferior na condição subalterna.

Essa prática de permuta de interesse de duas vias foi objeto de reflexão do poeta maranhense Ferreira Gullar, ao afirmar que “em nosso ambiente cultural ainda impera o carrei-

---

<sup>42</sup> SANTOS, Herbert de Jesus. Direito de resposta aos covardes e inimigos dos blocos e escolas de samba. **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 7, 21 jan. 2013.

rismo feito à base da troca de elogios e promoções mútuas”. A troca de elogios e promoções mútuas preconizadas por Gullar pode também ser entendida como o fato de se conceder apoios e patrocínios a determinados grupos, principalmente quando esse mecanismo requer um “QI” (quem indique) considerado legitimado junto aos universos empresariais, políticos e econômicos.

Nesse ramo, são colocadas as grandes empresas e organizações que atuam no Maranhão, como a Companhia Vale, Centrais Elétricas do Maranhão, Consórcio ALUMAR, as grandes empresas de construção civil (Cirela, Mota Machado, Sá Cavalcante, Gafisa, Delta, Dimensão Engenharia, Franere, etc) entre tantas outras que a cada dia chegam em nossa terra, que podiam ser beneficiadas pelos mecanismos de incentivos fiscais, por meio de leis municipais, estaduais e/ou federais, ou mesmo por fundos financeiros regulados por leis vigentes.

A falta da passarela do samba na capital maranhense foi uma quebra de paradigma no meio cultural que implanta ou traz de volta a era de incertezas muito grande no meio social da cidade, onde os militantes da área cultural e mesmo empresários e pessoas comuns ficam com uma ou várias pulgas atrás da orelha, questionando se, nos próximos anos, a história vai se repetir ou não. Essa dúvida bloqueia iniciativas que visem melhorar a qualidade da produção de cada grupo, como vinha ocorrendo nos últimos anos.

Sendo assim, todos ficam a esperar sinalizações que conduzam a uma certeza de que a passarela do samba será construída e que os desfiles serão organizados com os rigores que cada grupo de manifestações culturais exige por meio de seus regulamentos específicos, lembrando que na capital maranhense essa é uma atribuição histórica executada pela Fundação Municipal de Cultura da Prefeitura de São Luís, cujo mandatário máximo pertence a uma facção partidária opositora à que está no comando do governo estadual, configurando, dessa maneira, uma guerra política, entre grupos políticos não alinhados.

O conflito existencial dessa crise passa também pela fragilidade dos grupos e entidades carnavalescas consideradas de pequeno porte (ou que não tenham lideranças criativas) que não se preparam para exercer suas funções de mecanismos empreendedores capazes de fomentar ações e projetos socioculturais que vão além de um desfile ou concurso carnavalesco, como, por exemplo, desenvolver ações que elevem os grupos carnavalescos ao papel

de agentes sociais, atendendo, entre outros extratos sociais, jovens e adolescentes em estado de risco, por falta de oportunidades de aprendizado e ocupação funcional.

Por outro lado, os grupos que se organizaram mantem uma relativa ação ao longo do ano, dando visibilidade e potencialidade ao seu ciclo de atuação e normalmente são respaldados pela ação midiática, que notícia promoções ao longo do tempo, por meio de seus programas, colunas e editoriais ligados à cultura local. Os grupos que tem esse nível de organização administrativa em São Luís ainda são minoria ou mesmo exceções, mas existem de forma moderada e já conseguiram seu status simbólico de reconhecimento.

Nesse universo reduzido de grupos que atuam na cidade de São Luís, há aqueles, como a Companhia Barrica (“Bicho Terra” e “Boizinho Barrica”) e o Grupo de Cultura Popular do Maranhão (boi “Pirilampo”), que tem apadrinhamento de políticos ou de grupos políticos, ou de empresários, e outros como os grupos independentes que recebem orientação de lideranças apaixonadas pela ação cultural (neste último caso citamos os blocos tradicionais “Os Apaixonados”, “Os Tremendões”, “Versáteis”, entre outros).

Esses grupos considerados de médio ou grande porte quase sempre se destacam, pois eles estão constantemente sendo lembrados e citados nos meios midiáticos, inclusive a ação desses grupos se estendeu também para manter o conjunto do grupo em constantes atividades para se caracterizar enquanto grupo organizado dentro do meio social, como é o caso do grupo “Os Foliões”, que desenvolve não só o carnaval, mas atividades juninas, natalinas, religiosas, teatrais, etc.

Há quem diga também que parte desses grupos e entidades que se sobressai (“Bicho Terra”, “Pirilampo”, “União das Escolas de Samba do Maranhão”, “Associação Maranhense de Blocos Carnavalescos”, etc.) são utilizados ainda, para ser uma espécie de entidade laranja de pessoas poderosas ou instituições políticas, financeiras e/ou empresariais, servindo inclusive para “lavar recursos financeiros”, como é fato noticiado periodicamente pelos órgãos de imprensa locais.

Nessa linha contrária de atuação, a coordenadora do bloco tradicional “Os Brasi-nhas”, Silvana Fontenele, informa que, pelo menos uma vez por mês, é necessário reunir

seu grupo para uma atividade de lazer coletivo, objetivando manter os componentes do bloco unidos e reunidos em torno da causa de sua existência, promover encontro de lazer coletivo, fortalecendo, assim, o grau de amizade entre seus componentes e a autoestima em torno do grupo.

Sem querer relacionar o bloco tradicional “Os Brasinhas” aos grupos apadrinhados por políticos (“Bicho Terra”, “Pirilampo”, e tantos outros adotados inclusive por vereadores), considerados laranjas, ressalte-se que essa forma de lazer coletivo é atualmente quase uma necessidade vital para se manter o caráter grupal focado para uma causa comum, que pode ser comparada às torcidas voluntárias de times de futebol, que, quase todas as semanas, reúnem seus torcedores em torno das partidas futebolísticas do seu time do coração, ou de outras formas de lazer coletivo, criando-se laços e alimentando o fanatismo entre seus membros.

Não queremos aqui comparar essa organização grupal das entidades culturais maranhenses às torcidas organizadas dos clubes de futebol – não, não é isso. A organização a qual nos referimos, trata-se da forma espontânea que a maioria dos torcedores adere ao seu time de coração, de maneira voluntária, sem a necessidade de ter uma organização formal constituída para legitimar sua torcida como as torcidas organizadas, que, muitas vezes, levam a ações inaceitáveis, como agressões e outras medidas condenáveis e, até mesmo, a cometer crimes ou conflitos sociais.

Verificamos que essa ação de lazer é uma forma eficaz também para se manter o intercâmbio entre os componentes do grupo, pois no seu dia a dia cada elemento procura se relacionar com outras esferas de atuação e, em algum momento, essa atuação poderá ser útil ou não. Assim, se fortalecem, ainda, os laços interpessoais dos seus membros e se planejam novas ações grupais ou intergrupais com os seus componentes, sem se falar que a capacidade de liderança do coordenador do grupo é fortalecida ou não, pois esses momentos também servem para legitimar esse tipo de articulação.

O personagem que normalmente lidera e coordena um grupo carnavalesco ou cultural em São Luís adquire esse status no momento de sua formação/criação ou essa liderança é herdada por laços familiares, ou, ao longo do tempo, a partir do seu envolvimento com o grupo de líderes que tem o poder de decisão no meio social. Quase sempre esses personagens

são apelidados de “padrinhos” por terem o poder de bancar ações que beneficiem um ou mais integrantes do grupo. Enfim, quanto mais poder de atender demandas, mais legitimidade esse personagem passará a ter.

Verifica-se, ainda, que a maioria dessas entidades culturais estão, aos poucos, sendo adequadas às exigências legais do Código Civil Brasileiro que rege a criação de entidades do terceiro setor, fato que obriga a constituição legal de Organizações não Governamentais (ONGs) regulada por estatutos, regimentos e que sejam formalmente constituídas e registradas em cartório civil e tenham a documentação que as capacite dentro da legalidade com as certidões que lhes respaldem junto às instâncias burocráticas e formais, pois, caso contrário, o grupo fica impossibilitado de firmar contratos e convênios junto a órgãos públicos e privados.

Esse quadro de entidades sem amparo formal vem aos poucos sendo modificado, verificando-se que, ao longo do tempo, os dirigentes desses grupos tem procurado se legalizar para poderem se credenciar junto aos órgãos públicos, inclusive receber pagamentos, emitir recibos e notas fiscais ou conceder certificados e diplomas, entre outros documentos. Essa exigência tem sido foco da maioria das organizações públicas, temendo eventuais procedimentos de auditorias e fiscalizações dos órgãos legais para tal finalidade.

Uma maneira de forçar que os grupos culturais de São Luís se enquadrem dentro da legalidade, foi a medida recomendada pelo Ministério Público Estadual, por meio da 1ª Promotoria Especializada em Fundações e Empresas de Interesse Social, que até fevereiro de 2013, em São Luís, era comandada pela Promotora Sandra Lúcia Mendes Alves Elouf, exigindo que essas Organizações não Governamentais tivessem o “Atestado de Existência e Regular Funcionamento” para poder firmar convênios e/ou contratos com órgão públicos e privados.

Essa medida do Ministério Público Estadual foi tomada principalmente para penalizar as entidades fantasma, tanto é que o atestado que é fornecido para as organizações formais, regulares, é um “Atestado de Existência e Funcionamento Regular”, caracterizando a sua normalidade. Para que isso ocorra, a promotoria de justiça mandava um funcionário a todas as entidades requerentes para fazer uma visita presencial, verificando, por exemplo, a documentação básica, atas, balanços, certidões e a sede onde funciona o grupo.

Vale lembrar ainda que essa medida foi adotada na região metropolitana de São Luís, em face, também, das críticas e denúncias veiculadas nos meios midiáticos, deixando subtender que grupos culturais e Organizações não Governamentais do terceiro setor produtivo estavam sendo entidades facilmente manobradas por políticos e lideranças regionais, para servir de “organizações laranjas”, facilitando, assim, a lavagem e desvios de recursos públicos, a fim de atender interesses particulares.

Lembramos que nesse elenco de entidades manipuláveis ou criadas para essa finalidade, estão as entidades representativas das diversas áreas de expressões culturais, grupos culturais propriamente ditos (bumba meu boi, tambor de crioula, cacuriás, quadrilhas, blocos tradicionais, escolas de samba, grupos artísticos, etc), grupos religiosos, associações de moradores, associações classistas, entidades esportivas, entidades ligadas às minorias atuantes na sociedade (movimento LGBT, direitos humanos, movimento feminista, indigenistas, etc), entre tantos outros.

Nessa contextualização, para sabermos a quantidade de grupos culturais na região metropolitana da capital maranhense, podemos relatar que, num levantamento rápido realizado na “Coordenação de Eventos” da Fundação Municipal de Cultura de São Luís, em dezembro do ano de 2012, existiam mais de 800 grupos cadastrados, sendo que a grande maioria pertencia aos segmentos carnavalescos e juninos, conforme detalhamento nos quadros que apresentamos na página ao lado:

Baseado no levantamento realizado na FUNC, observe que há 16 entidades cadastradas como escolas de samba, portanto 4 a mais que o número de escolas que vinham desfilando. A explicação é que esse cadastro é antigo, sendo que uma das escolas refere-se ao projeto social da escola de samba-mirim “Descobrimo o Saber” e as outras 3 agremiações eram entidades que pretendiam retornar seu funcionamento, o que não ocorreu até final de 2012.

## GRUPOS CARNAVALESCOS

CATEGORIAS DE GRUPOS	QUANTIDADE
ALEGORIAS DE RUA	05
BLOCOS AFROS	11
BLOCOS ORGANIZADOS	21
BLOCOS TRADICIONAIS	47
CORDÕES CARNAVALESCOS	06
ESCOLAS DE SAMBA	16
TRIBOS DE ÍNDIO	12
TURMAS DE SAMBA	04

Fonte: FUNC, 2012

## GRUPOS JUNINOS

CATEGORIAS DE GRUPOS	QUANTIDADE
BUMBA MEU BOI COSTA DE MÃO	05
BUMBA MEU BOI DA BAIXADA	45
BUMBA MEU BOI DE MATRACA	59
BUMBA MEU BOI DE ORQUESTRA	109
BUMBA MEU BOI DE ZABUMBA	26
CACURIÁ	58
DANÇA BOIADEIRO	62
DANÇA PORTUGUESA	101
DANÇA DO COCO	11
DANÇA VARIADAS	54
QUADRILHAS	90
GRUPO MIRIM	50
TAMBOR DE CRIOLA	110

Fonte: FUNC, 2012

Dentro desse universo, é difícil apontarmos quantos grupos tem sede própria, pois, em geral, os responsáveis pelos grupos, ao se cadastrarem, informam o seu endereço pessoal, embora o funcionamento de boa parte desses grupos ocorra na rua, ou numa praça, ou num espaço comunitário (associação de moradores, igreja, estabelecimento de ensino, etc), a exemplo do grupo “Encanto do Olho D’água”, que realiza seus ensaios e reuniões na sede da União dos Moradores do Bairro Turu (vizinho ao bairro do Olho D’água), tendo um nível de organização considerado muito bom, fato também creditado ao carisma e poder de liderança do coordenador do grupo, Félix Guerreiro.

#### 2.14. PAGANDO PROMESSAS, LEIS DE INCENTIVO E EVENTOS PROMOCIONAIS

Ressaltamos que muitos grupos culturais existentes no Maranhão passaram a existir a partir do cumprimento de obrigações religiosas oriundas de cultos afros ou de promessas feitas por membros de famílias tradicionais, que estendem essa ação para sedimentarem grupos informais, em grupos culturais, ou seja, transformam essas manifestações culturais em grupos de cultura popular, que, aos poucos, ganham legitimidade, chegando, muitas vezes, aos registros formais de entidade civil.

Compreendendo melhor essa colocação, exemplificamos com o grupo de bumba meu boi “Estrela da Mata”, que surgiu como um “boi de encantado”, a matriarca do “Terreiro João da Mata” (dona Ornofina Miranda), da localidade “Piquizeiro”, vizinha ao bairro do Anil, havia feito promessa para seu “vodum”<sup>43</sup>, João da Mata, transformando mais tarde esse “boi de encantado” num grupo convencional de cultura popular – o Bumba meu boi “Estrela da Mata”, que, em 2012, completou 40 anos de existência.

De forma similar como surgiu o grupo de bumba meu boi “Estrela da Mata”, vários outros grupos e manifestações culturais são produtos de obrigações e promessas religiosas, normalmente feitas por praticantes de religiões de origem africana ou católica, que ocorrem

---

<sup>43</sup> “Voduns” são entidades afro-religiosas, que são incorporados por filhas e filhos de santo, nos terreiros de “Tambor de Mina” em São Luís do Maranhão. Normalmente eles são sincretizados com santos da igreja católica.

quase sempre em ambiente comunitário ou familiar, agregando-se adeptos para desenvolver manifestações culturais como “festas de santos”, “festas comemorativas”, “toques de terreiros”, “bois de encantado”, “festas carnavalescas”, entre outras, dependendo da vontade de quem solicitou, que quase sempre é um “vodum”.

A praxis desse tipo de festividade gera, no meio sociocultural de São Luís, um paradigma bem particular dessa região, fazendo surgir grupos culturais que, mais cedo ou mais tarde, ganham status e legitimidade, dependendo da constância e do respeito que adquire ao longo do tempo. Essas ações são também continuadas por membros familiares, que transformam os grupos em equipamentos formais ou não, mas que engrossam a cadeia produtiva da cultura da cidade.

Em 2013, na cidade de São Luís, a Lei Municipal de Incentivo à Cultura estava desativada, por outro lado, a lei estadual que havia sido criada nos últimos 24 meses já estava em pleno funcionamento, nos moldes da Lei Rouanet de Incentivo à Cultura do Governo Federal, quando o proponente do projeto pleiteado precisa, obrigatoriamente, ter uma empresa produtora constituída formalmente e funcionando legalmente com toda a documentação atualizada para pleitear patrocínios incentivados, além do projeto escrito e com seus planos de trabalho detalhados com todos os dados essenciais para compreensão dos que irão avaliá-lo.

Merece uma lembrança o fato de que ter uma organização do terceiro setor ou produtoras ou entidades jurídicas que atuam na área cultural totalmente legalizada é ter a certeza de que os apoios e patrocínios vão surgir como um passe de mágica. Não é verdade. A legalização institucional é apenas parte das estratégias que os dirigentes da área carnavalesca e/ou cultural vão enfrentar no difícil cenário de produzir um grupo cultural ou captar recursos financeiros para projetos diversos, pois o empresariado não está sensibilizado para conceder esse tipo de subvenção, mesmo que haja vantagem para a empresa que se prontificar em patrocinar projetos culturais, tendo como contrapartida a dedução do patrocínio concedido no Imposto de Renda devido ao fisco, na declaração a ser feita num futuro próximo.

Infelizmente, muitos empresários não veem esse patrocínio como investimento que

dá retorno, pois, esse empresário, além de ajudar o produtor cultural na montagem de um empreendimento cultural, como o carnaval ou show musical ou um projeto que atenda crianças carentes, envolvido com a entidade proponente, poderá conceder um retorno de imagem super favorável à empresa patrocinadora, por meio de vários mecanismos promocionais, o que, em comunicação, é uma ação também de divulgação e publicidade chamada de “*merchandising*”.

Na prática, o empresário, ao patrocinar uma atividade cultural por meio de projetos incentivados via Lei de Incentivo, apenas antecipa um pagamento de imposto que mais tarde será ou seria obrigado a pagar aos cofres públicos oficiais. Ele, o empresário, se dispendo a ajudar por meio desse mecanismo, presta um serviço casado com o espírito colaborador com a área cultural e o dever de pagar seus impostos, com uma medida, no mínimo cidadã, que poderá ter consequências imprevisíveis, principalmente de construção saudável aos olhos da comunidade.

Talvez seja por isso que no Brasil as grandes empresas já criaram suas Fundações ou Institutos para promover seus projetos esportivos e culturais, criando uma prática de se beneficiar, ou uma forma camuflada de se autobeneficiar. Para se constatar essa nossa afirmativa, basta fazer uma rápida pesquisa junto aos cinco maiores bancos ou as cinco maiores empresas brasileiras, verificando se existe ou não Fundações ou Institutos socioculturais ligados a elas.

Assim, no contexto cultural da cidade de São Luís no início do ano 2013, a grande maioria dos grupos carnavalescos não estavam preparados para se submeter à aprovação da Lei Estadual de Incentivo à Cultura e ao Esporte, pois não houve, previamente, uma divulgação de como essa lei iria funcionar em relação aos segmentos culturais e esportivos. O funcionamento dessa Lei ainda ocorria de forma camuflada, fato que servia para atender os grupos considerados aliados dos políticos, simpáticos e confiáveis aos olhos do palácio do governo estadual, numa manobra já totalmente conhecida e desgastada no nosso meio político-cultural.

Lembramos que, na primeira quinzena do mês de Janeiro de 2013, o deputado Roberto Costa (PMDB) liga para uma diretora da Sociedade Recreativa Favela do Samba e avisa que o Conselho Estadual da Cultura estaria realizando uma reunião em meados daquele

mês para apreciar os projetos ligados ao carnaval e que ainda não estavam aprovados, por isso ele recomendava que, se houvesse interesse, aquela escola de samba deveria apresentar o projeto para o carnaval 2013, de acordo com o que rege a lei de incentivo à cultura maranhense.

Para viabilizar a inscrição da proposta da escola de samba Favela do Samba, seus dirigentes tiveram que agir com rapidez, pois foi uma correria, uma vez que tudo ainda era novo e desconhecidos, tendo a direção daquela agremiação carnavalesca que recorreu aos serviços profissionais de um técnico da Secretaria de Estado da Cultura para preparar o projeto específico, a fim de atender a demanda do carnaval/2013, e providenciar a documentação necessária.

O projeto da Favela do Samba foi apresentado e aprovado, só que, como aquela escola de samba não tinha toda a documentação completa, seus dirigentes tiveram que recorrer a uma organização cultural legal para lhe dar cobertura, o que foi feito por meio da parceria conseguida com o Instituto Guarnicê. Pelo que pudemos apurar, das onze escolas de samba que desfilam no carnaval de São Luís, quatro apresentaram projetos que obtiveram aprovação do Conselho Estadual da Cultura e da comissão que gerencia a operacionalização da Lei Estadual de Incentivo à Cultura do Maranhão: Turma do Quinto, Flor do Samba, Unidos de Fátima e Favela do Samba.

Como o foco desta pesquisa não é a funcionalidade da Lei Estadual de Incentivo à Cultura e ao Esporte do Maranhão, vamos nos restringir à informação de que o projeto da escola Favela do Samba foi apresentado no último dia da inscrição, tendo o mesmo sido aceito e aprovado. Infelizmente o cenário desenhado com o cancelamento da construção da passarela não favoreceu a captação de recursos, pois as grandes empresas também tem seus vínculos de relacionamentos, o que vai necessariamente recair em escolhas. Ressalte-se, também, que exercer esse critério de escolher eventuais beneficiados, implica o confronto com “ordens superiores”, que, previamente, já preparam uma relação predeterminada de beneficiados, portanto, boa parte dos recursos financeiros que poderiam ser aplicados nessas captações já estão praticamente com cartas marcadas ou carimbadas, como se diz no dito popular ludovicense.

A citação sobre o procedimento de inscrição, aceitação e aprovação do projeto da Sociedade Recreativa Favela do Samba a fizemos para constatar que a prática cultural que ocorre

em pleno ano de 2013 ainda está impregnada de vícios que protegem ou condenam os produtores culturais do Maranhão a uma cadeia viciada de prática administrativa que atende a interesses políticos e dos detentores do poder constituído – essa prática está longe de ser uma política ideal de governo que se diz democrático e que dá oportunidade a todos de forma universal.

Finalmente, verificamos que as práticas retomam os mesmos vícios de outras épocas, não muito distantes da que vivemos atualmente, em que o clientelismo e a dependência eram marcas de uma prática política considerada coronelista, carreirista e oligárquica, em que um pequeno grupo se apodera dos mecanismos do Estado e deles faz uso como se fossem propriedade privada, ou camuflam essa relação para atender interesses escusos.

Essa prática é uma versão moderna da que em outras épocas caracterizou muito os pleitos eletivos maranhenses como “currais eleitorais”, onde os poderosos mandavam e desmandavam em cima do povo que com eles se relacionava, criando uma rede de dependência e favores, cuja moeda de troca vigente é a obediência por meio do voto que será concedido para quem o “patrão” ou “coronel” indicar.

Herbert Santos mais uma vez nos auxilia nessa reflexão, afirmando que “[...] os nossos grupos carnavalescos cometem o vício de esticar o pires para a politicagem, dos velhos aos novos [...]”, reafirmando as práticas que já relatamos. Esse mesmo profissional sentencia que “[...] lamentavelmente, hoje, a União das Escolas de Samba do Maranhão mostra-se menos aguerrida que a velha guarda de Benedito Dutra [...]”<sup>44</sup>, que, aos trancos, sempre fez carnaval de passarela [...]”<sup>45</sup>.

Quem reforça as críticas aos organizadores dos grupos carnavalescos é o produtor cultural Ricarte Almeida Santos, quando despeja um punhado de acusações, dizendo que “[...] a culpa, efetivamente, é da incompetência da maioria desses dirigentes de agremiações

---

<sup>44</sup> Benedito Dutra foi dirigente que exerceu a Presidência da União das Escolas de Samba de São Luís no final da década dos anos de 1970 e na década dos anos 1980, quando naquela época os concursos de escolas de samba foram polarizados pelas escolas de samba Turma do Quinto e Flor do Samba, marcando de forma emblemática um período de disputa simbólica entre duas escolas que tinham o apoio de artistas e intelectuais considerados independentes e o grupo político hegemônico do governo estadual, respectivamente.

<sup>45</sup> SANTOS, Herbert de Jesus. Direito de resposta aos covardes e inimigos dos blocos e escolas de samba. **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 7, 21 jan. 2013.

carnavalescas, que se acostumaram à dependência de verbas públicas [...]”<sup>46</sup>; e ainda, de acordo com esse produtor “[...] suas práticas não resistem a qualquer tentativa republicana de pensar o carnaval a sério, ou seja, um carnaval profissional, com autonomia, sustentabilidade e transparência [...]”, numa crítica afinada com a turma que milita no Partido dos Trabalhadores e no Partido Comunista do Brasil para justificar as medidas adotadas no início do novo governo que assumiu a Prefeitura de São Luís.

Nesse quadro reflexivo, procuramos mais uma vez a opinião do professor Manoel Rubim, que nos alerta: “[...] difícil será conciliar essa macro política cultural para o Estado, com as políticas culturais municipais [...]”<sup>47</sup>, pois, segundo ele, “seria uma tarefa para os órgãos de controle, que deveriam cuidar para que não acontecessem desperdícios de recursos, por decorrência de políticas culturais públicas desarmônicas”. Rubim diz ainda que “os órgãos de controle limitam as suas ações, somente, aos aspectos meramente burocráticos, ignorando os aspectos da economicidade das políticas públicas”

Sobre iniciativas de grupos culturais para se manter de forma independente, encontramos ainda opiniões e críticas do jornalista e historiador Herbert Santos que chama atenção para o fato de que poucas agremiações procuram viabilizar seus projetos de forma independente das verbas públicas, afirmando que “[...] somente a Favela do Samba, no Sacavém, trabalha mais e faz rodas de samba, com vendagem de cerveja, porém nenhuma promoção de vulto [...]”<sup>48</sup>.

De acordo com esse jornalista, poucos blocos se viram para conseguir recursos financeiros de forma autônoma, citando como exemplo o bloco tradicional “Os Tremendões”, da Camboa, que, em junho, promove uma ação cultural com o objetivo de angariar recursos financeiros, através da realização do “Encontro de Gigantes”<sup>49</sup>, que reúne cantadores de “Boi da Ilha”. Essa iniciativa do grupo “Os Tremendões”, apesar de ser uma manifestação

---

<sup>46</sup> SANTOS, Ricarte Almeida. Opinião veiculada no **Blog de Joel Jacintho**, São Luís, disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br>

<sup>47</sup> SILVA, Manoel Rubim da. Carnaval: por uma política cultural democrática, **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 7, 11 fev. 2013.

<sup>48</sup> SANTOS, Herbert de Jesus. Op. cit. p. 7.

<sup>49</sup> O “Encontro de Gigantes” citado pelo jornalista e pesquisador Herbert de Jesus Santos é uma espécie de festival, que reúne, em uma única noite, diversos cantadores da manifestação do Bumba meu boi do sotaque da ilha, reunindo um público numeroso, além de vários participantes dos blocos tradicionais, escolas de samba, grupos de bois e pessoas que apreciam a cultura popular maranhense.

carnavalesca, aproveita-se de uma manifestação junina para interagir com a cultura popular local, mostrando que há formas criativas de se relacionar.

A grande questão passa pela falta de oportunidades que no Estado do Maranhão são poucas e não despertam o interesse dos empresários que pagam impostos, a não ser quando existe algum vínculo com o poder político constituído e com os poderosos que detêm status e reconhecimento da maioria dos organizadores de grupos culturais, líderes comunitários, agentes sociais que se legitimaram ganhando poder simbólico junto aos segmentos populares em que atuam, enfim, mantem-se os paradigmas da velha relação “dá quem pode, obedece quem tem juízo”. Até quando?



*Em 2013, a produção de esculturas dos artistas plásticos ludovicenses foi interrompida bruscamente, deixando em silêncio as quadras das escolas de samba da cidade.*

### 3. DESABAFO ENGASGADO NA ALMA SAMBISTA-CARNAVALESCA (Depoimento na Primeira Pessoa)

Sete dias após o anúncio da suspensão do carnaval de passarela de São Luís, pela prefeitura da cidade, eu e outros militantes do carnaval, fomos convidados a participar de uma reunião na sede da escola de samba Turma do Quinto, tendo comparecido àquela reunião quase uma centena de organizadores de grupos carnavalescos (escolas de samba, blocos tradicionais, tribos de índios, blocos organizados, blocos afros, entre outros), todos preocupados e insatisfeitos com a medida anunciada pela prefeitura.

Era uma segunda-feira, 21 de janeiro, às 19 horas, em que os grupos insatisfeitos com o cancelamento da passarela iriam articular um protesto, por meio de um ato-cortejo, no centro histórico de São Luís, percorrendo as ruas da Praia Grande até o “Palácio La Ravardière”, sede da Prefeitura Municipal, e o “Palácio dos Leões”, sede do Governo do Estado, quando se tentaria sensibilizar os dirigentes a remediar a situação viabilizando uma passarela alternativa.

Por trás desse convite, estava o interesse político do palácio dos Leões, representado pelo envolvimento do Deputado Roberto Costa (PMDB-MA), que tinha particular interesse nessa causa, uma vez que ele é conhecido como apoiador de vários grupos culturais do bairro da Madre de Deus. O Deputado Roberto Costa, ironicamente, havia apoiado, no segundo turno da eleição municipal, o então candidato Edivaldo Holanda Júnior (PTC-MA).

O ato-cortejo seria um movimento público durante o qual uma comissão deveria pleitear uma conversa com o Prefeito da cidade e, caso não houvesse uma sinalização positiva, os participantes do ato deveriam se dirigir até o palácio dos Leões para pedir socorro à governadora Roseana Sarney (PMDB), que, tradicionalmente, é uma política sensível à causa cultural, embora haja uma corrente que contradiz essa minha informação, pois a praia da governadora em relação ao carnaval seria o chamado carnaval de rua, portanto, não seriam os desfiles da passarela do samba.

Na reunião realizada na Turma do Quinto, vários oradores fizeram uso da palavra demonstrando a necessidade da passarela do samba e repudiando o comportamento contrário. Todos estavam esperançosos que o conflito fosse resolvido com aquela mobilização. Infelizmente, essa reunião, apesar de ter sido uma luz no fundo do túnel, já deveria ter ocorrido em outras épocas que precedessem esse momento, portanto, foi mais um movimento de última hora, sem o caráter organizativo que se sonha – prática característica dos movimentos populares maranhenses.

Nessa reunião, ficou acertado, ainda, que o deputado Roberto Costa conseguiria ônibus para os membros dos grupos que participariam do ato-cortejo, que deveriam se encontrar às 16 horas do dia seguinte, 22 de janeiro, na Praça dos Catraeiros para, em seguida, iniciar o ato público, que deveria ter também um mini-trio para viabilizar a sonorização. Assim os ônibus para atender as necessidades do ato-cortejo e a tarefa de viabilizar o carro de som ficaram com o deputado governista Roberto Costa, que se mostrou solícito à causa dos produtores carnavalescos ludovicenses.

Estive presente a esse ato, pois eu, já desprovido da função de Presidente da Fundação Municipal de Cultura, estava ali como cidadão comum, interessado na manutenção da passarela do samba e, fui, também, como integrante da Sociedade Recreativa Favela do Samba que, desde o primeiro momento, manifestou a sua vontade de desfilar com ou sem ajuda oficial, além de ter o seu interesse de defender o título de escola de samba campeã do carnaval maranhense, o que iria fazer pela oitava vez consecutiva.

A Favela do Samba na história do carnaval ludovicense tem se destacado como uma escola de resistência quando o assunto é carnaval de passarela, por isso mesmo é sempre citada pelos organizadores de grupos, críticos de cultura e militantes em geral, como exemplo a ser seguido. No entanto, a nível interno, também existem, naquela agremiação carnavalesca, conflitos históricos ainda não resolvidos, principalmente o relacionamento com a comunidade.

Vale lembrar que na manhã da terça-feira, o empresário Renato Dionísio, assessor especial do prefeito eleito, com a colaboração dos radialistas Juarez Sousa e Helena Leite, numa tentativa de esvaziar o ato-cortejo de protesto que seria realizado na parte da tarde de

terça-feira, acerta, com o Prefeito Edvaldo Holanda Júnior, uma reunião com os representantes dos grupos carnavalescos e entidades que assinaram os documentos “chapa branca” para legitimar a atitude do gestor municipal de não autorizar a montagem da passarela do samba.

A reunião convocada pelos assessores especiais da prefeitura foi realizada depois do meio dia e foi considerada um jogo de cartas marcadas, pois teria sido conduzida de forma a favorecer o discurso oficial, em que os participantes que queriam a passarela do samba foram colocados para falar primeiro e deixaram os dirigentes “chapa branca”, representados pelos senhores Oziel Costa Ferreira Neto (Presidente, em exercício, da UESMA), Tony Mota (Secretário da UESMA) e Celso Azevedo (Presidente da Flor do Samba e membro do Conselho Fiscal da UESMA) para falar por último, os quais desconstruíram todas as falas que apelavam pela construção da passarela, indo ao encontro com o discurso do Prefeito Edivaldo de Holanda, que foi o último a falar.

Enfim, a reunião conduzida no palácio La Ravardiere, sede da Prefeitura de São Luís, que teve orquestração dos assessores especiais do prefeito eleito, tinha como principal objetivo desfazer o ato-cortejo programado para a tarde da terça-feira. Tudo foi armado na manhã da terça-feira, quando esses assessores, utilizando-se da estrutura oficial da prefeitura, começaram a convocar pessoas chaves e representantes que simbolicamente era interessante estarem presentes na mesma. Além disso, parece que essa reunião teve uma curadoria e condução orientada por estratégias de marqueteiro de campanha eleitoral.

Enquanto essa reunião acontecia na prefeitura, a radialista Helena Leite conduzia seu programa “Canta Maranhão”, na rádio Educadora, que começou às 14 horas daquela terça-feira, quando ela, desde o início do programa, afirmava que o ato-cortejo não seria mais realizado, pois, naquele momento, os representantes das agremiações carnavalescas estavam reunidos no gabinete do prefeito, no Palácio La Ravardière, para decidir e encontrar uma solução para a crise.

Nessa conjuntura, o tom de voz e as falas da apresentadora eram brandas, suavemente disfarçadas de preocupação, deixando transparecer uma impressão de que tudo estava se encaminhando para um desfecho favorável, fato que não aconteceu, pois havia algo estranho pairando no ar. Dava a impressão de que tudo foi cuidadosamente articulado sob a ótica de marqueteiros para blindar reações contrárias e aceitar a decisão oficial do prefeito da cidade de São Luís, a qual seria anunciada somente mais tarde. “Coisas que as forças ocultas do poder podem explicar” – concluo.

Naquele momento, eu, percebendo a jogada montada nos corredores do palácio La Ravardière (sede da Prefeitura de São Luís), consigo enviar mensagem ao programa “Canta Maranhão”, por celular (pois os telefones fixos da rádio Educadora foram tirados do gancho), e aviso a apresentadora Helena Leite que haverá o ato-protesto de qualquer maneira, assim como aviso que a decisão do Prefeito de São Luís, Edvaldo Holanda Junior, era não construir a passarela.

Essas informações, haviam sido passadas a mim pela integrante da diretoria da Favela do Samba, Jêisa Moraes, que estava presente na reunião (eu não estava) e repassei essa informação imediatamente a radialista Helena Leite que, fazendo-se de desentendida e que não sabia a decisão oficial do Prefeito Holanda Junior, anunciou as duas medidas que lhe informei via mensagem de celular: vai haver o ato-protesto e a prefeitura não vai construir a passarela do samba (como se fosse furo de reportagem), informando que fui eu que transmiti a informação, via mensagem de telefone celular, sem fazer maiores comentários.

No fundo, a impressão que dava é que a radialista Helena Leite, apesar de ser favorável ao carnaval de passarela, estava ali cumprindo orientações superiores. Naquela terça-feira, o programa “Canta Maranhão” só teve uma hora de duração, pois foi interrompido para a transmissão de uma missa no Santuário de São José de Ribamar, como vem ocorrendo regularmente toda terça-feira na programação da rádio Educadora.

A informação dada inicialmente pela radialista Helena Leite, no seu programa “Canta Maranhão”, de que não haveria o ato-cortejo de protesto funcionou como um balde de água fria e teve relativo sucesso, pois ela, inicialmente, fez seus ouvintes acreditarem que não haveria o ato-protesto, pois essa manifestação não se justificava mais, uma vez que o

prefeito estava negociando com os dirigentes e representantes dos grupos carnavalescos para encontrar uma solução. Era esse o significado que os articuladores da famigerada reunião queriam passar para inviabilizar a referida manifestação.

O público aguardado para a praça dos Catraeiros foi aquém do esperado, mas, a turma apareceu mesmo timidamente. Somente por volta das 17 horas e 30 minutos, é que foi iniciado o ato-protesto com a presença das baterias das escolas Turma do Quinto e Favela do Samba, além de um grupão formado por ritmistas dos blocos tradicionais “Os Brasinhas”, “Fênix”, “Os Fenomenais”, “Os Apaixonados”, “Pierrot”, “Os Dragões da Liberdade”, entre outros, dando àquela manifestação uma mostra providencial da diversidade musical do carnaval da cidade, lembrando ainda que a maioria dos blocos que compareceram eram do bairro Liberdade.

Representantes de outras agremiações carnavalescas também seguiram com o ato-cortejo e subiram a rampa da praça Pedro II, parando na frente da Prefeitura de São Luís, onde vários oradores fizeram uso da palavra, entre os quais eu. A fala quase unânime dos manifestantes era solicitando a construção da passarela e lembrando o compromisso de campanha do prefeito eleito, de fazer o carnaval de qualquer maneira e com a mesma configuração dos anos anteriores, ou seja, não haveria prejuízo para as chamadas “brincadeiras” que compõem o carnaval ludovicense.

Minha fala, além de reforçar esses pontos de vista, chamou a atenção para o fato do prefeito eleito professar religião evangélica, bem como afirmei que esse fato era significativo, pondo em dúvida que, se a passarela não fosse realizada em 2013, não seria também construída nos anos de 2014, 2015 e 2016, pois o carnaval para os evangélicos é invenção do diabo, não se justificando para os integrantes dessas igrejas investimentos com valores financeiros tão altos para “cultuar ações e manifestações satânicas”, como são consideradas, por esses seguidores religiosos, as manifestações do período momesco.

Lembrei, naquela ocasião, também, que São Luís era uma cidade rica em diversidade cultural, em manifestações variadas, tanto para o carnaval, São João, Natal, etc., e afirmei taxativamente: “São Luís é hoje cidade patrimônio cultural da humanidade, é capital brasileira da cultura e é capital americana da cultura, títulos conseguidos com muita

luta e com as heranças herdadas e deixadas pelo nosso povo. Isso merece ser respeitado. São Luís, por exemplo, é cidade patrimônio cultural da humanidade, mas não é só pelo seu rico e belo patrimônio arquitetônico – ressaltei.

Aproveitei para lembrar que São Luís é também cidade patrimônio cultural da humanidade e capital brasileira e americana da cultura pelo seu patrimônio imaterial e pela diversidade cultural fantástica, na qual se inserem as manifestações carnavalescas, entre as quais as escolas de samba, blocos tradicionais, tribos de índios, blocos afros, blocos organizados, casinha da roça, tambor de crioula, turmas de samba, alegorias de rua e tantas outras manifestações que são peculiares da cultura maranhense.

Confesso que num primeiro momento fiquei reticente se falava ou não, pois havia acabado de deixar um cargo de direção na estrutura municipal. Todavia, os discursos que se sucediam estavam muito repetitivos e não acrescentavam nada de novo, por isso resolvi falar e acrescentar os ingredientes de títulos conquistados por nossa cidade ao longo dos últimos anos, dando inclusive abertura para condução de novos depoimentos.

Tenho convicção de que não fui panfletário, nem personagem chiíta como alguns militantes de esquerda que só veem seus pontos de vista. Tive a preocupação sobretudo de me comportar de forma humilde e fiquei meio escondido para não ser alvo de câmeras de televisão ou fotógrafos de jornais e assessorias de comunicação oficial, como os integrantes das Secretarias de Comunicação da Prefeitura de São Luís e do Governo do Estado.

Aproveito para lembrar que nas sociedades contemporâneas não se pode admitir nas relações pessoais e interpessoais ou de grupos e intergrupais, não se um interesse, mas interesses particulares e públicos diversificados, que naturalmente refletem as diferenças e multiplicidades e é aonde essas relações são expressas ao público, mesmo sob a pressão de ocorrências factuais ou momentâneas que mexam com a coletividade.

Nesse contexto, me senti aguçado e encorajado a me expressar, pois eu era reconhecido e tinha status para assim proceder, então, expressei meu sentimento sobre essa temática de que, tenho convicção, era também o sentimento de muitos cidadãos que apreciam a cultura popular e amam o carnaval, enquanto manifestação que reflete a alma do povo e está totalmente integrada aos diversos extratos sociais que aceitam essa manifestação como

forma de cultura espontânea.

Dessa forma, essa capacidade que nós, sujeitos, temos de nos expressar em público, vai ao encontro do que entende e propõe Hannah Arendt<sup>50</sup>, quando ela afirma que temos de aproveitar o lugar “onde tudo pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível”<sup>51</sup>, pois, para essa pesquisadora, este é o lugar apropriado, no qual “só é tolerado o que é tudo como relevante, digno de ser visto e ouvido, de sorte que o relevante se torna automaticamente assunto privado”<sup>52</sup>.

Assim, dentro dessa contextualização vivenciada com os conflitos do período carnavalesco, a minha participação naquele movimento me serviu para, entre outros objetivos, assegurar a minha transparência junto às instituições envolvidas, bem como me fazer “existir de fato no moisaco de relações sociais contemporâneos”, pois eu, como ex-gestor, era personagem legitimado e que poderia, naturalmente, me expressar numa temática que tinha sido tão próxima da minha ação administrativa.

Inspirado nesta contextualização, quero lembrar que sou jornalista e professor-mestre do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, na habilitação Jornalismo, por isso minha fala é reflexo de um discurso próprio da ação jornalística, que se arroga como uma linguagem que corresponde ao real e à verdade, não tendo espaço para mentiras, falsidades, ações ilícitas, armações ilusionistas e fantasiosas, ou jogos dúbios.

Assim, as opiniões do profissional de jornalismo se produzem a partir da singularidade dos fatos, que, por critérios diversos, retira da aparente desordem de fatos os encadeamentos de ações da vivência cotidiana, o que me leva a fazer releituras, como nessa tentativa de apreensão do real, construir o acontecimento que passa a se colocar como elemento estanque, limitado e distanciado da diversidade do mundo. Enfim, tenho que ter a capaci-

---

<sup>50</sup> Hannah Arendt, nascida como *Johanna Arendt* foi uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX. Arendt defendia um conceito de “pluralismo” no âmbito político. Graças ao pluralismo, o potencial de uma liberdade e igualdade política seria gerado entre as pessoas. Importante é a perspectiva da inclusão do Outro. Em acordos políticos, convênios e leis, devem trabalhar em níveis práticos pessoas adequadas e dispostas. Como frutos desses pensamentos, Arendt se situava de forma crítica ante a democracia representativa e preferia um sistema de conselhos ou formas de democracia direta.

<sup>51</sup> ARENDT, Hannah. **A condição Humana**. São Paulo: Forense Universitária 1989, p. 59.

<sup>52</sup> \_\_\_\_\_. Op. cit. p. 61.

dade de fazer minhas próprias interpretações e delas compartilhar.

O recorte produzido por essa linguagem do comunicador é o ponto de partida para compreender a expressão jornalística como uma construção cultural e, para fazê-lo, são utilizados critérios diferenciados, mas que convergem para características comuns como a novidade, o alcance junto ao público, a excepcionalidade, a imprevisibilidade, o interesse de grandes grupos econômicos ou políticos, entre outros, como por exemplo, a notabilidade, a visibilidade, produzida pelo discurso jornalístico.

De acordo com o pesquisador Adriano Duarte Rodrigues (1994. p. 101) na sua desconstrução do discurso referencial da linguagem jornalística, é no discurso jornalístico que o acontecimento constitui o referente daquilo que se fala, pois para esse autor “o efeito da realidade da cadeia de signos é uma espécie de ponto zero da significação”, e cabe ao profissional interpretar e fazer sua releitura conscienciosa das ocorrências que atuam ao seu redor e no mundo.

Para isso, uma das práticas e defesa da ação jornalística consiste em afirmar que a opinião é livre, mas que os fatos são soberanos. Portanto, cabe a nós, profissionais de comunicação, o papel de extrair da sua vivência cotidiana as informações que serão consumidas por meio da linguagem jornalística e de nossa ação diária, por qual veículo ou canal midiático que seja, fato que exerço em todos os momentos de minha vida.

Enquanto isso, a manifestação em frente à Prefeitura de São Luís acontecia de uma forma surpreendente para o número aparentemente reduzido, pois a presença dos militantes dos grupos carnavalescos e simpatizantes da causa melhorou consideravelmente com o início do cortejo. Foram surgindo manifestantes de todos os lados. Depois de algum tempo na frente da prefeitura, foi dada uma volta na Praça Pedro II, passando pela praça da Sereia e pela Igreja da Sé e retornando para frente da Prefeitura de São Luís.

Eu pensava que nos dirigiríamos até a frente do Palácio dos Leões, mas chegou a informação de que a governadora não estava presente no Palácio, pois estaria viajando, deixando boa parte dos manifestantes decepcionados, pois ela seria a carta na manga para a maioria dos integrantes daquele ato-cortejo. Será que o deputado Roberto Costa, aliado

do Palácio dos Leões, não sabia disso no dia anterior quando se prontificou a conceder os ônibus e carro de som?

Confesso que o sentimento dos líderes daquele ato-cortejo, ao avaliar sua repercussão, é o de que foram usados, assim como muitos outros que ali estavam. O fato de nos deslocarmos até a frente do Palácio dos Leões era para termos uma mensagem de esperança e a certeza de que o governo estadual poderia mandar construir a passarela do samba, nem que fosse uma passarela alternativa com dimensões e configurações menores do que a que vinha sendo construída tradicionalmente na capital maranhense.

Morreram ali as esperanças de grande parte dos participantes daquele ato-cortejo, inclusive as minhas, pois, ali, tive e tivemos a certeza de que um “espírito de porco” nos usou de forma desleal, pois não houve clareza desde o primeiro momento. Mais uma vez ficou a sensação de que aquelas pessoas que ali estavam são pessoas ingênuas, portanto pessoas sem respaldo suficiente para serem levadas a sério. Quem mandou acreditar nos políticos que quase sempre são oportunistas? Ficou ali também a sensação de que o carnaval ludovicense poderia virar purpurina.

Ao ato-protesto compareceram vários organizadores de grupos carnavalescos, menos os dirigentes considerados “traíras” e/ou “chapa branca”, que alimentaram e respaldaram a decisão do Prefeito de não construir a passarela do samba. Aliás, esses dirigentes chapa branca não deveriam nem ter sido chamados para a reunião na Prefeitura, mas os assessores considerados especiais, procurando mostrar “trabalho” ao novo comandante do município, articularam esse papel, cabendo à história o julgamento.

Com o clima misto de frustração e dever cumprido, os participantes do ato-cortejo realizado pelo segmento que queria a passarela do samba foi finalizado na entrada da escadaria Catarina Mina, que dá acesso à parte baixa do centro histórico de São Luís, depois de terem sido percorridos mais de uma centena de degraus, quando os grupos foram dispensados e dispersados para irem aos ônibus que os esperavam a fim de conduzi-los às suas bases. Todos saíram levando seus instrumentos com a preocupação que motivou aquele ato-cortejo, pois havia, no rosto de cada um, o sentimento de impotência e resignação não correspondida, diante da ausência de medidas que contemplassem as reivindicações aclamadas nos microfones do carro de som.

Dois ou três dias após essa manifestação, em frente à Prefeitura de São Luís, o Secretário Municipal de Comunicação, jornalista Márcio Jerry, ligado ao Partido Comunista do Brasil (PC do B), vai à rádio Capital, onde concede entrevista e faz referência à nossa participação no ato-cortejo dos grupos carnavalescos, ocasião em que ele estranha nossa participação e tenta nos desqualificar enquanto ex-dirigente da Fundação Municipal de Cultura e orador daquele ato, por isso transcrevemos parte da sua entrevista, incluindo o trecho em que sou citado:

[...] Quero esclarecer dois pontos importantes: primeiro a decisão da Prefeitura foi fazer o carnaval de passarela. A Prefeitura disse que garantiria o carnaval de passarela. A decisão de não fazer o carnaval de passarela foi tomada após a manifestação por escrito de União das Escolas de Samba e de representação dos blocos dizendo que não iriam para a passarela porque parte da crise é porque a Prefeitura não poderia bancar os cachês das apresentações, que é algo que não foi eterno e nem sempre existiu, passou a existir, passou a existir de uns tempos pra cá.

Essa decisão de não colocar a passarela é porque não havia sentido, pensem bem caros ouvintes, colocar a passarela para ninguém desfilar ou para duas escolas desfilar que aquela época somente duas escolas se manifestaram favorável para desfilar. Então a posição da Prefeitura de não desperdiçar o dinheiro público, ou seja, não montar a passarela, que é cara, não botar o som, que é caro, pra ninguém passar por lá. Segunda questão: (o depoimento é interrompido) pela radialista Mônica Moreira Lima que pergunta: como você viu as críticas da oposição vinculando isso a escolha religiosa.....

Márcio Jerry..... Olha isso é um absurdo, entendem..... porque o Prefeito disse que faria e garantiu os recursos para fazer o carnaval, tanto é que o carnaval vem sendo feito. Os bailes de carnaval promovido pela Fundação Municipal de Cultura são por todos extremamente elogiados como festas muito bonitas, muito criativas com muita paz, muita harmonia e muita integração. Parabéns o Secretário Francisco Gonçalves e toda a equipe da FUNC por isso. Haverá carnaval de rua promovido pela Prefeitura, teremos atividades, não sei se já tem programação, mas eles estavam fechando de ontem para hoje, mas haverá atividades na Praça Maria Aragão, no Anjo da Guarda, na região Cohab-Cohatrac... à Prefeitura apoiará várias iniciativas da sociedade. Haverá sim carnaval.

Agora é momento de se pra dar as mãos e repassar também toda organização do carnaval e mais, na reunião que teve na Prefeitura o Prefeito Edivaldo anunciou o início dos estudos pra construir a arena cultural de São Luís. A cidade não pode a cada carnaval tá gastando muito dinheiro do povo pra fazer passarela, que a pessoa chega ali: monta, desmontam e vai embora. Nós precisamos ter uma estrutura em que haja carnaval e que seja utilizada o ano inteiro, não apenas com essa festividade, mas tenha o São João, que tenha shows, que tenha é .....enfim atividades as mais diversas como por exemplo nos moldes do sambódromo do Rio e outras capitais brasileiras, mas com uma adequação diferente, que seja um equipamento público

multiuso que sirva para o carnaval, para o São João, mas sirva para outras atividades, ou seja, é a grande arena cultural. Esses estudos serão iniciados logo após o carnaval.

O Secretário Francisco Gonçalves convocou todas as pessoas envolvidas com o carnaval para logo após o carnaval realizar um seminário pra desde já começar organizar o carnaval de 2014. Na reunião também, o Prefeito disse: “Olha, vamos fazer em 2014 o maior carnaval da história de São Luís porque aí nós não vamos pegar como pegamos agora. A posse dia primeiro de janeiro e o carnaval no dia 07, 08 de fevereiro”. Novamente o depoimento é interrompido pelo radialista Ivison Lima: mudar o carnaval que o ex-prefeito João Castelo fez com um rombo de 01 bilhão de reais para os cofres públicos..... Nesse momento, volta Márcio Jerry: - “eu quero aproveitar a deixa aqui para manifestar uma estranheza, que é muito importante as pessoas perceber. Lá na Prefeitura teve lá uma manifestação. Eu vou lá olhar e vejo discursando o Euclides Moreira Neto, ex-presidente da FUNC outro dia, deixou um rombo de R\$ 15.000.000,00 (quinze milhões de reais) e tem a cara de pau de vim fazer um protesto. Olha Euclides Moreira de Neto trate de explicar a sociedade o tamanho da sua incapacidade gerencial ou outra coisa que eu não quero acreditar. Agora é preciso que a gente coloque o pingo nos “is”, que a gente coloque o preto no branco”.

O Prefeito Edivaldo Holanda determinou pra fazer o carnaval, mas não podia desperdiçar recursos. Não deu pra fazer a passarela porque as escolas e os blocos não quiseram, tudo bem, não se faz e pega-se dinheiro o dinheiro e coloca na saúde. [...]. (Entrevista concedida ao programa “Show da Capital”, na rádio Capital, no dia 25 de janeiro de 2013).

O depoimento do Secretário de Comunicação continuou no programa “Show da Capital”, no qual foram reafirmados os pontos já colocados, fazendo ligações com a suposta aceitação do povo por meio de opiniões publicizadas nos programas radiofônicos da cidade de São Luís, o que para ele foi uma aceitação surpreendente e quase unânime. Segundo opiniões dos radialistas entrevistadores e do entrevistado, essa aceitação era uma prova cabal da medida acertada do prefeito, pois houve uma grandiosa compreensão da população e aceitação popular.

Num certo momento, o radialista Ivison Lima consegue fazer uma ligação opinativa sua, pessoal, com o fato de que o governo do Estado havia trazido Roberto Carlos a São Luís, pagando o cachê de R\$ 3.500.000,00 (três milhões e quinhentos mil reais) como principal atração convidada do Governo do Estado para comemorar os 400 anos da cidade de São Luís, festejados no mês de setembro de 2012, assim como teria concedido apoio de R\$ 12.000.000,00 (doze milhões de reais) à escola de samba de Carlinhos Cachoeira e Aní-

sio Abrão, referindo-se à escola Beija Flor de Nilópolis – RJ, para desenvolver um enredo inspirado em São Luís, durante o carnaval de 2012, iniciando as comemorações do aniversário de 400 anos da capital maranhense. Segundo esse radialista, só o dinheiro do cachê de Roberto Carlos daria para pagar a construção da anunciada “arena cultural”.

Como fui citado pelo Secretário Márcio Jerry de forma deselegante e pondo em dúvida minha honra pessoal e de gestor, tenho a esclarecer também dois pontos: primeiro, a dívida que deixamos na FUNC por meio de contratos e convênios não foi de R\$ 15.000,000,00 (quinze milhões de reais). Foi menos da metade e quem faz o pagamento dessas despesas é a Secretaria Municipal da Fazenda (SEMFAZ), incluindo todos os processos contratados e convênios firmados pela Prefeitura de São Luís, por meio de suas Secretarias e órgãos da administração indireta, como a FUNC.

Vale, aqui, uma lembrança providencial, esses processos contratados e conveniados pelos órgãos da prefeitura de São Luís só podiam ser pagos após haver toda uma peregrinação burocrática pelos equipamentos de controle e fiscalização da própria prefeitura, quando todos os processos passavam pela avaliação e análise da Comissão Permanente de Licitação (CPL) e depois eram homologados pela Controladoria Geral do Município, portanto eu não posso ser acusado de mal gestor se eu tinha orçamento aprovado pela Câmara dos Vereadores e pelo próprio Prefeito.

Eu só ordenei as despesas que os técnicos da Secretaria de Planejamento me sinalizaram que tínhamos à disposição por meio do Plano Plurianual (PPA), Lei de Diretrizes Orçamentária (LDO) e Lei do Orçamento Anual (LOA). Infelizmente, para que o município cumpra todos os compromissos financeiros acordados através de contratos e convênios, existe um condicionante vinculado à arrecadação que se gera por meio dos pagamentos de impostos e outros serviços prestados pelo próprio Município e cujos valores são gerenciados por outras pastas, como a Secretaria da Fazenda, não tendo o Presidente da Fundação Municipal de Cultura (como era o meu caso) o poder de priorizar os pagamentos de minha pasta.

O máximo que eu podia fazer, para viabilizar esses pagamentos, enquanto presidente de um equipamento da administração indireta da prefeitura de São Luís, era demonstrar a necessidade dos pagamentos pendentes, o que se constituía uma forma de pressão, que era

normalmente feita por mim junto ao Prefeito, ao Secretário da Fazenda e aos Vereadores sensibilizados com a área cultural. Portanto, demonstrar e solicitar, o fiz várias vezes, no sentido de que os fornecedores e prestadores de serviços da FUNC fossem pagos. Isso foi feito por mim, por várias vezes, repito.

A dívida da Fundação Municipal de Cultura citada de mais de R\$ 15.000,000,00 (quinze milhões de reais), refere-se, sim, em parte, à dívida deixada pela gestão que estava saindo, ou seja, à dívida contraída na minha gestão, mas acrescida de todas as outras dívidas de restos a pagar dos demais gestores que passaram pela direção da Fundação Municipal de Cultura, portanto, nesse bojo, está contida a dívida de todos os últimos gestores da Prefeitura Municipal.

Pessoalmente considerei que a forma como foi colocada a questão pelo Secretário Municipal de Comunicação, Márcio Jerry, é que foi maldosa, fraudulenta e revestida de ódio, com o objetivo de macular minha imagem de gestor público e de profissional ilibado e competente, e isso, para mim, trata-se de uma medida publicizada para confundir a opinião pública, criando uma imagem deturpada da minha pessoa, talvez, por perseguição e orientação política, portanto, é uma medida inaceitável.

Ninguém me perguntou se eu concordava em deixar processos de serviços contratados sem pagar. Não, ninguém me fez essa pergunta, por isso eu respondo agora: “Não concordo e achei lamentável isso ter ocorrido”. Espero que o novo gestor da cidade, inspirado no seu discurso inovador e moralizador, consiga, com sua equipe jovem e “blindada de más intenções”, superar todas as dificuldades que venham a surgir e comprove que o povo ludovicense acertou ao lhe conceder o voto de confiança, elegendo-o Prefeito.

Torço de coração para que o Prefeito Edivaldo Holanda Júnior torne nossa capital adimplente e merecedora de um futuro melhor, pois, quando reivindicamos a passarela do samba, queremos apenas salvar nossa cultura, queremos salvar nossos artistas do carnaval e da cultura popular, além de nossas raízes herdadas de nossos avós, pois há muito tempo tenho constatado que muitos artistas criadores do carnaval e outras manifestações culturais ludovicenses tem migrado para outras cidades à procura de espaço.

Essa migração de artistas do carnaval quase sempre é direcionada para as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, onde eles podem desenvolver seus trabalhos de criação, assim como desfilar nos espetáculos carnavalescos com maior dignidade, estando, entre eles, Wagner Santos (carnavalesco da escola de samba Tucuruvi, de São Paulo), Biné e Enoque, que todos os anos vão para o Rio de Janeiro desfilar na escola de samba Grande Rio.

O segundo ponto que quero esclarecer é que tenho história de luta, trabalho e competência na minha cidade e no meu estado, nunca roubei e nem há provas de que cometi algo ilícito, por isso ofereço minha história de vida para os que querem achar “agulha no fundo do mar” e duvidam da minha honestidade, pois também não tenho medo de me expor e falar a verdade, ação que faço com a maior tranquilidade e de cabeça erguida durante todos os dias do ano, sem medo de ser feliz.

Estive no ato-cortejo em frente à Prefeitura de São Luís como militante cultural, ex-gestor e fiz uso da palavra para que pessoas travadas culturalmente pudessem ouvir o que tinha a dizer, pois havia uma suspeita no ar de que os órgãos de comunicação da capital maranhense estavam blindados, sob orientação da nova equipe que entrou para gerenciar a Secretaria Municipal de Comunicação Social, parecendo ter havido um acordo coletivo (não muito explicitado), que, providencialmente, negociou com os gestores desses órgão de comunicação, para evitarem a difusão de opiniões contrárias às decisões oficiais oriundas da Prefeitura de São Luís.

A decisão da Prefeitura de São Luís de não construir a passarela do samba, mesmo que tenha sido feita baseada em documentos vazios de representatividade (segundo meu entendimento, pois foi uma articulação só da cúpula daquelas entidades), “como os assinados pela UESMA e atividades dos blocos tradicionais”<sup>53</sup>, como ressaltou o Secretário Marcio Jerry, não anula minha (nossa) indignação provocada por essa famigerada suspensão. Por isso, estou fazendo este relato, para que minha opinião alcance novas fronteiras que po-

---

<sup>53</sup> O documento que representou o segmento bloco tradicional foi assinado conjuntamente pelos senhores Josimar Freire Rangel, Presidente da ABTEMA (Academia de Blocos Tradicionais do Estado do Maranhão) e Ivaldo Santana da Silva (Brasa Santana), Presidente da AMBC (Associação Maranhense de Blocos Carnavalescos), sendo que o papel timbrado era dessa segunda entidade citada, tendo sido protocolado na portaria da Fundação Municipal de Cultura, no dia 16 de janeiro de 2013. Em janeiro de 2013, existiam em funcionamento na região metropolitana da ilha de São Luís 48 grupos de blocos tradicionais.

tencializem o seu significado, contribuindo para que outras ações, como essa heresia, não venham a ser cometidas, novamente, no nosso meio cultural.

Dizer que não concordo com essa medida administrativa do Prefeito de São Luís, não quer dizer que estou torcendo contra a gestão do prefeito que acaba de assumir. Não! Não é isso, pois torço para que ele consiga superar as dificuldades, afinal, suponho que, ao ser candidato, o prefeito eleito com certeza não era um “estranho no ninho”, portanto ele sabia que a educação, a saúde, o trânsito, enfim, todas as áreas consideradas estruturantes do Município tinham problemas e ele prometeu dar jeito.

Afinal, para quem já foi vereador, não se pode dizer que todos esses fatos eram desconhecidos. Não sejamos tão ingênuos e também não vamos transformar o coletivo do nosso povo em massa de ingenuidade. Os vereadores mais do que ninguém sabem que as cidades vivem problemas plurais e multifacetados de interesses coletivos, que precisam de atenção e da ação da administração pública, portanto, o candidato sabia, sim, dos problemas que lhe aguardavam. Na minha opinião, o problema maior da atual gestão foram as promessas generosas e esperançosas que foram demais.

Passado esse episódio, confesso que minhas impressões, nos dias seguintes, foram marcadas por dias nebulosos e sem a alegria que normalmente contagiava os artistas que fazem o carnaval de passarela. Verificando o sentimento coletivo do segmento cultural de São Luís, observei que vivíamos um clima de frustração, comparado, por exemplo, àqueles momentos de copa do mundo, em que nossa seleção fora inesperadamente eliminada.

Imagine toda uma população ser motivada para uma copa mundial de futebol e um mês antes da sua realização esse torneio ser inesperadamente cancelado. Com certeza as pessoas que apreciam essa prática esportiva ficariam chocadas, revoltadas e não entenderiam essa decisão como normal. Por isso, imaginem essa possibilidade. Esse era o sentimento que pairava em mim e naqueles que amam o carnaval – era o sentimento de perda de uma copa do mundo anunciada e não realizada.

Os militantes do carnaval de São Luís ficaram um ano inteiro ou boa parte dele construindo seus sonhos para se mostrar no seu grupo carnavalesco, na passarela do samba,

recebendo o aplauso dos moradores, visitantes e turistas em geral. Esses artistas, anônimos ou não, passaram boa parte do ano trabalhando suas concepções criativas de projetos alegóricos e carnavalescos para serem vistas, aplaudidas ou criticadas, na passarela do samba.

De repente, vem a Instituição responsável pela organização do carnaval e toma a decisão de cancelar a montagem da passarela do samba, penalizando todos os segmentos da área, inclusive penalizando a cidade, enquanto destino turístico. Nessa ação, se joga pelo ralo todo um paradigma construído culturalmente ao longo dos anos, transformando os “sonhos” e “projetos” idealizados pelos artistas e criadores da cidade, para o ano de 2013, em purpurina.

Conforme pude apurar junto ao sindicato da rede hoteleira da capital maranhense, houve uma queda significativa na ocupação dos apartamentos dos hotéis de São Luís, como nunca havia acontecido na história da cidade, mesmo nos dois anos anteriores quando o aeroporto da cidade estava em reforma, diante da ameaça de queda da sua cobertura. Constatei que a taxa de ocupação da rede hoteleira não superou 50% (cinquenta por cento) dos apartamentos disponíveis, frustrando também esse segmento.

Para nós, não adianta alegar que foram três entidades que deram a deixa para que isso acontecesse, não adianta alegar as dificuldades de como o atual gestor recebeu a prefeitura do antecessor, segundo eles entulhada de dívidas, pois as dificuldades tem que ter soluções e cabe ao governo que administra o município encontrar as soluções e saídas para cada situação que se apresente como problema. Os problemas que forem caso de polícia, que sejam encaminhados à polícia; ou os que forem caso de justiça, que sejam encaminhados à justiça.

Tentar alegar subterfúgios não vai resolver o caso. Não, isso não remedia os problemas ou as soluções, nem o fato de se mandar 50% dos recursos do carnaval para a área da saúde, pois muitos adoeceram e os prejuízos foram imensos. O sentimento de frustração é o mesmo da perda de uma copa do mundo, pois perdemos um momento singular no interstício do calendário cultural da nossa cidade, que se tornará marco negativo na história da cidade.

Nesse ano de 2013, a cidade de São Luís viu-se alvejada e esvaziada de grande parte

de seus foliões entusiastas, pois uma avalanche de pessoas debandou para cidades do interior maranhense, lotando os *ferry-boats* na travessia “Ponta da Madeira-Cujupi”, ou congestionando a BR 135, na saída de São Luís, na região de “Campo de Perizes”, seguindo para destinos diversos em todo o Estado; ou lotando os voôs domésticos, no aeroporto internacional Marechal Cunha Machado, seguindo para outras regiões do País.

A capital maranhense viveu uma temporada carnavalesca pífia, comparada aos festejos interioranos, o que não reflete o vigor que deveria fluir numa capital ou cidade com mais de 1 milhão de habitantes. Ressalva-se que a temporada carnavalesca foi salva pela programação posta em prática pelo governo do Estado, que se apoiou em cinco grandes atrações nacionais, como os grupos Monobloco e Timbalada; e os cantores Jorge Benjor, Diogo Nogueira, Alcione, etc.

Não se tem como negar que as atrações contratadas de outras localidades, misturadas aos ritmos locais, deram um tom quase melancólico ao carnaval de São Luís, na área da praça Deodoro, lotando aquele espaço geográfico, enquanto os circuitos de bairro (que não foram muitos, pois houve diminuição de espaços) desenvolviam seu feijão com arroz caseiro com o cardápio cultural local, interrompido de vez em quando pelas brigas de moleques, trombadinhas ou moribundos, infiltrados no meio do povo.

O carnaval da mistura, posto em prática pelo Governo do Maranhão, também foi alvo de severas críticas de membros opositores ao governo estadual, como, por exemplo o posicionamento do ex-Secretário de Estado da Cultura maranhense, Joaozinho Ribeiro, que classificou a fórmula usada pelo governo de Roseana Sarney de “burra e inadequada, disfarçada sob o mote pomposo de “Carnaval – a mistura é a nossa maior riqueza”. Joaozinho Ribeiro conclui sua crítica, perguntando: “[...] riqueza de quem e para quem? [...]”<sup>54</sup>, referindo-se aos altos cachês pagos aos grupos e cantores convidados para virem a São Luís participar da festa momesca ludovicense..

Como as opiniões não são unânimes, verifiquei que circularam, na imprensa de São Luís, opiniões totalmente contrárias às de Joaozinho Ribeiro, como a do jornalista Fernando Oliveira, na crônica “A Praça Deodoro é do Povo”, publicada no jornal “O Estado

<sup>54</sup> RIBEIRO, João. Quanto Custa o Carnaval? **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 4, 28 jan. 2013.

do Maranhão”, em que ele declara ter visto tanta estupidez por aí. “[...] Gente sem noção que, no afã de criticar, é de uma tolice sem tamanho. Pela ótica míope de certas criaturas, nenhum artista maranhense teria o direito de se apresentar fora do estado em um evento popular, como o carnaval [...]”<sup>55</sup>, por exemplo, Oliveira ressalta: “[...] Gabriel cantando samba no Rio de Janeiro, nem pensar. Tribo de Jah em cima de um trio elétrico na Bahia, um absurdo, diriam. Seria uma afronta aos artistas “nativos” [...]”.

Nesse cenário, não posso deixar de citar o fato de que a Prefeitura de São Luís, ao anunciar a não construção da passarela do samba e ratear os recursos de 02 (dois) milhões de reais para a saúde (um milhão de reais) e ao anunciar a programação de bailes em bairros da capital (outro um milhão de reais), atingindo os espaços da praça Maria Aragão, bairros do Anjo da Guarda, Cohab-Cohatrac, Cidade Operária e Desterro, não havia colocado nenhum bloco tradicional e nenhuma escola de samba na programação oficial.

Enquanto isso, a programação da Prefeitura de São Luís que, para o período gordo de carnaval, esqueceu, no primeiro momento, de incluir os blocos tradicionais e as escolas de samba, anunciava também que o carnaval estava garantido com uma característica familiar, voltada para os bairros, fato que, na minha opinião, não reflete o desejo das classes mais carentes, pois a população carente quer é o brilho, o luxo, a purpurina, o glamour e as festas bem organizadas e com total segurança.

Ao afirmar esses aspectos desejados pelas camadas mais carentes da população, lembrei-me do que falava e pregava o carnavalesco maranhense Joazinho Trinta, falecido em 2011, quando difundia para todos os seus seguidores e admiradores: “quem gosta de pobreza é intelectual, o povo carente quer é luxo, brilho, beleza”, quer dizer, Joazinho se postava como intérprete do desejo popular, ou seja, os menos favorecidos estão eternamente em busca de dias melhores e de riqueza, e o carnaval possibilita essa ilusão mágica. Esse é o verdadeiro espírito da festa carnavalesca.

Essa primeira versão de programação divulgada na imprensa e site oficial da prefeitura estava alimentada e recheada com os grupos considerados “amigos” da equipe de

---

<sup>55</sup> OLIVEIRA, Antônio Fernando. A Praça Deodoro é do Povo. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 4, 31 jan. 2013.

eventos da FUNC, inclusive, ironicamente, com o grupo “Bicho Terra”, considerado o menino dourado dos olhos do grupo governista do Palácio dos Leões, contemplado com três apresentações. O grupo “Bicho Terra”, juntamente com o grupo “Boizinho Barrica”, tem os maiores respaldos oficiais entre todos os grupos do meio cultural da capital maranhense.

Por outro lado, somente após denúncia em redes sociais de que os blocos tradicionais e escolas de sambas haviam sido detonados da programação oficial da Prefeitura de São Luís é que a medida foi revista. A turma da “Coordenação de Eventos” da Fundação Municipal de Cultura deu um jeitinho de programar um encontro de blocos tradicionais, com a participação de 10 (dez) grupos convidados, na praça Nauro Machado, e resolveu também convidar as baterias das escolas de samba Turma do Quinto e Favela do Samba para encerrar a programação do domingo e segunda-feira de carnaval, na praça Maria Aragão, respectivamente.

Torna-se necessário fazer uma observação técnico-financeira sobre esse arranjo de programação implementado pela Fundação Municipal de Cultura de São Luís. Os cachês, tanto dos blocos tradicionais quanto das escolas de samba, foram bem menores que os cachês pagos ao grupo “Bicho Terra”, “Madrillenus”, “Vamu di Samba”, “Sindicato do Samba”, “A Máquina de Descascar Alho”, “Lamparina”, “Amigos do Samba”, “Zabumbaça” e as bandas “Vagabundos do Jegue”, “Argumento”, “Mix Brasil”, “Confraria do Copo”, “Amigos do Samba”, “Jegue Folia”, “Big Band”, “Bare do Casco”, “Makina do Tempo”, “Carnareggae e banda Filhos de Jah”, “Tirando Onda”, “Bicicletinha do Samba”, entre outros grupos seletamente convidados e protegidos para não ficarem fora do elenco eleito.

Verifiquei que, nessa seleção de banda e grupos convidados pela “coordenação de eventos” da Fundação Municipal de Cultura, foi posta em prática a lei de dois pesos e duas medidas, o que, para mim, é uma prática perigosa e que nem sempre é um critério democrático, e que, nos discursos da própria militância petista, é tradicionalmente combatida, a fim de evitar privilégios, tornando-se, assim, uma prática veemente e simbólica, para justificar determinadas medidas e ações adotadas por integrantes dessa facção partidária.

Com tudo isso, como se explica que num universo de mais de uma centena de atrações culturais que possam ser encaixadas numa programação oficial carnavalesca de uma prefeitura, como se justifica a presença, pelo menos três vezes, de um grupo como o “Bicho

Terra” e, duas vezes, das bandas “Confraria do Copo”, “Jegue Folia”, “Vagabundos do Jegue”, “Makina do Tempo”, “A Máquina de Descascar Alho”, entre outros? Lembramos que a grande maioria desses grupos pertence ao bairro da Madre de Deus, um tradicional bairro festivo-cultural contemplado em todos os programas oficiais de cultura e turismo que são postos em prática na capital maranhense.

Para as escolas de samba, fora prometido o pagamento de cachê de R\$ 3.000,00 (três mil reais) e para blocos tradicionais de R\$ 2.000,00 (dois mil reais), valor que não foi aceito por todos os grupos que foram previamente selecionados para participar do encontro de blocos tradicionais programado pela Fundação Municipal de Cultura, obrigando à substituição, de última hora, do grupo pré-selecionado, como por exemplo, o grupo “Os Feras” não aceitou o cachê de R\$ 2.000,00 (dois mil reais) e foi substituído pelo grupo “Os Apaixonados”.

Dessa maneira, para não criarmos um clima hostil junto aos demais grupos carnavalescos, preferimos aguardar a prestação de contas oficial da Fundação Municipal de Cultura sobre os demais cachês, lembrando que o grupo “Bicho Terra” não dança em nenhum espaço de São Luís por menos de R\$ 6.000,00 (seis mil reais), pelo menos durante o período em que estive na presidência da FUNC, era assim. Até início do mês de maio de 2013, os cachês dos grupos contratados pela FUNC ainda não haviam sido pagos. Essa demora também ocorria na nossa gestão.

O encontro de blocos tradicionais foi programado para a praça Nauro Machado, na sexta-feira, 8 de fevereiro, a partir das 18 horas, em pleno centro histórico da cidade, embora o convite oficial para a abertura da temporada gorda do carnaval da Prefeitura de São Luís, formulado por meio da Fundação Municipal de Cultura fizesse referência à abertura da programação que seria executada somente a partir de sábado, às 17 horas, na praça Maria Aragão.

Como o encontro dos blocos tradicionais foi um arranjo de última hora para amenizar o equívoco de não se ter incluído blocos tradicionais e escolas de samba na programação oficial, aquela praça sequer foi preparada com os serviços essenciais exigidos por um encontro dessa envergadura, como um bom palco, um bom equipamento de sonorização, decoração e uma boa iluminação. Vale lembrar que no mesmo local, nos dois finais de se-

manas que antecederam esse encontro, houve atividades do pré-carnaval organizado pelo governo estadual.

Ressalte-se, também, que a iluminação da parte frontal do palco que atendeu ao encontro de blocos tradicionais, restringiu-se a dois refletores que foram direcionados para a área externa onde se posicionavam as baterias dos blocos tradicionais. Resultado: a praça estava meio escura, sem se falar na sonorização considerada muito fraca, pois o som que foi disponibilizado era de péssima qualidade, taxado pelos brincantes como uma vergonha, abaixo da crítica; também não houve apoio da guarda municipal, blitz urbana, equipe de socorristas do SAMUR e da Secretaria da Saúde, fiscais da Secretaria de Urbanismo, Guarda Municipal, etc., pois, se houve, parece que eles se esconderam, uma vez que não foram vistos.

Olhei policiais militares do governo do estado que circulavam entre o povo, e naquele dia, também não houve a mesma freqüência de público registrado nos finais de semana da pré-temporada carnavalesca, promovida pela Secretaria de Estado da Cultura, nos finais de semana anteriores, utilizando-se ainda três pontos de apresentações de atrações culturais: praça Nauro Machado, Canto da Cultura e Casa do Maranhão, todos muito próximos.

Apesar disso, o centro histórico da capital mais uma vez se impôs e a sonoridade percussiva dos blocos tradicionais ecoou e manteve a musicalidade que torna esse pedaço de chão da capital maranhense tão diferente do restante das cidades brasileiras, pois São Luís talvez tenha a maior diversidade de ritmos do carnaval do Brasil, a qual foi ainda temperada pelo cheiro e odor da culinária regional, que encontrou ressonância positiva nos turistas que se fizeram presentes na Praia Grande.

Esse encontro de blocos tradicionais foi denominado pela turma da FUNC de “1º Encontro de Blocos Tradicionais de São Luís de alegria e cores”, como se isso nunca tivesse ocorrido na cidade. Ressalte-se que esse tipo de encontro é uma prática comum entre os blocos tradicionais ludovicenses e, quando eles organizavam, o faziam de forma responsável e voluntária, de modo que os blocos que são convidados a participar põem em prática uma troca de serviços ou permutas de futuras apresentações dos grupos envolvidos com a atividade, estreitando os laços entre os grupos. Nessas ocasiões, são avaliadas as batidas percussivas de cada grupo, inovações visuais, algum efeito surpresa, etc. Resumindo, este tipo de encontro é

ação feita para celebrar e compartilhar a convivência entre os blocos tradicionais.

Durante o “1º Encontro de Blocos Tradicionais de São Luís de alegria e cores”, na praça Nauro Machado, promovido pela FUNC, sequer tinha uma “faixa” ou um “fundo de palco”, a fim de identificar o evento. Ah, para não dizer que só vi erros e equívocos, constatei que o encontro teve o acompanhamento de uma equipe de apoio de servidores e funcionários da FUNC, lá eu vi Luzian, Paula Gaspar, Lauro Vasconcelos, Márcio Santos, Joel Jacinto (este último não sei se estava trabalhando) entre outros, que controlavam a chegada, entrada, tempo de apresentação e saída dos grupos convidados do encontro oficial promovido pela Prefeitura de São Luís.

Sobre a programação desenvolvida na praça Maria Aragão, confesso que acompanhei de longe, embora constatasse que a infraestrutura estava bem melhor que a do encontro de blocos tradicionais, no entanto fiquei triste com o clima de esvaziamento que ali presenciei, pois a praça Maria Aragão foi o espaço mais frequentado e concorrido de todas as atividades realizadas no governo que acabara de sair. Havia uma participação grandiosa do público ludovicense, que soube reconhecer o simbolismo do que ali era realizado.

Não querendo fazer comparações com outros eventos executados naquela praça, vou me limitar a comentar a participação das baterias das escolas de samba. No domingo gordo de carnaval, a escola de samba Turma do Quinto deveria ter encerrado a programação, entretanto o grupo não compareceu. Não compareceu e os motivos por que não compareceu podem ser facilmente identificados, pois para mim os motivos estavam claros e já eram suficientes para tirar minhas conclusões e deduções.

Na segunda-feira, o encerramento da programação foi com a “bateria Carcará”, da escola de samba Favela do Samba, que compareceu com um grande grupo de integrantes e dizem os mais entusiastas que foi o grupo que salvou aquela noite, pois ali estavam os ritmistas (mais ou menos setenta integrantes), dois casais de mestre sala e porta bandeira, um grupo de mais ou menos 15 passistas, uma rainha e duas princesas da bateria, além da ala de intérpretes e de harmonia, todos comandados pelo mestre Júlio, um personagem que, em 2013, completou trinta anos no comando da bateria Carcará daquela agremiação carnavalesca, portanto, um personagem mais que legitimado e respeitado pelo meio cultural de São Luís.

A participação da “bateria Carcará” foi marcada pela ação da diretora da Favela do Samba, Jeisa Moraes, que, antes do início dessa apresentação, colocou uma tarja preta no braço de cada integrante da bateria e dos demais componentes daquela agremiação. Segundo ela, “tratava-se de um protesto, pois o carnaval de São Luís estava de luto com a não construção da passarela do samba” e a falta dos concursos carnavalescos específicos que ali eram realizados.

Essa ação não havia ficado com clareza junto a alguns membros daquela escola (creio que por falta de comunicação interna da direção da escola), pois, no dia anterior, haviam falecido dois integrantes da Favela do Samba, por problemas de saúde, provocando, assim, interpretações distorcidas: uns achavam que a tarja era pros falecidos, outros entenderam o recado da diretora protestante. De qualquer forma, a apresentação ocorreu com tarja preta e foi um sucesso, fechando com chave de ouro a segunda-feira de carnaval na praça Maria Aragão.

A terça-feira de carnaval foi mais um dia light, pois a movimentação da maioria dos grupos locais tinha compromisso somente com o circuito do governo do Estado e a programação posta em prática pela Fundação Municipal de Cultura, sem que houvesse algum lugar considerado hegemônico para atrair o povão, embora a maior concentração tenha ocorrido na praça Deodoro, onde havia convidados de outros lugares e uma campanha promocional muito agressiva.

Na praça Maria Aragão, ocorreu, no final da programação do último dia de carnaval, uma ação pleiteada pelos organizadores de grupos de bumba meu boi dos sotaques de matraca e da ilha, que consistiu na entrega simbólica da chave da cidade, que estava até então com a corte de momo para os organizadores dos grupos de bumba meu boi juninos, num rito de passagem, que marca o final da temporada carnavalesca e o início da temporada junina, o que, em outras épocas, ocorria somente no sábado de aleluia.

Essa entrega da chave da cidade aos organizadores de grupos de bumba meu boi foi feita simbolicamente ao casal “pai Francisco” e “mãe Catirina”, pode-se considerar como a chegada de um novo ritual no meio da cultura popular da capital maranhense, pois se o carnaval é a passagem de um rito, os festejos juninos também são considerados outro rito, que tem suas regras, normas e obrigações postas em práticas pelos seus seguidores.

Creio, pessoalmente, que o ritual junino em São Luís do Maranhão é muito mais marcante que o ritual carnavalesco, embora os dois períodos sejam bem distintos um do outro, além de envolver outras vertentes que só o povo maranhense conhece plenamente, embora não se tenha como ignorar esses dois momentos que são fortes e tem o respaldo totalmente absorvido pela população - sua maior força, distinguindo a cidade de maneira singular.

Um outro dado que verifiquei com a temporada carnavalesca é que as ações da Prefeitura Municipal de São Luís não tiveram a mesma visibilidade no período gordo do carnaval, pois a chamada grande imprensa tradicionalmente abria espaço para divulgar todas as ações relativas aos concursos e programação da passarela do samba, transformando-a num “laboratório a céu aberto” para fotógrafos, profissionais da imprensa, pesquisadores e pessoas simples ou curiosas que apreciam o carnaval e suas manifestações culturais.

Como este ano não houve passarela, essa mesma grande imprensa priorizou a programação desenvolvida pelo governo estadual que contava com a presença de convidados de nomes nacionais. Resultado: a Prefeitura de São Luís também perdeu espaço na mídia tradicional e deixou de ganhar visibilidade, ficando sua programação sem destaque, enquanto que, tradicionalmente, conseguia ocupar espaço nos jornais, rádios e televisão. Assim, o carnaval promovido pela prefeitura não brilhou nas lentes midiáticas da cidade.

Descrito este depoimento, em primeira pessoa, sobre esta temática apaixonante, que é o carnaval ludovicense, e o equívoco emanado do poder público municipal ao penalizar toda uma coletividade alegando dificuldades financeiras momentâneas, afirmo que algo inaceitável para alguém como eu, que se doa por uma causa, que tem inspiração na maneira de ser de nosso povo, que, naturalmente, é festeiro e entusiástico de tudo o que vem do povo, principalmente, por ser nossa gente, de origem africana.

Portanto, reafirmo que continuarei vigilante e atento para esse fato e outras situações semelhantes, pois a sua gravidade tem ramificações plurais, que subitamente foram e vão sendo implantadas na alma da população, causando sentimentos caridosos e mexendo com o grau de satisfação de cada pessoa (homens, mulheres, velhos, adultos, crianças, etc), e só o tempo poderá identificá-las com precisão, avaliando suas consequências e estragos para os seus moradores.

Talvez uma das situações que mais me preocupa é o fato de, que nas cinco capitais de Estados brasileiros onde o poder público deixou de construir ou apoiar os desfiles das suas escolas de samba em tempos passados, essa manifestação foi simplesmente banida ou deixou de existir. O exemplo mais próximo que temos é a cidade de Teresina, capital do Piauí, que há cerca de seis anos não tem mais desfiles de escolas de samba.

Ao perguntar para um leitor comum se isso é bom ou ruim, teremos uma resposta provavelmente evasiva, sem conhecimento de causa e estimulada por diversas contingências factuais e interesses transitórios que essa pessoa esteja vivendo naquele momento. Com certeza, se a pergunta for feita para um membro de igreja evangélica, a resposta será de apoiar a decisão do poder público, por razões óbvias e já explicitadas neste relato, sem mais comentários.

Se a pergunta for feita a produtores culturais e pessoas sensíveis à causa da cultura popular, a resposta será bem diferente daquela do militante religioso de origem evangélica, pois aí estão embutidos interesses privados e públicos, que dominam o sentimento coletivo, sentimento esse que é ópio, que é alma, que é esperança e modos de vida particular de cada cidadão que aprecia o carnaval, como eu, pois como diz o poeta Ferreira Gullar, “o homem está na cidade, assim como uma árvore voa, na folha que a deixa, cada coisa está em outra de sua própria maneira que está em si mesma”.

Quanto a mim, quero deixar claro que esse ponto de interseção de interesse público com o interesse particular ou privado que norteia a atuação de minha pessoa, enquanto profissional de comunicação, professor universitário, produtor cultural e pesquisador, nos meus critérios de seleção dos fatos, ou seja, nos recortes que devo fazer para obter o que considero relevante para ser jogado à luz da esfera pública, é que me dá a certeza de que só assim passo a existir enquanto um elemento visível e defensor das causas em que acredito.

Compreender e definir o quê, concretamente, pode figurar como interesse público é um desafio diário para o profissional de comunicação e pesquisador. Para eu cumprir esse papel, em geral, vou utilizar os mesmos critérios que utilizo quando estou trabalhando com o jornalismo das mídias contemporâneas, cujos espaços editoriais deseja alcançar e que convergem para registros do tipo: novidade, abrangência, excepcionalidade, fato inesperado, imprevisibilidade, curiosidade, entre outros, destacando, sobretudo, aqueles aspectos que

foram pouco abordados ou são ainda desconhecidos para o público leitor.

Os discursos são, em sua essência, organizadores e produtores de sentido. Portanto, são construções culturais que o homem manuseia para representar a sua vivência com o outro. Certamente que eu (e por que não dizer, nós) estamos vivendo a utopia da sociedade harmônica, perfeita, sem desumanidades, sem explorados, como sonhou o iluminismo e ainda sonhamos muitos de nós, como sonham os apreciadores do carnaval de passarela, sem estar fazendo comparações perniciosas ao mensurar a prática daqui com a prática desenvolvida em outros centros considerados mais adiantados.

Vivo e vivemos sim, numa sociedade complexa, múltipla, plural, permeada por primeiros e terceiros mundos, portanto, permeadas por desigualdades e complexidades crescentes, inclusive ideológicas. Se o poder ainda é usado para concentrar, marginalizar, censurar e até matar, a perspectiva de uma democracia verdadeira coloca a alternativa de uma nova ordem, construída de forma autônoma, participativa e, sobretudo, democrática.

Por isso, reafirmamos o que pretendemos com esse relato. É fazer os atores por ele tocados de alguma forma, entenderem que nosso desabafo, feito em primeira pessoa, não é um instrumento do autoritarismo, mas que seja um instrumento, um meio de consolidar o pluralismo e a participação em sociedade, em todos os níveis de relacionamento comunitário e coletivo, capaz de produzir uma grande ópera popular, como os desfiles carnavalescos.

Quero sugerir dessa forma que o que aconteceu com o carnaval de São Luís foi uma parada na continuidade perturbadora do sistema, fato que é analisado por DaMatta como sendo uma tentativa de tornar visível alguma forma de “fim”, de “alvo”, de “destino”, de “direção”, pois, para ele, “[...] é precisamente isso que acontece quando uma sociedade faz uma festa ou ritual e inventa para si mesma um momento onde há um início, um meio e um fim [...]”<sup>56</sup>.

Finalmente, quero dizer que a multiplicidade de vozes e opiniões é fundamental à sobrevivência de qualquer instrumento que torne público o pensamento que paira na sociedade, por isso compor esta polifonia é fundamental para a sobrevivência política de

---

<sup>56</sup> DAMATTA, Roberto. **Explorações – Ensaios de Sociologia Interpretativa**, Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1986, p. 84.

instituições públicas e privadas. Saber compreender o burburinho, conhecer o que pensam as pessoas, do que gostam, o que fazem, com quem sonham, é a ordem. Dessa forma, o diálogo entre sujeitos sociais, entre singularidades e universalidade, foram as características marcantes que me nortearam para eu compreender o meu lugar de mediador neste conflito vivido pelo povo ludovicense com relação ao seu carnaval.



*O sorriso das crianças reluz o brilho da fantasia carnavalesca.*

#### 4. RELATO DE EXPERIÊNCIA ADMINISTRATIVA NA GESTÃO CULTURAL (Depoimento na Terceira Pessoa)

Após ter concluído os dois primeiros capítulos deste livro, submetemo-los à apreciação de alguns amigos para ouvir suas opiniões sobre o nosso texto, quando recebemos a sugestão do pesquisador, carnavalesco e professor-Dr. Eugênio Araújo para escrevermos um capítulo sobre a nossa experiência de gestão à frente da Fundação Municipal de Cultura da Prefeitura de São Luís, no período de 2009 a 2012. Confessamos que nossa intenção não era a de tornar esta publicação um manifesto de defesa pessoal, até porque esse tipo de ação requer muito juízo de valor e os que torcem de maneira contrária tem, aí, um prato cheio para contradizer o que afirmamos.

Depois de refletirmos, resolvemos tentar atender a solicitação do professor-Dr. Eugênio Araújo, na qual faremos um recorte focado nas ações e projetos desenvolvidos, que, com certeza, deixaram brechas para provocar questionamentos. Independente disso, queremos, inicialmente, afirmar que, ao receber a confirmação do convite do então prefeito João Castelo para assumirmos a Presidência da Fundação Municipal de Cultura, o recebemos gratificados pelo reconhecimento que era feito naquele momento a toda uma vida de doação e trabalho em favor da cultura maranhense.

Pessoalmente, estávamos vindo da comunidade acadêmica, pois somos do quadro docente da Universidade Federal do Maranhão, pertencendo ao curso de Comunicação Social, na habilitação Jornalismo. Na UFMA, exercemos por doze anos a função de Diretor do Departamento de Assuntos Culturais da Pró-Reitoria de Extensão, tendo passado pela gestão de três Reitores: Professor-Dr. Othon Bastos, Professor-Dr. Fernando Ramos e o Professor-Dr. Natalino Salgado. Com este último, trabalhamos os dois primeiros anos da sua primeira gestão como Reitor da UFMA, pois logo surgiu o convite para irmos para a Prefeitura de São Luís.

O início à frente da Presidência da FUNC foi um momento muito complicado, pois estávamos vivendo um dilema pessoal muito singular e complicado. Explicamos: “minha

mãe, havia sido atropelada no dia 18 de dezembro de 2008 (portanto, há 13 dias para o início da gestão do Prefeito João Castelo), tendo ela quebrado seis vértebras da coluna, o que lhe levou a ficar exatos três meses na UTI do hospital São Domingos, onde veio a falecer, no dia 19 de março, após vivermos momentos de profundo pesar, pois sabíamos da gravidade e das possibilidades remotas de que ela voltasse pra casa”.

Colocando os problemas pessoais à parte, outra preocupação que tínhamos era o fato de nunca termos assumido um cargo público fora da área de atuação da Universidade Federal do Maranhão, fato que também nos deixava muito inseguros, pois não tínhamos conhecimento da dimensão de como deveríamos atuar, incluindo os procedimentos administrativos e relacionamentos com servidores e funcionários, com os colegas da própria administração e os vereadores. Tudo era muito novo e “a cada momento tínhamos que matar um leão”, diante da avalanche de demandas que surgiam de forma inesperada.

Como nos apoiamos numa equipe básica de colegas que já conhecíamos, como Fernando Oliveira, indicado por nós para o cargo de Coordenador de Eventos (além dele já ser integrante da equipe da FUNC, na qual havia sido Assessor de Comunicação, na gestão anterior), Mauro Falcão, indicado para o cargo de Chefe de Gabinete (já o conhecíamos, pois trabalhou conosco no Departamento de Assuntos Culturais da Universidade Federal do Maranhão), Francisco Colombo (indicado para Assessor Técnico), entre outros.

Todavia, a grande maioria da equipe de servidores e funcionários foi mantida, pois não conhecíamos os quadros de pessoal, e, diante das informações que recebíamos, tomamos a decisão de trabalhar com a equipe existente, sem levar em consideração aquela premissa de que fulano ou beltrano não trabalhou para eleição do prefeito que estava assumindo, pois nos preocupamos com a qualidade do que deveria ser executado. Queríamos resultados, por isso as poucas mexidas que fizemos foram apenas trocas de funções, mas mantivemos os servidores e funcionários, afinal todos eram pais e mães ou arrimos de famílias.

Passado esse primeiro momento de choque com a nossa chegada e após constatarmos também um quadro de pendências deixado pela gestão anterior, inclusive com vários fornecedores sem receber, contratos e convênios não pagos, aluguéis vencidos, água e energia

atrasadas, etc. e uma dívida também significativa, incluindo restos a pagar de todas as outras administrações que já passaram por aquela Fundação, tivemos que ir em frente, administrando as demandas que surgiam e o primeiro grande desafio era exatamente o carnaval de 2009.

Naquela época, em janeiro de 2009, fomos surpreendidos com o fato de que nenhum procedimento licitatório para executar o carnaval da cidade de São Luís havia sido feito. Repetimos: nenhum procedimento licitatório para realizar o carnaval de São Luís do ano de 2009 havia sido feito, portanto, como o carnaval seria realizado há mais ou menos 40 dias do momento em que assumimos, não havia como proceder às licitações, que são reguladas por lei e há prazos a serem obedecidos.

Acrescente-se a esse fato que consideramos grave, que não encontramos, também, nenhum projeto escrito para nos auxiliar na formatação do carnaval daquele ano, o que tivemos que fazer em caráter de urgência, e para isso nos baseamos, sobretudo, na nossa experiência de também ser integrante do segmento carnavalesco, pois tínhamos e temos uma militância bastante reconhecida em escola de samba, como pesquisador e simpatizante da causa cultural local. Já havíamos militado nas escolas de samba Turma do Quinto (meados dos anos 70 até meados dos anos 80) e Favela o Samba (a partir de 1986, quando começamos a nos integrar àquela escola, onde estamos até hoje).

Pois bem, como não éramos totalmente leigos e sabíamos das necessidades que precisavam ser executadas para se ter um bom carnaval, partimos para esse desafio que foi, também, um teste para nossa capacidade de gestor. Sabíamos, por exemplo, que não podíamos repetir os mesmos erros dos carnavais passados, pois o movimento estava vindo de uma era de decadência e incertezas muito grandes, na qual as práticas que se registravam nos nossos desfiles chegavam ao ponto de as classificarmos como banalização de qualquer competição carnavalesca, em que não se obedeciam horários, ordens de desfiles, cumprimento de regulamentos, organização das atividades de julgamentos (ex, convocação e ficha dos jurados), controle interno e externo da equipe executora, etc.

Só para se ter uma ideia, os desfiles dos blocos tradicionais, escolas de samba, blocos organizados e tribos de índio começavam por volta das 19 horas e não tinham horário para

terminar, já tendo ocorrido, por várias vezes, que esses desfiles rompessem as noites e fossem terminar depois das dez horas da manhã do dia seguinte, o que era uma aberração para a Comissão de Carnaval, para a Fundação Municipal de Cultura, para a Imprensa local e para o próprio público, que era o mais sacrificado, sem levar em consideração que os grupos que desfilavam perdiam no mínimo 30% (trinta por cento) do seu quadro de integrantes, pois muitos não aguentavam ficar tanto tempo a esperar a hora de passar na avenida iluminada.

Assim, reunimos a equipe de eventos e constituímos uma Comissão de Carnaval coordenada por cinco membros, em que incluímos, naturalmente, o Coordenador de Eventos, Fernando Oliveira, um representante do setor jurídico da Fundação, Jorge Atta, a programadora de atrações da Coordenação de Eventos, Paula Gaspar, dois produtores da comunidade, Celso Brandão e o jornalista Joel Jacinto, que enumeraram as necessidades de cada setor, idealizaram o projeto literário com o tema “a capital brasileira da cultura é só alegria”<sup>57</sup>, e tomamos as providências legais que podiam ainda ser executadas.

Dessa forma a maioria dos serviços precisava passar por um processo licitatório e não dispúnhamos de tempo hábil para executar essas contratações, por exemplo, a infraestrutura da passarela, que nos últimos anos vinha sendo montada pela empresa Construmaq, de Belém do Pará, de propriedade do empresário Felipe Pereira, tinha que ter a montagem começada com vinte e cinco a vinte dias de antecedência e, para que isso ocorresse sem problemas, já deveria ter sido contratada, pois seria necessário estarem, em mãos, os Contratos, legalmente registrados e liberados, para serem apresentados aos órgãos de fiscalização, como o CREA-MA e o Corpo de Bombeiros, sob pena de receber multas.

Obter a liberação dessa documentação obrigatória das empresas prestadoras de serviços especializados para montagem da passarela do samba, obrigou a Prefeitura de São Luís a decretar um procedimento emergencial para viabilizar contratações diretas e assim haver o compromisso formal junto a essas prestadoras para começarmos a executar os vários serviços que se faziam necessários a sua viabilização, garantindo-se, assim, a segurança, limpeza

---

<sup>57</sup> Esse tema foi inspirado no fato da cidade de São Luís ter sido eleita no final do ano de 2008 como a “Capital Brasileira da Cultura”, quinta cidade brasileira e primeira capital de Estado a ser contemplada com esse título simbólico por iniciativa do *São Luís Convention Bureau*.

e todos os serviços essenciais para o bom atendimento ao público e aos grupos que fossem desfilar.

A saída encontrada pelo Prefeito João Castelo foi, por meio do procedimento emergencial, contratar a empresa do produtor cultural Guilherme Frota para prestar os serviços à Prefeitura de São Luís, tendo essa empresa cumprido todo o plano de trabalho elaborado pela “Comissão de Carnaval”, executando, assim, os serviços afins, como contratação da equipe executora, pagamento de cachês, contratação de atrações, contratação de empresa de segurança privada, contratação da sonorização, contratação da decoração, fornecimento de alimentação para a equipe e parceiros (polícia militar, limpeza, fiscalização urbanística, equipe de saúde, fiscais das entidades que representam os grupos carnavalescos, corpo de bombeiros, guarda municipal, etc).

Confessamos que a pressão dos festejos carnavalescos serem logo no início do ano, tornando-se, dessa maneira, um grande teste para nossa equipe, foi algo que mexeu com todos os que se dedicaram àquela causa. Havia uma preocupação exagerada para que nada desse errado e para que o carnaval que cabia à Prefeitura de São Luís não fosse inferior ao do Governo do Estado, que se encarregava da programação desenvolvida na área dos “circuitos de rua” ou “circuitos dos vivos”, desenvolvidos em vários bairros da cidade.

A decoração e a ambientação da passarela do samba e do circo cultural Nelson Brito era uma das preocupações que ocupou boa parte do tempo e a reflexão da equipe que preparava o projeto momesco, até que chegamos à conclusão de que deveríamos chamar o empresário e artista plástico, Miguel Veiga para executar esses serviços, o que foi feito com uma qualidade impecável, como normalmente ocorre com os trabalhos executados por aquele artista.

Miguel Veiga, que desenvolveu uma ambientação inspirada nos personagens da cultura popular maranhense, reforçando a temática de São Luís ser a nova capital brasileira da cultura, decorou, além da passarela do samba, o Circo Cultural Nelson Brito para a realização dos bailes oficiais da cidade: “baile da corte”, que escolhe a corte de Momo; “baile dos artistas”, dedicado aos artistas que executam o carnaval; e o “baile do Erê”, dedicado às crianças, lembrando que esses bailes acontecem num final de semana, no qual cada um

deles ocupa um dia específico, mais precisamente uma sexta-feira, o sábado e o domingo, respectivamente, marcando assim a abertura oficial da temporada carnavalesca da capital maranhense.

Portanto, antes da temporada gorda do carnaval, tivemos o desafio de executar a tríade de bailes que abriram a temporada carnavalesca de São Luís no ano de 2009, obtendo uma ótima receptividade junto aos foliões, membros da administração, ao público interessado e aos que estavam torcendo contra, pois nada de anormal foi registrado. Desde a execução dos bailes, tentamos imprimir o cumprimento do horário das atividades previstas, uma vez que sempre fomos um perseguidor exigente em cumprir regulamentos e horários, pois se eles existem, são para serem cumpridos.

A passarela do samba foi entregue em tempo hábil e ainda deu tempo para que, no sábado magro de carnaval, promovéssemos um ensaio com todas as baterias das escolas de samba que iriam participar do carnaval, tornando-se aquela uma boa oportunidade para testarmos o serviço de sonorização, que foi considerado o melhor já montado na avenida de desfile da cidade de São Luís, além disso pudemos anotar alguns defeitos que precisavam ser corrigidos para que na temporada propriamente dita não ocorressem problemas.

Estávamos ansiosos para que os dias de desfile chegassem. Seria o primeiro teste da gestão que acabava de assumir a Fundação Municipal de Cultura e nada poderia dar errado. Pois bem, com a equipe a postos, o primeiro bloco em competição já em posição de desfile, foi dado o “sinal verde”, anunciado pelo apresentador oficial dos desfiles carnavalescos de São Luís, Frank Matos, tendo corrido tudo bem. Porém, logo no segundo bloco começou um momento de apreensão, pois o grupo ainda não havia chegado.

A comissão de carnaval, como era regido pelo regulamento do desfile, abre espaço para o bloco, começando a contagem de tempo. Naquela primeira noite de desfile, verificaram-se, ainda, outros atrasos e a comissão de carnaval adotou a mesma postura de não deixar o espetáculo atrasar e nem permitir que os eventuais grupos retardatários atrasassem a programação prevista com antecedência, e, tal decisão, também com bastante antecedência, foi comunicada a cada grupo participante.

Se não nos falha a memória, cerca de cinco grupos de blocos tradicionais chegaram atrasados na primeira noite de competição. Todos perderam a oportunidade de passar na passarela competindo, pois o máximo que se permitiu foi que os grupos retardatários ficassem para desfilarem ao final da programação oficial, sem concorrer, pois só assim íamos reverter aquele cenário de banalidade que ocorria no carnaval da cidade nos últimos anos.

Essa experiência da primeira noite de desfile, no primeiro carnaval que organizamos, foi sem dúvida uma lição para todos os grupos que deveriam participar, tendo a medida sido amplamente discutida e debatida na imprensa escrita, falada e televisada, principalmente nas emissoras de rádio AM, que transmitiam o desfile ao vivo, nas quais parte dos profissionais apoiavam a medida e outros eram mais moderados, pedindo um pouco de compreensão da comissão de carnaval.

Nosso entendimento é que naquele momento não cabiam mais concessões em relação ao cumprimento de horários, pois só uma medida drástica iria mudar o comportamento dos atores envolvidos – os grupos competidores que fossem passar na passarela do samba. Com esse posicionamento, a medida considerada radical da comissão de carnaval, no primeiro dia de desfiles, foi amplamente entendida a partir da segunda noite e nenhum grupo agendado para o restante da programação atrasou-se, proporcionando uma temporada totalmente diferente das que o público ludovicense estava acostumado a assistir.

Vale lembrar que nenhuma programação desenvolvida no período gordo de carnaval na capital maranhense, no ano de 2009, terminou depois das 3 horas da manhã. Todas acabaram próximo a esse horário, sem extrapolar os 30 minutos de tolerância, portanto uma prática bem diferente daquela que terminava na manhã do dia seguinte, como já acontecera em tempos atrás. Portanto, essa medida moralizadora funcionou e só recebeu elogios, marcando nossa administração frente à Fundação Municipal da Cultura.

Outra medida que funcionou de forma muito eficiente foi o desdobramento dos desfiles das escolas de samba em dois dias, ou seja, em vez de se colocar 11 escolas para desfilarem em um único dia, fato que também colaborava para o encerramento da programação na manhã do dia seguinte, propusemos o desdobramento dos desfiles das escolas, o que foi

aceito por todos. Para agilizar essa medida, obedecemos o critério de classificação das escolas, no ano anterior, portanto as que estivessem classificadas na ordem ímpar desfilariam num dia diferente das escolas que estivessem classificadas na ordem par, devendo, num outro momento, ser efetuado o sorteio de quem desfilaria no domingo e de quem desfilaria na segunda-feira.

Podemos afirmar, sem medo de errar, que pusemos em prática uma nova fórmula na execução carnavalesca da capital maranhense, fugindo daquele paradigma viciado que tanto depõe contra a organização do nosso carnaval. É bom lembrar, ainda, que as mudanças não se limitaram somente a essas duas medidas básicas, que foram fundamentais, sim, mas houve uma outra medida que também marcou muito os quatro anos em que estivemos no comando da Fundação Municipal de Cultura: trata-se da escolha dos jurados.

Diferente do que ocorria nas gestões anteriores, quando os jurados eram escolhidos sob fortes suspeitas de manipulação para atender os interesses de determinados grupos carnavalescos, por exemplo, dirigentes de escolas de samba assumiam o papel de convocar jurados diretamente do gabinete do presidente da Fundação Municipal de Cultura, em nossa gestão promovemos a abertura de editais públicos convocando os intelectuais maranhenses e que viviam em São Luís e que tivessem interesse em ser jurado para se credenciar junto à comissão de carnaval e à própria FUNC, apresentando documentação que os qualificava para tal fim.

Feito esse primeiro procedimento de inscrever os intelectuais de forma voluntária para ser jurados, o segundo passo era reunir uma comissão formada por representantes da União das Escolas de Samba do Maranhão, Academia de Blocos Tradicionais do Maranhão, Associação Maranhense de Blocos Carnavalescos e representantes da imprensa para analisar os currículos dos candidatos, fazer uma pré-seleção dos possíveis jurados, pois a relação definitiva somente após o contato com o pré-selecionado e a aceitação das condições emanadas dos “Regulamentos dos Concursos”.

Nos quatro anos em que estivemos no comando da Fundação Municipal de Cultura, nunca participamos desse processo de escolha dos jurados, não indo sequer a alguma reunião que tratasse do assunto. Procedemos, assim, para evitar acusações e/ou comentários

de que nós estivessemos interferindo nos trabalhos de escolha para favorecer determinados grupos considerados aliados, como a Sociedade Recreativa Favela do Samba, escola da qual tradicionalmente fazemos parte e torcemos.

Vale lembrar que a torcida por escolas de samba mexe muito com o imaginário popular, levando as pessoas a assumir riscos semelhantes aos torcedores de time de futebol, pois essa torcida é embutida de fanatismo, e, no caso maranhense, podemos comparar ao que Pierre Bourdieu (1998 *apud* MOREIRA NETO. 2011) classificou como “poder simbólico estabelecido”<sup>58</sup>, capaz de se tornar uma arena de disputa que converge interesses diversos de segmentos também diversificados tanto da cidade quanto do estado.

Observemos que “Poder Simbólico”, na concepção de Bourdieu, se refere a algumas postulações que intermediam o debate acadêmico das ciências humanas, como o objeto em construção pelo pesquisador e a objetividade. Para esse autor, “[...] é esse poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem [...]”<sup>59</sup>, explicando, ainda, Bourdieu, “[...] o poder simbólico num sentido de relações determinadas entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença [...]”<sup>60</sup>.

Numa outra dimensão, verificamos que, para realizar esta pesquisa, foi preciso promovermos o confronto entre dados, evidências, informações coletadas sobre determinado assunto, no caso o carnaval de passarela e o carnaval enquanto manifestação cultural do povo ludovicense, e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Portanto, esse nosso olhar trata-se de uma tessitura teórico/empírica verbalizada pelo pesquisador como sujeito da construção do conhecimento.

Essa construção do conhecimento se faz a partir de estudo de um problema, que, ao mesmo tempo, desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a

---

<sup>58</sup> BOURDIEU, Pierre *apud* MOREIRA NETO, Euclides Barbosa. **O poder simbólico das radiolas de reggae na cultura maranhense**, Dissertação (Mestrado em Comunicação). UFF, UFMA, UNIVIMA, São Luís, 2009/2011.

<sup>59</sup> BOURDIEU, Pierre. **O espaço dos pontos de vista**. In: A miséria do mundo. Bourdieu, Pierre (*et al.*). Petropolis, RJ: Vozes, 2008, p. 8.

<sup>60</sup> \_\_\_\_\_. Op. cit. p. 14 e 15.

uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento. Trata-se, assim, de um grupo no esforço de elaborar o conhecimento de aspectos da realidade que deverão servir para a composição de soluções propostas aos seus problemas.

Dessa forma, esse conhecimento é, portanto, fruto da curiosidade, da inquietação, da inteligência e da atividade investigativa dos indivíduos. É, portanto, uma resposta do pesquisador às provocações da própria realidade, como bem enfatiza Gaston Bachelard: “o mundo é a minha provocação”<sup>61</sup>, por isso sentimos-nos provocados pelo carnaval ludovicense e sua força na cultura maranhense e balizamos o nosso raciocínio em determinadas reflexões. Assim, a experiência que pudemos observar no desfile carnavalesco de São Luís ao longo do tempo e a sua aplicação à cultura local nos chamou atenção para o que Homi Bhabha classificou de “[...] identidades diferenciais, as quais são constantemente negociadas, híbridas e transitórias [...]”<sup>62</sup>.

Bhabha afirma, ainda, que a globalização cultural é figurada nos entre-lugares de enquadramentos duplos: “[...] sua originalidade histórica, marcada por uma obscuridade cognitiva; seu “sujeito” descentrado, significado na temporalidade nervosa do tradicional ou na emergente provisoriedade do “presente” [...]”<sup>63</sup>. Numa outra análise voltada para os atores e os movimento dos centros urbanos, Nestor Garcia Canclini afirma que “[...] a mesma [...] cidade que massificou, os conectou com uma grande variedade simbólica – nacionais e estrangeiras – que fomentam, assim, a pluralidade de gostos [...]”<sup>64</sup>.

Sobre as novas configurações que vem sofrendo as cidades e seus bairros, quando profundas reformulações são processadas em meio a intensos fluxos e refluxos socioculturais, políticos e econômicos, influenciados pelo processo de globalização, Canclini (2001, p. 153) afirma que “[...] as cidades já não podem ser pensadas como espaços monolíticos,

---

<sup>61</sup> MOREIRA NETO, Euclides Barbosa. **O poder simbólico das radiolas de reggae na cultura maranhense**, Dissertação (Mestrado em Comunicação). UFF, UFMA, UNIVIMA, São Luís, 2009/2011.

<sup>62</sup> BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 301

<sup>63</sup> \_\_\_\_\_. Op. cit. p. 297.

<sup>64</sup> CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: 7ª edição, Editora UFRJ, 2008, p. 109.

homogêneos, delimitados [...]”<sup>65</sup>, sustentando que as cidades precisam ser concebidas “[...] como espaços de interação em que as identidades e os sentimentos de pertencimento são formados com recursos materiais e simbólicos de origem local, nacional e transacional [...]”.

Para Canclini, o reordenamento urbano pelo qual alguns centros urbanos tem passado – sobretudo as regiões metropolitanas – se realiza ao compasso do capitalismo contemporâneo. A nosso ver, essa formulação de Canclini explica muito bem a crise que está ocorrendo com o carnaval e a cultura popular ludovicense, pois houve todo um reordenamento de valores, que inclui a chegada, a distribuição que o fez circular nos diversos segmentos sociais, a difusão, produção, comercialização e aceitação identitária.

Avançando nessa discussão, percebemos que o carnaval maranhense sustenta-se em uma lógica de remuneração do capital não mais pautada no sistema produtivo industrial, mas num regime denominado por David Harvey (1992, p. 166) de “acumulação flexível de capital”<sup>66</sup>. Na nossa opinião, essa mudança provocou também uma mudança de paradigma de produção e, nessa dinâmica, é favorecida a acomodação de uma economia voltada para a produção de bens simbólicos, tendo na eclosão das indústrias culturais e do turismo suas marcas mais sonantes.

Sobre esse ponto de vista, Cleise Campos e Mirella Pitombo Vieira afirmam:

[...] No rastro dessas transformações, as heterogeneidades sociais, os diferentes “modos de vida” espalhados nos mais diferentes quadrantes do globo ganham relevo e se ajustam à lógica de reprodução do capital contemporâneo. Toda essa espiral de mudança contribuiu significativamente para a conformação de uma teia específica, na qual o comércio das “diferenças” de uma relevância, expressando-se como um dos valores mais importantes pra a conformação do que hoje se denomina economia simbólica. Tal contexto permite um tratamento especial de temáticas voltadas pra a questão das identidades (étnicas, de gêneros, sexuais, geracionais) e da diversidade cultural [...]”<sup>67</sup> (CAMPOS E VIEIRA, 2009, p. 66)

<sup>65</sup> \_\_\_\_\_. Op. cit. p. 153.

<sup>66</sup> HARVEY, David. **Condição Pós Moderna**. São Paulo: Edições Loyla, 1992, p.166.

<sup>67</sup> CAMPOS, Cleise; VIEIRA, Mirella Pitombo. **Lugares da Cultura na contemporaneidade: a polis**. In: CURVELLO, Maria Amélia. *et all* (org.) políticas públicas de cultura no Estado do Rio de Janeiro: 2007 – 2008. Rio de Janeiro: UERJ/Decult, 2009. p. 66)

Como a chamada banalização dos desfiles carnavalescos da capital maranhense, a que nos referimos anteriormente, foi fator decisivo para afastar parte do público ludovicense da passarela do samba e ainda desestimulou o folião de desfilas nas escolas de samba, blocos tradicionais, blocos organizados e nas outras “brincadeiras” do carnaval maranhense, propusemos ao Prefeito João Castelo que compensasse as escolas de samba, dando-nos brechas para termos o direito de liberar o acesso do público à passarela de forma franqueada, o que foi aceito.

Essa medida seria implementada por meio do controle de distribuição dos ingressos-convites ao público, funcionando da seguinte forma: se tivéssemos uma estrutura para receber dez mil pessoas para ver os desfiles, a prefeitura distribuiria dez mil ingressos-convites que seriam retirados na área da bilheteria da passarela do samba. Quando fossem esgotados esses convites, não seria mais viabilizada nenhuma outra forma de acesso, pois estava em jogo a segurança do público em geral.

O controle de distribuição dos ingressos-convites foi uma maneira de convencer os órgãos fiscalizadores (CREA-MA, corpo de bombeiros, delegacia de costumes, etc.) a liberar a estrutura metálica da passarela do samba, alegando que não haveria superlotação das arquibancadas, que pudesse colocar em risco aquelas pessoas que fossem assistir aos desfiles nos dias de funcionamento público da referida passarela, uma vez que a quantidade de pessoas é tecnicamente mensurada para não extrapolar a capacidade de peso que aquela estrutura metálica possa suportar.

Após termos acordados institucionalmente a liberação da passarela do samba para o público, partimos para apresentar a proposta aos grupos carnavalescos interessados, por isso convocamos os dirigentes para uma reunião no auditório do Memorial Maria Aragão, durante a qual fomos claros e objetivos ao apresentar a proposta. Lembramos, na ocasião, de que o público era bastante irregular nos concursos, havendo uma presença maior só nos desfiles das escolas de samba e nas madrugadas quando os principais blocos tradicionais iriam desfilas, por isso estávamos propondo franquear o acesso à passarela do samba, fazendo a seguinte pergunta: os senhores preferem desfilas para o público ver, ou para as arquibancadas vazias ou semi-vazias?

Essa pergunta havia sido precedida de um histórico em que reafirmamos os perigos

de continuarmos desenvolvendo um projeto duvidoso, que não tivesse o respaldo do público. Falamos dos descumprimentos de horários, dos vícios de escolha dos jurados, da falta de organização, das armações que eram postas em prática, da falta de público, da campanha que os contrários faziam contra o carnaval de passarela, etc. Por isso, apelamos para que eles abrissem mão de cobrar ingressos e liberassem as arquibancadas da passarela para o público, o que foi ponderado e aceito.

Somente os representantes do segmento de escolas de samba questionaram a perda de renda com a não venda de ingressos, pois, normalmente, a passarela do samba tinha público garantido no dia dos desfiles das escolas. Naquele momento, fiz uma rápida conta e verificamos que a venda de ingressos era insignificante, pois, no último desfile, a média que cada grupo recebeu variou de R\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos reais) a R\$ 3.000,00 (três mil reais), não justificando aquela demanda de cobrar ingressos, pois a presença do público era muito mais compensadora.

A fim de encerramos os posicionamentos contrários, pedimos um tempo para negociar com o Prefeito João Castelo. Eles toparam e, como eu já sabia da resposta, marquei para dois dias depois uma nova reunião quando daríamos a resposta oficial de como iriam ser compensadas as escolas de samba por terem aberto mão da cobrança de ingressos. Como combinado, chamamos a diretoria da UESMA e comunicamos que a prefeitura iria conceder um cachê igualitário para todas as escolas no valor de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais), justificando que esse valor era maior do que a fatia que as escolas arrecadaram com a venda de ingressos no último carnaval, tendo a proposta sido aceita.

Essa ajuda de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais), naquele primeiro momento, foi concedida somente ao segmento escolas de samba, pois os demais grupos não se deram conta e não reivindicaram, o que só foi ocorrer no ano seguinte. Dessa forma, a nossa gestão introduziu mais uma novidade na maneira de conduzir o carnaval de São Luís, concedendo uma espécie de cachê pela passagem na passarela, que, de alguma forma, ajudava na produção dos grupos carnavalescos.

Merece um esclarecimento o fato de que essa ajuda concedida inicialmente para as escolas de samba, no valor de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais), teve reajustes nos anos se-

guintes, sempre para mais, tendo sido também ampliada a abrangência dessa concessão, atingindo todos os demais grupos que desfilavam pela passarela do samba, e que, no último ano da gestão João Castelo, atingiu valores bem mais generosos do que o primeiro valor que foi concedido.

Só para se ter uma ideia, a ajuda financeira concedida em 2012 aos grupos carnavalescos que desfilaram na passarela do samba na capital maranhense teve os seguintes valores: escolas de samba, R\$ 45.000,00 (quarenta e cinco mil reais); blocos tradicionais do grupo “A”, R\$ 10.000,00 (dez mil reais); blocos tradicionais do grupo “B”, R\$ 6.000,00 (seis mil reais); blocos organizados, R\$ 4.000,00 (quatro mil reais); blocos afros, R\$ 3.000,00 (três mil reais); tribos de índios, R\$ 3.000,00 (três mil reais); turmas de samba, R\$ 3.000,00 (três mil reais) e alegorias de rua, R\$ 3.000,00 (três mil reais).

Cabe, aqui, também, outro esclarecimento sobre os valores concedidos e ampliados aos grupos carnavalescos que desfilaram na passarela do samba, no ano de 2012, pois os mesmos tiveram como motivação maior as comemorações dos 400 anos da capital maranhense, festejados naquele ano. De qualquer forma, foi mantida a prática iniciada pela gestão João Castelo, atingindo-se os valores discriminados no parágrafo anterior, o que se constituiu, dessa maneira, numa ação de conquista de todos os grupos carnavalescos, e, por isso, deveria ser mantida pelas futuras gestões.

Na política de compartilhamento desenvolvida pela nossa gestão no comando da Fundação Municipal de Cultura durante o período carnavalesco, ressaltamos que disponibilizamos a administração da área do entorno da passarela do samba para a União das Escolas de Samba do Maranhão, atendendo reivindicação dessa entidade, pois consideramos que aquela Organização poderia ratear os eventuais recursos arrecadados com a vendagem de espaços e barracas para o comércio informal a fim de ajudar na produção de suas agremiações filiadas. Se isso aconteceu ou não, não sabemos dizer, pois consideramos isso uma decisão interna da UESMA e seus filiados.

Infelizmente, devemos reconhecer que enquanto gestor da Fundação Municipal de Cultura, não conseguimos ter habilidade suficiente ou não dispúnhamos dos instrumentos para conseguir patrocínios das empresas que trabalham com a indústria de bebidas, pois es-

sas organizações, apesar de obterem grandes lucros com a venda de cervejas, refrigerantes e outras bebidas, não tem interesse em participar da organização dessas festas, de forma mais contundente, pois quase todas tem isenções de pagamento de impostos.

O máximo que conseguimos em forma de patrocínios, com as empresas ligadas à indústria de bebidas, foi a permuta de serviços, como por exemplo, a distribuidora da cerveja tal forneceria jogos de mesas e cadeiras, mais caixas térmicas ou congeladores, se os promotores da festa lhe concedessem o direito de exclusividade. Isso era considerado muito pouco pois, com um pouco de insistência se conseguia uma pequena ajuda financeira para bancar algum serviço ainda pendente. A verdade é que a relação comercial desse ramo com os organizadores da festa carnavalesca era muito ruim.

No segundo ano de nossa gestão, conseguimos por em prática uma ação reivindicada por aqueles mais apaixonados pela causa do carnaval de passarela: o desfile das escolas e grupos carnavalescos campeões do carnaval de São Luís. Muitos duvidavam que essa prática desse certo, mas, para nossa surpresa e dos descrentes, a primeira experiência foi um sucesso e animou os militantes das agremiações para os carnavais futuros.

Infelizmente, no terceiro ano de gestão, o desfile teve a concorrência impiedosa de um temporal e no quarto ano houve uma articulação política do deputado Roberto Costa, que bancou a produção de um protesto pelo resultado do carnaval, pois, pelo sétimo ano consecutivo o título era conquistado pela escola de samba Favela do Samba, o que era questionado pela Turma do Quinto, todavia, sem justificativas, pois aquela agremiação obteve somente notas 10 de todos os jurados.

No nosso ponto de vista, a motivação maior do protesto encabeçado pela escola de samba Turma do Quinto foi a campanha eleitoral que seria desenvolvida no segundo semestre daquele ano, pois o prefeito João Castelo já era declarado candidato à reeleição. Essa nossa afirmativa é tão verdadeira que a bateria da escola Turma do Quinto compareceu com uma faixa ameaçadora, fazendo referência ao futuro pleito eletivo, lembrando que os foliões e o prefeito iriam se encontrar nas urnas. O irônico é que a TQ foi uma das agremiações que, no segundo turno da campanha eleitoral de 2012, abraçou a campanha de João Castelo.

Sem dúvida, a conquista do sétimo título pela escola de samba Favela do Samba foi uma conquista merecida, mas no carnaval de 2012, ano em que a capital maranhense comemorava seus 400 anos de fundação e era também um ano eleitoral, qualquer movimento que se fizesse para tentar melar a festa carnavalesca por parte dos grupos opositores estava tudo bem, pois se colocava algum questionamento que iria prejudicar a futura eleição do atual prefeito da cidade, que, segundo eles, precisava ser derrotado nas urnas.

Independente de armações dos opositores da gestão que comandava o município de São Luís para inviabilizar o desfile dos grupos campeões do carnaval da capital maranhense, esse desfile ocorreu nos dois primeiros anos no sábado seguinte, e, o do terceiro ano, que efetivamente aconteceu no último ano da gestão do prefeito João Castelo, aconteceu na sexta-feira, por sugestão dos próprios grupos, que queriam ver o desfile da escola de samba Beija Flor, do Rio de Janeiro, que, naquele ano, homenageava a cidade de São Luís, pela passagem dos 400 anos de fundação da capital maranhense.

A prática das festas carnavalescas nos quatro anos de nossa gestão foram bem similares, sem grandes alterações. Problemas institucionais tivemos sim, quando a gestão da União das Escolas de Samba do Maranhão mudou do comando do senhor Heráclito Amaral para o senhor Oziel Costa Ferreira Neto (Promotor de Justiça), que, após procedimentos judiciais, forçou o sr. Amaral a pedir demissão. Com essa mudança, entra em cena de forma veemente o senhor Celso Azevedo, que sempre procurou dificultar os acordos de nossa gestão relacionados ao carnaval.

Essas dificuldades eram sempre implementadas por meio do representante da escola de samba Flor do Samba que tentava obstruir as medidas que precisavam de aprovação na entidade representativa das escolas de samba. Por duas vezes, eles tentaram, até o último momento, dificultar a execução dos desfiles na passarela, ameaçando, inclusive, recorrer à justiça. Nós, vendo que se tratava de ações com dose de politicagem, procuramos o patrono político daquela agremiação carnavalesca, Fernando Sarney, e pedimos que ele intercedesse junto aos seus afilhados, para que não atrapalhassem o desfile de nosso carnaval. As duas vezes ele nos atendeu e acabamos com as ameaças.

Diante desse quadro de dificuldades, executamos os projetos carnavalescos do perí-

odo de 2009 a 2012, quando mantivemos o mesmo nível de qualidade junto ao público e aos grupos carnavalescos da cidade de São Luís, trazendo de volta aos atores interessados – entidades e o público – a credibilidade que estava se perdendo no nosso meio comunitário e cultural, tanto é que a produção dos grupos já era iniciada com muita antecedência, pois havia uma certeza de que nesse grupo que gerenciava o município não iríamos ter problemas de solução de continuidade na área da cultura.

Feita essa generalização referente ao carnaval, gostaríamos de chamar atenção para o ano de 2012, quando foram comemorados na capital maranhense seus 400 anos de fundação. Pois bem, por sugestão de nossa administração, todos os grupos que desfilaram na passarela do samba naquele ano desenvolveram um tema ligado à história passada ou recente da cidade de São Luís, numa experiência singular para os integrantes dos grupos e os moradores da cidade, que se viram, assim, retratados em diversos pontos de vista, numa releitura que só deixou o povo ludovicense gratificado e com a autoestima elevada.

De um lado, as comemorações dos 400 anos da cidade foram, sim, um grande desafio para todos que se prontificaram a desenvolver um tema sobre a cidade de São Luís, pois isso envolvia conhecimento e pesquisa referente ao tema proposto, desafio que teve aprovação de forma ampla; de outro lado, para nós, gestor da Fundação Municipal de Cultura, foi também outro desafio duplo, pois cabia a nós cuidar da programação festiva para os moradores e visitantes da cidade e, ao mesmo tempo, executar essa missão de forma neutra, para que o então prefeito da cidade, João Castelo, não fosse prejudicado enquanto candidato à reeleição, pois já estávamos no período pré-eleitoral, e, logo em seguida, período eleitoral propriamente dito.

Evidente que todas as ações que desenvolvíamos a nível do alcance da Fundação Municipal de Cultura eram interpretadas pelos candidatos opositores como gestos de campanha para beneficiar o candidato situacionista, no caso da Prefeitura de São Luís. De nossa parte, podemos assegurar que nossa maior preocupação era com a execução do projeto comemorativo da cidade de forma responsável, pois, nós sempre primamos pelo perfeccionismo, uma vez que somos perfeccionistas em tudo que fazemos.

Naquele momento, não podíamos pisar fora dos trilhos, como dizem os ditos po-

pulares, mas podíamos fazer ainda ações novas, como executar pela primeira vez na capital maranhense, o projeto “Virada Cultural”, ação já muito bem testada e aprovada em outras cidades brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro, Manaus, entre outras. Executamos essa virada cultural exatamente na madrugada do dia 8 de setembro – data do aniversário da fundação da cidade de São Luís, dando sequência a uma vasta programação iniciada no dia 7 de setembro.

As comemorações do aniversário de São Luís foram mais um dos projetos ao qual tivemos a preocupação de dar uma nova configuração para aquele momento. Deixamos, então, de comemorar o aniversário de nossa cidade em um único dia e passamos a comemorar com uma semana de festividades, incluindo quase todos os segmentos culturais da cidade, assim dedicávamos um dia para a música popular maranhense (MPM), um dia para música romântica e brega, um dia para a música no gênero reggae, um dia para os grupos de tambor de crioula, um dia para o teatro e dança, incluindo sempre no meio da programação momentos poéticos, contemplando a literatura.

Tanto no aniversário da cidade, como nos festejos juninos, natalinos, feira do livro, etc., tivemos a preocupação básica de inserir ações direcionadas à economia criativa para que nossos artistas e produtores culturais, como as áreas da culinária, artesanato e comércio informal, pudessem interagir com a população da cidade, gerando emprego e renda para famílias carentes, que aproveitavam esses momentos para angariar recursos financeiros para o seu sustento.

No projeto junino, por exemplo, fomos ousados – permitam nos expressar assim - quando estendemos uma temporada de 10 a 12 dias para um período mínimo de 30 dias ininterruptos (sempre era mais, pois fechamos a temporada coincidindo com um domingo, assim o que deveria ser 30 dias, as vezes eram 34, 33 ou 32 dias, etc.). Foi sem dúvida um período glorioso para os nossos grupos juninos, pois ampliamos significativamente a ação cultural da prefeitura, dando oportunidades para mais grupos se apresentarem, num universo que supera a quantidade de 600 atrações.

Além da temporada oficial de 30 dias nos festejos juninos, tivemos também a oportunidade de executar o que chamamos de pré-temporada junina, quando disponibilizáva-

mos o espaço central da praça Maria Aragão para os grupos juninos (bumba meu boi, quadrilhas, dança portuguesa, boiadeiros, cacuriás, etc) que não tinham quadra ou sede própria para realizar seus ensaios, dando assim uma demonstração ao público local e turistas do seu processo de criação coletiva de coreografia e performance musical. Essa experiência foi repetida nos quatro anos da nossa gestão.

Vale também lembrar que esses ensaios que propusemos aos grupos juninos realizar na praça Maria Aragão não obrigavam os grupos a participarem com as indumentárias de apresentações, pois a ideia era demonstrar como era o processo de criação dos diversos grupos, assim os seus integrantes poderiam ir com roupas normais. Da parte da FUNC, a disponibilização da praça Maria Aragão era acrescida com os serviços de sonorização, banheiros químicos, segurança, ônibus para os grupos que requeressem transporte e um coordenador para assegurar o gerenciamento da praça naquele momento, tornando-se uma oportunidade providencial para as agremiações juninas que não dispunham de espaço para realizar seus ensaios.

Em síntese, tivemos a oportunidade de implementar e implantar várias ações culturais naqueles quatro anos, e, para se ter uma ideia, vamos relacionar essas ações de forma objetiva nos próximos parágrafos, quando aproveitamos o conteúdo do relatório que fizemos sobre nossa gestão, que também teve seus momentos de incertezas e inseguranças, mas que encontrou um apoio decisivo na figura do prefeito da cidade, que em sua trajetória sempre olhou de forma especial a área cultural.

O maior testemunho dessa nossa afirmativa é o fato de que foi o político João Castelo que criou a maior parte dos equipamentos culturais de nosso Estado e do Município de São Luís, estando entre eles a Secretaria de Estado da Cultura, a Escola de Música do Estado, o Parque Folclórico da Vila Palmeira, o Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, o Museu Histórico e Artístico do Maranhão, a Casa de Cultura Josué Montelo, o Teatro da Cidade de São Luís, e, ao apagar das luzes de sua gestão como prefeito de São Luís, criou a Secretaria Municipal de Cultura e deixou entregue à Câmara dos Vereadores o Plano Municipal de Cultura, construído com a participação da sociedade civil e assessoramento do Ministério da Cultura.

Dessa forma, para se ter uma noção global do que fizemos na gestão da Fundação Municipal de Cultura, na administração do prefeito João Castelo, no quadriênio 2009 a 2012, apresentamos, a seguir, um relatório das nossas principais execuções, esperando poder mostrar um apanhado de como foi essa gestão, durante a qual pudemos por em prática várias demandas e sonhos há muito reivindicados pelos moradores e pelo movimento cultural da cidade, numa realização de experiências com soluções e problemas, compartilhadas democraticamente pelas forças simbólicas da área cultural existentes na capital maranhense.

#### 4.1 RELATÓRIO DA ÁREA CULTURAL

O presente documento faz um balanço da ação da pasta cultural durante a gestão do Prefeito João Castelo, na Prefeitura de São Luís, no quadriênio 2009 a 2012, por meio da Fundação Municipal de São Luís (FUNC), órgão responsável pelo gerenciamento das atividades culturais da capital maranhense.

São missões da Fundação Municipal de Cultura:

- A Fundação Municipal de Cultura - FUNC é uma entidade pública com personalidade jurídica própria para tomar iniciativa de qualquer natureza na área de sua abrangência, devendo ter ainda autonomia administrativa e financeira, e dotação no orçamento do município, tendo sido criada pela Lei 3.224, de 02 de julho de 1992, e teve sua implantação iniciada em 04 de janeiro de 1993, sendo, mais tarde, reformulada pela Lei 3.608, de 21 de julho de 1997, e pela Lei 3.780, de 30 de dezembro de 1998.
- São objetivos da Fundação Municipal de Cultura planejar, executar, coordenar, acompanhar, supervisionar, controlar e proceder à avaliação de toda a dinâmica empreendida por seus órgãos subordinados, como também em relação a outras atividades da ação e difusão cultural, nas zonas urbana e rural de São Luís. É também promotora, em conjunto com grupos espontâneos e, ainda, entidades públicas ou privadas, locais, regionais, nacionais e internacionais.

- Dessa forma, a FUNC é responsável por todo o calendário cultural relativo aos grandes festejos: “Semana Santa”, “São João”, “Carnaval”, “Natal”, “Aniversário da Cidade”, “Concursos Culturais” e outros. Todos de grande porte, envolvendo o conjunto da população da zona urbana e da zona rural de toda a cidade. Para viabilizar esse trabalho são necessários profissionais de diversas áreas, numa perspectiva multiprofissional.
- Dessa maneira, a Fundação Municipal de Cultura tem por missão elaborar, gerir, articular, informar, promover e executar políticas públicas de cultura no âmbito da preservação, revitalização, difusão e circulação dos bens e serviços culturais, com vistas à cidadania cultural participativa no Município de São Luís.

A Fundação Municipal de Cultura tem como objetivos:

- Possibilitar ao município de São Luís um atendimento planejado e sistemático das ações culturais;
- Propiciar melhoria dos serviços e equipamentos culturais com a ampliação da sua infra-estrutura;
- Implementar uma política de capacitação permanente do recurso humano a serviço da cultura;
- Integrar a ação municipal de cultura com os demais organismos equivalentes, numa perspectiva local, nacional e internacional;
- Incentivar a produção e circulação dos bens culturais através do apoio a iniciativas dos movimentos sócio-culturais e do aperfeiçoamento do sistema municipal de incentivos fiscais à cultura;
- Planejar e executar política de preservação da memória cultural de São Luís;

#### 4.1.1. Unidades Organizacionais

- **Centro de Artes Japiiaçu (CAJ)**

É o órgão mais antigo que compõe atualmente a estrutura da FUNC, criado em 1972. Constitui-se num centro de atividades de desenvolvimento artístico e do artesanato, funciona através da oferta de cursos, oficinas, treinamentos, realização de feiras, exposições, implementações de escolas especiais. Trabalha, também, na colocação de mecanismos de difusão e comercialização da produção artística e artesanal da sua clientela e dos produtos gerados por meio da linha de criação de novos produtos, para atender as exigências do mercado. Dinamiza as áreas de cerâmica, pintura, estilística, marcenaria etc. Tem como clientela alvo a população em geral, além de beneficiar com produção de atividades e/ou coordenação de apoio artístico-pedagógico, alunos e professores do Sistema Municipal de Ensino.

- **Circo Cultural Nelson Brito**

O Circo Cultural Nelson Brito, antes chamado Circo da Cidade, surgiu de uma bem sucedida parceria da Fundação Municipal de Cultura com o Ministério da Cultura, para fomentar e incentivar as produções artísticas locais, bem como desenvolver trabalho que o transformasse em um espaço para realização de oficinas, seminários, cursos e outras atividades de caráter pedagógico, constituindo-se instrumento alternativo de formação que estimula a comunidade a fazer arte. A lona do Circo da Cidade foi oficialmente lançada no dia 27 de março de 1999, funcionando, nos primeiros dois anos, em caráter experimental. Logo obteve a aprovação da população e em especial da classe artística local e até da nacional, tão carentes de espaços alternativos para dar visibilidade aos seus trabalhos.

### ▪ **Memorial e Praça Maria Aragão**

O Memorial e a Praça Maria Aragão, inaugurados em 2003, pela Prefeitura de São Luís, localizada, no coração do Centro Histórico, são espaços de relevante importância social, política e cultural da cidade. Com o projeto assinado pelo renomado arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer, integra-se à Praça Gonçalves Dias, local de referência histórica e de tradicional convivência do povo de São Luís. O Memorial Maria Aragão é marco na formação da memória maranhense, notadamente da ilustre médica Maria José Aragão, uma das maiores expressões da mulher maranhense do século passado, que muito honra os maranhenses pela sua luta em busca da realização do sonho de emancipação da humanidade e por uma sociedade igualitária.

A praça Maria Aragão na gestão do Prefeito João Castelo tornou-se o principal palco das atividades artísticoculturais da capital maranhense, sendo desenvolvidos, naquele espaço, os projetos juninos, do aniversário da cidade, feira do livro, natal e grandes eventos oriundos da sociedade civil, destacando-se eventos religiosos, feiras e concentrações populares.

### ▪ **Fábrica de Arte São Luís**

Inaugurada em 10 de maio de 2004, a Fábrica de Arte São Luís iniciou suas atividades com a abertura da Galeria Ambrósio Amorim (atualmente desativada) nome dado em homenagem ao ilustre artista plástico maranhense, falecido em 2003. É instalada em importantes exemplares da edificação do período de apogeu da indústria têxtil maranhense. Esse conjunto de prédios está em área tombada, situado no coração do Centro Histórico de São Luís, encravado no bairro da Madre Deus, comunidade da mais rica expressão da arte maranhense e da vivência social, por meio das manifestações artísticas. Dispõe de um espaço destinado à reserva técnica, abrigando todo o material produzido nas ambientações dos grandes eventos do calendário cultural que é promovido pela FUNC, no decorrer do ano.

Na gestão do Prefeito João Castelo, a Fábrica das Artes foi inserida no Programa PAC das cidades históricas e aguarda recursos para executar os “projetos executivos” de adequa-

ção e reforma. Na prática, aquele complexo de prédios funcionou como almoxarifado da Fundação Municipal de Cultura, que mantém naquele local uma equipe de servidores.

#### ▪ **Biblioteca Pública Municipal José Sarney**

Criada através de Lei 2.617, de 11 de maio de 1983. Era ligada à Coordenadoria de Memória e Documentação, extinta em 1997, ficando a Biblioteca Pública Municipal José Sarney vinculada diretamente à presidência da FUNC. A Biblioteca Pública Municipal, que está localizada no bairro de Fátima, é um centro de informação, que tem como função básica disponibilizar, prontamente, para os seus usuários, todo tipo de conhecimento. É a segunda maior biblioteca pública do Estado, em responsabilidade, pois tem como área de atuação todo o município de São Luís. Desenvolve uma política de atendimento permanente ao público, primordialmente estudantil. Vem lutando pela melhoria do acervo e intensificando os serviços de registro, catalogação e classificação de obras.

#### ▪ **Galeria Zaque Pedro**

Inaugurada no dia 05 de março de 2009, a Galeria de Artes Zaque Pedro fica localizada no Solar Nazeu Quadros (próximo à Fonte do Ribeirão). O espaço é destinado a exposições de artes plásticas, fotografias ou qualquer outro tipo de produção artística contemplativa. A galeria permanece aberta diariamente à visitação, das 8h às 12h e das 14h às 18h. O homenageado Zaque Pedro (Sebastião Zaque Pedro) é dessas figuras extremamente talentosas que produziu uma obra de alto nível no curto espaço de tempo de sua atividade. Pintor de grande sensibilidade estética, suas paisagens são verdadeiras e próprias. Como raros na história da arte maranhense, descobriu linguagens, inventou técnicas, criou espaços e, concluída sua trajetória meteórica, não escapou da tendência generalizada que foi a de cair no esquecimento. Zaque Pedro nasceu em Cururupu, no ano de 1921 do século passado. Mostrando-se interessado pelas artes plásticas, começou seus estudos em 1936, com o pintor e desenhista Artur Marinho, aqui em São Luís.

### ▪ **Casa do Bloco Tradicional**

Equipamento criado em maio de 2009 para sediar o projeto de realização do Inventário Nacional de Referências Culturais da manifestação dos Blocos Tradicionais de São Luís, além de abrigar o acervo levantado e doado em decorrência da pesquisa do INRC, autorizada pelo IPHAN.

Vale lembrar que toda pesquisa do INRC dos Blocos Tradicionais teve o acompanhamento do IPHAN por meio de assessorias e treinamentos de sua equipe técnica. A pesquisa desse inventário teve duração de 03 (três) anos e foi entregue oficialmente ao IPHAN no dia 08 de maio de 2012. Em outubro de 2012, o IPHAN comunicou à FUNC que, com a entrega da pesquisa do INRC, estava sendo aberto processo para registro de manifestação imaterial do Brasil, a manifestação Bloco Tradicional do Maranhão.

Merece também registro, o fato de que a Prefeitura Municipal de São Luís, por meio da sua Fundação Municipal de Cultura, patrocinou, com exclusividade, a pesquisa do inventário da manifestação bloco tradicional do Maranhão.

### ▪ **Galeria de Arte Trapiche Santo Ângelo**

Criação e adaptação da Galeria de Arte Trapiche Santo Ângelo, no anexo do conjunto de prédios Oficina Escola. Atualmente essa galeria é o maior e melhor espaço para a realização de exposição de artes plásticas e artes visuais de São Luís e do Maranhão. Nesse espaço, foram sediadas as três edições do Salão de Artes Plásticas de São Luís, que reuniram criadores da área de artes visuais, artes plásticas, performances, instalações, artes digitais, etc. A adaptação do anexo onde funciona a Galeria teve intervenções arquitetônicas, como instalação de piso, bateria de banheiro, ar condicionado, janelas, portas e correção nas instalações hidráulica e elétrica, além de uma completa revisão no telhado.

### ▪ **Teatro da Cidade de São Luís**

Inaugurado em junho de 2012, o Teatro da Cidade de São Luís está sediado no an-

tigo Cine Roxy, localizado na rua do Egito. Trata-se de um espaço nobre totalmente adaptado para atender a classe artística da capital maranhense, tornando-se, assim, no primeiro teatro do poder público municipal. O espaço da plateia do Teatro da Cidade de São Luís recebeu o nome do teatrólogo Reinaldo Faray.

A reforma e adaptação arquitetônica do Teatro da Cidade de São Luís teve supervisão do IPHAN e da FUMPH com recursos do programa PAC das Cidades Históricas do governo federal.

#### 4.1.2 Projetos Permanentes

Ao longo da gestão 2009-2012, a Fundação Municipal de Cultura desenvolveu vários projetos permanentes que são executados ao longo dos anos, destacando-se, entre eles, o “Carnaval”, “São João”, “Aniversário da Cidade”, “Feira do Livro de São Luís”, “Salão de Artes Plásticas” e o “Natal”.

- **Projeto Carnaval**

Moraliza os desfiles e horários dos concursos, e abre a passarela para o público participar do carnaval, além de conceder ajuda para produção dos grupos;

Vale ressaltar que, neste quadriênio, a temporada carnavalesca organizada pela Prefeitura de São Luís incluía apoio às atividades comunitárias dos grupos específicos desse período, com a concessão eventual de som, palco e ou atrações artísticas; concurso para escolha da Corte de Momo; realização de 03 bailes oficiais do município que dão a largada formal para as festividades, o “Baile do Momo”, “Baile dos Artistas” e “Baile do Erê” (crianças); instituição de ajuda financeira para produção de todos os grupos que desfilam na passarela do samba; montagem da estrutura para os desfiles carnavalescos, contratação de som, serviços auxiliares e equipe executora.

### ▪ **Projeto São João**

Estende a temporada oficial que era de 10 dias para no mínimo 30 dias, na praça Maria Aragão, além de ampliar a concessão de apoios comunitários e instituir a temporada pré-São João que disponibilizou a Praça Maria Aragão para os grupos folclóricos que não possuem sede para fazer ensaios nos finais de semana do mês de maio, concedendo, além da permissão de usar a praça, os serviços essenciais como som, banheiros, ônibus para deslocamento e equipe de apoio.

Ao longo da temporada junina, são apoiadas ainda ações e sub-projetos específicos para atender os segmentos envolvidos com essa época, destacando-se apoio para o Cortejo dos Clarins (Bois de Orquestra), Cortejo Trupiada da Ilha (Bois da Ilha), Festa de São Marçal, Encontro de Zabumba (Bois de Zabumba), Encontro de Dança Portuguesa, Encontro de Gigantes (reunindo grandes intérpretes de bumba meu boi no sotaque da ilha), entre outros.

Destaque-se, ainda, que a temporada junina tem uma enorme demanda de solicitações de estabelecimentos de ensino, igrejas, associações de moradores e classistas requerendo apoio para realização de festas e arraiais. Nesse elenco de solicitações, destacam-se também solicitações de igrejas evangélicas para a realização de retiros religiosos, como ocorre em outras épocas do ano, em especial no período carnavalesco.

### ▪ **Salão de Artes Plásticas de São Luís**

Após 14 anos sem grande exposição de artes plásticas, na capital maranhense, São Luís voltou a ter, de forma oficial, o seu Salão de Artes Plásticas, atendendo os militantes de artes plásticas, artes visuais, fotografia, performances e instalações com técnicas mistas, utilizando o conjunto de prédios conhecido como Oficina-Escola, tendo sido anexo, adaptado e reformado para instalar a Galeria de Arte Trapiche Santo Ângelo, principal espaço do Salão de Artes Plásticas, que foi, inclusive, climatizado, tornando-se mais um equipamento da estrutura organizacional da Fundação Municipal de Cultura.

### ▪ **Feira do Livro**

A Feira do Livro de São Luís, criada em 2007, teve continuidade na gestão do Prefeito João Castelo, ocupando principalmente a praça Maria Aragão, como espaço central. Considerando o grande interesse de jovens, estudantes, professores, pesquisadores, escritores e populares, a feira do livro, que sempre teve um público crescente, teve, também, sua estrutura aumentada ano a ano.

Desse modo, a FUNC, órgão que coordena as atividades principais e ações de parceiros, preocupa-se em manter a Feira do Livro de São Luís com atrações locais e nacionais, tornando-a a principal atração literária da capital maranhense.

Para montar a programação oficial das quatro edições da Feira do livro que organizamos, a Fundação Municipal de Cultura pos em prática o lançamento de uma Convocatória a todos os artistas e intelectuais da cidade para que apresentassem propostas e projetos que deveriam participar das referidas feiras. Essas propostas e projetos eram avaliados por uma comissão especializada, que realizavam assim a programação prévia, que era amplamente divulgada e negociada com os atores interessados, construindo-se, assim, a programação da Feira do Livro de São Luís.

No ano de 2012, a 6ª Feira do Livro de São Luís foi realizada excepcionalmente na sede do complexo arquitetônico CEPRAMA, localizado no bairro da Madre de Deus, obtendo excelente receptividade por parte dos livreiros, expositores e do público em geral, considerando principalmente a boa infraestrutura daquela edificação. A mudança de local foi provocada para diminuir custos com a montagem da referida Feira.

### ▪ **Natal de Todos**

Cria ambiente natalino na praça Maria Aragão e no seu entorno, montagem de árvore de natal gigante com tecnologia francesa, além da casinha de Papai Noel e ambientação inspirada naquela época festiva, realizando, ainda, concertos musicais e apresentações artísticas para o público em geral.

- **Concurso Literário e Artístico Cidade de São Luís**

Executa o mais antigo e tradicional concurso literário da cidade, criado por força de Lei Municipal, desde os anos de 1950 do século passado, tornando-se referência no meio cultural da capital maranhense.

#### 4.1.3 Projetos especiais

Projetos Especiais são aqueles relacionados às políticas públicas dos governos municipal, estadual e federal, para os quais o município apresentou ações de iniciativa própria e/ou propostas pelos poderes constituídos. Vale ressaltar que, na gestão João Castelo, o governo do Estado não participou, até o mês de outubro de 2012, de nenhum projeto executado.

- **Adesão ao Sistema Nacional de Cultura**

A Prefeitura de São Luís aderiu, desde o primeiro ano da gestão João Castelo, ao Sistema Nacional de Cultura (SNC), integrando-se, dessa forma, à política federativa proposta pelo Governo Federal, prova maior de que São Luís está concluindo o Plano Municipal da Cultura (PMC).

- **Conferências Municipais de Cultura**

A gestão do Prefeito João Castelo convocou a realização de duas Conferências Municipais de Cultura, respectivamente nos anos de 2009 e 2011, atendendo à orientação do Sistema Nacional de Cultura e às decisões aprovadas nos Fóruns e Conferências de Cultura realizados no Município de São Luís.

- **Sistema Municipal de Cultura**

Reorganização do Sistema Municipal de Cultura com a reativação do Conselho Mu-

nicipal de Cultura e do Fundo Municipal de Cultura, instrumentos fundamentais para a construção do Plano Municipal de Cultura, concluído no mês de dezembro de 2012, tendo sido o documento final encaminhado à Câmara de Vereadores de São Luís, para apreciação e aprovação.

- **Secretaria Municipal de Cultura**

Envio à Câmara de Vereadores do Projeto de Criação da Secretaria Municipal de Cultura, a qual foi criada no final do mês de dezembro de 2012, sofrendo alterações na estrutura proposta, mantendo-se, todavia, o seu caráter de Secretaria que garante o funcionamento do Sistema Municipal de Cultura, inclusive a permanência da Fundação Municipal de Cultura.

- **Construção do Plano Municipal de Cultura de São Luís**

Atendendo à demanda da sociedade civil, com o apoio do Ministério da Cultura, construiu-se um plano de cultura para os próximos dez anos.

Com a conclusão desse Plano, São Luís habilita-se totalmente a participar do Sistema Nacional de Cultura, que está sendo reformado e construído por propostas do Ministério da Cultura.

O Plano Municipal de Cultura foi entregue, totalmente concluído, à Câmara de Vereadores de São Luís, no mês de dezembro de 2012, esperando-se apenas a sua aprovação pelos membros daquela casa legislativa.

- **Lançamento do Edital Cine Mais Cultura**

Lançado com o apoio do programa Mais Cultura do Ministério da Cultura, contempla 10 projetos de entidades do município de São Luís (situação em dezembro de 2012: divulgadas entidades contempladas e aguardando envio pelo Ministério da Cultura dos kits de programação e equipamento).

- **Edital Ponto de Leitura**

Lançado com apoio do Programa Mais Cultura, contempla 10 projetos de entidades do Município de São Luís (situação em dezembro de 2012: aguardando autorização final do MINC para divulgar contemplados).

- **Espaço Mais Cultura**

Projeto que prevê a construção de um centro cultural na região do bairro da Cidade Operária, incluindo um Teatro de 170 lugares, biblioteca, espaço para oficinas e ponto digital, integrando o Programa Mais Cultura do Ministério da Cultura (situação em dezembro de 2012: projeto licitado em 30 de julho de 2012, para iniciar construção imediatamente, dependendo de iniciativa da FUNC, pois os recursos financeiros do governo federal já estavam em caixa).

#### 4.1.4 Projetos Eventuais

Projetos eventuais são aqueles realizados uma ou duas vezes e que tiveram o envolvimento mais direto da equipe da Fundação Municipal de Cultura ou ainda aquelas ações temáticas que comemoram passagem de dias e/ou semanas específicas como o livro infantil, dia do regueiro, tambor de crioula, chegada da primavera, etc.; podem ser também ações e/ou projetos propostos por instituições parceiras que tiveram grande repercussão por sua abrangência e foco delimitador.

- **Escultura de São Marçal**

Fixação da escultura de São Marçal, na Praça Ivar Saldanha, no bairro do João Paulo, atendendo reivindicação dos boeiros que participam da Festa de São Marçal, o maior encontro festivo espontâneo da temporada junina de São Luís. A escultura de São Marçal foi idealizada e construída pelo artista plástico Eduardo Sereno.

- **Escultura do Anjo da Guarda**

Fixação, na entrada do bairro do Anjo da Guarda, da escultura do Anjo da Guarda, atendendo reivindicações dos moradores daquele bairro, pois, antigamente, havia uma escultura de um anjo na Praça do Anjo, que durante uma reforma foi retirada e nunca mais havia sido colocada. A escultura fixada na entrada do bairro é de autoria do escultor e designer Eduardo Sereno.

- **Dia Internacional do Circo**

Comemora o dia do circo e o dia das artes cênicas, com vasta programação cultural no Circo Cultural Nelson Brito, envolvendo a militância da área de artes circenses e cênica, numa atividades que já se tornou tradicional na capital maranhense, desde a inauguração da lona daquele circo, localizado no centro histórico de São Luís.

- **Apoio à Feira da Criatividade**

Apoio, com serviços e atrações ao Projeto Feira da Criatividade, realizado em parceria com a Secretaria Municipal do Planejamento. Essa feira atende um número muito grande de artesões que comercializam os mais diferentes produtos regionais, gerando renda para dezenas de famílias que trabalham com serviços artesanais.

- **Apoio à Feira de Plantas**

Apoio, com serviços, à realização da Feira de Plantas, que chegou a ser realizada em três edições consecutivas, tendo a Praça Maria Aragão como local oficial, sempre atraindo um numeroso público.

- **Apoio ao Festival Guarnicê de Cinema**

Apoio, com serviços, à realização dos festivais Guarnicê de Cinema, organizados pela

Universidade Federal do Maranhão há mais de 35 anos e que dão grande visibilidade à capital maranhense, principalmente ao segmento que trabalha com audiovisual.

- **Semana do Livro Infantil**

Comemora, a nível municipal, a Semana do Livro Infantil, no mês de abril, na biblioteca do Bairro de Fátima, atendendo uma clientela muito carente e ansiosa por atividades educativas e culturais.

Normalmente essa Semana do Livro Infantil coincide com o dia 18 de abril, data em que se comemora o Dia Nacional do Livro Infantil.

- **Trupiada na Ilha**

Reune grupos de bumba meu boi do sotaque da baixada e sotaque da ilha num grande cortejo pelas ruas de São Luís, culminando com apresentação coletiva no arraial da praça Maria Aragão.

- **Encontro de Boi de Zabumba**

Apoio ao encontro dos grupos de bumba meu boi de zabumba, no segundo sábado do mês de julho, no bairro do Monte Castelo, atrás da igreja Nossa Senhora da Conceição, mais precisamente onde tem uma árvore conhecida por “barrigudeira”. Esse encontro de grupo de bumba meu boi de zabumba tem início por volta das 17 horas de um sábado (normalmente é o segundo sábado do mês de julho) e só termina por volta das 12 horas do dia seguinte.

- **Encontro de Clarins da Ilha**

Reune grupos de bumba meu boi de orquestra, que normalmente não estão na programação oficial do arraial da praça Maria Aragão, num grande cortejo pelas ruas da cida-

de, enriquecendo a temporada junina e culminando com apresentações no arraial daquela praça.

- **Réveillon**

Executa programação artístico cultural na avenida Litorânea para comemorar o ano novo. Na gestão João Castelo, esse projeto foi desenvolvido em 2011, como parte da programação dos 400 anos de São Luís, tendo como atrações nacionais convidadas o cantor Gabriel Pensador, o intérprete principal, e mulatas da escola de samba Tucuruvi (SP), além de várias atrações locais.

- **Fórum Sócio-Cultural**

Sequência de reuniões nos bairros da cidade para ouvir, analisar e registrar as demandas populares. Foram 12 reuniões comunitárias em regiões distintas, realizadas no primeiro ano da gestão João Castelo.

- **Dia Municipal do Regueiro**

Comemora o dia municipal do regueiro, em 05 de setembro, com extensa programação cultural, atendendo Lei Municipal. O local dessa comemoração tem sido a praça Maria Aragão, integrando as festividades do aniversário de São Luís.

A programação do Dia Municipal do Regueiro nos quatro anos de nossa administração sempre teve o acompanhamento e curadoria da Comissão Integrada do Reggae, órgão consultivo criado pela Secretaria Municipal de Turismo. A Comissão Integrada do Reggae era quem definia a programação do Dia Municipal do Regueiro.

- **Dia Municipal do Tambor de Crioula**

Comemora o dia municipal do Tambor de Crioula, em 06 de setembro, com extensa

programação cultural, atendendo Lei Municipal. O local dessa comemoração tem sido a praça Maria Aragão, integrando as festividades do aniversário de São Luís.

A programação do Dia Municipal do Tambor de Crioula, nos quatro anos de nossa administração, sempre teve o acompanhamento e curadoria do Conselho de Tambor de Crioula e da Associação Maranhense de Tambor de Crioula, órgãos que definem a programação do Dia Municipal do Regueiro.

- **Semana Nacional do Museu**

Comemora, a Semana Nacional dos Museus, em setembro, com extensa programação educativa, incluindo palestras, visitação e apresentações culturais, contemplando os equipamentos que formam o Sistema Municipal de Museus.

- **Festa da Floração dos Ipês**

Projeto para festejar a chegada da primavera, além de chamar atenção para a preservação do meio ambiente. Essa atividade foi realizada com atividades artísticoculturais numa praça que tenha pé de ipê florindo. A primeira versão do projeto “Floração dos Ipês” foi realizada em setembro de 2011, na praça João Lisboa, em pleno centro histórico da capital maranhense, coincidindo com a floração de um pé de ipê que está plantado naquele espaço da cidade.

- **Apresentação da Banda do Corpo de Fuzileiros Navais e da Orquestra Sinfônica da Marinha**

Intercâmbio com a banda de música e com a Orquestra Sinfônica da Marinha do Brasil, tendo a praça Maria Aragão como espaço central.

- **Apoio a SBPC**

Apoio à realização da 64ª reunião da SBPC, em São Luís, no período de 22 a 27 de julho, fornecendo atrações e infraestrutura às ações culturais.

#### 4.1.5 Projetos Comunitários

As ações e projetos comunitários são aqueles oriundos da organização social presente ao longo do território municipal, estando entre elas solicitações de estudantes, clubes de mães, associações de moradores, igrejas católicas, igrejas evangélicas, grupo de pessoas, grupos de artistas, demandas isoladas de produtores culturais, entre outras.

- **Apoio à Festa da Juçara**

Apoio, com serviços, à realização da Festa da Juçara, no bairro do Maracanã, incluindo o concurso JUÇARARTE.

- **Festival da Macaxeira**

Apoio à realização do festival da macaxeira com infra estrutura e programação artístico-cultural, no bairro do Gapara e na região Itaqui Bacanga.

- **Apoio ao Projeto Samba na Fonte**

Apoio, com serviços, à execução do projeto Samba na Fonte, desenvolvido, toda quinta-feira, de forma espontânea, por moradores e artistas, no pátio interno da Fonte do Ribeirão.

- **Apoio aos Encontros de Bandas e Fanfarras**

Apoio, com serviços, à realização dos Encontros Maranhense de Bandas e Fanfarras e aos Campeonatos do Norte e Nordeste de Bandas e Fanfarras organizadas pela Federação Maranhense de Bandas e Fanfarras. Nos quatro anos do governo Castelo, esses encontros foram realizados na praça Maria Aragão.

- **Apoio a Festas Tradicionais**

Apoio, em serviços, a diversas festas tradicionais da capital maranhense, a exemplo das festas de São Marçal e São Pedro, festejos religiosos, igrejas católicas e evangélicas da cidade de São Luís, aniversário de bairros e entidades comunitárias.

- **Festas Comunitárias**

Alusivas a grandes ícones que influenciavam a cultura, como aniversário de Maria Aragão, Antonio Vieira, Cuxinho, Bob Marley, etc.

- **Apoios Comunitários**

Concessão permanente de apoios em serviço para projetos comunitários ao longo do ano, atendendo, por exemplo, período carnavalesco, junino, aniversário da cidade, natal, comemorações religiosas, datas cívicas, encontro de jovens, reuniões comunitárias, etc.

- **Apoio às Paradas Gays de São Luís**

Apoio, com serviços, às realizações das paradas gays (GLBT) organizadas pelo movimento gay de São Luís, por meio do grupo Gaivota.

- **Apoio à Procissão dos Orixás**

Apoio, com serviços, a realização das procissões dos Orixás, organizadas pelo movimento Umbandista, na virada do ano, na Praia do Olho D'água.

- **Festival da Tilápia**

Apoio, com serviços, à realização do festival do Peixe Tilápia, o que ocorre no mês de setembro, no bairro Residencial Paraíso, na região do Bacanga.

- **Festival do Arroz**

Apoio, com serviços, à realização do festival do Arroz, que ocorre na região do Bacanga.

- **Festival do Camarão**

Apoio, com serviços, à realização dos festivais do Camarão de São Luís, no mês de agosto, numa promoção comunitária da localidade Quebra Pote.

- **Festa do Divino**

Apoio, com serviços, à realização de várias festas do Divino Espírito Santo, que acontecem em terreiros de tambor de mina, comunidades católicas e casa de festeiros de São Luís.

- **Retiros Espirituais**

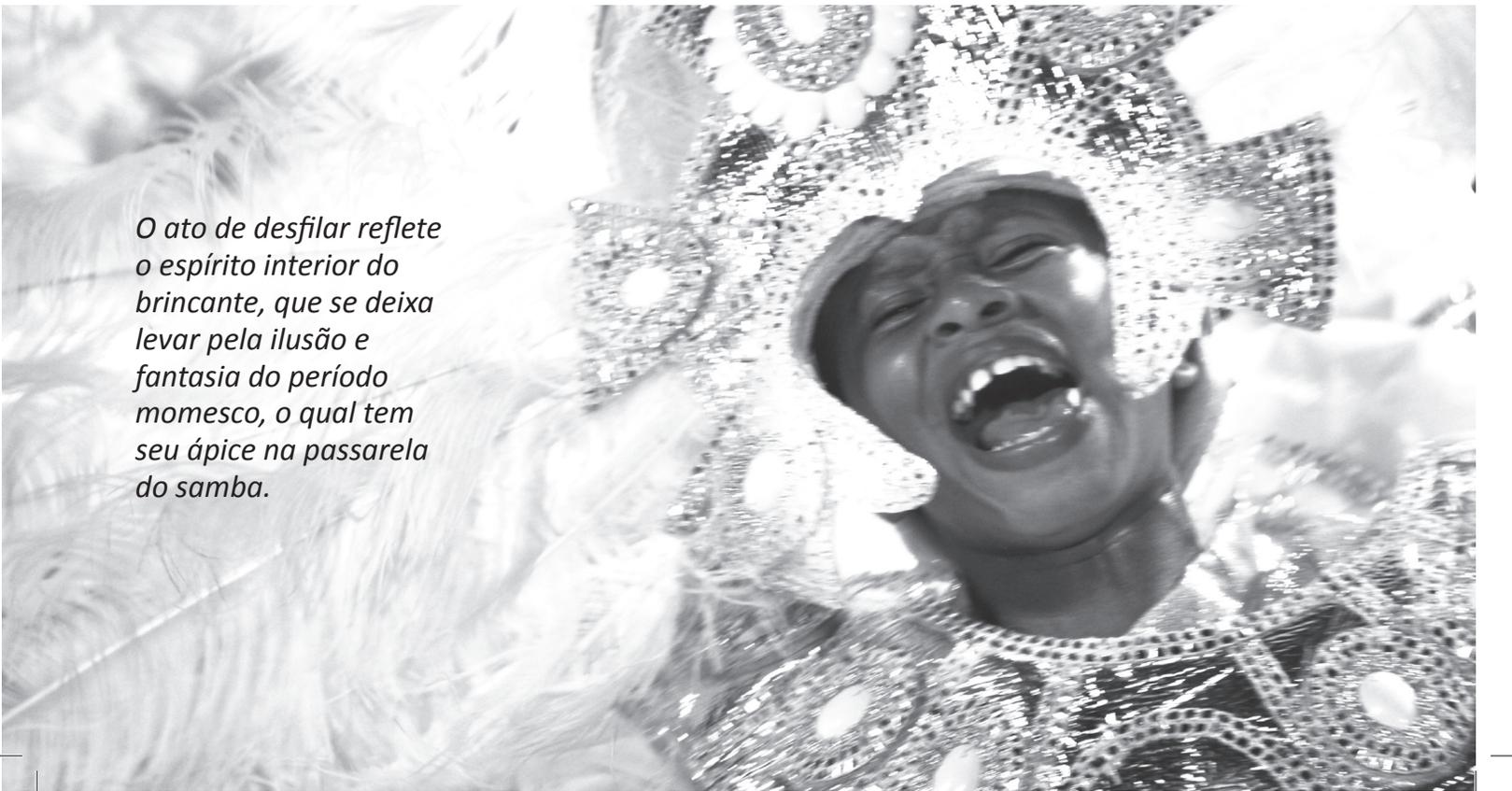
Apoio, com serviços, à realização de diversos retiros espirituais que normalmente ocorrem em datas festivas e/ou grandes feriados.

### ▪ Retiros Religiosos

Apoio, com serviços, à realização de diversos retiros religiosos que normalmente ocorrem em datas festivas e/ou grandes feriados, principalmente no período carnavalesco, quando vários segmentos religiosos organizam atividades similares para fugir do burburinho das festas consideradas pagãs, que são realizadas por toda cidade.

### ▪ Calouradas

Apoio, com serviços, à realização de calouradas de jovens estudantes que ingressam nas Universidades de São Luís. Os serviços geralmente são som, palco, banheiros químicos e atrações culturais. Nessa ação de apoio à comunidade acadêmicas da capital maranhense, temos que levar em consideração a demanda oriunda das coordenações estudantis e diretórios de estudantes do corpo discente da Universidade Federal do Maranhão, que apresenta solicitações que chegam a atingir cerca de 70% (setenta por cento) das solicitações.



*O ato de desfilar reflete o espírito interior do brincante, que se deixa levar pela ilusão e fantasia do período momesco, o qual tem seu ápice na passarela do samba.*

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Eugênio. **Não deixe o samba morrer:** Um estudo histórico e etnográfico sobre o carnaval de São Luís e a escola Favela do Samba. São Luís: UFMA/PREXAE/DAC, 2001.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- BACHELARD, Gaston. Conhecimento comum e conhecimento científico. In: Tempo brasileiro. São Paulo, nº 28, p. 47 e 56, jan/mar, 1972.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O espaço dos pontos de vista.** In: \_\_ **A miséria do mundo.** Bourdieu, Pierre (et all). Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CAMPOS, Cleise; VIEIRA, Mirella Pitombo. **Lugares da Cultura na contemporaneidade: a polis.** In: CURVELLO, Maria Amélia *et all* (Org.) políticas públicas de cultura no Estado do Rio de Janeiro: 2007-2008. Rio de Janeiro: UERJ, Decult, 2009.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editor da USP, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: 7ª edição, Editora UFRJ, 2008.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O rito e o tempo.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1999, 116p.
- DAMATTA, Roberto. Explorações – **Ensaio de Sociologia Interpretativa.** Rio de Janeiro: editora Rocco, 1986.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e Cultura – a experiência cultural na era da informação.** Lisboa: Editora Presença. 1994.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias de Comunicação.** Lisboa. Editora Presença. 1990.

GERRTZ, Clifford. **Uma descrição densa:** por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_ A interpretação da cultura. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p. 13 e 44.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a cultura da organização.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

HARVEY, David. **Condição Pós Moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1992.

MOREIRA NETO, Euclides Barbosa. **O poder simbólico das radiolas de reggae na cultura maranhense,** Dissertação (Mestrado em Comunicação). UFF, UFMA, UNIVIMA, São Luís, 2009/2011.

## NOTÍCIAS VEICULADOS EM BLOGS

MOREIRA NETO, Euclides Barbosa. **Decretada a pena de morte do carnaval de passarela em São Luís.** São Luís. Disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br> - Acesso em: 3 jan. 2013.

FERREIRA, Antonio Eugênio Araújo. **Carnaval da região meio-norte: até 2012 São Luís fazia a melhor festa.** São Luís. Disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br> - Acesso em: 15 jan. 2013.

\_\_\_\_\_. **Mais uma crise no carnaval: filme repetido com heróis e vilões de sempre, mas com cores novas.** São Luís. Disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br> - Acesso em: 25 jan. 2013.

WILSON, Ed. **Func da choque de gestão no carnaval.** São Luís. Disponível: [blogdoedwilson.blogspot.com.br/2013/func-da-choque-de-gestao-no-carnaval.html](http://blogdoedwilson.blogspot.com.br/2013/func-da-choque-de-gestao-no-carnaval.html) e <http://joeljasintho.blogspot.com.br> - Acesso em: 28 jan. 2013.

PREFEITURA DE SÃO LUÍS. **Comunicado oficial.** São Luís, 16 de janeiro de 2013. Disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br/> - Acesso em: 17 jan. 2013.

PEREIRA, Felipe. **Caro Euclides Barbosa (aviso).** Belém. Enviado por email – [constru-maq@terra.com.br](mailto:constru-maq@terra.com.br) - Disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br> - Acesso em: 21 jan. 2013.

PREFEITURA DE SÃO LUÍS. **Prefeitura investirá dinheiro da passarela do samba na saúde. Press-release enviado pela Secom.** São Luís. Disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br> - Acesso em: 20 jan. 2013.

MATOS, Daniel. **Decidido: não haverá carnaval de passarela em São Luís.** São Luís. Disponível: <http://www.blogestado.com.br/danielmatos/2013/01/22/decidido-nao-havera-carnaval-de-passe-rela-em-sao-luis/html> e <http://joeljasintho.blogspot.com.br> - Acesso em: 22 jan. 2013.

LEDA, Gilberto. **Func, saúde e os mercenários do carnaval.** São Luís. Disponível: <http://www.gilbertoleda.com.br/2013/01/17/func-saude-e-os-mercenarios-do-carnaval/html> - Acesso em: 18 jan. 2013.

MACHADO, Henrique. **O tiro que saiu pela culatra.** São Luís. Disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br> - Acesso em: 25 jan. 2013.

VIEIRA, Jorge. **Carnaval sem passarela: são Luís agradece o fim do desperdício de dinheiro público.** São Luís. Disponível: <http://www.blogjorgevieira.com/2013/01/carnaval-sem-passe-rela-sao-luis-agradece-o-fim-do-dispedicio-de-dinheiro-publico/html> - Acesso em: 25 jan. 2013.

G1. **Crise na folia: diversas cidades cancelam carnaval em 2013.** Disponível: [g1.globo.com/carnaval/2013/noticia/2013/01/diversas-cidades-cancelam-carnaval-em-2013/html](http://g1.globo.com/carnaval/2013/noticia/2013/01/diversas-cidades-cancelam-carnaval-em-2013/html) e <http://joeljasintho.blogspot.com.br> - Acesso em: 25 jan. 2013.

PREFEITURA DE SÃO LUÍS. **Edvaldo faz reunião com representantes de agremiações carnavalescas.** São Luís. Press-release distribuído pela SECOM. Disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br> - Acesso em: 25 jan. 2013.

FERAS, Paulinho. **Vamos unir as forças.** São Luís. Disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br> - Acesso em: 22 jan. 2013.

JACINTO, Joel. **Silêncio, não vou poder ler um aviso.** São Luís. Disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br> - Acesso em: 10 fev. 2013.

PREFEITURA DE SÃO LUÍS. **Programação da Prefeitura de São Luís. São Luís.** Press-

-release distribuído pela SECOM. Disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br> - Acesso em: 10 fev. 2013.

JACINTO, Joel. **Baú do Carnaval – resultado do Carnaval de Escolas de Samba**. São Luís. Disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br> - Acesso em: 20 fev. 2013.

SANTOS, José Murilo Moraes dos. **Euclides (aviso)**. São Luís. Enviado por email. Disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br> - Acesso em: 2 fev. 2013.

## NOTÍCIAS DE JORNAIS

BASTO, Tiago. Func reafirma que não haverá ajuda às escolas de samba e blocos. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, 16 jan. 2013, Caderno Alternativo.

Carnaval: por uma política cultural democrática. **Jornal Pequeno**, São Luís. 11 fev. 2013. Caderno Contexto de Mercado.

SARNEY, José. Carnaval é cultura. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 1. 20 jan. 2013. Coluna do Sarney.

DINO, Flávio. Carnaval, diversidade e turismo. **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 4. 10 fev. 2013.

Perdas para o carnaval de São Luís. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 4 23 jan. 2013. Editorial.

Carnaval da Deodoro pra malandro se dar bem. **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 4.1 fev. 2013. Editorial.

Mantida a tradição momesca. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 4. 4 fev. 2013. Editorial.

Começou a festa de Momo. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 4. 9 fev. 2013. Editorial

Carnaval e tradição. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 4. 11 fev. 2013. Editorial.

EWERTON NETO, José. O carnaval vai começar. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 6. 16 jan. 2013. Caderno Alternativo.

ITAPARY, Joaquim. Me dá um dinheiro aí. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, 16 jan. 2013, Caderno Alternativo.

OLIVEIRA, Antonio Fernando. A praça Deodoro é do povo. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 4. 31 jan. 2013.

PALHANO, Ruy. Olha o carnaval ai, gente! **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 7. 10 fev. 2013.

RIBEIRO, João. Quanto custa o carnaval? **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 4. 28 jan. 2013.

RIBEIRO, João. Carnaval da mistura pobre e burra. **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 4. 4 fev. 2013.

RUBIM, Manoel da Silva. Palavra do especialista – Carnaval: por uma política cultural democrática. **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 4. 11 fev. 2013.

SANTOS, Herbert de Jesus. Direito de resposta aos covardes e inimigos dos blocos e escolas de samba. **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 7. 21 jan. 2013.

SANTOS, Herbert de Jesus. Viagem sobre as escolas de samba do Rio: Frankenstein só da Beija-Flor. **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 7. 1 fev. 2013.

SANTOS, Herbert de Jesus. Freud explica a psique dos contra as nossas escolas de samba vivas. **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 7. 15 fev. 2013.

SILVA, Fábio Henrique Monteiro. O carnaval e a passarela do samba. **Jornal O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 4. 27 jan. 2013

TAVARES, José Reinaldo. Carnaval de quem? **Jornal Pequeno**, São Luís, p. 4. 12 fev. 2013.



*Dona Kika, costureira que deixou de contratar no mínimo 8 auxiliares para trabalhar na temporada carnavalesca de 2013, em razão da ausência da passarela do samba.*



## ANEXOS

*O ferreiro Reges Sousa, especialista em confecção de peças básicas para construir adereços de fantasias de blocos tradicionais e escolas de samba, serviço que é feito com muita antecedência. Com o cancelamento da construção da passarela, teve prejuízo financeiro uma vez que vários clientes não foram buscar as peças previamente encomendadas.*



## DECRETADA A PENA DE MORTE DO CARNAVAL DE PASSARELA EM SÃO LUÍS

Prof. Ms. Euclides Moreira Neto (\*)

Blog do Joel Jacinto – disponível: <http://joeljacintho.blogspot.com.br>

A decisão das Escolas de Samba e dos Blocos Tradicionais de São Luís em não desfilarem na passarela do samba é uma atitude burra e impensada, pois a razão de existir de uma agremiação carnavalesca é o desfile no período carnavalesco. Sem essa ação a entidade que se diz carnavalesca pode mudar de foco, pois de carnaval não há razão que justifique sua existência.

Independente dessa vertente é lamentável também, que no ano em que os Blocos Tradicionais devam ser considerados Patrimônio Imaterial Cultural do Brasil, eles deixam de desfilarem na passarela do samba, numa grave atitude de desprestígio para a sua própria manifestação e para o público que admira essa manifestação cultural, que é única no cenário cultural brasileiro, dando a capital do Maranhão um status privilegiado.

Escolas de Samba, Blocos Tradicionais, Blocos Organizados, Turmas de Samba, Alegorias de Rua, Tribos de Índio, Blocos Afros ou qualquer outra manifestação cultural não é palanque político e não podem ser manifestações que fiquem a mercê de grupo ou grupelhos que se utilizam da cultura para tirar benefícios próprios e deixam essas manifestações num plano inferior de prioridade. Isso acontece, principalmente pela ganância de alguns períodos produtores culturais, que se dizem “líderes” de movimentos culturais e que tiveram seus interesses financeiros contrariados.

A crise ou as crises que possam abalar a produção dos diversos grupos que compõem os ciclos carnavalescos num momento de dificuldades financeiras deveriam ser bandeiras de resistência para que seus seguidores não deixassem que essas manifestações morressem. Pelo contrário, é nessa hora, que os seus militantes, inspiradas na criatividade, que o próprio carnaval requer, se espelhassem na fantasia carnavalesca e abstraíssem focos de resistências e motivos de superações para que o desejo do povo e daqueles que a cultura a manifestação momesca não se calasse na escuridão.

Lamentável a falta de compreensão e interesse daqueles que se dizem “líderes” dos

segmentos envolvidos com esse ciclo cultural. Agora é o momento de resistência e superação dos verdadeiros amantes do carnaval para mostrar aos que detêm o poder de decidir sobre políticas públicas, e/ou outorgar subvenções financeiras, para auxiliar na produção desses grupos. Agora é a hora de mostrarmos que as dificuldades podem ser superadas, pois o desejo popular sempre será maior que a ganância dos sugadores das manifestações culturais da ação popular.

Se esse quadro se concretizar, estamos penalizando não somente os simpatizantes das diversas manifestações culturais do carnaval maranhense, mas a própria cidade que já tem um currículo de desconforto administrativo em diversas áreas, que inclui proibição de banho nas principais praias da capital, assédios de trombadinhas no centro histórico, má conservação de seu patrimônio arquitetônico e cultural, mobilidade precária de suas avenidas e ruas, entre outros, que prejudicam não somente nossa imagem de cidade patrimônio cultural da humanidade, mas o da própria hospitalidade maranhense, jogando no lixo qualquer ação que tente implementar uma política turística para nossa região, tentando transpô-la num destino de potencial cobertura.

Ainda há tempo de se voltar atrás e dar a volta por cima, basta que todos tenham um pouco de lucidez e bom senso, caso contrário, estamos decretando a morte do nosso carnaval de passarela em São Luís.

\* Euclides Moreira Neto é professor mestre do Curso de Comunicação Social da UFMA, jornalista e produtor cultural.

*Detalhes reluzentes*



## CARNAVAL DA REGIÃO MEIO-NORTE: ATÉ 2012 SÃO LUÍS FAZIA A MELHOR FESTA

Prof. Dr. Eugênio Araújo/UFMA (\*)

Blog do Joel Jacinto – disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br>

Desde 2006 tenho estendido meu trabalho de pesquisa sobre a festa carnavalesca às capitais vizinhas. Nos últimos anos, quando não trabalho como carnavalesco em São Luís, vou observar as festas de Belém, Teresina e Fortaleza, buscando pontos de aproximações e contrastes. Há muito que aprender quando se olha para os lados. São Luís precisa romper o isolamento e passar a se ver como integrante da realidade sócio-cultural da região meio-norte, formada pelos estados do Ceará, Piauí e Pará, além do Maranhão.

Pois bem, numa perspectiva comparativa, em relação aos últimos 6 anos, a cidade de São Luís promoveu as maiores e melhores festas carnavalescas da região. Neste sentido, a eterna briga política entre prefeitura e governo estadual, em vez de atrapalhar, contribuiu para o engrandecimento da festa. Como são grupos políticos concorrentes, cada um responsabilizava-se por um aspecto e também por um espaço físico do carnaval: a prefeitura com a passarela e a organização dos desfiles no Anel Viário, o governo estadual com a decoração e o carnaval de rua no centro histórico. Tudo isso junto, elevou o carnaval de São Luís a um patamar de logística e animação superior ao das capitais vizinhas. Vejamos por que.

O que há de semelhante entre as 4 capitais que estou pesquisando é que em todas elas, em algum momento nos últimos 20 anos, ressoou o mesmo coro dos detratores dos desfiles oficiais, sobretudo das escolas de samba. As estratégias para isso são sempre as mesmas: retirada da subvenção oficial e ausência da infraestrutura para o desfile, o que resulta no desmantelamento progressivo de grande parte das agremiações. O resultado desse processo também é parecido: muitas escolas desaparecem, mas existem aquelas que mesmo sem qualquer apoio, não deixam de desfilar, apresentando um espetáculo decadente, mas ainda assim, se fazendo presente nas festas carnavalescas. Em todas estas cidades o resultado mais patente foi o esvaziamento da festa, com o afastamento das classes médias do centro urbano. Em Belém, Teresina e Fortaleza os remediados viajam para cidades do interior e do

litoral, deixando as cidades quase vazias. Só os populares ficam para a festa. Em São Luís também observa-se tal movimento, sem a mesma gravidade: a cidade não fica deserta e ainda consegue atrair algum turismo. É preciso alertar as autoridades que cria-se um problema econômico quando aqueles que tem mais dinheiro, viajam para gastá-lo em outro lugar, deixando a cidade natal desfalcada.

Também observamos que depois desse processo de “forçar o desaparecimento das escolas”, sem o resultado esperado, algumas prefeituras voltaram a investir no evento, recuperando a organização e fazendo subir a participação popular e o nível de qualidade dos desfiles – este é o caso de Belém e Fortaleza.

Belém é a cidade que tem mais e maiores agremiações, e ainda consegue realizar desfiles de blocos e escolas de samba, divididos em 3 grupos, só que em um local inadequado. Lá um sambódromo de concreto foi construído no subúrbio, afastando o desfile e o público do centro da cidade. O evento ficou esvaziado, só quem vai olhar é o pessoal do bairro e as autoridades não conseguiram organizá-lo de forma eficiente, os atrasos são freqüentes. A classe média já não participa do evento.

Em Teresina, as escolas atravessam uma crise que se alonga desde meados dos anos 1990, desfilam ano sim, dois não, e a maioria já concorda que o certo é “acabar com elas”. Mas as agremiações mais antigas não parecem “querer morrer”; embora não desfilem, elas não desaparecerem. Nos últimos anos a tradição do “corso” foi recuperada, se transformando na maior atração do carnaval da cidade, mas que acontece no sábado magro, antes da classe média migrar para as cidades praieiras.

Outro ponto em comum é o questionamento sobre a validade do investimento de recursos públicos nos desfiles das agremiações locais. Questiona-se a honestidade na manipulação das verbas e o resultado estético, considerado fraco. Mas em todas estas cidades, quando a verba não é aplicada nos desfiles, é aplicada em outras manifestações, sobretudo em shows de bandas e trios elétricos, dada a influência do carnaval baiano e o crescimento da festa de rua. Ou seja, não há economia de recursos, o dinheiro continua sendo gasto, apenas favorecendo outros grupos.

Neste cenário, por tudo isso e apesar disso, o carnaval de São Luís destacou-se nos últimos anos. Nós temos um carnaval de rua vibrante, temos um desfile de blocos e escolas

com organização e qualidade regular, que nos diferencia das demais cidades, congrega a população, movimentada a economia e atrai turismo. Em 2012 fui passar o carnaval em Teresina e chegando lá, liguei para alguns sambistas que já conheço. Fiquei surpreso ao saber que muitos estavam aqui em São Luís. Como não houve desfiles de escolas, muitos teresinenses migraram para cá e ficaram impressionados com nossa infraestrutura, lamentando que lá eles já não contassem com isso. Quem diria, este ano estamos na mesma situação.

\* Eugênio Araújo é carnavalesco, pesquisador e Prof. Dr. da Universidade Federal do Maranhão.



## MAIS UMA CRISE NO CARNAVAL: FILME REPETIDO COM HERÓIS E VILÕES DE SEMPRE, MAS COM CORES NOVAS

Prof. Dr. Eugênio Araújo/UFMA (\*)

Blog do Joel Jacinto – disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br>

Ao contrário do que diz, às vezes olhar um filme repetido pode ser muito edificante. Primeiro porque quem viu o filme já não é a mesma pessoa (todos mudam com o tempo) e segundo porque o filme também pode não ser o mesmo, com cenas adicionadas ou cortadas, informações novas sobre seus realizadores, etc. É esse o caso da atual crise no carnaval de São Luís, o argumento pode ser o mesmo, mas mudam o enredo e os personagens, o que torna tudo diferente. Senão, vejamos.

Pela primeira vez, a questão assume um viés religioso preponderante e mesmo que queira negar e fugir disso, o prefeito Edvaldo Holanda, dificilmente escapará dessa armadilha ideológica, pois como todos sabem, o atual mandatário do executivo municipal professa a religião evangélica, cujos preceitos renegam a festa carnavalesca e recomendam a abstenção e o retiro espiritual. O carnaval como “festa da carne” e “festa mundana” nunca será prioridade para um governo protestante e se calhar de haver desculpas admissíveis para contorná-lo, tanto melhor. Agora são os rombos econômicos deixados pelo governo passado que servem de pá de cal para o carnaval.

No deturpado modelo de democracia brasileiro, rombos econômicos recebidos de uma gestão de governo para outras são comuns. Quando o novo governante é do mesmo partido, tais rombos são disfarçados e remendados, sem escândalos. Mas quando o novo governante é da oposição, assiste-se o que se vê agora em São Luís, essa enchente de denúncias, descobertas de desmandos, enfim anuncia-se o caos, mas sem lembrar a população de que ele (o novo governante) lutou e brigou para assumir este posto caótico, prometendo consertar tudo. Edivaldo Holanda tem uma desculpa palpável para inoperância de pelo menos dois anos de governo. “- *Estamos pagando as dívidas do governo anterior!*” – ele dirá. É um filme já visto. Mas o carnaval não tem nada a ver com isso. Aliás, o carnaval é a festa das dívidas. Junto com o Natal ele leva o cidadão a gastar o que tem e o que não tem. Neste

ponto, religião e mundanidade se irmanam: o cidadão precisa de dinheiro pra brincar o Natal e o Carnaval. E se não tem, abrem-se os créditos, compra-se fiado. Entre dezembro e fevereiro todo mundo se endivida. Pois se o cidadão consegue fazer isso, como o município, enquanto poder constituído, não consegue? Não há dinheiro, pede-se emprestado, endivida-se. Depois pense em como pagar.

Mas aí vem o outro rosário de queixas: a população está morrendo nos hospitais, o racionamento de água, a violência, as escolas estão abandonadas... Ora, isso tudo sempre aconteceu e vai continuar acontecendo, enquanto o Brasil não operar reformas políticas e administrativas mais profundas. A culpa não é do carnaval. Deixar de realizar a festa por conta de deficiências de outras pastas não é uma desculpa cabível. E depois, vale lembrar que o conceito de “saúde” ampliou-se muito nos últimos anos. Fala-se não só em saúde física e individual, mas em saúde coletiva espiritual, em saúde preventiva, em saúde cultural. O carnaval é uma festa que ajuda a afirmar a saúde psíquica do nosso povo. Brincar o carnaval melhora o astral!

Mas vem sempre a queixa da má aplicação do dinheiro público, de desvio de verbas pelas agremiações, etc. Mas neste ponto os nossos populares apenas seguem o exemplo das nossas elites política e econômica. A corrupção é um mal endêmico da democracia brasileira, e exigir 100% de honestidade de sambistas e carnavalescos é cortar apenas a ponta do iceberg. Se o governo quer saber como se aplica o dinheiro, que fiscalize de forma eficiente. Cortar a subvenção pura e simplesmente não vai resolver o problema, mas vai gerar sim, alto grau de insatisfação com o novo governo municipal.

O prefeito corre o risco de ver sua popularidade cair vertiginosamente logo no início do mandato. Já corre na boca pequena que “o prefeito crente não gosta de carnaval!”. E pior, vê-se comparado com Castelo (seu predecessor) num ponto em que realmente sua atuação foi inquestionável: concordamos que a pasta da cultura no governo Castelo podia ter feito muito mais, porém em se tratando de carnaval do município, São Luís viveu nos últimos 4 anos as melhores festas dos últimos 20 anos.

Primeiro, a infra-estrutura da passarela para os desfiles foi a melhor que a cidade já viu, moderna, bem iluminada, urbanizada, um tratamento antes só dispensado às mica-

retas. Segundo, a Comissão de Carnaval conseguiu um feito: disciplinar os desfiles de blocos e escolas de samba, seguindo horários pré-determinados, penalizando atrasos e evitando transtornos. Sob o governo Castelo, São Luís viu alguns dos desfiles mais bem organizados dos últimos anos e de nível sensivelmente melhor. Terceiro: a certeza de que a cidade teria um palco de apresentações digno levou as agremiações a investirem mais em seus desfiles, pois sua participação no evento era garantida desde novembro, isso ajuda a planejar e melhora o resultado final. Por tudo isso e conjuntamente com os investimentos do governo do estado no carnaval de rua, ocupando o centro histórico da cidade, São Luís viveu nos últimos 4 anos, grandes festas carnavalescas, impressionando nossos turistas mais freqüentes como piauienses, paraenses, goianos e cearenses. Comparadas com as capitais destes estados, São Luís faz a melhor festa da região. E digo isso conhecimento de causa, pois passei os últimos 3 carnavais entre Belém, Teresina e Fortaleza em processo de pesquisa de pós-doutorado.

O que agora se anuncia em São Luís é um retrocesso em todos os sentidos. Corre-se o risco de voltar a épocas das incertezas e desorganização. E mais uma vez as manifestações mais prejudicadas serão as escolas de samba – que vem sendo histórica e oficialmente desprezadas pelos planos oficiais de cultura, as eternas “vilãs” do nosso carnaval. Sem uma passarela digna não pode haver desfile que preste. Blocos Tradicionais e outras brincadeiras de rua (nossos “heróis”) podem se contentar com as propostas de apresentações em locais fechados e no centro histórico, mas as escolas de samba não, elas precisam da infraestrutura. E mais uma vez eu repito o que os governantes parecem não considerar: Sambista também vota e paga imposto, tem direito ao mesmo nível de investimentos de outras manifestações.

\* Eugênio Araújo é carnavalesco, pesquisador e Prof. Dr. da Universidade Federal do Maranhão.

## DIREITO DE RESPOSTA AOS COVARDES E INIMIGOS DOS BLOCOS E ESCOLAS DE SAMBA

Herbert de Jesus Santos (\*)

Jornal Pequeno – 21.01.2013, p. 4

Será que todos pegaram uma “boquinha”, sob nova direção, como digladiaram na carnificina moral estabelecida na campanha à Prefeitura de São Luís /2012? É o que está parecendo, quando observamos a instalação de uma crise intestina no lugar aonde deveria ser erguida a passarela do samba, no Anel Viário, para o tradicional desfile de blocos e escolas de samba, sem uma voz, que não tenha nenhuma mácula ou suspeição de algum deslize, em defesa às manifestações emblemáticas da Cultura Popular Maranhense.

Começou, há pouco, quando a Fundação Cultural do Município (Func) bateu o martelo por que só viabilizaria a arquibancada “peidada” de Belém, onde há muito tempo, construíram a passarela fixa de concreto para as suas agremiações, notadamente, as escolas de samba. Do lado onde há mais caciques do que índios, isto é, mais diretores, ou donos (até ditos empresários na lucrativa pele de produtores e promotores culturais), do que sambistas de corpo e alma e ao pé da letra, endureceram a polêmica, querendo, além do espaço preparado para o concurso, o cachê, pela passagem, e, entre amuos e beicinhos, não saíram nem mel, nem cabaça.

Assim, dois caras-pálidas, qual Antônio Carlos (sem sobrenome nem da Silva), no Dr. Peta do Jornal Pequeno dominical, surgiram com o mesmo discurso fajuto e de um passadismo frágil de que as nossas escolas de samba são a cópia ridícula das cariocas, e que já fizemos o terceiro melhor carnaval do Brasil, e olvidando que aquelas nossas permanecem preciosidades que precisam de preservação, ajudando ainda na circulação de renda. Essa falação tem similar no estofo infeliz de Godão, com o sócio Bulcão (dos insaciáveis Bicho-Terra, Boi Barrica, etc.), ex-titular da Secma, que deixaram santuários da nossa cultura, quanto o Teatro Artur Azevedo e a Biblioteca Benedito Leite, literalmente, “na merda”, até que o poeta e prosador Joaquim Itapary, da Acade-

mia Maranhense Letras, publicou, n' O Estado do Maranhão, A Diarréia do Beija-Flor, respingando a fedentina no Rio, com os R\$ 10 milhões da Secma para a Escola de Samba Beija-Flor fazer uma medíocre homenagem aos 400 Anos de São Luís. Exalaram muitas bostas com 10 milhões, inclusive o pior samba-de-enredo em Nilópolis, na lambança de arrumarem uma vaquinha para a sua ala de compositores, em desprezo a artistas maranhenses, que compuseram trabalho muito melhor, no concurso. Conheço-os de cor e salteado: ousaram exterminar a Turma do Quinto, em 2000, e eu, nos meios de comunicação, levantei a comunidade da Madre de Deus, com outros abnegados, e não permitimos a petulância, quando passaram a perseguir-me, nas trevas, longe do preto no branco; não quiseram ajudar, na Secma, a Festa de São Pedro, porque meus parentes eram da comissão organizadora, até que fui queixar-me ao bispo; como tomei as dores da Via-Sacra do Anjo da Guarda. Amigo foi o ex-deputado Expedito Moraes, que, atendendo, a um requerimento meu, restaurou boa parte da sede (deteriorada) da Turma do Quinto, numa vez. E Bulcão, por essas e outras, rebaixado de secretário de Estado para candidato a vereador, em 2012, foi rejeitado até fora da suplência, pelo sufrágio popular.

Esse outro desafeto da nossa herança cultural (Antônio Carlos), não conhece tampouco a geografia da Cidade, pois não vê que, sem movimento na passarela do samba, da Func, o circuito da Secma será um barril de pólvora. Só se, ignorante mesmo, não percebeu que transferimos o desfile da Praça Deodoro, em 1989, pela primeira vez, no Anel Viário, por este ser mais espaçoso, e desde aí (comunicadores e carnavalescos sérios) pugnamos pela passarela do samba com arquibancada permanente, em nossa maquete, servindo para seções de educação e saúde, locais para reverenciarmos os nosso sambistas legendários, e barracões para as escolas de samba, que não penariam com o traslado das alegorias. Aí, sim, valeria a pena uma propaganda forte, por termos o que o turista apreciar, com conforto, no período. Lamentavelmente, hoje, a União das Escolas de Samba mostra-se menos aguerrida que a velha guarda de Benedito Dutra, que, aos trancos, sempre fez carnaval de passarela.

O círculo vicioso do pires nas mãos— Os nossos grupos carnavalescos cometem

o vício de esticar o pires para a politicagem, dos velhos aos novos, que nem a Unidos de Ribamar, para quem consegui, em 2005, “o faz-me rir” da Secma, para desfilarem em São Luís, com o então secretário Francisco Padilha, e ali agiram cedo “no venha a nós” mais fácil. Somente a Favela do Samba, no Sacavém, trabalha mais e faz rodas de samba, com vendagem de cerveja, porém nenhuma promoção de vulto. Poucos blocos se viram, como Os Tremendões da Camboa, em junho, angariando recursos com O Encontro de Gigantes (cantadores de Boi da Ilha). No apogeu do Quinto e da Flor, nos anos de 1980, suas quadras eram lotadas.

A religião da mente parada, oficina do Diabo! — Estranhemos, por outro lado, a pressa para não haver a folia de passarela do samba, no instante em que o chefe da Municipalidade é da igreja evangélica, onde os mais radicais (que fazem da crença o ópio do povo) vêem miragens satânicas fora da sua religião, como nas venerandas de culto afro, Casa das Minas (de voduns) e de Nagô (de orixás), onde, domingo (20), Dia de São Sebastião, filhas-de-santo guardaram seus guias, mesmo fora da cultura, presentemente, do Palácio de La Ravardière. Sabemos que saúde, educação, habitação, passadio são prioridades, mas que cultura (a alma do povo), também, é essencial: a cultura (intelectual e folclórica) é o maior baluarte de um povo, enquanto cria massa conscienciosa para discernimento e preferência coletiva de identidade.

Aonde andam, com a nossa resistência, Joel Florzinha e Eugênio Araújo? Até ontem, fiquei aguardando que o jornalista Joel Jacinto renunciasse à presidência da comissão organizadora do carnaval da Func, por ser um dos mais ferrenhos defensores da festa da passarela samba, há décadas. Nerusca! Segundo Brasa Santana, um nome do núcleo dos blocos tradicionais, que encontrei na Praia Grande, sexta-feira, ele sumiu do mapa, sem dar o da sua graça, nem nas rádios, “o que adora”, como não atende ao poeta aqui ao celular. No resumo da ópera, só podemos contar com os títulos de Eugênio Araújo, com doutorado até em escolas de samba nativas, e bom de réplica na Imprensa. Ou não mais, conforme argüiria o vacilante, contudo, musicalmente, brilhante, Caetano Veloso?!

As linhas tortas do genocídio cultural, no andar à Carlitos — Na noitinha da sexta-feira, a Secma encetou o cortejo das entidades carnavalescas, com saída da Praça

Deodoro ao Reviver. Na Praça, que foi para nosso orgulho, do Panteon, analisei com o cantor e compositor Luís Carlos Guerreiro o impasse. Lembramos que, em 1997, o Marafolia, com apoio da Func, tentou destruir as escolas de samba, numa reunião na Flor, no Deserto, pretendo levá-las para a Litorânea, com a fixação, na passarela do samba, de blocos de reggae e do carnaval baiano, que dariam lucros exorbitantes para os piratas alienígenas e os coiteiros indígenas. Botamos, moralmente, para correr, os agenciadores da proposta indecente. “Seria um genocídio cultural”! — Guerreiro desabafou, no ato, escrevendo, ao contrário de Deus, o torto por linhas certas. A Func não fez nada pela nossa gente; nos tiraram a mídia; porém, conseguimos uma arquibancada e um som mixurucas; as brincadeiras vieram da melhor maneira possível; e o povo não faltou, como sempre.

Fomos tomar satisfação com Fernando Sarney, acusado de planejar a trama, e que se avizinhava dali, e, na hora H, os amigos da onça, com medo de represálias do todopoderoso terreno, deixaram-me falando para um “iceberg”, quando olhei pra trás, e só vi mesmo Guerreiro, que se distanciava, como na Praça do Panteon, depois de despedir-se de mim, gingando, qual um mestre-sala, sem porta-bandeira, e um pouco à Carlitos, do, igualmente, imortal Charles Chaplin, em direção do ônibus para o seu BF.

\* Herberth de Jesus Santos é jornalista e escritor, compositor, carnavalesco, ex-dirigente da T.Q.



*Marcação reluzente da ritmista*

## QUANTO CUSTA O CARNAVAL?

Joãozinho Ribeiro (\*)

Jornal Pequeno – 28.01.2013, p.4

As manchetes dos principais jornais do país, divulgadas no último final de semana, dão conta do cancelamento ou de redução das verbas públicas destinadas ao carnaval de 2013 em algumas capitais e cidades importantes da Federação. Os motivos do cancelamento e/ou redução dos recursos destinados aos festejos momescos geralmente estão ligados ao estado de emergência ou de calamidade pública decretados pelos atuais prefeitos diante da herança deixada pelas gestões anteriores.

As capitais destacadas na matéria de capa do jornal Folha de São Paulo da edição do último sábado, 19 de janeiro, sob o título “Sem verba, prefeituras cancelam Carnaval”, são: Florianópolis (SC), Porto Velho (RO) e São Luís (MA). A primeira cancelou os desfiles de escolas de samba e destinou a verba de R\$ 3 milhões para a saúde; a segunda adiou os desfiles para março, com a possibilidade de serem cancelados, sob a alegação de que a gestão anterior não realizou as licitações no tempo hábil; já São Luís, aparece na matéria, com destaque para o cancelamento dos desfiles das escolas, em virtude destas agremiações terem exigido um cachê de R\$ 40 mil da prefeitura, que decidiu pela destinação das verbas para a saúde.

A matéria informa ainda que, em São Paulo, foram canceladas festas em São Carlos, Caçapava, Guaratinguetá, Lorena e São José dos Campos, destacando que nesta última houve problemas nas contas do ano passado e que em cidades como Araraquara e Taubaté as festas terão duração mais curta, sendo que em Campinas, uma das cidades mais ricas do Estado, a festa irá durar só dois dias e não terá a presença de trios elétricos.

Em municípios de carnavais tradicionais de outras unidades da Federação, como Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, o quadro é o seguinte: Ilhéus (BA) – cancelou o carnaval, em consequência de dívidas acumuladas de R\$ 2 milhões; Diamantina (MG) – o carnaval quase foi suspenso, mas vai ocorrer de forma econômica; Petrópolis (RJ) – os desfiles de escolas de samba foram cancelados e a verba de R\$ 1 milhão será destinada a saúde. Em Guaratinguetá (SP), os desfiles foram cancelados porque não haveria tempo para fazer

licitações e repassar as verbas para as escolas de samba locais.

Interessante reproduzirmos, na íntegra, neste artigo, a posição firme tomada por São Luiz de Paraitinga (SP), que se tornou famosa pela preservação do carnaval das marchinhas:

*“A Prefeitura de São Luiz de Paraitinga (SP) barrou a realização de shows de funk, rock e música eletrônica planejados para o Carnaval pela cervejaria Skol, patrocinadora do evento. Segundo a prefeitura, as apresentações não se adequavam à tradição carnavalesca de marchinhas. Um panfleto anunciando shows de Jorge Bem Jor, Bonde do Tigrão e do DJ Bob Sinclair vazou na internet e gerou polêmica. A prefeitura informou que o patrocínio previa apenas instalação de barracas para venda de cerveja. De acordo com a administração, um decreto municipal proíbe a veiculação de outro ritmo que não marchinhas durante os dias de carnaval. A Skol disse que os planos ainda seriam propostos e que ‘abraça’ a tradição da cidade”.*

Já em nossa São Luís, as cenas deprimentes registradas pela imprensa maranhense, nestas duas últimas semanas, proporcionadas pelos desgastados dirigentes de agremiações carnavalescas da nossa cidade, revelam o grau de isolamento e de despreparo, além da falta de legitimidade para se apresentarem como representantes das brincadeiras e manifestações da nossa cultura popular, às quais se encontram a frente como testas-de-ferro de algum político já se contam décadas.

Não conseguiram se entender e nem expressar um objetivo comum, como bem demonstrou a cobertura de um canal de televisão de grande audiência da cidade, nem mesmo durante a audiência com o prefeito Edivaldo Holanda Júnior, na tentativa de reverter a decisão do chefe do executivo de não mais assegurar a realização do carnaval de passarela, motivada principalmente pelos posicionamentos da Associação Maranhense de Blocos Carnavalescos – AMBC, Academia de Blocos Tradicionais do Estado do Maranhão e pela União das Escolas de Samba do Estado do Maranhão – UESMA, de não desfilar caso não fosse garantido o pagamento de cachês.

Patético e trágico o teor das entrevistas concedidas, ora defendendo o não desfile, ora afirmando que não foi bem isso que havia sido dito anteriormente, e que a maioria dos blocos e escolas estaria pronta para participar do desfile na passarela. As gravações das

entrevistas realizadas pelas emissoras de rádio e TV servem como o melhor testemunho destas intervenções desprovidas do mínimo de coerência e fundamento lógico acerca da problemática instalada em torno do carnaval.

No geral, o que desponta como surpresa para os atuais gestores, grupos, agremiações e pessoas ligadas aos festejos carnavalescos em São Luís é a falência anunciada, já faz algum tempo, de um modelo de patrocínio e financiamento cultural baseado no repasse desenfreado e sem critérios transparentes de recursos públicos a grupos e pessoas que se tornaram verdadeiros proprietários de muitas, assim chamadas “brincadeiras”, que de há muito perderam totalmente os vínculos com as suas comunidades, muitas delas com a perpetuação de dirigentes que fizeram desta condição um meio econômico de vida e hoje se transformaram em verdadeiros agenciadores, despachantes e intermediários dos recursos públicos.

Além destas brincadeiras, que se multiplicam às dezenas a cada ano em nossa capital e nos municípios do interior do Estado, existem outras que se tornaram verdadeiras centrais de produção de eventos, dotadas de todos os recursos materiais, humanos e financeiros, que já não precisariam sequer de patrocínio público, mas que permanecem abocanhando régios financiamentos governamentais, sob a forma de cachês, chanceladas pelos cofres municipais, estaduais e federal, através do incentivo fiscal ou financiamento direto, dissimulado pelo clientelismo eleitoral ou pelo apadrinhamento político, utilizando-se de artifícios, tais como emendas parlamentares, convênios e arremedos de editais, cuja publicidade é praticamente inexistente.

Tudo bancado única e exclusivamente com o dinheiro público das prefeituras e do governo estadual, sem nenhuma participação da iniciativa privada, principalmente daqueles segmentos empresariais que mais lucram e se beneficiam com as vendas de seus produtos e serviços neste período, como é o caso das indústrias de bebidas e similares, que em nosso estado gozam de incentivos fiscais e não apresentam nenhuma contrapartida sociocultural; na contramão do que já não mais acontece em cidades de carnavais tradicionais, como Rio de Janeiro, Salvador e Recife, onde existem acirradas disputas de empresas privadas para patrocinar a maior festa popular brasileira.

Para agravar ainda mais a situação, o Governo do Estado passou a dirigir e induzir o

patrocínio público e privado para a “consagração dos consagrados”, leia-se: contratação de artistas de renome nacional, a peso de ouro, em megaeventos, geralmente realizados na Lagoa da Jansen, como foi o caso dos festejos dos 400 anos de São Luís e Reveillon 2012, e ao que parece se repetirá no carnaval de 2013, dando conta da nossa magistral incompetência de entender e aproveitar as potencialidades e os resultados das atividades relacionadas com a Economia Criativa, que bem poderiam ser apropriados por nós maranhenses, sob a forma de trabalho, renda, tributos, direitos autorais, alegria e dignidade humana.

Ao invés desta via de fortalecimento do turismo, da valorização dos nossos artistas e do nosso patrimônio cultural, o que vemos é uma absurda evasão de divisas, proporcionada por essa desnaturada visão política que penaliza a nossa criatividade e a tradição, sob várias formas de transferência de recursos públicos para outras unidades da Federação muito mais ricas que a nossa: 1) sob a forma da encomenda maciça de ‘abadás’ da forte indústria baiana, que neste período estima a confecção e venda de um milhão de unidades, ao preço de R\$ 2 mil cada, somente para os seus próprios blocos; 2) sob a forma de cachês milionários para artistas, bandas refugadas, técnicos, trios elétricos, arquibancadas e equipamentos de outros estados; 3) e, por último, sob a forma de pagamento de direitos autorais para escritórios do ECAD localizados em outros estados, pois estes recursos são posteriormente distribuídos obedecendo a procedência dos compositores, artistas e intérpretes titulares da obra musical executada.

Portanto, uma fórmula burra e inadequada, disfarçada sob o mote pomposo de “Carnaval – a mistura é a nossa maior riqueza”. Resta perguntar: riqueza de quem e para quem?

Lembro-me bem da iniciativa do Governo Jackson Lago, em meados de 2007, quando estávamos à frente da Secretaria de Estado da Cultura, da realização de um seminário do então chamado carnaval da maranhensidade, do qual participaram, à época, os secretários de cultura de Recife e da Bahia, a neta do compositor Cartola, Sra. Nilcemar Nogueira, coordenadora do projeto “Mangueira do Amanhã”, experiência desenvolvida pela escola de samba do mesmo nome, na cidade do Rio de Janeiro, e Dra. Sandra Elouf, representando o Ministério Público Estadual.

A ideia principal era compartilhar experiências de sucesso desenvolvidas em outras capitais e encontrar uma alternativa própria para o patrocínio e financiamento do carnaval

maranhense, que aquelas alturas já sofria muitas críticas, por conta da derrama descontrolada de recursos, e cujo modelo já dava fortes sinais de debilidade de gestão e de sustentabilidade econômica, replicando na velha fórmula de mais do mesmo para o benefício dos mesmos, sem nem uma preocupação com o desenvolvimento sociocultural das comunidades.

E por falar em crítica, fomos alvo de muitas, principalmente por parte de algumas pessoas que sempre foram contra o dito carnaval de passarela e que hoje se apresentam na primeira ala do bloco dos descontentes, aparecendo como seus principais defensores nas reportagens televisivas. Disseram na época, por ignorância ou má fé, que não precisávamos de modelos de outros lugares, pois sabíamos organizar nosso próprio carnaval, distorcendo totalmente o real objetivo do seminário, que além do que já foi esclarecido, visava o intercâmbio saudável e necessário entre gestores, artistas e produtores culturais maranhenses e representantes destes segmentos de outras unidades da República Federativa do Brasil.

Pode-se até discordar da atitude do prefeito Edivaldo Holanda Júnior, em função de um ou outro argumento corporativo movido por interesses particulares de defensores de última hora do carnaval de passarela, mas a verdade cristalina é que este formato de financiamento está com os dias contados e precisa urgentemente ser reformulado, sob pena de perdermos até mesmo o apoio da maioria da população a um dos festejos mais tradicionais de nossa cultura popular. Pesquisas informais apontam para um apoio de cerca de 80% dos habitantes a decisão do prefeito de cancelar os recursos que seriam destinados ao carnaval de passarela e repassá-los para a saúde.

Quem sabe a chamada crise do carnaval de São Luís não seja um excelente momento para refletirmos sobre as dificuldades e potencialidades que podem ser revertidas para um novo ciclo de valorização e desenvolvimento da nossa cultura popular, sem necessidade de apadrinhamentos políticos e de coronelismos culturais?

Acredito seriamente que este seja o compromisso maior do atual presidente da Fundação Municipal de Cultura, Prof. Francisco Gonçalves, e um dos primeiros passos concretos para romper com este dilema que impede sobremaneira o debate e a implantação de uma política pública de cultura de horizontes mais ampliados, que contemple as suas dimensões simbólica, econômica e cidadã.

Para a mudarmos a política cultural se faz necessário mudar a atual cultura política!

\* Joãozinho Ribeiro é poeta e compositor, presidente da Fundação Municipal de Cultura de São Luís (1997/1998), Secretário de Cultura do Maranhão (2007/2009) e Assessor do Ministério da Cultura (2009/2010). Escreve para o Jornal Pequeno às segundas-feiras.

*Momento de culminância de uma apresentação na passarela do samba. Na foto, a foliã Silvana Fontenele, presidente do bloco tradicional "Os Brasinhas", manifesta satisfação pelo desfile realizado e a sensação do dever cumprido, no ano de 2011.*



## O CARNAVAL VAI COMEÇAR

Hoje é dia de José Ewerton Neto. <ewerton.neto@hotmail.com>  
Jornal O Estado do Maranhão - 16/02/2013, p. 6, Caderno Alternativo

Isso mesmo, leitor, nem pense que houve erro de revisão. Hoje, terceiro dia depois da quarta-feira de cinzas, o carnaval agora é que está começando. Afinal de contas, esse é o país do carnaval. Senão, vejamos:

1. Blocos. Blocos não são exclusividades dos dias de Carnaval, muito pelo contrário. Na Assembléia Legislativa do nosso Estado, por exemplo, a julgar pelo que repete a imprensa, o que não falta é bloco. Bloco disso, bloco daquilo e, como se isso não fosse suficiente, ainda tem Bloquinho e Blocão. Só falta criarem o Monobloco.

2. Entrudo. O entrudo, que pouca gente ainda chama assim, é aquela brincadeira carnavalesca de origem portuguesa em que se joga farinha, água e pó, nos outros. Com o tempo evoluiu para Entratudo e, como todo mundo sabe, isso é o que não falta o resto do ano no do brasileiro onde tudo entra, ao gosto dos seus representantes: muitas extorsivas, Leis ‘ressequidas’, mensalão, IPVA, custo de vida, etc. etc.

3. Escola de Samba. As escolas de verdade não estão ao alcance da maioria do povo. Nestas se paga desde livro até papel higiênico. Qualquer dia, na lista de material escolar vão aparecer calcinhas e cuecas - para os donos das escolas. (Tem uma escola de inglês pros lados do Calhau que inventou até uma caríssima caneta que fala inglês – ou seja, o aluno nunca vai sair falando inglês, mas pode deixar que a caneta vai falar por ele.). Enquanto isso, nas escolas que o governo oferece o aluno tem que ser muito valente para não “sambar” diante dos traficantes e pedófilos. Quer escola de samba melhor do que essas?

4. Assalto. O assalto é aquela antiga brincadeira carnavalesca em que um grupo de mascarados irrompia na casa de algum aniversariante para comer e beber do que houvesse. Ora, assalto faz tão parte do dia a dia do brasileiro que já nem se chama mais de assalto ao ato corriqueiro de ter a carteira surripiada por um ladrão – isso se tornou participação ‘conjunta’ pela sobrevivência. Assalto de verdade são os cinco meses de trabalho de cada traba-

lhador sugados pelo governo por conta do imposto de renda e repassados para os corruptos dos mensalões, etc. nos meses restantes.

5. Máscara. Enquanto o povo costuma usar máscara apenas durante os cinco dias da folia, os poderosos usam-na o resto do ano para melhor desempenhar a profissão de aumentar os próprios salários; seja à custa das leis que eles mesmos inventam seja através de propinas recebidas. Na hora de apertar a mão do povo para pedir voto, alguns retiram a máscara, outros já nem se dão a esse trabalho.

6. Trio Elétrico. Bons tempos aqueles, coisa de cinqüenta anos atrás, em que um trio elétrico era um trio formado por uma corrente elétrica - vá lá! - constituída por um baiano meio idiota pulando, cinco mulatas rebolando em cima de um caminhão e trinta mil fardados de abadá em curto-circuito. E que só se eletrificava no carnaval. Hoje, como todos sabem, o trio evoluiu tanto que já existe até o xixi-elétrico, trio que se move às custas da energia proveniente da urina depositada nos vasos públicos da prefeitura (Bloco Afro-Reggae que desfilou no Rio). Pelo andar da carruagem teremos em breve o cocô- elétrico, para cuja garantia bastarão as músicas que cantam.

7. Serpentina. De fato, depois do Carnaval não se vê mais serpentina para tudo quanto é lado. Em compensação o que não falta é serpente pronta para dar o bote no bolso do trabalhador honesto: se você escapa do guardador de carro se defronta com as cascavéis do serviço público.

8. Rei Momo. Rei Momo para o resto do ano é o que não falta. Segundo Ruth de Aquino, colunista da revista *Època*, o Rei Momo do Brasil este ano vai ser o Rei-Nan Calheiros. Deve ter razão pelas características semelhantes: Rei-Nan é gordinho como todo Rei Momo tem que ser (segundo Mônica, amante do senador, em seu livro, Renan é um “docinho, meigo e meio gordinho”); gosta muito de Carnaval (ainda segundo ela “Rei-Nan queria pular o carnaval de rua em sua companhia, na Bahia). Por fim, como todo Rei Momo, ninguém sabe que diabos faz o resto do ano. Ou sabe?

## FUNC DÁ CHOQUE DE GESTÃO NO CARNAVAL

Blog do Ed Wilson  
quinta-feira, 24 de janeiro de 2013

O mundo não vai acabar se não tiver desfile na Passarela do Samba no Carnaval de 2013 em São Luís.

O que precisa acabar é o clientelismo e o apadrinhamento do poder público sobre as “brincadeiras” de Carnaval e São João.

Nesse sentido, agiu certo o presidente da Fundação Municipal de Cultura (FUNC), Francisco Gonçalves, quando não cedeu às pressões dos grupos carnavalescos que exigiam cachê para desfilar na Passarela do Samba.

A FUNC em nenhum momento negou-se a montar a passarela, desde que as escolas e blocos participassem do desfile sem o pagamento da Prefeitura.

A decisão da FUNC foi ainda mais acertada quando designou parte dos recursos do Carnaval para o hospital Socorrão I, onde vidas correm risco por falta de alimentação.

Há tempos vinha-se adiando um tratamento de choque às pressões e chantagens das “brincadeiras” carnavalescas e juninas, em parte controladas por aproveitadores, que sugam o poder público e transformam as festividades em meio de vida.

Certos tipos de “produtores culturais” montaram grupos dançantes e assemelhados, sob a proteção de vereadores, que extorquem a Prefeitura no Carnaval.

Esse esquema precisa ser desmontado e, na sequência, estabelecer novos parâmetros de uma política cultural em São Luís.

Por outro lado, há centenas de compositores, instrumentistas e brincantes com fortes raízes na produção cultural carnavalesca e junina. Esses não podem ser misturados às “brincadeiras” artificiais inventadas para extorquir o poder público, sob a proteção de alguns vereadores.

A direção da FUNC deu um passo importante na direção de uma nova cultura política para modificar a política de cultura, com a democratização das oportunidades, editais públicos de financiamento, busca de parcerias com a iniciativa privada e fim do clientelismo.

É o choque de gestão!

O presidente da FUNC, Francisco Gonçalves, vai tomar todas as providências para planejar o Carnaval de 2014, já a partir de março desse ano, em um seminário com a participação de todos os atores da cadeia produtiva momesca: empresários, produtores, entidades, agremiações carnavalescas e poder público.

Em 2013 tem Carnaval sim senhor, mas sem cachê nem passarela. O povo criativo de São Luís sabe fazer folia de qualquer jeito.

Alegria, alegria!



*O olhar misterioso  
também reluz na  
passarela do samba.*

## FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA

### COMUNICADO

1. A União das Escolas de Samba do Estado do Maranhão (UESMA), Associação Maranhense de Blocos Carnavalescos (AMBC) e Academia de Blocos Tradicionais do Estado do Maranhão (ABTEMA) comunicaram à Fundação Municipal de Cultura (FUNC) que os seus filiados não participarão do Carnaval de Passarela, evento organizado por essas agremiações em parceria com a Prefeitura de São Luís, em razão do não pagamento de cachê às escolas de samba e blocos tradicionais e organizados.

2. Pelo Regulamento do Desfile das Escolas de Samba/2012 e mantido para 2013, o Carnaval de Passarela é organizado pela UESMA em conjunto com a Prefeitura de São Luís, por meio da FUNC, a quem cabe, segundo o artigo 3º, “a adoção de medidas relativas ao funcionamento da avenida do desfile, bem como a sua higiene, segurança, sonorização, cachê dos jurados e iluminação dentro da passarela e na extensão da concentração”. À UESMA cabe, conforme o artigo 4º, “tudo que se relacione à direção artística do desfile”.

3. Pelos regulamentos dos Blocos Organizados e Blocos Tradicionais/2012, os desfiles seriam organizados e operacionalizados por comissão constituída por representantes da Prefeitura de São Luís, por meio da FUNC, em parceria com a AMBC e ABTEMA, “que será autônoma e absoluta em suas decisões concernentes aos desfiles das agremiações”. Para 2013, a AMBC e ABTEMA propuseram que a direção artística dos desfiles ficasse sob a suas respectivas responsabilidades e a infraestrutura a cargo da FUNC, semelhante ao que acontece com os desfiles de Escolas de Samba.

4. No que se refere aos compromissos regulamentares assumidos com as organizações carnavalescas, a Prefeitura de São Luís adotou todas as providências necessárias para a realização do Carnaval de Passarela e para as premiações aos vencedores dos concursos. Sobre o pedido apresentado pelas UESMA, AMBC e ABTEMA de pagamento de cachê para que Escolas de Samba e Blocos desfilassem, a FUNC informou que a Prefeitura, em razão

da grave crise financeira do município deixada pela gestão anterior, não tem condições de atender a essa solicitação.

5. Frente à decisão da UESMA, AMBC e ABTEMA de não realização dos concursos e desfiles de passarela, a FUNC comunica à população de São Luís que, por determinação do Prefeito Edvaldo Holanda Júnior, os recursos destinados ao Carnaval de 2013 serão redistribuídos: 50% transferidos para a Secretaria Municipal de Saúde (SEMUS), e os outros 50% mantidos na FUNC para custear os bailes da cidade e apoiar os eventos comunitários relacionados ao Carnaval, com palco, som, iluminação, banheiros químicos e atrações artísticas.

6. Após o Carnaval de 2013, a FUNC e a Secretaria Municipal de Turismo (SETUR) promoverão, conforme já proposto à UESMA, AMBC e ABTEMA, um seminário para avaliar e planejar o Carnaval, com base em uma política de sustentação das festas carnavalescas, envolvendo todos os atores que compõem a cadeia produtiva, exemplo das entidades, agremiações carnavalescas, empresários, produtores e poder público.

São Luís, 16 de janeiro de 2013.

Francisco Gonçalves da Conceição  
Presidente da Fundação Municipal de Cultura

*Satisfação reluzente do público*



## **PREFEITURA INVESTIRÁ DINHEIRO DA PASSARELA DO SAMBA NA SAÚDE**

Em 16/01/2013

O prefeito de São Luís, Edivaldo Holanda Junior, determinou que 50% do valor destinado ao Carnaval de 2013 sejam transferidos para a Secretaria Municipal de Saúde (SEMUS), o que corresponde a uma injeção de R\$ 1 milhão para a pasta. A decisão foi tomada após as entidades que representam as escolas de samba da capital informarem que não participariam do desfile na Passarela do Samba.

Como o presidente da Fundação Municipal de Cultura (Func), Francisco Gonçalves, já havia garantido na semana passada, o Carnaval 2013 será realizado. Os eventos carnavalescos estão assegurados com recursos na ordem de R\$ 1 milhão que será utilizado para custeio dos gastos com palco, som, iluminação, banheiros químicos e atrações artísticas de bailes e eventos comunitários.

De acordo com o regulamento do Carnaval de Passarela compete à Prefeitura de São Luís, através da Func, adotar medidas relativas ao funcionamento da avenida do desfile, bem como higienização, segurança, sonorização, cachê dos jurados e iluminação dentro da passarela e na extensão da concentração. O custeio dos gastos foi assegurado pela Func com o anúncio do investimento de R\$ 2 milhões para a festa deste ano.

O valor, entretanto, não era suficiente para o pagamento de cachê solicitado pela maior parte das agremiações carnavalescas e por isso a União das Escolas de Samba do Estado do Maranhão (UESMA), a Associação Maranhense de Blocos Carnavalescos (AMBC) e a Academia de Blocos Tradicionais do Estado do Maranhão (ABTEMA) decidiram não participar do desfile na Passarela do Samba.

### **Carnaval garantido**

A temporada carnavalesca em São Luís será iniciada amanhã (17) com o Baile da Corte onde serão eleitos o Rei Momo, a Rainha e as Princesas do Carnaval 2013. Com o tema “São Luís, Capital Brasileira da Alegria”, a festa está marcada para às 21h na casa de eventos Patrimônio Show, na Praia Grande, e a entrada é gratuita.

## CARNAVAL DA MISTURA POBRE E BURRA

Por Joãozinho Ribeiro (\*)

Jornal Pequeno - 4 de fevereiro de 2013, p. 7

Pode-se até discordar da atitude do prefeito Edivaldo Holanda Júnior, em função de um ou outro argumento corporativo movido por interesses particulares de defensores de última hora do carnaval de passarela, mas a verdade cristalina é que este formato de financiamento, e não a modalidade em si, está com os dias contados, precisando urgentemente ser reformulado, sob pena de perdermos até mesmo o apoio da maioria da população a um dos festejos mais tradicionais de nossa cultura popular.

Pesquisas informais apontam para um apoio de cerca de 80% dos habitantes a decisão do prefeito de cancelar os recursos que seriam destinados ao carnaval de passarela e repassá-los para a saúde.

Quem sabe a chamada crise do carnaval de São Luís não seja um excelente momento para refletirmos sobre as dificuldades e potencialidades que podem ser revertidas para um novo ciclo de valorização e desenvolvimento da nossa cultura como um todo, sem necessidade da interferência de apadrinhamentos políticos e de coronelismos culturais?

Acredito seriamente que este seja o compromisso maior do atual presidente da Fundação Municipal de Cultura, Prof. Francisco Gonçalves, e um dos primeiros passos concretos para romper com este dilema que impede sobremaneira o debate e a implantação de uma política pública de cultura de horizontes mais ampliados, que contemple as suas dimensões simbólica, econômica e cidadã.

Além destas brincadeiras, que se multiplicam às dezenas a cada ano em nossa capital e nos municípios do interior do Estado, existem outras que se tornaram verdadeiras centrais de produção de eventos, dotadas de todos os recursos materiais, humanos e financeiros, que já não precisariam sequer de patrocínio público, mas que permanecem abocanhando régios financiamentos governamentais, sob a forma de cachês, chancela-

das pelos cofres municipais, estaduais e federal, através do incentivo fiscal ou financiamento direto, dissimulado pelo clientelismo eleitoral ou pelo apadrinhamento político, utilizando-se de artifícios, tais como emendas parlamentares, convênios e arremedos de editais, cuja publicidade é praticamente inexistente.

Tudo bancado única e exclusivamente com o dinheiro público das prefeituras e do governo estadual, sem nenhuma participação da iniciativa privada, principalmente daqueles segmentos empresariais que mais lucram e se beneficiam com as vendas de seus produtos e serviços neste período, como é o caso das indústrias de bebidas e similares, que em nosso estado gozam de incentivos fiscais e não apresentam nenhuma contrapartida sociocultural; na contramão do que já não mais acontece em cidades de carnavais tradicionais, como Rio de Janeiro, Salvador e Recife, onde existem acirradas disputas de empresas privadas para patrocinar a maior festa popular brasileira.

Para agravar ainda mais a situação, o Governo do Estado passou a dirigir e induzir o patrocínio público e privado para a ‘consagração dos consagrados’, leia-se: contratação de artistas de renome nacional, a peso de ouro, em megaeventos, geralmente realizados na Lagoa da Jansen, como foi o caso dos festejos dos 400 anos de São Luís e Reveillon 2012, e ao que parece se repetirá no carnaval de 2013, dando conta da nossa magistral incompetência de entender e aproveitar as potencialidades e os resultados das atividades relacionadas com a Economia Criativa, que bem poderiam ser apropriados por nós maranhenses, sob a forma de trabalho, renda, tributos, direitos autorais, alegria e dignidade humana.

Pior e imoral será se for confirmado que esses ditos megaeventos estariam sendo bancados pela chancela da renúncia fiscal do ICMS estadual e/ou do IRPJ Federal, sob o conluio de proponentes fictícios dos projetos culturais, os ditos testas-de-ferro de sempre; pois, além do desprestígio da produção local, a evasão de riquezas daria conta do péssimo conteúdo da mistura tão propalada pela mídia governista, travestida numa verdadeira operação Hobin Hood às avessas. Coisa que foge da alçada deste reles poeta, mais afeita à competência do Ministério Público e dos órgãos de fiscalização e controle do erário estadual e federal.

Ao invés da via do fortalecimento do turismo, da valorização dos nossos artistas e do nosso patrimônio cultural, o que vemos é uma absurda evasão de divisas, proporcionada por essa desnaturada visão política que penaliza a nossa criatividade e a tradição, sob várias formas de transferência de recursos públicos para outras unidades da Federação muito mais ricas que a nossa, a saber:

1) sob a forma da encomenda maciça de ‘abadás’ da forte indústria baiana, que neste período estima a confecção e venda de um milhão de unidades, ao preço de R\$ 2 mil cada, somente para os seus próprios blocos;

2) sob a forma de cachês milionários para artistas, bandas refugadas, técnicos, trios elétricos, arquibancadas e equipamentos de outros estados; e, por último,

3) sob a forma de pagamento de direitos autorais para escritórios do ECAD localizados em outros estados, pois estes recursos são posteriormente distribuídos obedecendo a procedência dos compositores, artistas e intérpretes titulares das obras musicais executadas.

Portanto, uma fórmula burra e inadequada, disfarçada sob o mote pomposo de ‘Carnaval – a mistura é a nossa maior riqueza’. Resta perguntar: riqueza de quem e para quem?

\* Joãozinho Ribeiro é poeta e compositor, presidente da Fundação Municipal de Cultura de São Luís (1997/1998), Secretário de Cultura do Maranhão (2007/2009) e Assessor do Ministério da Cultura (2009/2010). Escreve para o Jornal Pequeno às segundas-feiras.



## O CARNAVAL E A PASSARELA DO SAMBA

OPINIÃO

Fabio Henrique Monteiro Silva (\*)  
Jornal O Estado do Maranhão – 27.01,2013, p. 4.

Há muito a passarela do samba no Anel Viário vem suscitando uma série de debates acerca do concurso no nosso Carnaval. Mais uma vez esse debate está em pauta, já que a Prefeitura de São Luís decidiu não oferecer o espaço destinado às apresentações das agremiações que primam pelo certame, aquelas que buscam anualmente o título de campeã da sua categoria.

A nossa festa carnavalesca é o resultado de determinações históricas e culturais da nossa gente, é um dos essenciais critérios para a visibilidade das nossas elaborações culturais. As festas são inerentes à nossa condição de humanidade. Somente os seres humanos festejam. Festejamos nascimentos, aniversários, conquistas e o Carnaval. A nossa excentricidade é que dá o tom da singularidade da nossa forma de festejar.

A passarela do Anel Viário é somente um dos locais em que o Carnaval de São Luís acontece, mas certamente o local mais comentado e que mais gera discussões. Afirmam que o desfile das Escolas de Samba de São Luís não passa de uma cópia mal feita das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Tal assertiva é proporcional ao desconhecimento daqueles que dizem que o nosso Carnaval está carioquizado, termo não dicionarizado, no entanto, muito dito em São Luís do Maranhão para tentar depreciar o desfile das nossas Escolas de Samba.

As Escolas de Samba de São Luís e do Rio de Janeiro são frutos do mesmo gênero musical: o samba. Além disso, o surgimento dessas agremiações deu-se no mesmo período. No Rio de Janeiro, foi fundada a Mangueira em 1928, ano em que se deu também a fundação da Turma de Mangueira em São Luís. Ambas as Escolas foram aos poucos se transformando até chegar ao atual estágio. As transformações nas Escolas de Samba fazem parte da cultura do Carnaval, que está sempre em processo de construção.

No Rio de Janeiro, o prefeito Brizola, com sua equipe, compreendeu que era necessário construir um espaço definitivo para que as Escolas de Samba pudessem, a partir daí,

buscar a sua independência. E foi de fato isso o que aconteceu a partir de 1984 quando o Sambódromo foi inaugurado. Antes, ocorria a mesma coisa que está ocorrendo em São Luís, ou seja, por não haver um local definitivo para a apresentação das Escolas essas mudaram continuamente em busca da sua espacialidade. No Rio, o espaço para os desfiles começou na Praça Onze, passou pela Avenida Rio Branco, Campo de São Cristóvão, até chegar ao seu local definitivo, a Marquês de Sapucaí.

Em São Luís, os desfiles eram na Praça Deodoro, no João Paulo, na Praça João Lisboa, chegou a ser feito um ano, em 1979, em baixo do Viaduto do Monte Castelo, voltou para a Praça Deodoro e, em 1989, começou a ser feito no Anel Viário. A questão é muito simples: se cabe à Prefeitura a estrutura para a feitura da festa do Carnaval, por que nunca construiu uma passarela fixa, para que, no decorrer do ano, esse espaço pudesse ser utilizado em eventos gerando lucro para as entidades carnavalescas? É muito confortável falar que as Escolas devem procurar a iniciativa privada, patrocínio, e outras coisas mais, no entanto, o principal, que é um espaço para que essas agremiações possam, a partir daí, buscar sua independência, nenhum prefeito dessa capital pensou ou pensa em fazer.

Não adianta tentar associar o Carnaval com a política de pão e circo. Tal elaboração não passa de um repetitivo enredo alicerçado no racionalismo burguês que, para legitimar os desejos de uma elite perversa, continua fazendo suas análises reducionistas e sem nenhum embasamento teórico. O Carnaval é um dos principais canais de expressão da população e, como tal, provoca descontentamento para alguns pseudo representantes políticos do povo.

Foi através das festas, e principalmente da festa carnavalesca, que o ludovicense conquistou a cidade. A história do nosso Carnaval é também uma parte da nossa história. É o homem do povo que toca o nosso contratempo. Somos os índios guerreiros da tribo São Luís e não podemos deixar de consumir a festa carnavalesca ao nosso modo. Não adianta querer acabar com o concurso na Passarela do Samba. Já tentaram diversas vezes, não conseguiram, e jamais vão conseguir. Sabe por quê? Porque o desfile de Blocos, Tribos e Escola de Samba quem participa, assim como de diversas manifestações culturais, é quem gosta.

\* Professor do curso de História da UEMA. Doutorando em História pela UFRJ

## CARNAVAL DE QUEM?

José Reinaldo Tavares (\*)

Jornal Pequeno - 12 de fevereiro – p. 04

O carnaval chegou! Hoje, ouvindo um samba de Chico Buarque que diz assim: ‘Apesar de você, amanhã há de ser outro dia...’, lembrei-me de uma conversa que tive com dois produtores culturais na semana passada. Aproximaram-se de mim e foram logo afirmando, sem nem mesmo um bom-dia: ‘Governador, o seu governo foi o melhor que tivemos para a cultura popular. O cachê pago aos grupos era suficiente para colocarmos o bloco na rua’. ‘Aliás’ – continuou o outro – ‘o cachê que é pago hoje é o mesmo que foi pago no seu governo, com uma diferença: como diminuíram a quantidade de apresentações, o valor final do cachê é praticamente a metade’. Confesso que duvidei das afirmações deles, afinal, em 2006, o nosso orçamento correspondia a um terço, isso mesmo, um terço do orçamento atual, então não sei como foi feita essa mágica para diminuir o cachê dos grupos, quando deveria ser no mínimo três vezes mais. Novamente o primeiro retomou a palavra para me afirmar que era verdade. Segundo me contou, o que aconteceu foi que, num intento de proteger uns certos grupos, que querem ter a hegemonia da cultura popular, quebraram as patas do siri, cortaram a tromba do jegue, o ‘babaçu abunda’ foi cortado para dar espaço para novas construções e sobrou até para a jumenta parida, pois, no intuito de economizar, proibiram a participação de bichos paridos. O outro tomou a palavra e resumiu: ‘Trocando em miúdos, governador, eles querem fazer o carnaval de um bloco só, seria um ‘monobloco’, e até trouxeram o original para a gente conhecer. Agora, vejam que essa história é tão nociva que até na Assembleia, os deputados, percebendo o perigo, não aceitaram e acabaram com o mono que existia ali e criaram vários blocos.

Nossos artistas populares são espirituosos, cheios de metáforas, mas espertos para observarem o que acontece no dia a dia, apesar de certos governantes pensarem que são bobos. Realmente em minha gestão a cultura foi tratada com respeito. A cultura e o turismo andavam de mãos dadas. Os voos charter aportavam em nosso aeroporto, trazendo os turistas para apreciarem a nossa cultura. Hoje embarca mais gente de São Luís para passar

o carnaval fora da cidade do que os que aqui aportam. Também, com o alto índice de violência em nossa capital – somente no mês de janeiro chegamos a 62 assassinatos – parece até que isso é algo normal. A sujeira das praias que, além dos coliformes fecais oriundos do despejo do esgoto sem nenhum tratamento, ainda engloba os metais pesados que são lançados na nossa costa pelos navios. Sim, porque os cascos daquelas embarcações são lavados após o transportes de materiais químicos e com o fluxo da maré, são depositados em nossas areias, causando diversas doenças. Isto parece acontecer sem que ninguém fiscalize.

A rede hoteleira chegava a 100% de ocupação. Lembro-me de um dia ter recebido o telefonema de uma ex-ministra que a mim reclamava por não ter conseguido vaga em nenhum hotel da cidade para se hospedar. Tive que hospedá-la no Palácio dos Leões. Hoje, a rede hoteleira não é ocupada nem em 60% de sua capacidade. A importação de bandas de outros estados não vai resolver o problema. Quem vem ao nosso Maranhão para apreciar bandas que podem ser apreciadas em seus estados de origem?

Enquanto o governo federal mostra preocupação com a balança comercial, já que estamos importando mais do que exportamos, o governo do Maranhão faz questão de criar uma balança deficitária para a nossa cultura. Contrata a peso de ouro grupos de outros estados, que levam os nossos recursos e deixam nossos artistas à mingua.

Quando assumi o governo, percebi que o nosso carnaval de rua estava sendo invadido pela forma baiana de fazer carnaval, com grandes trios elétricos, venda de abadás, com cordas amarrando os nossos brincantes como se fossem animais em um curral. Como engenheiro, vi que as nossas estreitas ruas não comportavam a invasão de grandes trios que mantinham os artistas altos e distantes do público e ainda com riscos de acidentes nas redes elétricas. Milton Nascimento nos ensinou que ‘o artista deve estar onde o povo está...’. Idealizei a Jardineira da Alegria que foi um grande sucesso, pois mantinha os artistas em contato com o povo, interagindo com ele e com ele brincando o carnaval. Isto foi uma alternativa aos mais pobres que não dispunham de recursos para pagar abadás cada vez mais caros. Assisti durante vários dias, do palanque montado na praça da saudade, a Jardineira carregando uma multidão de foliões que se divertiam sem ter que pagar para qualquer bloco.

Atendendo ao reclame dos brincantes de passarela, construí e urbanizei praça que,

com aquela estrutura, valorizou e deu dignidade ao desfile de nossas escolas de samba. Resgatamos até a Escola de Samba de São José de Ribamar, que estava adormecida há anos, mas que com o apoio do meu governo retomou às atividades.

Restaurei todas as sedes das escolas de samba, pois não havia sentido uma agremiação, que era uma espécie de centro cultural na comunidade em que está incrustada, não dispor de um espaço físico à altura de sua importância. Aproveitávamos o carnaval para fazer política pública de saúde com o bloco da juventude que desfilava distribuindo camisinhas e orientando sobre as doenças sexualmente transmissíveis. Os ingressos do baile de gala eram vendidos abertamente a qualquer pessoa. Arrecadávamos fundos para a manutenção das creches vinculadas ao Voluntariado de Obras Sociais – VOS. No meu último ano de governo entregamos R\$ 103 mil ao VOS.

Depois disso, primeiro restringiram o acesso do povo ao baile, que se tornou apenas um encontro da elite listada por colonistas e por último acabaram com ele, deixando e valorizando apenas os bailes promovidos pelos amigos. Quando questionado pelos promotores culturais sobre por que isso acontece, preferi não lhes responder.

Mas, meus amigos, ainda sob o espírito da profecia do samba de Chico Buarque, ‘Amanhã há de ser outro dia’, e um dia ‘vai passar nessa avenida um samba popular’, como diz um velho ditado, ‘não há mal que dure para sempre’. A esperança tem data certa: 2014. Vamos juntos seguir esse bloco! Bom carnaval a todos!

\* José Reinaldo Tavares é ex-Governador do Estado do Maranhão.



## CARNAVAL E TRADIÇÃO

OPINIÃO

Jornal O Estado do Maranhão

11/02/2013 - pág 04

O Carnaval ganha vida em São Luís e em todo o Maranhão. Na capital, mesmo sem participação expressiva da Prefeitura, que decidiu não realizar o Carnaval de Passarela e, assim, eliminar da folia momesca a participação das escolas de Samba, o reinado momesco está sendo festejado como em outros tempos: com muita alegria nas ruas do Circuito Deodoro Madre Deus, organizado pelo Governo do Estado.

Desde a abertura oficial do Carnaval, no Sábado Magro, o Centro de São Luís e alguns pontos de concentração espalhados por bairros tradicionais, a cidade ganhou o ritmo e as cores da alegria, que traz há séculos como uma das suas marcas mais fortes. Milhares de pessoas já passaram pelos pontos de concentração organizados pela Secretaria Estadual de Cultura, contribuindo para aumentar e consolidar o clima festivo que sempre caracterizou a folia momesca na capital do Maranhão.

Para chegar a esse clima de festa, os organizadores do Carnaval programaram várias manifestações e eventos prévios, que ajudaram a despertar o cidadão comum, o trabalhador, o estudante, enfim, a família ludovicense e os visitantes. O item mais importante e envolvente foram os cortejos, que contagiaram o centro da cidade nas noites de sexta-feira das três semanas que antecederam o Carnaval. Saindo da Praça Deodoro, onde se concentraram no fim da tarde, blocos, grupos organizados, baterias de escolas de samba e outras manifestações momescas percorreram a Rua Grande e espalharam alegria até a Praia Grande.

A programação prévia foi decisiva para o clima de festa que tomou conta de São Luís desde a noite de Sexta-Feira Gorda. Tendo como base principal a grande arena de show. Ali, grandes nomes da música popular brasileira identificados com o Carnaval e os grandes destaques da cultura popular e carnavalesca do Maranhão, como o Bicho Terra, atraíram multidões, que realizaram uma grande festa popular. Além disso, grupos organizados ga-



nharam a Rua do Passeio e alcançaram a Madre Deus, dando vida carnavalesca plena ao circuito da folia de São Luís.

No Sábado Gordo, dia em que o Carnaval ganha corpo e densidade, milhares de foliões foram para as ruas. Na Praça Deodoro, dançaram ao som do Bicho Terra e Alcione. As ruas foram tomadas pelos símbolos maiores do Carnaval de São Luís, os blocos organizados, simbolizados pelo mais antigo e especial de todos, Os Fuzileiros da Fuzarca. Além deles, dezenas de grupos carnavalescos fantasiados, como as baterias e alas de escolas de samba, ganharam as ruas do Centro, numa festa de pura alegria. À frente de tudo a governadora Roseana Sarney, a maior incentivadora das manifestações populares do Maranhão.

O Carnaval de São Luís se repete como uma festa popular incomum, como são incomuns todas as manifestações culturais saídas do caldeirão étnico que fazem da ilha de São Luís um mundo cultural à parte em relação a todo o país. A capital do Maranhão tem cenário urbano mágico, no qual as manifestações se destacam e ganham força. O Carnaval de rua é uma dessas marcas. E o que está acontecendo nesses dias do reinado momesco é a reafirmação dessa tradição que os intolerantes tentaram manchar, com argumentos nada convincentes, mas não conseguiram.



*Carro alegórico que teve construção interrompida no carnaval de 2013, em São Luís, contabilizando prejuízos emocionais e materiais.*

## OLHA O CARNAVAL AÍ GENTE!

Por Ruy Palhano (\*)

Jornal Pequeno - domingo, 24 de fevereiro de 2013, página 07

Com este “*grito épico*”, o neguinho da Beija Flor se notabilizou como um grande carnavalesco e puxador do samba de sua escola, que carrega multidões pelo Brasil à fora. E, mais uma vez, o carnaval está aí, junto com ele a alegria, a descontração, o desprendimento e muita disposição para os dias de momo. Essa festa popular gigantesca, tradicional e histórica, já acompanha o homem há séculos, em diferentes momentos de sua trajetória. Historicamente, o carnaval sempre esteve ligado a comemorações, atividades culturais e religiosas. É uma ocasião especial, as pessoas se transformam, se livram temporariamente das tensões, dos compromissos, dos preconceitos, da responsabilidade enfadonha e dos problemas do dia a dia. O carnaval é uma das mais importantes manifestações culturais, folclóricas e artísticas da face da terra e se notabiliza por ser exagerada em tudo, especialmente na alegria, no entusiasmo, na descontração e, sobretudo, na liberalidade. É uma festa popular, imperando a ideia de que não há limites para se brincar no espaço e no tempo. É uma festa de todos, onde todos fazem de tudo para usufruí-la, o mais intensamente possível.

Porém, no curso natural da alegria de momo, muitas tragédias pessoais e sociais ocorrem, e só depois do carnaval é que se contabiliza o estrago, pois até então, tudo é samba, suor e cerveja. Em muitos casos, é grande a dor, o sofrimento e a frustração no pós-carnaval. As lágrimas, os desalentos e a tristeza ocupam os lugares do samba no pé, dos tambores e dos tamborins que alimentam a alegria do carnaval, pois muitos perderam a noção de que o carnaval é uma festa, que tem começo, meio e fim, e que no próximo ano, tem tudo de novo. Aqueles que exageram, perdem os limites, pagam caro por isso. Perdem a noção de tempo, de espaço, de responsabilidade e perdem o limite entre o beber e o embriagar-se, entre o cansaço e a estafa, entre a alegria e a euforia, entre o brincar e o esbaldar, entre o repouso e a exaustão e, quando isso ocorre, surgem os diversos problemas.

Nesta época de carnaval tudo se modifica: bebe-se mais, as empresas produzem mais bebidas, os índices de homicídio, suicídio, estupros, roubos e violências, são elevados, os

problemas familiares e muitas outras mazelas se agravam, tudo inspirado pelo “*suor, samba e cerveja*”. O beber exagerado é arriscado: o que é para ser uma festa, alegre e descontraída, passa a ser para muitos, um tormento. No Brasil, o consumo excessivo de álcool é imenso, mais de 7 litros de álcool puro *per capita* por ano, acima da média mundial, que é de 6,13 litros. O consumo de álcool está presente em 25% dos suicídios, grande parte dos homicídios e mais de 70% das mortes no trânsito. Apesar disso, é tênue o limite definido de doses para estabelecer o consumo seguro de álcool, pois há os que toleram grandes quantidades, que se consideram “bons bebedores” e os “fracos para o álcool”, que são intolerantes. Entre os problemas, o que mais se destaca é o volume alarmante de mortes no trânsito, os homicídios e os suicídios.

Com a reedição mais dura da lei seca em 2012 e, mais recentemente, através da Resolução nº 432 do Conselho Nacional do Trânsito – CONTRAN, em 2013, que a deixa mais rigorosa, não permitindo nenhuma quantidade de álcool no sangue do condutor, espera-se que neste carnaval, haja uma redução drástica das ocorrências, pois brincar, distrair-se, alegrar-se e sorrir são coisas muito boas, necessárias e só nos fazem bem, especialmente promovida por essa grande festa. Porém, embriagar-se, matar os outros, ou destruir-se são coisas completamente diferentes do que se espera de um bom carnaval.

\* Ruy Palhano é médico psiquiatra e colaborador do Jornal Pequeno.

... sorriso reluzente.



## CARNAVAL: POR UMA POLÍTICA CULTURAL DEMOCRÁTICA

GERAL

Palavra de Especialista: Manoel Rubim da Silva (\*)  
Jornal Pequeno - 11 de fevereiro de 2003  
Caderno Contexto de Mercado - Página 07

Já critiquei, inúmeras vezes, inclusive em crônicas publicadas, nesta coluna, as imitações grotescas, principalmente, dos carnavais do Rio de Janeiro e da Bahia nesta cidade. Também, já enfatizei que o verdadeiro carnaval da nossa Ilha Rebelde se perdeu pelas ações e inações daqueles que tomaram ou não decisões, no campo cultural, ao longo dos últimos cinquenta anos, pelos menos, salvo raras exceções, lamentavelmente descontinuadas. O fato é que essa história de carros alegóricos e desfiles em passarelas não fazem parte da minha memória cultural. Aliás, somente fui à passarela do samba, quando os meus saudosos amigos Antônio Vieira e Lopes Bogéa foram homenageados pela aquela ‘flor que eu jóquei pela janela do tempo’, ‘Flor do Samba’, ‘resolveu desabrochar’, e homenagear esses dois ícones da nossa cultura. Ah! Sinceramente, pelo respeito e amizade, que nos unia, não poderia deixar de estar presente, sambando, naquele momento culturalmente sublime. Logo, não sentirei falta do desfile na Passarela do Samba, embora entenda que as mudanças devem ser negociadas e implantadas de forma paulatina.

Como ‘cada um de nós tem um carnaval dentro do peito’, no dizer da bela composição de Bulcão e Godão, samba da Turma do Quinto, em 1980. Não poderia deixar de ter os meus carnavais guardados na minha mente. Logo, a minha memória cultural, do mais autêntico carnaval desta cidade, está fincada: nos Blocos de Sujo, ou Mulambadas; na Casinha da Roça; nos belos Blocos Tradicionais; nas Turmas, e não Escolas, de Samba, como Quinto, Flor do Samba, Favela, Mangueira, Marambaia, Duque do Samba, Águia do Samba e muitas outras que sambavam ao longo das ruas desta cidade, e não em carros alegóricos, desde os mais longínqu

Quase toda essa riqueza cultural do nosso carnaval esvaiu-se, pelos túneis da incompetência, face ao desamor cultural e por decorrência, também, do quero, posso e mando. Em princípio, imitamos o Rio de Janeiro, para depois, cabisbaixos, como os vencidos pela

incultura, abraçarmos os Trios Elétricos, provavelmente, por decorrência dos prevalecentes interesses financeiros, que se sobrepõem, em detrimento da preservação da nossa cultura. Por conseqüência, os dias de carnaval, nesta cidade, que eram por demais animados, salvo em alguns locais, parecem mais, como dia de finados. Afinal, o que se desnatura, principalmente, em termos culturais, não prevalece, desaparece de forma fugaz, como surgiu, sem deixar saudades. De outra feita, os que mantêm as suas tradições – como os Fuzileiros da Fuzarca, nesta cidade, e o Cordão do Bola Preta, no Rio de Janeiro, que completou este ano 95 anos de existência – perduram, continuando a fazer sucesso. Aliás, o Cordão do Bola Preta – que visitei, com Naysa Bessa, no final do ano de 2010, oportunidade em que fomos muito bem recebidos, pela sua diretoria – consegui atrair mais de 1,5 milhões de pessoas, no seu desfile, ontem, domingo de carnaval.

os bairros, até o centro, animando os foliões, espalhados por esta Ilha Cultural, como ainda fazem os Fuzileiros da Fuzarca, tendo a frente Betinho, com o seu pandeiro, e o talento de Zé Pivó. A minha memória cultural, ainda registra: as batalhas de confetes e serpentinas; os lindos corsos que, também, procediam dos diversos bairros da ‘Ilha do Amor’; dos bailes populares, como Bigorriho, Moisés, Gruta do Satã, Aló, Bigorriho, SESI, Éden etc.; dos Bailes em Clubes Sociais, como Lítero, Jaguarema, Casino, Montese e outros mais populares, em diversos bairros desta cidade; os Fofões, que alegravam as crianças, de então, e que estão desaparecendo, dos becos e ruas de São Luís. A minha memória carnavalesca registra, também, alguns animados foliões, como, a título de exemplo, os saudosos Haroldo Rego, eterno Rei Momo, e Raul Guterres. Os mais antigos falam sobre outras manifestações culturais, que desapareceram, como Cruz-Diabo, por exemplo.

O reencontro das nossas verdadeiras raízes culturais, especialmente, no que tange ao carnaval, uma das nossas festas que poderia gerar renda para o nosso povo, inclusive via o turismo, carece de uma política cultural, que não passe pelo financiamento de cantores e bandas de outros Estados, embora, faça questão de afirmar que não sou xenófobo, apenas defendo a preservação da nossa cultura, em respeito aos que, com muito sacrifício, transformaram o nosso carnaval, em tempos idos (anos cinqüenta e sessenta) no terceiro carnaval brasileiro, ficando atrás, apenas, do Rio de Janeiro e Recife, quando nem se falava do carnaval de Salvador. Rio de Janeiro e Recife mantiveram várias das suas tradições carnavalescas e estão firmes no carnaval, que lhes dá um forte incremento no turismo, com conseqüências

salutares, para as suas economias. Por outro lado, Salvador, graças, entre outros, a Dodô e Osmar, explode, pela sua autenticidade, e não por imitar as escolas e passarelas do Rio de Janeiro, nem a beleza do frevo de Recife, que, em princípio, lhes abriu as portas do sucesso.

Essa política cultural deve ser delineada com a participação de estudiosos da nossa cultura, devendo ser ouvidas pessoas que conheceram os nossos carnavais antigos, assim como as demais manifestações culturais deste Estado. Aliás, entendo que esta cidade, este Estado merecem uma política cultural transparente, forjada de forma democrática e participativa, e não produto de uma ou duas cabeças, por mais iluminadas que sejam. Chega de autoritarismos, no campo cultural, em essência, produto da liberdade. Afinal cultura é um dos principais motores da economia criativa, hoje o segmento econômico que mais cresce no mundo, e gerador, pela própria natureza, de valores agregados expressivos, que melhoraram e têm melhorado, quando devidamente explorada, as condições de vida de muitos povos. A propósito, há mais de dez anos venho insistindo, em diversos artigos publicados em jornais desta cidade, que deveríamos estimular os poderosos potenciais da Economia Criativa, nesta cidade e neste Estado.

Porém, difícil será conciliar essa macro política cultural para o Estado, com as políticas culturais municipais. Seria uma tarefa para os órgãos de controle, que deveriam cuidar para que não acontecessem desperdícios de recursos, por decorrência de políticas culturais públicas desarmônicas. Todavia, os órgãos de controle limitam as suas ações, somente, aos aspectos meramente burocráticos, ignorando os aspectos da economicidade das políticas públicas. Por consequência, urgem políticas públicas culturais harmônicas, para São Luís e demais municípios do Maranhão, elaboradas de forma democrática e transparente.

\* Manoel Rubim da Silva é contador; Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil-aposentado; Professor do Decca-Ufma. e-mail: [manoel\\_rubim@uol.com.br](mailto:manoel_rubim@uol.com.br)

## CARNAVAL, DIVERSIDADE E TURISMO

Por: Flávio Dino (\*) - Jornal Pequeno - 10 de fevereiro de 2013, página 04

Se a principal marca da cultura brasileira é a diversidade, não há amostra melhor do que somos do que o carnaval. Nos quatro dias de festas, somos capazes de, em cada cidade de nosso país, expressar as diferentes formas de sermos brasileiros. As mais diferentes expressões culturais afloram com toda sua beleza: o frevo em Recife; os blocos afros em Salvador; os desfiles de escola de samba no Rio de Janeiro; o carnaval nos bairros de São Luís, e tantas outras expressões das diversas formas de se chamar brasileiro.

Essa vibrante dinâmica cultural chama a atenção do mundo todo. E traz ao Brasil centenas de milhares de estrangeiros. Somente em 2011, foram 579 mil turistas estrangeiros durante o mês do carnaval, o 2º melhor resultado do ano. Para este ano, são estimadas mais de seis milhões de viagens dentro do país – considerando turistas estrangeiros e brasileiros.

Portanto, nossa diversidade cultural gera e estimula uma máquina importante: a economia da cultura. No mês do carnaval do ano passado, os turistas estrangeiros injetaram 617 milhões de dólares em nosso país, ou seja, mais de R\$ 1 bilhão. É dinheiro que gera renda a milhares de pessoas, como artesãos, comerciantes, vendedores ambulantes, costureiras e toda a ampla cadeia do turismo (hotéis, restaurantes, taxistas etc).

Por isso, na Embratur, realizamos periodicamente press trips – que são viagens guiadas de jornalistas – para conhecerem o Brasil. Este ano, atendendo à demanda de veículos internacionais, estamos trazendo jornalistas estrangeiros para conhecerem os principais eventos carnavalescos. E já estamos preparando uma press trip para as festas juninas. É uma forma de divulgar nossa cultura e contribuir com o aumento do ingresso de divisas no país.

A pujança do carnaval também mostra ao público estrangeiro que já estamos aptos, desde já, à realização dos megaeventos. Muitas das cidades-sede da Copa do Mundo em 2014, por exemplo, recebem mais turistas durante os dias de carnaval do que receberão nos jogos de futebol. Por conseguinte, fica mais que comprovada nossa capacidade na realização de grandes eventos de massa.

Aqui no Maranhão, várias cidades, conhecidas pelos seus animados carnavais de rua que reúnem milhares de turistas, fazem com que o sentimento de confraternização e festa

contagie a todos a um só tempo. Além de reunir famílias e amigos, impulsiona-se a produção regional, o setor de hotelaria e o comércio dessas cidades.

Em São Luís, o carnaval de rua sempre foi e sempre será nosso principal atrativo. Com a descentralização do incentivo às brincadeiras de carnaval em diferentes bairros, um contingente ainda maior de cidadãos pode participar, perto das suas casas e gerando trabalho em toda a cidade. Desse modo, diversificam-se as oportunidades de lazer e também de negócios para microempreendedores.

Em meio às festas deste período é importante, porém, que haja prudência, respeito às leis e ao próximo. Um carnaval sem violência e sem álcool na direção é a combinação perfeita para que tudo corra bem em um período tão importante para o Brasil.

\* Flávio Dino, 43 anos, é presidente da Embratur, foi deputado federal e juiz federal.

*As apresentações típicas das baterias de escolas de samba no circuito de rua não ocorrem com o mesmo “glamour” e as fases rituais propiciadas pelos enredos roteirizados das agremiações carnavalescas.*



## COMEÇOU A FESTA DE MOMO

### OPINIÃO

Jornal O Estado do Maranhão  
09/02/2013, página 04

Começou o Carnaval 2013. São Luís e todas as cidades do Maranhão entram no clima de alegria que é a marca maior do reinado de Momo. Milhares e milhares de pessoas se divertirão até terça-feira, alimentando uma tradição que, entre outros traços, mantém São Luís como uma das cidades mais carnavalescas do país, a ponto de já ter sido considerada reduto do terceiro Carnaval mais animado do Brasil. Nas cidades do interior, independente do tamanho, a festa carnavalesca é tradicionalmente animada, ânimo que reforça a cada ano a personalidade descontraída e festiva do povo maranhense, manifestada em diversos momentos do calendário anual, a começar pelo Carnaval.

O Carnaval de São Luís será diferente neste ano. Não haverá o tradicional desfile das escolas de samba e blocos organizados e tradicionais, os grupos de inspiração afro e os entrudos carnavalescos modernizados e cuja melhor expressão é o Bicho Terra, que, embalado por marchinhas como a “É gostosa...!”, costuma arrastar multidões por onde passa. A decisão de não realizar do Carnaval de passarela tomada pela Prefeitura de São Luís tirou muito da animação das organizações carnavalescas, mas não foi suficiente para empanar a grande festa que começou ontem.

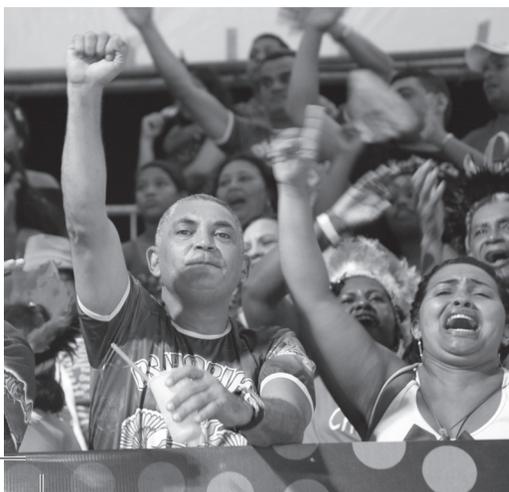
A grande festa carnavalesca de São Luís é fruto dos esforços do Governo do Estado, que, por orientação da governadora Roseana Sarney (PMDB), montou uma megaestrutura no circuito Deodoro-Madre Deus, com o diferencial de que neste ano o ponto maior de concentração é a Praça Deodoro. Ali, a Secretaria estadual de Cultura montou uma megaestrutura composta de palco e pontos de música, com áreas reservadas para brincantes, garantindo também a segurança por meio de um grande contingente policial e um amplo lastro assistencial, por meio da Secretaria de Estado da Saúde.

A Prefeitura de São Luís, que ao longo dos anos participou ativamente da realização

da festa momesca, respondendo pela montagem da passarela do samba, para o desfile das escolas e blocos organizados. Numa atitude sem precedentes, baseada em alegações absolutamente injustificadas, a nova direção do Município decidiu não apoiar os grupos carnavalescos - a começar pelas escolas de samba - negando-lhes o pagamento de cachê. A decisão atacou a tradição, tirando do Carnaval ludovicense um dos seus itens mais importantes. A medida foi alvo de diferentes interpretações, mas o que importa mesmo é que ela fez um grande estrago na cultura carnavalesca da capital do Maranhão, transformada em Patrimônio Cultural da Humanidade também pelas suas manifestações culturais populares.

Mas, felizmente, a patacoada da nova gestão municipal em relação ao Carnaval impediu que escolas e blocos vivessem o seu grande momento. O apoio determinado do Governo do Estado e o ânimo da população para se divertir no reinado momesco asseguraram que São Luís realizará mais uma vez um Carnaval alegre, divertido, no qual adultos e crianças externem, durante esses quatro dias, toda a carga emocional que trazem dentro de si. O corredor Deodoro-Madre Deus viverá as alegrias dos grandes carnavais, porque o folião da Ilha encara o período de folia como enfrenta o duro cotidiano que o envolve ao longo ao ano.

O que vale agora é o folião incorporar o espírito momesco e cair na folia de maneira consciente e relaxada, percorrer o circuito e os todos os pontos carnavalescos organizados na cidade. Nesse sentido, não é demais alertar para os excessos e lembrar, por exemplo, que não pode dirigir se tiver ingerido qualquer quantidade de álcool. E que, mais do que entrar em aventuras, saudável mesmo é brincar o Carnaval e voltar para casa como saiu, escoltado pelos deuses da folia.



## PERDAS PARA O CARNAVAL DE SÃO LUÍS

### OPINIÃO

Jornal O Estado do Maranhão  
23/01/2013, página 04

Não haverá mesmo Carnaval de passarela em São Luís em 2013. A decisão, que já havia sido tomada na semana passada, foi ratificada ontem pelo prefeito Edivaldo Júnior (PTC) em reunião com líderes de grupos que fazem a festa momesca, como blocos tradicionais, blocos organizados, tribos de índio e escolas de samba. Numa conversa que não se prolongou, o prefeito traçou um quadro dramático das finanças do Município, reafirmou sua decisão e, como estava rascunhado no script, descartou a preparação da avenida para o desfile das agremiações neste Carnaval.

A decisão do prefeito foi um duro golpe na tradição momesca de São Luís. Independentemente das razões que apresentou, a não montagem da passarela entra para a crônica como um momento de desprestígio da cultura popular da capital. A direção municipal, a quem cabe, em primeira instância, recorrer a todos os meios para incentivar a festa e estimular a participação popular, deu as costas para essa premissa. Ignorou décadas de preservação do costume e tratou as organizações como promotoras de inutilidades. Não há como interpretar a situação por outro ângulo.

Quando decretou verbalmente a não realização do Carnaval de passarela neste ano em São Luís, o prefeito Edivaldo Júnior atingiu fortemente uma série de itens geradores de renda que fazem parte da cadeia econômica que envolve o Carnaval. Um dos golpeados foi o comércio de materiais e adereços de fantasias localizado no Centro, com forte concentração na Rua de Santana. Sem o desfile de escolas e blocos organizados, aquele segmento comercial certamente terá frustradas suas expectativas de faturamento, já que dificilmente o movimento de sempre será mantido.

A não realização do Carnaval de passarela também frustrará uma grande quantidade de pequenos comerciantes, que se concentram em torno da avenida com suas bancas de

comida e bebida, o movimento de táxis e outros serviços aos quais muitos recorrem nesse período. Além disso, frustra um projeto de milhares de pessoas, de todas as idades, formação, condição socioeconômicas, que durante meses se prepararam alimentando o sonho de externar sua alegria integrando escolas e blocos, como sendo a sua grande festa anual. A decisão não levou em conta o fato de o Carnaval ser uma festa popular que derruba barreiras, diferenças e preconceitos, premiando a igualdade em manifestações irreverentes.

Não se discute que a Prefeitura de São Luís passa por um momento de graves problemas administrativos e financeiros. Mas, por mais complicada que esteja a situação, ela não justifica a decisão de não realizar o Carnaval de passarela. Os meios existem, e bastaria que o prefeito Edivaldo Júnior relocasse os recursos inicialmente destinados ao projeto carnavalesco, cerca de R\$ 2 milhões, sem o pagamento de cachês, para que tudo se resolvesse. Alguns líderes de grupos, no entanto, se precipitaram e perderam os argumentos e a

oportunidade de levar suas agremiações para a avenida, dando ao prefeito e seus assessores o argumento de que precisavam para viabilizar a intenção inicial de não bancar a festa popular.

A negativa de ontem selou de vez o destino do projeto carnavalesco de milhares de pessoas para o reinado momesco de 2013. Sem qualquer interesse pessoal na folia, por razões conhecidas, o prefeito usou a fragilidade circunstancial para matar dois coelhos com uma só cajadada. Mas com isso impôs perdas à cidade, que cedo ou tarde vai cobrar-lhe pelos danos causados à segunda maior e mais importante festa popular de São Luís.



*Escultura inacabada que deixou de reluzir no carnaval ludovicense 2013*

## CARNAVAL É CULTURA

Jornal O Estado Do Maranhão - 20.01.2013

Coluna do Sarney - Primeira Página

Já tenho afirmado algumas vezes e escrevi um ensaio sobre a identidade brasileira. Num mundo que cada vez mais marcha para a uniformização, a interdependência e a globalização dos países, as nações mesmas vão perdendo suas raízes e uma avassaladora onda de nivelamento tende a destruí-las.

É um bem ou é um mal, como perguntaria Lin Yutang, num famoso conto chinês em que trata dos cavalos selvagens? Alguns respondem, ladeando a questão, que é a inexorável marcha da humanidade que um dia será um mundo só. Mas temos de tratar do nosso tempo e não profetizar sobre o que acontecerá daqui a bilhões de anos quando, talvez, nem o homem esteja mais na face da Terra.

Voltemos ao nosso tema: a cultura popular. Atualmente, a cultura canônica já está praticamente moribunda. Os best-sellers e o livro não mais escrito, mas produzido, está destruindo os autores nacionais. Então, a identidade cultural vai sendo diluída. Resta a cultura popular, imune a qualquer invasão, porque é intrinsecamente local, fruto dos costumes sedimentados ao longo da vida cotidiana, das influências de formação e tudo que em massas sedimentares sociais fazem a cultura. O Brasil no mundo é conhecido, tem sua identidade marcada de forma forte e indelével na cultura popular, cultura esta que foi amalgamada pelas raízes ibéricas, portuguesa, índia, africana. Esta última passou a ser dominante e o poderoso sangue negro influiu de tal maneira que marcou a todos. Se resumíssemos hoje o que isso tudo significa, poderia sintetizar numa expressão: a cultura é a alegria. Há alguns anos, conversando em Paris com o escritor francês Guy Sormann perguntei-lhe o que mais o impressionara no Brasil. Ele me respondeu que não foram as belezas naturais, as curvas das montanhas e o mar da Baía da Guanabara de que todos falavam, mas o que era comum ao povo brasileiro: a alegria, a cordialidade, o jeito especial de conviver.

Pois bem, essa nossa cultura da alegria, a nossa cultura popular tem seus pontos altos na música popular, esta que contagia e leva ao delírio corações e multidões, nos

seus variados ritmos que cada dia se renovam, do samba, do axé, do carimbó, do rebolado; dos folguedos populares, os reisados, os cocos, o frevo, os cordões de boi; a cultura do botequim, que é a da conversa, das discussões amigáveis: a cultura da praia, misto de sensual e beleza natural, dos olhares devoradores e picantes, a picardia da conversa que flui entre todos; a cultura do futebol, e nada mais democrático do que um estádio de futebol, onde a igualdade existe na paixão dominadora dos torcedores e, por fim, a cultura do Carnaval, esta que é a síntese de todas porque é a verdadeira alegria, na qual a maldade desaparece, junto com o pecado, e tudo é a busca do gosto da vida, que se mistura entre luzes, cores, sons, beleza e desejo. Desaparecem todas as preocupações e o povo, este povo sempre sofrido, tem um instante para desfrutar do melhor da vida, que é viver em paz dentro de si mesmo.

Carnaval é cultura, Carnaval é bem-estar, é amor, é liberdade pura, é saúde, é turismo, é progresso.

O Maranhão tem dentro da identidade nacional, a sua identidade. E seu forte é o Carnaval, o São João, os cocos africanos - tambor de crioula, tambor de Mina -, o cacuriá. Os tipos populares, o fofão, o cruz-diabo, a casinha da roça, os blocos tradicionais que criam solidariedade e amizade. Matar o Carnaval, abandoná-lo, é tirar do povo seu melhor momento.

Um dos pontos altos de Roseana tem sido restaurar a cultura popular do Maranhão. Renasceu o São João, renasceu o Carnaval, renasceram as manifestações folclóricas que fizeram nossa cultura, como a festa de São Bilibeu já mergulhada na escuridão do esquecimento. Só quem não tem a sensibilidade da cultura maranhense e sua importância na identidade do seu povo pode querer acabá-lo.

O Carnaval não compete com nada. Não há dilema entre Carnaval e estrada, Carnaval e educação, Carnaval e dor de dente, Carnaval e dor de barriga, ou Carnaval e saúde. Melhoremos tudo, e o Carnaval também.

Lembremos o Barleus quando afirmava que “não há pecado debaixo do Equador!”.

## FREUD EXPLICA A PSIQUE DOS CONTRA ÀS NOSSAS ESOLAS DE SAMBA VIVAS

*(Enfiaram a língua no cofo, para os intrusos “reggae” e “axé music”. O excesso de vil metal deu A Diarréia do Beija-Flor, segundo Joaquim Itapary. O Algo Mais da TV Difusora)*

Herbert de Jesus Santos (\*)

Jornal Pequeno – Coluna Sotaque da Ilha – 15.02.2013

Com a ausência da passagem e concurso das nossas agremiações, no Anel Viário, onde todo o ano dou o ar da minha graça, utilizei o tríduo para consultar ao Dr. Sigmund Freud sobre a esquizofrenia que aflige os perseguidores das escolas de samba ludovicenses, que, por si sós, atravessam uma via-crúcis para não deixarem a peteca cair no período. Não saí sem resposta, compulsando trechos específicos do médico austríaco, neurologista e Pai da Psicanálise, interessado, inicialmente, na histeria, com a usança da hipnose, em consequência, pelo inconsciente e pulsões, com que faturou o título de haver originado uma revolução no universo humano; a imagem de que somos conduzidos pelo inconsciente, ou seja, o conjunto de processos psíquicos que influenciam o procedimento de que não temos consciência.

Nessa patogênese, os desafetos das nossas escolas de samba (minúsculos e perigosos) personalizam a ambivalência que é o caráter do que apresenta dois valores, aspectos, ou significações, com a recomendação da Psicologia de ser vivência de sentimentos que se opõem numa determinada situação. Foram assim, abusando do poder, na Secma, dois que tramaram a extinção da legenda Turma do Quinto, do seu próprio bairro, enquanto, 12 anos depois, na mesma Secma, ofereceram de bandeja uma fabulosa cifra para a Beija-Flor de Nilópolis reverenciar, grotescamente, Os 400 Anos de São Luís, no sambódromo do Rio, engendrando, cobiçosa, um frankenstein de 12 compositores das duas proposições finalistas. (Não os deixamos destruírem a Turma do Quinto! Já o poeta e da Academia Maranhense de Letras Joaquim Itapary lavou a alma da torcida gonçalvina, publicando, n’O Estado do Maranhão, ed. de 3.11.2011, A Diarréia do Beija-Flor, com o trecho:

*(...) A propósito, recebi, via internet, a letra do samba de enredo da Beija-Flor de Nilópolis, do Rio de Janeiro, patrocinada pelo contraventor Aniz Abraão Daví, que teria sido contratada para “homenagear” São Luís pelo transcurso dos seus 400 anos, mediante pagamento de 10 milhões. Parece brincadeira, mas estou literalmente aturdido com tanta burrice. Jamais li coisa igual, desde que a Dona Cota Teixeira me alfabetizou. Na minha ignorância em matéria de ornitologia, nunca imaginei que beija-flor, avezinha tão minúscula e mimosa, produzisse tantas fezes. Meu Deus, quem aprovou essa letra decerto perdeu o olfato e o senso de responsabilidade pública. É de estarrecer o primarismo da linguagem utilizada em homenagem à cidade-Atenas Brasileira. Francamente, um grosseiro e inadmissível insulto às nossas tradições. Qualquer garoto do bairro da Madre Deus fará coisa melhor; e de graça. Transcrevo, para horror do leitor culto, o amontoado de umas 150 palavras das quais 12 beócios se servem para compor 26 versos denunciadores de ensandecimento coletivo, ou, quem sabe, de inatos dotes de asnice potencializada por alucinógenos reprimidos pela polícia antidrogas. Pior é que, segundo circula na internet, esse bostífero samba de enredo custará os olhos da cara dos pobres maranhenses: Cada um dos 26 versos de pé-quebrado valerá R\$ 384.615,39; isto é, se não erro na aritmética, cerca de R\$ 67.000,00 por palavra! Tapem o nariz, pois aí vai o milionário cocô do beija-flor: “Tem magia em cada palmeira que brota em seu chão/O homem nativo da terra/ Resiste em bravura/A dor da invasão./Do mar vem três coroas/Irmão seu olhar mareja/No balanço da maré/A maldade não tem fê sangrando [singrando?] os mares/Mensageiro da dor./Liberdade roubou dos meus lugares/ Rompendo grilhões, em busca da paz/A dor dos meus ancestrais./Na casa nagô a luz de Xangô Axé [axé?]/Mina jêje [mina-jeje?] um ritual de fé/Chegou de Daomé, chegou de Abeokutá/Toda magia do vodun [vodum ou vodu?] e do orixá./ É rainha o bumba meu boi vem de lá / Eu quero ver o cazumbá, sem a serpente acordar./ Hoje minha lágrima transborda todo mar / Fonte que a saudade não secou/ Ó Ana assombração na carruagem./ Os casarões são a imagem/ Da história que o tempo guardou./ No rádio o regae [ou reggae?] do bom/ Marrom é o tom da canção/ Na terra da encantaria [cantaria?] a arte do gênio João.” Para exemplo aos excelentes poetas maranhenses eternamente de cuia na mão a pedinchar trocados para a edição de seus livros, hoje proporei na Academia a transcrição em Ata dessa genial diarréia “poética”. Afinal, não é todo dia que no Brasil se pode ler merda tão grande. É como diz um amigo: O canoro sabiá maranhense foi preterido por um milionário beija-flor cagão.”)*

A Func marcando gol contra as cores maranhenses — Parece mentira que a Fundação Cultural do Município (Func) haja tentado exterminar, também, as escolas de samba, numa ardilosa reunião, no começo de 1997, na sede da Flor do Samba, para o vantajoso interesse do Marafolia lavar a burra. A escabrosa trama colocaria aquelas para suicidarem-se na Litorânea, deixando o Anel Viário para a estupidez dos seus blocos de “reggae” (de radiola em inglês) e “axé music” (da idiotice baiana), que, antes, uniram-se para prejudicar o nosso carnaval, e naufragaram na orla marítima. Não aceitamos a proposta indecente, e conseguimos uma arquibancada e som mixurucas; não houve certame, contudo, as escolas desfilaram sob aplausos dos seus bairros. Em 1996, a Func ainda nos deu uma banana, porém a disputa aconteceu, precariamente, com o jornalista e publicitário Gutemberg Bogéa (o JP Turismo arregaçou a bateria) na presidência da comissão organizadora. Na testa da Func, os mais entusiastas não exibiram a psicose analisada por Freud: o ator e teatrólogo Aldo Leite; o jornalista e historiógrafo Luiz Pedro de Oliveira; o jornalista e cineasta Euclides Moreira, etc. Em resumo da ópera, até o decorador Adirson Veloso vestiu as cores maranhenses, viabilizando a arquibancada de Belém(PA) (mesmo com a ignorância de querer envidraçar a Casa das Minas, por desconhecer, também, a cultura dos voduns; reclamei daqui; e ele só de mau não pagou a minha premiação de vencedor do Concurso Literário Cidade de São Luís/2007, 10 salários mínimos e publicação da obra, recebidas por mim, na Justiça, por intermediação de Euclides ao prefeito João Castelo).

A salvação das escolas na Passarela Escrete do Samba — Só haverá sossego para as martirizadas, com a construção da Passarela Escrete do Samba (em memória do cantor e compositor Henrique Pinheiro (Escrete), da Favela do Samba e do Bloco afro Akomabu), com espaços nomeados por legendários sambistas, como Piranha (José Alves), da Flor, Tabaco (Hermenegildo Tibúrcio), do Quinto, Messias (Mangueira), Antero Viana (Império Serrano), Saint-Clair (Favela), Wagner Silva (Unidos de Fátima e blocos tradicionais), etc.; e para as promoções, canalizando dinheiro para a montagem dos seus enredos; e todo tempo, seções de saúde, educação e cultura, e ponto turístico, como em Belém, Manaus (AM), Porto Alegre (RS), no centro, com mais apoio, àqueles cordões, do que São Luís.

Em nossa defesa, só a voz de Algo Mais na TV Difusora — Como se estivessem ba-

tendo num cachorro morto, até os mais franzinos de neurônios estão se achando contra as nossas mais antigas representações do folguedo. A bem da verdade, só uma voz poderosa da comunicação Timbira tomou as nossas dores, levando para o seu Algo Mais, de sábado gordo, a audição de que o nosso peito estava sentindo: a apresentadora Paulinha Lobão. A certa altura, ao microfone democrático, eu já chamado por ela de crítico do carnaval, falei que não estava ali para dourar a pílula da crise; defendi a passarela fixa e que as agremiações precisavam trabalhar mais do que ficar só com o pires nas mãos. (Prosseguiremos no próximo Sotaque)

\* Herberth de Jesus Santos é jornalista e escritor (poeta, cronista, contista, novelista e romancista).

*A felicidade é marca simbólica do desfile na passarela do samba, como este registrado no carnaval de 2011.*



## MANTIDA A TRADIÇÃO MOMESCA

### OPINIÃO

Jornal O Estado do Maranhão  
04/02/2013 pág. 04.

Aberta oficialmente ontem, na Praça Deodoro, a programação organizada pelo Governo do Estado, via Secretaria de Estado da Cultura, para o Carnaval deste ano em São Luís. Com o evento, o Poder Executivo estadual assume, mais uma vez, a responsabilidade maior pela realização do Carnaval da capital, que este ano praticamente não conta com a Prefeitura Municipal, já que, numa decisão que surpreendeu a cidade, reduziu drasticamente sua participação, eliminando o chamado Carnaval de passarela. Na festa de ontem à noite, uma multidão festejou animadamente o início do Carnaval, indicando que a capital do Maranhão terá, mais uma vez, uma animada folia de rua.

A festa iniciada ontem é a reafirmação do compromisso do atual governo estadual de conservar um dos traços mais marcantes da cultura popular do Maranhão, que é o Carnaval de rua de São Luís. Assim, a governadora Roseana Sarney dá continuidade a um resgate que começou no seu primeiro governo, na segunda metade da década de 1990, com a revitalização cultural das áreas mais tradicionais da cidade, como o Centro Histórico e o chamado corredor Deodoro-Madre Deus. A iniciativa reanimou a tradição carnavalesca de São Luís, trazendo de volta as suas mais diversas manifestações momescas.

Para tanto, o Governo do Estado, via Secretaria de Cultura, com o apoio da Secretaria de Comunicação Social, investe um volume expressivo de recursos na organização, decoração, segurança e incentivo a grupos os mais diversos. Assim, apoia a preparação de blocos com um cachê de apresentação, o que dinamiza as manifestações e assegura mais animação, colorido e alegria às ruas no período carnavalesco.

Além do apoio direto às manifestações, com cachês e infraestrutura, o Governo do Estado assume a responsabilidade pela segurança, mobilizando para tanto um gigantesco aparato policial para assegurar o máximo de tranquilidade aos milhares de brincantes que

vão às ruas no período de festas. Mobiliza também várias outras áreas do Governo do Estado, como a da saúde, que não apenas garante a assistência da sua rede hospitalar, como também desenvolve campanhas preventivas, como, por exemplo, a distribuição de camisinhas para prevenir doenças sexualmente transmissíveis, e campanhas como a do Detran-MA, que alerta o folião para evitar dirigir embriagado.

O diferencial negativo deste Carnaval é a ausência da Prefeitura de São Luís para a realização do evento. Alegando falta de recursos, o novo governo municipal suspendeu a tradição carnavalesca de São Luís, não construindo a passarela, onde escolas de samba e blocos tradicionais desfilam todos os anos. Por mais que as novas autoridades expliquem a sua decisão, o que ficou mesmo foi uma forte impressão de que ela é manchada de má vontade, arrogância e preconceito. Os próximos carnavais dirão o que de fato os novos ocupantes da Prefeitura de São Luís pensam da tradição momesca da cidade.

O que importa é que, fazendo a sua parte de sempre, o Governo do Estado garantiu o Carnaval em São Luís.



*A magia da passarela do samba possibilita momentos marcantes, deixando recordações para a vida inteira.*

## DECIDIDO: NÃO HAVERÁ CARNAVAL DE PASSARELA EM SÃO LUÍS

BLOOG Por Daniel Matos  
terça-feira, 22 de janeiro de 2013 às 15:25

Edivaldo Holanda Júnior, durante a reunião com dirigentes carnavalescos, ao lado de Chico Gonçalves, presidente da Func.

Terminou agora há pouco a reunião entre o prefeito de São Luís, Edivaldo Holanda Júnior, e representantes de entidades carnavalescas. Na audiência, Holandinha descartou oficialmente o Carnaval de passarela este ano, na capital, contrariando a expectativa de muitas pessoas, que ainda acreditavam em uma reviravolta.

Apesar da resposta negativa, dirigentes das entidades que reúnem as agremiações carnavalescas aparentaram ter ficado satisfeitos com a decisão. A maioria reconheceu que no atual momento de crise não há condições de realizar os desfiles.

Os representantes dos grupos carnavalescos decidem, agora, se realizarão a manifestação programada para ter início logo mais, às 16h, para cobrar a montagem da passarela, no Anel Viário.

Observadores afirmam que após a reunião com Edivaldo, o movimento ficou enfraquecido.

*A confirmação da não construção da passarela vem ao encontro da desolação dos brincantes que se dedicaram de corpo e alma para criar suas fantasias.*



## FUNC, SAÚDE E OS MERCENÁRIOS DO CARNAVAL

BLOG do Gilberto Leda.17.01.2013

<http://gilbertoleda.com.br/2013/01/17/func-saude-e-os-mercenarios-do-carnaval>

Está claro que a União das Escolas de Samba do Maranhão (Uesma) não queria ajudar a Saúde de São Luís quando decidiu “bater o pé” e ameaçar não desfilas sem cachê na passarela do samba. Queriam, na verdade, era ajudar os bolsos dos donos das brincadeiras. Mas, agora, devem estar amargamente arrependidos.

O presidente da Func, Chico Gonçalves (foto), foi ainda mais duro do que os mercenários da cultura local e manteve a posição inicial: com dificuldades financeiras, a Prefeitura não poderia mesmo bancar cachês. No máximo, montar a passarela para as brincadeiras passarem.

A Uesma não recuou.

Ótimo para São Luís! Ótimo para a Saúde!

Sem escolas e blocos para desfilas, não fazia sentido proceder à montagem da passarela. E parte do dinheiro que iria para o Carnaval – 50% dos R\$ 2 milhões, mais precisamente – será investido no atendimento médico à população, que apoiou integralmente a decisão. Na lógica mercantilista dos empresários do Carnaval, o povo de São Luís adora essa festa e a Prefeitura enfrentaria forte desgaste se as brincadeiras resolvessem não desfilas.

Deram com os burros n’água.

Mesmo em 2013, a cara do Carnaval de São Luís ainda é a festa de rua, com batida e maizena. Carnaval de passarela, com escola de samba e tudo mais, é coisa do Rio de Janeiro, não daqui. E a reação do povo ao desfecho da história mostra isso. Ninguém mais aceita o dinheiro público ser usado para financiar uma manifestação que sequer representa verdadeiramente a cultura maranhense. Direcionar os recursos que seriam empregados na montagem da estrutura do Anel Viário para a Saúde foi a decisão mais sensata.

E um tapa de luva de pelica na cara dos mercenários.



*O desfile de passarela  
possibilita registrar momentos  
de satisfação, como este, no  
carnaval de 2011.*

## O TIRO QUE SAIU PELA CULATRA

Henrique Machado

disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br>

Reclamações e manifestações não resolverão esse problema, as que estão sendo feitas de forma absurda para as pessoas erradas e nos locais errados. Afinal quem elaborou um documento, tão propalado, dizendo que não iam para passarela se não tivesse cachê, quem enviou para a FUNC um outro documento comunicando que não iam para passarela. Foi a Prefeitura? Foi o Governo do Estado? não foram as Agremiações e suas entidades representativas. Tentaram chantagear a FUNC, pensando que ela ia montar a passarela e iria ficar a ver navios, esperando as nossas mais queridas brincadeiras carnavalescas, aparecerem ou não, acumulando mais um prejuízo para a sociedade ludovicense.

Mas o tiro saiu pela culatra em meio a política de terra arrasada criada pela antiga administração e com os mais diversos problemas que herdou o atual prefeito tomou a atitude mais sábia no momento: Pegou o dinheiro que seria investido para esses desfiles, um provável prejuízo aos cofres públicos, e colocou na área com maiores problemas.

Até agora não temos passarela, nem saberemos se teremos, e os culpados agora se fazem de vítimas e tentam a todo custo colocar a culpa nos órgãos governamentais. A culpa dessa bagunça toda que se criou no Carnaval de São Luís são dos dirigentes das Agremiações, dos “donos do bloco” e das entidades representativas, leia-se aqui: Associação Maranhense de Blocos Carnavalescos (AMBC), Academia de Blocos Tradicionais do Estado do Maranhão (ABTEMA) e da União das Escolas de Samba do Maranhão.

Os componentes pelo seu amor a cultura e às suas agremiações, pensando também nos prejuízos aos bolsos causados pela falta da passarela possam causar aos seus sonhos de um ano inteiro, mais uma vez estão sendo usados, agora para jogar a culpa de mais um equívoco nas costas do Governo do Estado ou da Prefeitura. O tiro saiu pela culatra nobres dirigentes do carnaval maranhense e os culpados dessa situação são vocês, que grande equívoco de colocar a FUNC contra a parede e esse tem tem que recair nas costas de voce, assumam os erros e tentem a todo custo salvar o carnaval da ilha que voces estão ajudando a afundar!

## **CARNAVAL SEM PASSARELA: SÃO LUÍS AGRADECE O FIM DO DESPERDÍCIO DE DINHEIRO PÚBLICO**

Jorge Vieira - jornalista

disponível: <http://www.blogjorgevieira.com/2013/01/carnaval-sem-passarela-sao-luis.html>

Esperiei que todo mundo se pronunciasse a respeito da decisão do prefeito Edivaldo Holanda Júnior em suspender a construção da passarela para o desfile das Escolas de Samba e a destinação de 50% dos recursos do Carnaval para a saúde de São Luís, para poder dar minha opinião sobre o assunto.

Apesar de gostar muito da folia de Momo, tenho absoluta convicção que a grande maioria dos cidadãos ludovicenses apoiou a iniciativa da Prefeitura de São Luís em acabar com o este paternalismo que só serve para encher bolso de dono Escola de Samba e Blocos Tradicionais em época de Carnaval.

O mais curioso de tudo é a arrogância daqueles que afirmam que só colocam as brincadeiras na rua se a prefeitura pagar. Ora, me compre uma carrada de bode seu bando de mercenários carnavalescos de mentirinha. Como pode o município fazer festa com os hospitais sem medicamentos, estudantes fora da sala de aula e com outros setores essenciais transformados em caos?

Qual a importância que esse desfile de imitação de Escolas de Samba do Rio de Janeiro tem para a cidade? Alguém já teve a preocupação de observar que a tal passarela do samba, no Anel Viário, só tem público no domingo de madrugada quando a Favela do Samba, Turma do Quinto e Flor do Samba se apresentam?

Será que vale a penas gastar tanto dinheiro público, volto a repetir, para ver apenas três imitações de Escola de Samba do Rio de Janeiro desfilar com seus carros alegóricos caindo os pedaços na avenida? A população não merece isso.

Adoro os Blocos Tradicionais, sim, mas da forma que eles brincavam, quando iam para as ruas de livre e espontânea vontade, apenas pelo prazer da diversão, até porque as fantasias são pagar pelos brincantes, porém, depois que confinaram eles à passarela, basta



*Típico folião de origem humilde, no carnaval ludovicense de 2011. Integrante do bloco tradicional “Os Magnatas”, conhecido pelo apelido “Estranho”, faleceu em 2012.*

olhar para as arquibancadas vazias para observar a falta de interesse do público.

Nasci vendo esses maravilhosos blocos e as Escolas de Samba com nosso ritmo desfilando pelas ruas da cidade, sem compromisso com títulos, apenas pelo prazer dos brincantes desfilarem com seus estandartes. Pouca coisa ainda resta deste tempo não muito distante, apenas os blocos continuam como antes, porém na Escolas de Samba trocaram os tambores de mão feito com pele de animal por repique, caixa, tarol, tamborim e sudão de naylon. Para que a imitação ficasse mais parecida com o original, aceleraram o ritmo e perderam a identidade cultural.

Na minha opinião, está correta a decisão do prefeito em cuidar dos problemas mais urgentes da cidade. Como pode esses dirigentes de Escolas de Samba quererem obrigar a prefeitura a doar dinheiro para eles quando enfermos estão morrendo nos hospitais de urgências e emergência por falta de medicamentos? É muita cara de pau, uma verdadeira falta de respeito com a população.

*Homenagem póstuma*

## FUNC REAFIMA QUE NÃO HAVERÁ AJUDA ÀS ESCOLAS DE SAMBA E BLOCOS

GERAL

Thiago Bastos - da equipe de O Estado  
Jornal o Estado do Maranhão -16/01/2013

Em reunião, na tarde de ontem, no Teatro da Cidade de São Luís, na Rua do Egito, com representantes de blocos carnavalescos e escolas de samba da capital maranhense, a diretoria da Fundação Municipal de Cultura (Func) reafirmou que os R\$ 2 milhões disponibilizados este ano pelo Município para a organização da folia momesca serão aplicados apenas na montagem da estrutura da Passarela do Samba, no Anel Viário, sem qualquer ajuda de custo às agremiações. A Func também informou que três escolas de samba da capital - Turma do Quinto, Favela do Samba e Marambaia do Samba -, por estarem com mais de 80% das fantasias e alegorias prontas, confirmaram presença no Carnaval de passarela deste ano.

A informação vem um dia após a decisão tomada na segunda-feira (14) à noite, na sede da Flor do Samba, no bairro Desterro, quando escolas de samba e blocos tradicionais anunciaram a ausência das agremiações da passarela do Anel Viário. Segundo o presidente da Func, Francisco Gonçalves, a decisão de poupar despesas é uma medida que se aplica apenas este ano.

“Não será gasto o que não poderá retornar como receita. Por isso, a Prefeitura de São Luís investirá apenas o necessário para o Carnaval de passarela. Quem quiser desfilar poderá fazê-lo. Cultura é tão importante quanto a saúde. No entanto, não será por isso que gastaremos mais do que podemos neste momento. Ano que vem, quem sabe, mais dinheiro será aplicado”, afirmou Gonçalves, que também anunciou um déficit de R\$ 15 milhões na pasta municipal de Cultura, contraído em anos anteriores, por falta de pagamento dos eventos.

Quanto às agremiações que confirmaram presença no desfile deste ano, o representante da União das Escolas de Samba do Maranhão (Uesma), Tony Mota, disse que, caso

isso ocorra, haverá desrespeito ao estatuto da instituição. “Não será correto, pois a Turma do Quinto, a Favela do Samba e a Marambaia não serão reconhecidas pela instituição organizadora do Carnaval de passarela de São Luís e poderão ser punidas”, afirmou.

Presença - O presidente da Associação Maranhense de Blocos Carnavalescos, Brasa Santana, avalizou o discurso do representante da Uesma. “Até hoje [ontem], nenhum bloco confirmou presença no Carnaval de passarela da cidade. Caso esse quadro mude, a associação também não fará campeonato e não reconhecerá qualquer desfile”, informou.

Ainda segundo a Func, no ano passado o Município gastou mais de R\$ 6 milhões com o Carnaval de passarela, valor três vezes maior do que o montante que será investido neste ano. Cada escola de samba recebe, anualmente, cerca de R\$ 40 mil para a ajuda de custo e organização do desfile. Já para os blocos, o Município disponibiliza, todos os anos, R\$ 10 mil.

De acordo com a direção da Uesma, caso a ajuda de custo do Município não seja repassada, será difícil oferecer ao público um Carnaval condizente com as tradições da cidade. “Com a verba pública, compramos quase tudo para os desfiles. Sem o dinheiro, fica inviável desfilar”, disse o presidente da Flor do Samba, Celso Azevedo. O presidente da Func rebateu esse argumento. “Não se pode pensar na organização do Carnaval apenas contando com as verbas públicas. É preciso tornar a folia de Momo uma festa autossuficiente. Para isso, é necessária a boa vontade das direções das agremiações”, disse Francisco Gonçalves.



## ME DÁ UM DINHEIRO AÍ

Hoje é dia de Joaquim Itapary  
jitapary@uol.com.br

Jornal o Estado do Maranhão - 24/01/2013

Consta que William Jennings Bryan, secretário de estado do presidente Woodrow Wilson, dos Estados Unidos, teria sido o primeiro administrador público a demitir-se de um cargo por encontrar-se diante do celebre dilema, formulado pelos economistas, sobre prioridades para uso de recursos escassos: Canhões ou manteiga? Evidente, em sentido amplo, qualquer opção significará maior destinação de verbas a uma atividade que à outra.

No caso do secretário Bryan, a escolha era entre gastar mais com a defesa nacional (canhões) ou investir na fabricação e aquisição de “ativos domésticos”, exemplificados pela manteiga. Desse terrível dilema se saíram muito bem recém- empossados prefeitos de importantes cidades brasileiras ao decidirem entre o gasto supérfluo de dinheiro público na gandaia carnavalesca e o investimento em serviços sociais essenciais, de incontrastável relevância. Prefeitos de Florianópolis, Porto Velho, São Luís, Ilhéus, Campinas, Petrópolis, Diamantina, Araraquara, Taubaté e Guaratinguetá, numa demonstração de insólita coragem política e exemplar senso de responsabilidade administrativa, já decidiram: Este ano, não há dinheiro para a farra. Carnaval é bom, mas quem quiser que se esbalde às suas próprias custas. Como acontecia até recentemente em São Luís e o carnaval era uma verdadeira expressão da Cultura popular.

Aqui, saúde pública, educação, transporte e saneamento são prioridades absolutas. Isso não significa negar a importância do estímulo às atividades de Cultura e Lazer das quais participem, espontaneamente, amplos contingentes da população. Tanto que, na maioria dessas cidades, entre elas três Capitais, a atitude adotada pelos prefeitos tem recebido apoio e aplauso até mesmo de grupos carnavalescos ordinariamente beneficiados com verbas públicas. Em Petrópolis, cidade arrasada por dois consecutivos desastres climáticos, a atitude

do prefeito municipal foi aplaudida em matéria divulgada pelas entidades representativas dos foliões, que prometeram, mesmo sem a grana do erário, botar os blocos nas ruas.

Tragamos, então, para nós o exemplo da aprazível cidade serrana do Rio de Janeiro e, sem o tradicional maniqueísmo da politiquice local, aliás, muito démodé, mas cumprindo nosso dever de cidadania, façamos o elogio da prudente, sensata e corajosa decisão do Prefeito de São Luís. Afinal, nenhuma outra cidade brasileira pode estar em pior situação administrativa e financeira do que São Luís, onde escolas, hospitais e centros de saúde simplesmente não funcionam ou se acham em petição de miséria, a cidade irresponsavelmente largada ao deus-dará, coberta de imundície de toda natureza, sem condições até de pagar os salários atrasados de seus mal remunerados funcionários.

Com uma única e evidente diferença: Petrópolis, jóia do período imperial do Brasil, está arrasada por dois anos de desastres climáticos; São Luís, patrimônio cultural da humanidade, encontra-se destruída por mais de três décadas de inclementes e formidáveis desastres administrativos. Que o belo exemplo de coragem e sensatez do jovem prefeito da Capital se difunda e espalhe pelo Maranhão inteiro, é o que devemos todos pedir e esperar.

Especialmente, espero igual atitude do prefeito de minha abandonada São Bento dos Perís, município cuja prefeitura está literalmente falida e onde o povo pobre sofre o castigo de uma estiagem que atira na mais absoluta miséria os que até ontem eram apenas pobres, ainda que com a Graça de Deus. Porque, em verdade, vivemos um momento em que configura gravíssima e absurda crueldade com os pobres a gratuita distribuição de dinheiros do povo a quem quer que compre uma fantasia e saia pelas ruas, mascarado ou com a cara lavada, a pedir “me dá um dinheiro aí”. Pois, enquanto as prefeituras distribuem essa espécie de bolsa-gandaia com dinheiro do povo, muitos choram de dor, comem o pão que o diabo amassou, ou morrem de fome.

## DIVERSAS CIDADES CANCELAM CARNAVAL EM 2013

### CRISE NA FOLIA

Site G1 – disponível: [g1.globo.com/carnaval/2013/noticia/2013/01/diversas-cidades-cancelam-carnaval-em-2013/html](http://g1.globo.com/carnaval/2013/noticia/2013/01/diversas-cidades-cancelam-carnaval-em-2013/html) e <http://joeljasintho.blogspot.com.br>

Falta de verba e tempo para realizar festa estão entre os motivos alegados. No estado de São Paulo, pelo menos dez municípios suspenderam evento. Diversas cidades de todo o Brasil decidiram cancelar os desfiles de escolas de samba no carnaval. Cada município justificou de maneira diferente a suspensão dos eventos, mas as razões mais citadas foram a falta de verbas ou o direcionamento dos recursos para outras áreas.

Em Florianópolis, a Liga das Escolas de Samba (Liesf) anunciou nesta quarta-feira (16) que não haverá desfiles. Segundo o presidente da Liesf, Zeca Machado, o evento foi cancelado porque as escolas não vão receber o auxílio da prefeitura para cobrir nos gastos. As escolas já tinham recebido recursos da iniciativa privada, mas os representantes das escolas consideraram os valores insuficientes para finalizar as apresentações.

Em Petrópolis, o prefeito Rubens Bomtempo (PSB) afirmou que decidiu cancelar o carnaval na região central da cidade para reverter o dinheiro para a área da Saúde. Segundo ele, a verba economizada, que está estimada em cerca de R\$ 1 milhão, será aplicada em melhorias de dois hospitais. Já o cancelamento do carnaval de Ilhéus, na região sul da Bahia, ocorreu pela falta de recursos públicos. Segundo o prefeito do município, Jabes Ribeiro, a situação financeira da prefeitura não viabiliza a realização da festa.

Em Minas Gerais, o carnaval de rua de Santa Rita do Sapucaí foi cancelado por uma dívida da prefeitura. Segundo o prefeito, Jéferson Gonçalves Mendes, o custo do evento seria de R\$ 600 mil, mas ele teria herdado uma dívida de R\$ 3 milhões da administração anterior.

### **São Paulo**

No estado de São Paulo, pelo menos dez municípios anunciaram o cancelamento da festa nos últimos dias.

A Prefeitura de Itaquaquecetuba divulgou na segunda-feira (14) o cancelamento do carnaval. O evento já não tinha sido realizado nos dois últimos anos. Já Suzano havia anunciado o cancelamento no dia 8 de janeiro por causa da falta de tempo para organizar a folia. Não haverá nem desfile das escolas de samba e nem bailes.

Em Guaratingueta, o prefeito Francisco Carlos (PSDB) explicou que o cancelamento da festa ocorreu pelo atraso na abertura das licitações, feitas no governo do antecessor, Júnior Filippo (DEM). O secretário de Turismo na gestão de Filippo, Nelson Baracho, nega o atraso. Em Ferraz de Vasconcelos, o motivo do cancelamento foi falta de verba. A administração municipal informou que vai se preparar para oferecer um carnaval completo em 2014.

Marília também anunciou que a cidade não vai gastar dinheiro nos desfiles de carnaval neste ano. Segundo a prefeitura, a decisão foi tomada em razão da crise financeira que afeta o caixa municipal e que resultou até no atraso do pagamento dos servidores.

O desfile das escolas de samba e blocos carnavalescos de São José dos Campos também não vai ocorrer. A prefeitura decidiu cancelar o desfile, porque não pode repassar a verba para a liga das escolas de samba, já que a prestação de contas do carnaval do ano passado não foi aprovada.

O desfile das escolas de samba e blocos carnavalescos de Lorena não vai ocorrer em 2013 devido aos problemas financeiros que a administração municipal enfrenta. A prefeitura decidiu cancelar a folia na cidade em consenso com as escolas de samba durante uma reunião no início desta semana. A Prefeitura de Itapetininga informou que não realizará o carnaval de rua em 2013. De acordo com o prefeito, Luis Di Fiori, o motivo é a contenção de gastos para aplicação de dinheiro na Saúde.

Os presidentes das escolas de samba de Porto Feliz (SP) foram comunicados que não haverá verba para a realização do carnaval. De acordo com a prefeitura, os representantes das escolas compreenderam os motivos apresentados e apoiaram a iniciativa.

Representantes das três escolas de samba e da prefeitura de Assis decidiram cancelar o carnaval durante uma reunião nesta quarta-feira. O motivo seria a falta de dinheiro da

prefeitura e de tempo para organizar os desfiles.

### **Rio Grande do Sul**

Dois municípios cancelaram os desfiles das escolas de samba no estado. Em ambos os casos, a decisão foi tomada em comum acordo entre as escolas e prefeituras, que optaram por concentrar os esforços na realização de um desfile superior em 2014.

Segundo nota assinada pela Prefeitura de Santana do Livramento e pelas 10 escolas do município, a Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa) orçou o valor do carnaval em R\$ 160 mil a serem repassados às escolas e R\$ 70 mil para estrutura, mas a administração municipal determinou que R\$ 40 mil seriam repassados às escolas. Sem tempo hábil para a captação de novos patrocínios, as entidades decidiram cancelar o evento neste ano.

Uma situação parecida ocorreu em Alegrete. A prefeitura e a Associação Cultural, Recreativa e Carnavalesca de Alegrete (Assercal), que representa as escolas, optaram por cancelar a festa para ter uma estrutura melhor em 2014. <http://g1.globo.com/carnaval/2013/noticia/2013/01/diversas-cidades-cancelam-carnaval-em-2013.html>



## EDIVALDO FAZ REUNIÃO COM REPRESENTANTES DE AGREMIÇÕES CARNAVALESCAS

Press-release distribuído pela SECOM.  
Blog do Joel Jacinto  
disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br>

Representantes de agremiações carnavalescas da capital se reuniram na tarde desta terça-feira (22) com o prefeito de São Luís, Edivaldo Holanda Júnior, no Palácio La Ravardière. Edivaldo fez uma explanação panorâmica dos problemas que encontrou ao assumir a prefeitura e propôs que seja feito, desde agora, um planejamento integrado com as escolas de samba para o carnaval de 2014. “Vamos construir, desde já, ao lado de vocês, um grande carnaval em 2014”, afirmou Holanda Júnior.

Na companhia do presidente da Fundação Municipal de Cultura (Func), Francisco Gonçalves, o chefe do executivo municipal esclareceu novamente que devido às dificuldades financeiras enfrentadas pela gestão municipal - uma dívida de cerca de R\$ 1 bilhão deixada pela administração anterior - não será possível destinar investimentos de maior monta na festa deste ano.

“Eu queria poder dar essa boa notícia de que a prefeitura poderia bancar a estrutura da montagem da passarela do samba, mas o momento é muito difícil. Achamos a prefeitura com um rombo, muitas dívidas deixadas pelo ex-prefeito e não há, portanto, recursos suficientes para que possamos atender essa demanda. E é dentro desse relacionamento de confiança estabelecido entre nós que infelizmente digo isso, pois só podemos assumir compromissos com aquilo que podemos cumprir”, lamentou Edivaldo.

A decisão de não participar do desfile na Passarela do Samba foi anunciada pelas próprias entidades que representam as escolas de samba de São Luís no último dia 16. Na época, as escolas se recusaram a participar do evento porque a Prefeitura informou que não poderia pagar cachê pelo desfile. Em meio à discussão desta terça-feira (22), os carnavalescos apresentaram a sugestão de uma passarela do samba fixa (sambódromo) na capital.

O presidente da Func, Francisco Gonçalves, informou que há um projeto em estudo pela Prefeitura, a Arena Cultural, que será um espaço coletivo destinado a atividades, ações e eventos culturais da cidade.

Além das entidades carnavalescas, a reunião contou com a presença de representantes da União das Escolas de Samba do Estado do Maranhão (UESMA), Associação Maranhense de Blocos Carnavalescos (AMBC) e Academia de Blocos Tradicionais do Estado do Maranhão (ABTEMA). O secretário municipal de Comunicação, jornalista Márcio Jerry, também acompanhou os trabalhos. Os eventos carnavalescos estão assegurados com recursos na ordem de R\$ 1 milhão que será utilizado para custeio dos gastos com palco, som, iluminação, banheiros químicos e atrações artísticas de bailes e eventos comunitários.

De acordo com o regulamento do Carnaval de Passarela compete à Prefeitura de São Luís, através da Func, adotar medidas relativas ao funcionamento da avenida do desfile, bem como higienização, segurança, sonorização, cachê dos jurados e iluminação dentro da passarela e na extensão da concentração. O custeio dos gastos foi assegurado pela Func.

O prefeito determinou que 50% do valor destinado ao Carnaval de 2013 fossem transferidos para a Secretaria Municipal de Saúde (SEMUS). A decisão foi tomada após as entidades que representam as escolas de samba da capital informarem que não participariam do desfile na Passarela do Samba.



## VAMOS UNIR AS FORÇAS... É HOJE O DIA D PARA O CARNAVAL DE PASSARELA DE SÃO LUÍS. TODOS ESTÃO CONVOCADOS PARA ESTAREM ÀS 16 HORAS NA CASA DO MARANHÃO, NA PRAIA GRANDE

Representantes dos blocos carnavalescos e das escolas de samba de São Luís estiveram reunidos, na noite de ontem, na quadra da Turma do Quinto, na Madre Deus, para definir os detalhes finais sobre a manifestação, que acontecerá hoje (22), às 16h, com concentração na Praça da Casa do Maranhão, contra o cancelamento do Carnaval de passarela da capital maranhense. Os diretores das agremiações que não concordaram com a decisão da Prefeitura de São Luís alegam que a manifestação é importante para a valorização do espaço usado em anos anteriores na cidade para o desfile dos blocos e das escolas de samba.

Estiveram presentes na reunião o presidente da Turma do Quinto, Marcos Túlio; o presidente da Associação Maranhense dos Blocos Carnavalescos (AMBC), Brasa Santana, Rogério Avelar e Jeisa Moraes, da Favela do Samba; Sebastião Sardinha, da Tunel do Sacavém; Andre Capos, da Flor do Samba; além de carnavalescos e simpatizantes dos movimentos culturais da cidade.

De acordo com Marcos Túlio, a manifestação defenderá a preservação de uma das mais importantes tradições do Maranhão. “O Carnaval de passarela já existe há décadas e, mesmo diante das dificuldades financeiras do poder público, nunca se pensou em uma medida como essa. A manifestação é para impedir a extinção do Carnaval de passarela na cidade”, disse.

**Pessimismo** - Sobre uma improvável reviravolta no caso e o retorno do Carnaval de passarela deste ano, o presidente da Turma do Quinto manteve o discurso pessimista. “Creio que não há mais tempo para a montagem da estrutura, o que é uma pena, pois 90% do nosso Carnaval estava pronto para o desfile”, afirmou.

Marcos Túlio disse ainda, durante a reunião, que somente a Turma do Quinto, cujo enredo deste ano seria No terreiro do Maranhão, o mestre é Bitá do Barão, investiu R\$ 90 mil no Carnaval e gerou 50 empregos diretos e indiretos. Dos cinco carros alegóricos da escola, dois estão concluídos. O presidente da AMBC é mais otimista e acredita que ainda há tempo

suficiente para a construção da passarela, no Anel Viário. “O que falta do poder público é apenas uma coisa: vontade. Quando não se tem isso, fica difícil fazer o que a população quer, que é o Carnaval de passarela”, disse Brasa Santana. Ele informou ainda que quase 100% dos blocos estão prontos para o desfile deste ano.

O bloco Os Originais do Ritmo, que existe há 43 anos e nasceu na Madre Deus, é um dos grupos cujas fantasias estão confeccionadas. “Preparamos 80 fantasias para o desfile deste ano. Para a produção de cada uma, foram gastos R\$ 700,00. Ou seja, não é barato fazer um Carnaval caprichado para a cidade. Por isso, com o cancelamento da montagem da passarela, o prejuízo é muito grande”, disse o presidente do bloco, Augustinho Cabral.

O criador do grupo Bicho Terra, José Pereira Godão, participou da reunião e demonstrou apoio às manifestações. “O Carnaval é a alegria do povo e sem a passarela a festa não será a mesma, com certeza”, disse.

**Site oficial** - A Func disponibilizou ontem, por meio do seu site oficial, as documentações entregues pelas entidades representativas das agremiações carnavalescas - União das Escolas de Samba (Uesma), Academia de Blocos Tradicionais do Maranhão (ABTMA) e Associação Maranhense de Blocos Carnavalescos (AMBC) - reafirmando o cancelamento dos concursos e os desfiles na Passarela do Samba. Os documentos também reforçam o compromisso das entidades em organizar uma reunião, nas próximas semanas, para a organização do Carnaval de passarela do ano que vem.

### **Números**

R\$ 90 mil foram gastos pela Turma do Quinto para o Carnaval deste ano, gerando 50 empregos diretos e indiretos; 80 é o número de fantasias já confeccionadas pelo bloco Os Originais do Ritmo para o Carnaval deste ano; R\$ 2 milhões seria o gasto do Município para a construção da Passarela do Samba, no Anel Viário.

\* E-mail enviado por Paulo Salaia aos militantes e imprensa. disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br>

## SILÊNCIO, NÃO VOU PODER LER UM AVISO

Joel Jacinto (\*)

disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br>

- Hoje domingo gordo de carnaval. Silêncio nos barracões, nas sedes das escolas de samba, nas rodas de conversas nos bares, nas bases dos Blocos Tradicionais, sem o 'ti ti ti ti ti' de quase foram os melhores no desfile que só ia acabar na madrugada com Os Feras. Sem os comentários dos meios de comunicação (em especial da Rádio Educadora com Helena, Juarez, Moreno e outros) E hoje com os carros alegóricos já na concentração próximo ao Ceprema. Tanta gente em buscas de fantasias das alas. Enfim o carnaval de passarela de tanta gente, de tantos e tantos, onde foi parar? E uma pergunta que não quer calar. E como vai ser para 2014. Qual vai ser a atitude das nossas entidades, vão novamente acionar o Grêmio Recreativo Cachê e esperar o Sinal Verde que nunca vai chegar?

\* Joel Jacinto é jornalista profissional e pesquisador de carnaval.

\*\*\*\*\*

Euclides,

(email enviado pelo professor e cineasta Murilo Santos)

Agora nas férias vou dar prosseguimento aos registros sobre o carnaval. Na verdade o que me move não é prioritariamente o episódio deste ano, e sim, a discussão entre o carnaval de rua (tido como mais espontâneo) e o de passarela (artificial e predador do erário público, para alguns).

Acho que a não existência do carnaval de passarela este ano fez aflorar de um lado o culto a esta tradicional manifestação em São Luís e de outro a rejeição a ela. Rejeição, aliás, violenta, autoritária e carregada de prejulgamentos, uma vez que neste ano os opositores à passarela incorporaram às suas críticas, até então estéticas, críticas sobre questões éticas.

A crise deste ano ratifica, por assim dizer, a já antiga concepção de que no carnaval vivemos em São Luís a “feitura” estética das escolas de samba, feias também por “imitar” o Rio de Janeiro. Por outro lado, essa mesma crise aparece este ano com uma novidade - a questão ética. No período do conflito ouviu-se e leu-se muito termos como “chantagens das brincadeiras”, “proveitadores”, “extorsão do poder público” etc.

Bom, é instigante fazer documentário quando aparecem antagonismos, contradições sociais etc. (...) Para finalizar estou disponibilizando as fotos que solicitastes.

Mura

\*\*\*\*\*

Caro Euclides Barbosa,

Tens que transformar o Carnaval de Passarela TOTALMENTE INDEPENDENTE da Administração Edivaldo Holanda. Os Holandas não farão esse evento em nenhum ano da sua gestão. TENHA CERTEZA DISSO, JÁ ESCUTEI.

Coloco-me a tua disposição para ELABORARMOS PROJETO E BUSCARMOS PARCERIA, tenho bastante experiência no ramo (fui presidente da Liga das Escolas de Samba de Belém e dono do Evento CARNABELÉM). O Carnaval é viável. Na minha administração captei patrocínio de R\$ 1.200.000,00. Fizemos o melhor Carnaval da História de Belém, com 03 dias de folia, com 100% da lotação disponível (10.000 lugares) ocupadas, e quase o dobro desse público do lado de fora. TEMOS QUE COMEÇAR EM FEVEREIRO.

(...)

\* Estou omitindo o nome do autor deste e-mail, considerando que não consegui contato para obter autorização. Sua publicação se justifica pela importância do conteúdo da mensagem que é revelador.

## PROGRAMAÇÃO ANUNCIADA PELA PREFEITURA DE SÃO LUÍS

### PROGRAMAÇÃO DA PREFEITURA

Dias: 09 a 12 de fevereiro

Horário: 17h às 23h

#### PRAÇA MARIA ARAGÃO

##### **Dia 09/02 (sábado gordo)**

Tambor de Crioula de Apolônio

Show Cantigas de Roda, com Rosa Reis

Banda Argumento

Banda Mix Brasil

Banda Jegue Folia

Banda Máquina du Tempo

##### **Dia 10/02 (domingo gordo)**

Tambor de Crioula da Fé em Deus

Trope Carnavalesca, com Sandra Cordeiro,

Palhaço Irê, Silvana Cartágenes

Show com Mano Borges

Grupo Vamu di Samba

Banda Big Band

Banda Baré de Casco

##### **Dia 11/02 (segunda-feira)**

Tambor de Crioula de Leonardo

Show com o Quinteto da Folia (Gilvan Moci-  
cidade, Jota Junior,

Jailson Pereira, Wallace Godinho, Alessan-  
dra Loba

Carnareggae com a banda Filhos de Jah, Zé

Lopes, Santa Cruz, Célia Sampaio

Banda Vagabundos do Jegue

##### **Dia 12/02 (terça-feira)**

Afro Encanto (encontro dos blocos afros  
Akomabu, Abibimã, Juremê, Oficina Afro,  
Aruanda, Didara, Omnirá, Abi Iê Iê, Gdam,  
Netos de Nanã)

Show com Tereza Cantu

Banda A Máquina de Descascar Alho

Bicho Terra

Trupiada da Ilha

#### ANJO DA GUARDA

Dias : 10 a 11 de fevereiro

Horário: 17h às 23h

##### **Dia 10/02 (domingo gordo)**

Baile/ Programação Comunitária

Grupo Zabumbaça

Banda Confraria do Copo

Bicho Terra

##### **Dia 11/02 (segunda-feira)**

Baile/ Programação Comunitária

Show Mano Borges

Grupo Madrillenus

Banda Jegue Folia

#### COHAB/COHATRAC

Dias: 10 a 11 de fevereiro

Horário: 17h às 23h

**Dia 10/02 (domingo gordo)**

Baile/ Programação Comunitária  
Show de Ronald Pinheiro  
Banda Vagabundos do Jegue  
Banda A Máquina de Descascar Alho

**Dia 11/02 (segunda-feira)**

Baile/ Programação Comunitária  
Bicho Terra  
Banda Big Band  
Banda Argumento

**DESTERRO**

Dias: 11 a 12 de fevereiro  
Horário: 17h às 23h

**Dia 11 (segunda-feira)**

Baile/ Programação Comunitária  
Show Grupo Lamparina  
Banda Tirando Onda  
Confraria do Copo

**Dia 11 (terça-feira)**

Baile/ Programação Comunitária  
Sindicato do Samba  
Show com o Quinteto da Folia (Gilvan Mo-  
cidade, Jota Junior,  
Jailson Pereira, Wallace Godinho, Alessan-  
dra Loba)  
Banda Bicletinha do Samba.



*A passarela se constitui num laboratório a céu aberto e democrático para todas as classes sociais e expressões de artes.*



## BAÚ DO CARNAVAL

### RESULTADO DO CARNAVAL DE ESCOLAS DE SAMBA

Escolas de Sambas Campeãs (\*)

1974 - Flor do Samba  
Enredo: Primaveras

1975 - Turma do Quinto  
Enredo: Obrigado Salgueiro

1976 - Flor do Samba  
Enredo: Aquarela do Brasil

1977 - Favela do Samba  
Enredo: No Reino dos Ori-  
xás

1978 - Turma do Quinto  
Enredo: I Juca Pirama

1979 - Flor do Samba  
Enredo: Maranhão, Festas,  
Lendas e Mistérios (Haja  
Deus)  
(O desfile aconteceu fora da  
Deodoro, no Anel Viário,  
próximo ao Monte Castelo)

1980 - Flor do Samba  
Enredo: De Daomé à Casa das  
Minas a Origem de um Povo  
(O desfile aconteceu na Pra-  
ça João Lisboa)

1981 - Tuma do Quinto  
Enredo: Praia Grande

1982 - Turma do Quinto  
Enredo: Upaon-Açu Ilha dos  
Mistérios

1983 - Turma do Quinto  
Enredo: Tanto Queima  
como Atrasa (tributo a João  
do Vale)

1984 - Flor do Samba  
Enredo: A Arte que vem do  
Povo

1985 Flor do Samba  
Enredo: O Domingo é Nos-  
so (tributo ao falecido radia-  
lista Lima Júnior)

1986 Turma do Quinto  
Enredo: Ali Babão e o Sete  
Ladrão  
Obs.: A Flor do Samba não  
desfilou

1987 - Turma do Quinto

Enredo: Alcantaratlântida

1988 Turma do Quinto  
Enredo: Máscaras da Qin-  
toInstituinte

1989 - O DESFILE PASSA A  
ACONTECER NA PASSA-  
RELA DO ANEL VIÁRIO

1989 - Flor do Samba  
Enredo: Nem Tudo que Re-  
luz é Ouro (50 anos da Flor)

1990 Flor do Samba  
Enredo: O Arquiteto da Ilu-  
são Joãozinho Trinta

1991 - Unidos de Fátima  
Enredo: Soy Louco Por Ti  
América

1992 - Favela do Samba  
Enredo: Me Engana que eu  
Gosto

1993 - Favela do Samba  
Enredo: De Ourique á Praça  
Deodoro que é do Povo

1994 - Unidos de Fátima Enredo: Tropa, Tropeços do País Tropical, Tudo Acaba em carnaval	ma do Quinto e Favela Turma do Quinto Enredo: O Quinto Centenário São Outros Quinhentos	2007 - Favela do Samba Enredo: Baladas de Alegria nas Imboladas de Zeca Baileiro
1995 Flor do Samba Enredo: A Divina Dama Apolônia Pinto	Favela do Samba Enredo: Do Guajá a Internet: Uma Odisséia na Passarela	2008 - Favela do Samba Enredo: O Homem e o Mar..... Navegar é Preciso
1996- não houve concurso	2001 - Turma do Quinto Enredo: Maranhão: Caixa-nha de Segredos	2009 - Favela do Samba Enredo: Sob o efeito da Lua
1997 - foram campeãs a Favela e Flor do Samba	2002 - Turma do Quinto Enredo: Nauritânea A Poesia de Barbas Brancas (Nauro Machado)	2010 - Favela do Samba Enredo: A favela se fez bandeira no planeta de César Teixeira
Flor do Samba Enredo: No Rabo de uma Estrela	2003- Favela do Samba Enredo: Sousândrade Guesa Errante	2011 – Favela do Samba Enredo: O Boi é Festa
Favela do Samba Enredo: Cores e Sons, Deste Mundo Tropical	2004 - Turma do Quinto Enredo: Quinto é Minha Lei Meu Nome é José Sarney	2012 – Favela do Samba Enredo: São Luís – menina dos olhos do mundo
1998 - Favela do Samba Enredo: A Esperança que Balança, mas não cai	2005 - Turma do Quinto Enredo: O Quinto Opina, e a Difusora está no Ar	2013 - Não houve concurso, nem desfile na passarela
1999 - Favela do Samba Enredo: Carnaval de A Z (tributo ao radialista José Raimundo Rodrigues) Obs.: A Flor do Samba não desfilou	2006- Favela do Samba Enredo: Axé da Favela no Reino de Mãe África	
2000 - foram campeãs Tur-		

\* Fonte: Arquivo do jornalista e pesquisador do carnaval, Joel Jacintho.

disponível: <http://joeljasintho.blogspot.com.br>

*Os mistérios que envolvem a criação  
carnavalesca são marcas indeléveis de  
homens e mulheres que apreciam as  
manifestações culturais.*



## DADOS SOBRE O AUTOR

Euclides Barbosa Moreira Neto nasceu em 13 de abril de 1957, na cidade de Cururu-pu-MA. Sua formação educacional e acadêmica ocorreu em Instituições de Ensino Público e atualmente é Professor Universitário, lotado no Curso de Comunicação Social do Centro de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, ministrando as disciplinas “Jornalismo Cultural”, “Jornalismo de Revista” e “Laboratório de Telejornalismo”.

Graduado em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, na UFMA (1976-1979); tem dois cursos de Especialização: “Teoria e Prática em Jornalismo”, ministrado na UFMA (1981-1982); e “Planejamento da Comunicação”, na Universidade Federal de Minas Gerais, em convênio celebrado com a Universidade Católica de Minas Gerais, Fundação Friedrich Ebert da República Federal da Alemanha, Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação – ABPEC com o Centro Internacional de Studios Superiores de Comunicación para América Latina – CIESPAL (1982); “Mestrado em Comunicação”, viabilizado por meio de convênio firmado entre a Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Universidade Virtual do Maranhão (UNIVIMA) (2009-2011); exerceu a função de “Conselheiro” do Conselho Estadual de Cultura do Maranhão (1991-1994) e (2007-2008); reorganizou e presidiu o Conselho Municipal de Cultura de São Luís (2009-2012).

Ao longo de sua carreira como docente, sempre se envolveu com a área de extensão e cultura, desenvolvendo atividades em todas as áreas de expressões artísticas, principalmente na área audiovisual. A nível administrativo na UFMA, foi coordenador do Núcleo de Atividades Visuais do Departamento de Assuntos Culturais da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis, além de diretor daquele Departamento (CD4), por 12 anos consecutivos (1996-2008).

Como diretor do Departamento de Assuntos Culturais desenvolveu extensa grade de projetos e atividades artísticoculturais, motivando sempre o envolvimento dos Departamentos Acadêmicos nas ações executadas com o objetivo de revelar novos talentos e propiciar a participação de alunos e professores nos projetos propostos e/ou desenvolvidos por aquele

Departamento. Entre os projetos e ações desenvolvidas sob sua coordenação, até o ano de 2008, na UFMA, destacam-se:

- 12 edições da Mostra Brasileira de Humor no Maranhão (HUMORMARÁ)
- 25 das 32 edições do Festival Guarnicê de Cinema
- 4 edições da Mostra Guarnicê Itinerante de Cine Vídeo
- 13 edições do Festival Brasileiro de Canto Lírico no Maranhão (MARACANTO)
- 12 das 23 edições do Festival Brasileiro de Poesia no Maranhão (POEMARÁ)
- 12 edições do Festival Universitário de Reggae - UNIREGGAE
- 8 edições da Mostra Brasileira de Miniatura Artística no Maranhão
- 12 das 33 edições do Festival Brasileiro de Canto Coral no Maranhão (FEMACO)
- 11 edições da Mostra Maranhense de Arte Efêmera
- 12 edições da Tocata de Bandas e Fanfarras do Maranhão
- 12 edições da Cantata Natalina
- 12 edições da Exposição Presépio
- 6 edições do Salão de Artes Plásticas 31 x 31
- 6 edições do Projeto Carcará de Cara Nova
- 3 edições do Curta Lençóis: Festival de Cine-Vídeo dos Lençóis Maranhenses
- 2 edições do Projeto LUSOBRAS: Festival Luso-Brasileiro de Arte Cultura
- 10 edições do Programa Regional de Apoio às Artes Plásticas
- 2 edições do Maranhão Vídeo de Bolso - Festival Regional de Vídeo de Bolso no Maranhão
- 9 edições do Encontro de Teatro de São Luís na Periferia

Quase todos os projetos eram de abrangência regional e/ou nacional, destacando-se que parte deles eram de periodicidade semanal e/ou quinzenal, como foi o “Projeto Carcará de Cara Nova”, executado toda quinta-feira, às 12h30min, no auditório central da UFMA; o “Projeto Quarta Cultural”, executado toda quarta-feira, às 19 horas, no Espaço Reinaldo Faray do Palacete Gentil Braga; “Projeto Sexta Poética”, executado toda sexta-feira, às 19 horas, no Espaço Reinaldo Faray do Palacete Gentil Braga; e o “Programa Regional de Apoio às Artes Plásticas”, que promovia a cada 15 dias, exposições de artes plásticas, na Galeria Antonio Almeida e na Sala Maia Ramos, ambas no Palacete Gentil Braga.

Dos projetos de abrangência nacional, destacaram-se: o “Festival Guarnicê de Cinema”; “Festival Brasileiro de Canto Coral no Maranhão (FEMACO)”; o “Festival Brasileiro de Canto Lírico no Maranhão (MARACANTO)”; o “Festival Brasileiro de Poesia no Maranhão (POEMARÁ)”; o “Festival Universitário de Reggae (UNIREGGAE)”; a “Mostra Brasileira de Humor no Maranhão (HUMORMARÁ)” e a “Tocata de Bandas e Fanfarras do Maranhão”.

Sua intensa ação desenvolvida na área cultural na capital maranhense o levou a atuar como produtor cultural, ator, crítico de arte e cineasta. Na atividade audiovisual, dirigiu e produziu vários filmes, obtendo diversas premiações em festivais de cinema e vídeo pelo Brasil, destacando-se os filmes “Mutações”, “Colonos Clandestinos”, “Bom Jesus”, “A greve da meia-passagem”, “Alegre Amargor”, “Feições”, “Mamucabo”, “Periquito Sujo”, “Jardins Suspensos” e o vídeo “O lavrador de palavras”.

No quadriênio 2009-2012, foi Presidente da Fundação Municipal de Cultura, órgão vinculado à estrutura da Prefeitura de São Luís; no ano de 2012 recebeu do Governo do Estado do Maranhão o título de Comendador, considerando os bons serviços prestados à cultura maranhense. Como integrante da comunidade universitária, tem se dedicado a pesquisar a atuação das manifestações culturais “reggae” e o “carnaval”, no meio cultural maranhense.



*A variedade de sons e ritmos é característica peculiar que motiva os foliões no carnaval de passarela em São Luís.*







INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E GESTÃO DE PRODUÇÃO  
CULTURAL, ARTÍSTICA E AUDIOVISUAL - INSTITUTO GUARNICÊ  
CNPJ.: 08.941.420/0001-84 • São Luís-MA -Brasil  
Email: [institutoguarnice@hotmail.com](mailto:institutoguarnice@hotmail.com)